KOETHI ZAN

Quando a ficção é tão assustadora quanto a realidade

A LISTA DO NUNCA

1 – Nunca pegue carona.
2 – Nunca dê caronas.
3 – Nunca grite "SOCORRO". Grite "FOGO". As pessoas são covardes.
4 – Nunca use roupa apertada. Não tenha seus movimentos restritos.
5 – Nunca seja previsível: mude sua rotina.
6 – Nunca ignore seu instinto.
7 – Nunca entre em pânico.
8 – Nunca entre em estacionamentos à noite. Nunca.
9 – Nunca se esqueça de conferir o banco de trás e o piso do automóvel antes de entrar no carro.
10 – Nunca se deixe encurralar. Corra, grite, lute.
11 – Nunca se esqueça de ter suas chaves em mãos.
12 – Nunca deixe o carro aberto, com você dentro ou fora dele.
13 – Nunca deixe o combustível entrar na reserva.
14 – Nunca entre no carro. Mesmo se eles tiverem uma arma. Mesmo se tiverem uma faca. Corra. Grite.
15 – Nunca use seu nome verdadeiro na internet.
16 – Nunca abra a porta a menos que saiba com certeza quem é.
17 – Nunca estacione o carro. Nem a pedido da polícia, nem quando alguém apontar para os pneus de seu carro — a menos que esteja num local com iluminação, pessoas ou trânsito.
18 – Nunca se [illegible] nem ouça música nem preste atenção em coisas na bolsa.
19 – Nunca deixe sua bebida sair de vista.
20 – Nunca aceite comidas ou bebidas de um estranho.
21 – Nunca se engane com lesões fingidas, histórias de cão perdido, perguntas por direções. Nunca chegue perto, continue andando.
22 – Nunca ignore os carros ao lado do seu. Esteja consciente das pessoas dentro deles.
23 – Nunca use as escadas. Pegue o elevador. Escadas são vazias e perigosas.
24 – Nunca abaixe o vidro do carro. Abra não mais que um dedo para os policiais.
25 – Nunca tenha medo de se machucar. Lute: mire nos olhos, virilha, dedos.
26 – Nunca deixe seu telefone em casa.
27 – Nunca "feche" algum lugar sozinha. Restaurantes, lojas, qualquer lugar em que você trabalhe.
28 – Nunca pareça vulnerável ou perdida. Caminhe com firmeza.
29 – Nunca use joias chamativas em público.
30 – Nunca use seu crachá fora do trabalho. Não se deixe enganar quando disserem ser seus conhecidos.
31 – Nunca oculte seu paradeiro. Seus amigos devem saber onde encontrá-la e com quem você está.
32 – Nunca saia do carro. Se ele quebrar, ligue o pisca-alerta, as luzes internas e chame a polícia.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



KOETHI ZAN

Quando a ficção é tão assustadora quanto a realidade

A LISTA DO NUNCA

Tradução
ELVIRA SERAPICOS

pa ra le la

Para E. E. B., que sempre acreditou.

"Os seres humanos são tão terríveis...
Conseguem suportar qualquer coisa."
do filme *As lágrimas amargas de Petra von Kant*,
Rainer Werner Fassbinder, diretor e roteirista

1

Havia quatro de nós lá embaixo nos primeiros trinta e dois meses e onze dias do nosso cativeiro. E então, de repente e sem qualquer aviso, éramos três. Apesar de a quarta pessoa não ter feito barulho algum nesses vários meses, o porão ficou muito silencioso quando ela se foi. Depois disso, durante muito tempo, ficamos sentadas em silêncio, no escuro, imaginando qual de nós seria a próxima na caixa.

Jennifer e eu, entre tanta gente, não deveríamos ter acabado naquele porão. Não éramos como as típicas garotas de dezoito anos, que ignoram toda a cautela quando são soltas pela primeira vez em um campus universitário. Levávamos nossa liberdade tão a sério e a monitorávamos com tanto cuidado que ela quase já não existia. Mais do que ninguém, sabíamos o que havia lá fora, naquele mundo imenso, e não iríamos deixar que nos pegasse.

Havíamos passado anos estudando e documentando metodicamente cada perigo que poderia nos atingir: avalanches, doenças, terremotos, acidentes de carro, sociopatas e animais selvagens — todos os males que poderiam estar nos espreitando pela janela. Acreditávamos que nossa paranoia nos protegeria. Afinal, quais são as chances de justamente duas garotas tão entendidas em desastres serem suas vítimas?

Para nós, não existia essa coisa chamada destino. *Destino* era uma palavra que as pessoas usavam quando não estavam preparadas, quando eram negligentes, quando paravam de prestar atenção. Destino era uma muleta para os fracos.

Nossa cautela, que no final da adolescência era quase uma mania, tinha começado seis anos antes, quando estávamos com doze. Em um dia frio, mas ensolarado, de janeiro de 1991, a mãe de

Jennifer nos buscou na escola de carro, como em todos os outros dias da semana. Eu nem me lembro do acidente. Só me recordo de acordar lentamente com a batida do monitor cardíaco acompanhando o ritmo constante e reconfortante do meu pulso. Depois disso, durante muitos dias eu me senti aquecida e segura ao acordar, até o momento em que meu coração sucumbiu e minha mente superou o tempo.

Jennifer depois me diria que lembrava perfeitamente da batida. Sua lembrança era tipicamente pós-traumática, como um sonho nebuloso, em câmera lenta, com cores e luzes girando em uma espécie de esplendor teatral. Disseram-nos que tivemos sorte porque sofremos apenas ferimentos graves e sobrevivemos à UTI, com seu enxame de médicos, enfermeiras, agulhas e tubos, e depois a quatro meses de recuperação em um quarto simples de hospital com o som da CNN ao fundo. A mãe de Jenny não havia tido essa sorte.

Colocaram-nos no mesmo quarto, para que pudéssemos fazer companhia uma à outra durante nossa convalescença e, segundo o que a minha mãe me disse baixinho, para que eu pudesse ajudar Jenny a enfrentar sua dor. Mas eu suspeitava que o outro motivo para isso fosse o fato de que o pai de Jennifer, que se divorciara da mãe dela e era um bêbado imprevisível que sempre tínhamos o cuidado de evitar, havia ficado satisfeito demais quando meus pais se ofereceram para se revezar no quarto conosco. De qualquer forma, à medida que nos recuperávamos lentamente, ficávamos sozinhas com mais frequência, e foi então que começamos os diários — para passar o tempo, foi o que dissemos a nós mesmas, mas provavelmente sabendo lá no fundo que era para nos ajudar a sentir que tínhamos algum controle sobre um mundo injusto e violento.

O primeiro diário era apenas um bloco que estava na mesa de cabeceira do hospital, com o nome JONES MEMORIAL impresso em letras maiúsculas no alto. Poucas pessoas reconheceriam que era um diário, pois estava cheio de listas com os horrores que víamos na televisão. Tivemos que pedir mais três blocos para as enfermeiras. Elas deviam achar que passávamos os dias entretidas com jogo da velha ou forca. De qualquer maneira, não ocorreu a

ninguém mudar o canal.

Quando saímos do hospital, trabalhamos pra valer em nosso projeto. Na biblioteca da escola encontramos almanaques, revistas médicas e até um livro com tabelas atuariais de 1987. Reunimos dados, computamos e registramos, enchendo uma linha atrás da outra com as evidências da vulnerabilidade humana.

No início, os diários eram divididos em oito categorias básicas, porém, à medida que fomos ficando mais velhas, descobrimos, horrorizadas, que havia coisas muito piores do que ACIDENTES AÉREOS, ACIDENTES DOMÉSTICOS e CÂNCER. Em silêncio absoluto e depois de muita reflexão, sentadas no banco ensolarado e alegre da janela do meu bem iluminado quarto no sótão, Jennifer escreveu novos títulos em letras pretas com sua Bic: SEQUESTRO, ESTUPRO e ASSASSINATO.

As estatísticas nos davam certa tranquilidade. Afinal, conhecimento é poder. Sabíamos que tínhamos uma chance em dois milhões de sermos mortas por um tornado; uma chance em trezentas e dez mil de morrer em um acidente aéreo, e uma chance em quinhentas mil de sermos atingidas por um asteroide em rota de colisão com a Terra. Em nossa visão distorcida das probabilidades, o fato de termos memorizado aquela lista imensa de números de alguma forma mudava nossas chances para melhor. Pensamento mágico, diriam nossos terapeutas um ano depois que voltei para casa e vi todos os dezessete diários empilhados na mesa da cozinha, e meus pais ali sentados, esperando com os olhos cheios de lágrimas.

Eu estava com dezesseis anos e Jennifer tinha vindo morar conosco porque o pai dela estava na cadeia depois de ter sido detido pela terceira vez por dirigir alcoolizado. Nós o visitávamos pegando o ônibus, porque tínhamos decidido que não era seguro dirigir nessa idade. (Ainda demoraria um ano e meio até que uma de nós tirasse carta de motorista.) Nunca gostei do pai dela, e depois descobrimos que ela também não. Pensando bem, não sei por que íamos visitá-lo, mas íamos, religiosamente, no primeiro sábado de cada mês.

Geralmente, ele apenas a olhava e chorava. Às vezes tentava dizer alguma coisa, mas nunca conseguia terminar uma frase. Jennifer

nem piscava, ficava olhando para ele com uma expressão tão vazia como jamais vi em seu rosto, nem mesmo quando estávamos naquele porão. Os dois nunca falavam, e eu ficava a uma pequena distância, desconfortável, impaciente. Seu pai era a única coisa sobre a qual ela não falava comigo — nem uma palavra sequer —, por isso na volta para casa eu ficava segurando sua mão enquanto ela olhava pela janela do ônibus em silêncio.

No verão antes da nossa ida para a Universidade de Ohio, nossa ansiedade chegou ao auge. Logo estaríamos deixando o quarto que dividíamos no sótão e penetraríamos no imenso desconhecido: um campus universitário. Enquanto cuidávamos dos preparativos, fizemos a Lista do Nunca e a penduramos atrás da porta do quarto. Jennifer, que sofria de insônia, costumava levantar no meio da noite para acrescentar alguma coisa: nunca ir sozinha até a biblioteca do campus à noite, nunca estacionar a mais de seis vagas do seu destino, nunca confiar em um estranho com o pneu furado. Nunca, nunca, nunca.

Antes de partir, enchemos um baú, escolhendo meticulosamente todos os tesouros que havíamos reunido durante anos nos aniversários e natais: máscaras, sabonetes antibacterianos, lanternas, spray de pimenta. Escolhemos um quarto em um edifício baixo para que, em caso de incêndio, pudéssemos pular facilmente. Estudamos detalhadamente o mapa do campus e chegamos três dias antes para examinar os caminhos e passagens e avaliar a iluminação, visibilidade e proximidade dos espaços públicos.

Quando chegamos ao nosso dormitório, Jennifer pegou suas ferramentas antes mesmo de abrirmos as malas. Ela fez um furo no caixilho da janela e eu enfiei umas barras de metal na madeira, pequenas mas fortes o suficiente para impedir que a janela fosse aberta pelo lado de fora mesmo que quebrassem os vidros. Colocamos uma escada de corda do lado dela, junto com um alicate para remover as barras de metal caso precisássemos fugir rapidamente. Conseguimos uma permissão especial da segurança do campus para acrescentar uma fechadura de segurança em nossa porta. Como toque final, Jennifer pendurou a Lista do Nunca na parede, entre as nossas camas, e examinamos o quarto com

satisfação.

Talvez o universo tenha nos brindado com uma justiça perversa no final. Ou talvez os riscos de viver no mundo exterior simplesmente fossem maiores do que havíamos calculado. De qualquer forma, acho que saímos dos nossos limites ao tentar viver uma vida universitária aparentemente normal. Sério, eu pensei depois, nós sabíamos das coisas. Mas ao mesmo tempo, a atração das coisas comuns se mostrou irresistível. Fomos para aulas separadas uma da outra mesmo tendo que ir para lados opostos do campus. Às vezes ficávamos na biblioteca conversando com novos amigos até muito depois de escurecer. Fomos inclusive a algumas festas no campus patrocinadas pela universidade. Como jovens normais.

Na verdade, depois de apenas dois meses, secretamente comecei a pensar que poderíamos levar uma vida mais parecida com a das outras pessoas. Pensei que as preocupações da nossa infância talvez pudessem ser deixadas de lado, embaladas nas caixas de papelão junto com as outras recordações que havíamos deixado em casa. Pensei — e agora vejo que isso foi uma ruptura herética com tudo o que acreditávamos — que talvez nossa obsessão juvenil fosse apenas isso, e que finalmente estivéssemos crescendo.

Felizmente, nunca expressei esses pensamentos para Jennifer, e muito menos agi baseada neles, por isso consegui meio que me perdoar naqueles dias e noites sombrios que vieram depois. Éramos apenas universitárias, fazendo o que os universitários fazem. Mas eu me consolava sabendo que tínhamos seguido nossos protocolos até o amargo final. Tínhamos, quase automaticamente, executado nossas estratégias de proteção com foco e precisão militar, fazendo de todos os dias um exercício de segurança contínua. Todas as atividades tinham três pontos de checagem, uma regra e um plano alternativo. Estávamos atentas. Tomávamos cuidado.

Naquela noite não foi diferente. Antes mesmo de chegarmos ao campus, tínhamos pesquisado qual era a empresa de táxi da cidade com o menor número de acidentes e abrimos uma conta. Colocamos o débito direto no cartão de crédito para o caso de estarmos sem dinheiro ou termos a carteira roubada. Afinal,

“Nunca estar desprevenida” era o número 37 da lista. Dois meses após o início do semestre, o atendente já reconhecia nossas vozes. Só tínhamos que dar o endereço e pouco depois éramos levadas em segurança até nossa fortaleza no dormitório.

Naquela noite fomos a uma festa fora do campus — a primeira, para nós. As coisas estavam apenas começando, por volta da meia-noite, quando decidimos que já havíamos forçado demais o limite. Telefonamos para a empresa de táxi e um sedã preto chegou em tempo recorde. Não notamos nada fora do comum até estarmos dentro do carro com os cintos de segurança apertados. Senti um cheiro engraçado, mas dei de ombros concluindo que isso estava dentro do esperado para uma empresa de transporte de pessoas. Alguns minutos depois, Jennifer adormeceu com a cabeça apoiada no meu ombro.

Essa lembrança, a última da nossa outra vida, ficou preservada na minha imaginação em um perfeito halo de paz. Senti uma grande satisfação. Tinha uma expectativa em relação à vida, uma vida de verdade. Estávamos seguindo em frente. Seríamos felizes.

Devo ter pegado no sono também porque, quando abri os olhos, estávamos totalmente no escuro, no banco de trás, com as luzes da cidade substituídas pelo brilho tênue das estrelas. O sedã preto seguia por uma estrada deserta, tendo à frente apenas a linha indistinta do horizonte. Aquele não era o caminho para casa.

No início entrei em pânico. Depois me lembrei do número 7 da nossa Lista do Nunca: “nunca entre em pânico”. Refiz mentalmente todos os nossos passos naquele dia, tentando inutilmente descobrir onde foi que erramos. Porque tinha que ter sido um erro. Aquele não era o nosso “destino”.

Contrariada, percebi que tínhamos cometido o erro mais básico e fundamental de todos. Qualquer mãe ensinava ao seu filho a norma de segurança mais simples, a mais óbvia até mesmo em nossa lista: Nunca entre no carro.

Em nossa confiança excessiva, pensamos que podíamos enganar — só um pouco — a nossa lógica, nossa pesquisa, nossas precauções. Mas nada poderia mudar o fato de que não havíamos seguido a regra. Tínhamos sido ingênuas. Não havíamos imaginado que pudesse haver outras mentes tão calculistas quanto as nossas.

Não havíamos contado, como nosso inimigo, com o mal real, em vez de possibilidades estatísticas.

Ali no carro, respirei profundamente três vezes e olhei para o rosto adormecido de Jennifer por alguns longos e tristes minutos. Rapidamente me dei conta de que, pela segunda vez em tão pouco tempo, ela acordaria para uma vida profundamente transformada. Por fim, apavorada, eu a segurei pelos ombros e sacudi levemente. Ela tinha o olhar embaçado. Coloquei o dedo nos lábios e, à medida que seus olhos encontravam o foco, ela começou a processar nossa situação. Quando vi o olhar de entendimento e medo estampado em seu rosto, choraminguei baixinho, mas abafei o som com minha mão. Jennifer havia passado por maus momentos e tinha sofrido tanto. Ela não conseguiria sobreviver sem mim. Eu tinha que ser forte.

Nenhuma de nós soltou um pio sequer. Tínhamos treinado para nunca agir impulsivamente em situações de emergência. E aquela decididamente era uma situação de emergência.

Através da grossa divisória de plástico que nos separava do motorista, conseguíamos ver muito pouco do nosso sequestrador: cabelo castanho-escuro, casaco de lã preto, mãos grandes no volante. No lado esquerdo do pescoço, parcialmente escondida pelo colarinho, uma pequena tatuagem que eu não consegui identificar no escuro. Senti um arrepio. O espelho retrovisor estava virado de forma que não conseguíamos ver quase nada de seu rosto.

Tão silenciosamente quanto possível, testamos as maçanetas das portas. Travadas. O mecanismo das janelas também não estava funcionando. Estávamos presas.

Jennifer se abaixou lentamente e pegou a bolsa no piso do carro, sem tirar os olhos de mim enquanto remexia na bolsa silenciosamente. Ela pegou o spray de pimenta. Balancei a cabeça, sabendo que não teria utilidade no espaço em que estávamos confinadas. Ainda assim, nós nos sentimos mais seguras.

Enfiei a mão na minha bolsa, perto dos meus pés, e encontrei outro spray, junto com um alarme manual com botão de pânico. Teríamos que esperar, em silêncio, apavoradas, com as mãos trêmulas segurando os sprays de pimenta e o suor escorrendo pelo rosto apesar do frio de outubro que fazia lá fora.

Examinei o interior do carro, tentando pensar em um plano. Foi então que percebi. Havia pequenas aberturas na divisória do meu lado, mas as que estavam na frente de Jennifer tinham sido ligadas a uma espécie de engenhoca caseira feita de metal e borracha. Havia válvulas ligadas a um cano que sumia da nossa vista no piso da frente. Por alguns instantes, fiquei de boca aberta, observando aquele mecanismo complicado, a minha mente a mil sem conseguir imaginar algo coerente e então eu entendi.

"Vão nos drogar", eu sussurrei para Jennifer. Abaixei os olhos para o spray de pimenta e lamentei, sabendo que nunca conseguiria usá-lo. Passei a mão, quase como um carinho, e o deixei cair, olhando para a causa da nossa desgraça iminente. Jennifer seguiu meu olhar e percebeu imediatamente o que significava. Não havia esperança.

Ele deve ter me ouvido falar pois, apenas alguns segundos depois, um leve assobio nos avisou que estávamos prestes a ficar muito sonolentas. As aberturas do meu lado foram fechadas. Nós nos demos as mãos e com a outra seguramos as laterais do banco de couro sintético enquanto o mundo desaparecia.

Quando recobrei a consciência, estava no porão escuro que seria minha casa durante mais de três anos. Despertei das drogas lentamente, tentando encontrar um foco para os meus olhos no mar de cinza que havia à minha frente. Quando finalmente consegui enxergar, tive que fechá-los de novo para evitar que o pânico tomasse conta de mim. Esperei dez, vinte, trinta segundos, e abri os olhos novamente e olhei para o meu corpo. Estava nua e presa à parede pelo tornozelo. Senti um arrepio percorrer minha espinha e o estômago embrulhar.

Eu não estava sozinha. Havia mais outras duas garotas ali, nuas, magras e presas à parede como eu. Diante de nós estava a caixa. Era um caixote de madeira simples, medindo talvez um metro e meio de comprimento com pouco mais de um metro de altura. A abertura estava longe de mim, por isso eu não conseguia ver o que a prendia. Havia uma lâmpada fraca pendurada no teto. Ela balançava um pouco.

Jennifer não estava por perto.

2

Treze anos depois, qualquer pessoa que não me conhecesse — e, sejamos francos, ninguém conhecia — poderia pensar que eu vivia a vida dos sonhos de qualquer garota solteira em Nova York. Poderia pensar que tudo acabou bem para mim. Eu tinha seguido em frente. Superado. Sobrevivido ao trauma.

Até mesmo todo aquele trabalho com probabilidades havia compensado, e eu tinha um emprego estável, ainda que nada fascinante, como atuária em uma companhia de seguros de vida. De certa forma, eu achava justo o fato de agora trabalhar em uma empresa que apostava na morte e no desastre. Além disso, eu podia trabalhar em casa. Um paraíso virtual.

Meus pais não conseguiam entender por que eu havia me mudado para Nova York tão depressa, quando ainda estava me recuperando e, principalmente, considerando todos os meus medos. Eles não entendiam como eu me sentia muito mais segura com uma multidão de gente na minha porta o tempo todo. Na cidade de Nova York, tentei explicar, havia sempre alguém por perto para ouvir seu grito. E, melhor ainda, havia a gloriosa vantagem de ter um prédio com porteiro em uma cidade que nunca dormia. Ali estava eu, no Upper West Side de Manhattan, cercada por milhões de pessoas sem que alguém pudesse me alcançar a menos que eu desejasse.

Bob, da portaria, tocava o interfone e sabia que se eu não atendesse era porque não queria ver ninguém — não importava o que fosse. Ele trazia pessoalmente a comida que eu pedia por telefone, porque sentia pena da louca do 11G e porque eu lhe dava o triplo do que todo mundo dava nos feriados. Na verdade, eu podia ficar em casa o dia todo, todos os dias, e ter todas as refeições entregues e todos os recados terceirizados. Tinha um pacote premium de TV a cabo e wi-fi. Não havia nada que eu não pudesse

fazer na privacidade do pequeno apartamento que meus pais me ajudaram a comprar.

Os primeiros anos do lado de fora foram uma loucura, literal e figurativamente, mas graças a cinco sessões semanais com a dra. Simmons, a terapeuta que nos indicaram, eu tinha conseguido voltar para a faculdade, arrumar um emprego e atuar razoavelmente no mundo real. Mas com o passar do tempo minha relação com a terapeuta estagnou e percebi que não conseguiria ir além de certo ponto.

E então comecei a ir no sentido inverso. Cavando nova trincheira. Lentamente, imperceptivelmente. Até ficar cada vez mais difícil sair do apartamento para qualquer coisa. Eu simplesmente preferia ficar na segurança do meu casulo em meio a um mundo que me parecia estar girando sem controle. Um mundo cujos males se aproximavam mais de mim a cada dia, enquanto eu os documentava com softwares cada vez mais sofisticados.

Então a campainha do interfone tocou certo dia e Bob disse que não era uma entrega, mas um homem de carne e osso. Alguém do meu passado. Eu não deveria tê-lo deixado subir, mas sentia que devia pelo menos isso ao visitante. Foi aí que tudo recomeçou.

"Caroline." O agente McCordy estava batendo à minha porta enquanto eu continuava imóvel do outro lado. Fazia dois anos que não falava com ele, desde a chegada da última carta. Eu não estava preparada para um novo contato com aquela outra vida.

Foi quando chegou aquela última correspondência da prisão que eu parei completamente de sair. O simples fato de tocar algo que ele havia tocado, de ler alguma coisa que ele havia pensado, era suficiente para me jogar naquela espiral de medo e desespero que eu pensava ter deixado para trás. A doutora Simmons começou a telefonar para casa naquele momento. No primeiro mês depois disso, embora ela não dissesse, eu sabia que estava sendo monitorada para evitar qualquer tentativa de suicídio. Minha mãe apareceu. Meu pai ligava todas as noites. Eu me senti invadida. E agora estava começando tudo de novo.

"Caroline, você pode abrir a porta?"

"Sarah", eu corrigi, pela porta, irritada com o fato de ele estar

seguindo o protocolo, usando aquele outro nome, o que eu decidi usar no mundo exterior.

"Desculpe, eu quis dizer Sarah. Pode me deixar entrar?"

"Você está com outra carta?"

"Preciso conversar com você sobre algo mais importante, Car... Sarah. Sei que a dra. Simmons já falou com você sobre isso. Ela disse que eu poderia vir."

"Não quero falar sobre isso. Não estou preparada." Parei de falar, mas, sentindo que era inevitável, comecei a destrancar metodicamente as três fechaduras de segurança e a fechadura normal. Abri a porta lentamente. Ele estava ali parado, segurando o distintivo. Sabia que eu iria querer confirmar se ainda era oficial. Sorri diante disso. Depois dobrei os braços, na defensiva. O sorriso desapareceu e recuei um passo. "Por que tem que ser comigo?"

Eu me virei e ele entrou na sala atrás de mim. Sentamos na frente um do outro, mas não lhe ofereci nada para beber, com medo de que ele ficasse muito à vontade e se demorasse. Ele olhou ao redor.

"Impecável", ele disse, sorrindo levemente. "Você não muda nunca, Sarah." Pegou um bloco e uma caneta, colocando-os cuidadosamente sobre a mesinha, num ângulo perfeito de noventa graus.

"Você também não", eu disse, observando sua precisão. Voltei a sorrir, sem querer.

"Você sabe por que tem que ser você", ele começou a falar devagar. "E sabe por que tem que ser agora. É isso."

"Quando será?"

"Daqui a quatro meses. Vim cedo para preparar você. Podemos trabalhar nisso juntos. Acompanharemos você em todas as etapas do processo. Você não estará sozinha."

"Mas e Christine? Tracy?"

"Christine não quer falar conosco. Não quer falar com a assistente social. Cortou completamente todo o contato conosco. Casou com um banqueiro que não sabe nada a respeito do seu passado, nem mesmo seu nome verdadeiro. Ela mora em um apartamento na Park Avenue, tem duas filhas. Uma delas entrou para uma pré-escola episcopal este ano. Ela não vai querer chegar

nem perto disso."

Eu não sabia muita coisa da vida de Christine, mas nunca consegui acreditar que ela tivesse conseguido apagar completamente toda aquela experiência, isolar e extirpar aquilo como um câncer.

Eu devia ter esperado algo assim, considerando que Christine foi quem sugeriu que mudássemos nossas identidades quando a imprensa parecia não se cansar da nossa história. Ela havia se afastado da polícia de propósito, como se não tivesse morrido de fome nos últimos dois anos e não tivesse ficado encolhida em um canto chorando durante três. Ela não olhou para trás. Não se despediu de nós, não desmoronou como Tracy, não abaixou a cabeça em sinal de derrota, destruída pelos anos de dor e humilhação. Simplesmente se afastou.

Depois de tudo, soubemos pouca coisa de sua história pela assistente social que se encontrava conosco e que procurava nos reunir todos os anos com base na duvidosa teoria de que poderíamos nos ajudar umas às outras. A mensagem que recebíamos de Christie era a de que ela já havia se recuperado, muito obrigada. E boa sorte para todos.

"Por que não Tracy?"

"Tracy está vindo, mas você precisa entender que não pode ser Tracy sozinha."

"Por que não? Ela é estável, brilhante, articulada. Poderíamos até dizer que ela é uma espécie de pequena empresária. Isso não é suficiente?"

Ele riu. "É claro que ela é um membro produtivo da sociedade. Mas não é exatamente a dona da quitanda do bairro. Está mais para ativista feminista radical. E como o jornal que ela publica dá muita atenção à violência contra as mulheres, poderia parecer que ela tem algum interesse.

"E sim", ele continuou, "ela é articulada. Depois de todos estes anos na faculdade, é bom que seja. Mas nestas circunstâncias ela consegue passar à ofensiva. Não inspira o sentimento de pena que precisamos despertar no conselho de liberdade condicional. Isso sem citar o cabelo raspado e as quarenta tatuagens espalhadas que ela tem pelo corpo."

"Como..."

"Eu perguntei. Não contei." Ele fez uma pausa. "Carol..."

"SARAH."

"Sarah, quando foi a última vez que você saiu deste apartamento?"

"O que está querendo dizer?" Desviei o olhar. Passei os olhos por esta joia do pré-guerra banhada em branco como se ela de alguma forma compartilhasse minha culpa. Um pequeno pedaço do céu que eu mesma criei. "É tão bonito. Por que eu teria que sair?"

"Você sabe o que estou querendo dizer. Quando foi a última vez que você saiu? Para ir a qualquer lugar. Andar pelo quarteirão. Pegar um pouco de ar. Para se exercitar."

"Eu abro as janelas. Às vezes. E faço exercícios. Aqui dentro." Olhei ao redor. Todas as janelas estavam fechadas e trancadas, apesar do lindo dia de primavera lá fora.

"A dra. Simmons sabe disso?"

"Ela sabe. E não está me 'pressionando além dos meus próprios limites', como ela diz. Ou algo parecido. Não se preocupe. A dra. Simmons está sabendo de tudo. Ela tem meu número. Ou números. TOC, agorafobia, hafefobia, estresse pós-traumático. Nós nos vemos três vezes por semana. Sim, eu a vejo neste apartamento, não me olhe com essa cara. Sou uma cidadã honrada com um trabalho fixo e uma bela casa. Estou bem. As coisas poderiam ser muito piores."

Jim olhou para mim com olhar de pena. Desviei o olhar, sentindo um pouco de vergonha de mim, pela primeira vez em um bom tempo. A voz dele ficou séria de novo quando voltou a falar.

"Sarah", ele disse, "temos outra carta."

"Mande pra mim", eu respondi, com uma firmeza surpreendente para nós dois.

"A dra. Simmons não tem tanta certeza de que seja uma boa ideia. Ela não queria que eu lhe contasse."

"É minha. Está endereçada a mim, não está? Por isso você tem que enviar para mim. Não é uma obrigação legal ou algo assim?" Fiquei em pé e comecei a andar pela sala, comendo a unha.

"Não faz muito sentido. Mais divagações. Principalmente sobre a mulher dele."

“Não tenho dúvida de que não deve fazer sentido. Nenhuma delas faz. Mas um dia ele vai escorregar, haverá uma pista. Ele vai me dizer onde está o corpo. Não com todas as palavras, mas vai deixar escapar alguma coisa, algo que me diga onde procurar.”

“E como você vai fazer isso? Como vai procurar? Você não consegue sair deste apartamento. Não quer sequer testemunhar na audiência da condicional do sujeito.”

“E que tipo de maluca aceita casar com um sujeito desses?”, eu perguntei, ignorando-o e acelerando o passo. “Quem são essas mulheres que escrevem cartas para prisioneiros? Será que secretamente *desejam* ser acorrentadas, torturadas e assassinadas? Será que *desejam* chegar bem perto do fogo para se queimar?”

“Bem, aparentemente ela conseguiu o nome dele na igreja que frequenta. Elas fazem isso como uma espécie de missão de misericórdia. Segundo ele e seu advogado, funcionou. Alegam que ele realmente se converteu.”

“Você acredita nisso?” Ele balançou a cabeça e eu continuei a falar. “Tenho certeza de que ela será a primeira a se arrepender quando ele sair.”

Dei a volta e sentei no sofá. Segurei a cabeça com as mãos e suspirei.

“Não consigo nem sentir simpatia por essa pessoa. Que idiota.”

Em outras circunstâncias, acho que Jim teria dado um tapinha no meu ombro ou talvez até passado o braço pelas minhas costas. Gestos naturais de conforto. Mas ele sabia das coisas. Ficou exatamente onde estava.

“Veja bem, Sarah, *você* não acredita que ele se converteu, e *eu* também não acredito. Mas, e se o conselho da liberdade condicional acreditar? E se esse sujeito ficar preso por apenas dez anos por ter mantido vocês trancafiadas e — se o que todos nós suspeitamos estiver certo — por ter matado uma de vocês, e talvez outras. Dez anos. Isso é suficiente para você? Isso é suficiente pelo que ele fez a você?”

Virei o rosto para que ele não visse meus olhos se enchendo de lágrimas.

“Ele ainda tem a casa”, Jim continuou. “Se conseguir sair, é pra lá que ele vai voltar. Para aquela casa. Dentro de quatro meses. Com a

esposa batista da prisão a reboque."

Jim se mexeu na cadeira, inclinando-se para a frente, mudando a conversa.

"Sua melhor amiga, Sarah. Sua melhor amiga. Faça isso por Jennifer."

Aí não consegui mais segurar as lágrimas. Mas não queria que ele me visse chorando, por isso me levantei e corri até a cozinha para pegar um copo de água. Abri a torneira e fiquei olhando a água correr enquanto me recompunha. Minhas mãos agarraram a borda da pia com força, até as juntas ficarem brancas como porcelana. Quando voltei, Jim estava se levantando para ir embora. Juntou suas coisas lentamente, recolocando-as uma a uma na maleta.

"Sarah, sinto muito por pressionar você. A dra. Simmons não vai gostar disso. Mas precisamos de você para fazer uma declaração impactante, como vítima. Sem você, fico preocupado. Sei que a decepcionamos. Eu a decepcionei. Sei que a acusação de sequestro não foi suficiente por tudo o que ele fez. Mas, no fim das contas, não tínhamos provas suficientes para a acusação de assassinato. Sem um corpo e com as provas do DNA... contaminadas. Mas temos que fazer com que ele pelo menos cumpra toda a sentença. Não podemos arriscar."

"A culpa não foi sua. O laboratório..."

"O caso era meu, a culpa foi minha. Acredite, ainda estou pagando o preço por isso. Vamos enfrentar isso e depois esquecer."

Para ele era fácil falar. Eu tinha certeza de que era exatamente o que ele queria, esquecer tudo aquilo. O grande erro de sua carreira. Para mim, era um pouco mais difícil.

Ele mostrou um cartão, mas fiz um sinal para dizer que não precisava. Eu tinha o número.

"Eu vou te preparar aqui no apartamento. No lugar que você preferir. Precisamos de você."

"E Tracy também estará presente?"

"Sim, Tracy estará presente, mas..." Ele olhou para a janela, constrangido.

"Com a condição de que não tivesse de me ver, falar comigo ou ficar sozinha comigo, certo?"

Jim titubeou. Vi que ele não queria falar, mas percebi que era isso.

"Pode falar, Jim. Sei que ela me odeia. Pode falar."

"Sim, ela impôs essa condição."

"Está certo. Está certo, vou pensar no assunto."

"Obrigado, Sarah." Ele tirou um envelope aberto de dentro de um bloco de notas e colocou em cima da mesa. "A carta. Você tem razão, é sua. Aqui está. Mas, por favor, converse com a dra. Simmons antes de ler."

Ele andou até a porta. Sabia que não devia tentar me cumprimentar. Apenas acenou rapidamente, fechou a porta silenciosamente e ficou do lado de fora, esperando até que eu fechasse as trancas. Quando ouviu o último clique, foi embora. Ele me conhecia bem.

3

Passei três dias sozinha no apartamento com a carta. Coloquei-a no centro da mesa da sala de jantar e ficava andando ao redor por horas, pensando. Eu sabia que a iria ler, é claro. Sabia que era a única forma de chegar perto da verdade. Eu tinha que encontrar o corpo de Jennifer. Era o mínimo que podia fazer por ela, e por mim. Olhando para aquela carta, sozinha com meu medo, conseguia imaginar Jennifer olhando para mim com os olhos sem expressão, pedindo sem dizer uma palavra, *me encontre*.

Dez anos antes, o FBI havia colocado seus melhores homens no caso. Eles o interrogaram durante horas, mas não conseguiram nada. Eu poderia ter dito isso a eles. Ele era frio e metódico, eu sabia, totalmente sem medo de qualquer punição que pudessem lhe infligir. Ninguém conseguiria tocá-lo.

Aquele homem havia conseguido enganar a administração da Universidade do Oregon por mais de vinte anos. A imagem que não saía da minha cabeça era dele no púlpito, com todos aqueles estudantes ávidos anotando cada palavra que ele dizia. Ele devia adorar tudo aquilo. Eu podia imaginar os professores adjuntos sentados perto dele, um de cada vez, naquela pequena sala que visitei depois com o promotor.

Quando Christine desapareceu, ninguém sequer se lembrou de que ela era uma de suas alunas favoritas. O velho e bom professor Jack Derber. Que grande sujeito ele era, professor maravilhoso, brilhante. Havia construído uma boa vida para si, e tinha até um pequeno refúgio nas montanhas ali perto, que seus pais adotivos lhe haviam deixado. Ninguém sabia que tinha um porão tão grande. Seus pais o usavam para fazer conservas. Mas Jack não.

Dei um basta ao devaneio. Eu estava ali. Sã e salva em meu próprio apartamento, olhando para aquela carta. Tinha praticamente memorizado a dobra do papel, a linha suave da

abertura onde o técnico do laboratório havia usado um instrumento afiado. A abertura estava impecável. Derber gostaria de ter visto isso. Ele sempre admirou um corte limpo.

Eu sabia que eles haviam estudado o conteúdo cuidadosamente, mas também sabia que devia haver algo ali que somente eu entenderia. Era assim que ele fazia as coisas. Queria essa relação pessoal. Muito profunda e muito pessoal. Ele penetrava na sua mente, rastejava como uma cobra venenosa deslizando para um buraco no deserto, depois se virava e se ajeitava até ficar completamente à vontade, confortável. Tinha sido difícil resistir a ele quando a fraqueza física fazia com que você se voltasse para seu agressor como se fosse um salvador. Difícil afastá-lo quando, depois de tirar tudo de você, talvez para sempre, ele concedia as únicas coisas de que você precisava para se manter: comida, água, limpeza, o mínimo sinal de afeto. Uma breve palavra de conforto. Um beijo no escuro.

O cativeiro faz coisas com as pessoas. Mostra que podem ser rasteiras. Que são capazes de fazer qualquer coisa para permanecer vivas e sofrer um pouco menos do que no dia anterior.

Por isso fiquei olhando apavorada para aquela carta, lembrando do controle que ele tinha e, de certa forma, poderia ter sempre, se fosse colocado à prova. Tinha medo de que o envelope pudesse conter palavras poderosas o bastante para me levar de volta àquele lugar.

Mas eu sabia que não podia trair Jennifer de novo. Eu não morreria deixando seu corpo afundando na terra, sozinha, onde quer que ele a tivesse colocado.

Eu podia ser forte agora. Procurei me lembrar de que agora não estava morrendo de fome, não estava sendo torturada, nua, privada de luz e ar e de contato humano normal. Bem, talvez de contato humano normal, mas essa era uma escolha minha.

E afinal, agora eu tinha o Bob, o porteiro que ficava lá embaixo, e uma cidade inteira de salvadores, formas sombrias andando embaixo da minha janela na Broadway, fazendo compras, rindo, conversando, sem saber que onze andares acima um drama de dez anos estava se revelando na mesa da minha sala de jantar. Eu contra eu mesma, mano a mano.

Peguei o envelope e tirei uma única folha de papel fino. A caneta fora pressionada com força, dava para sentir as letras atrás, como se fosse braile. Letras secas. Nada de curvas, nada suave.

Jennifer tinha desaparecido do porão fazia poucos dias quando ele começou a me provocar. No início, ousei ter esperança. Talvez ela tivesse conseguido fugir e mandaria ajuda. Eu passava horas imaginando como ela teria conseguido se libertar, que estava perto das paredes do porão, com a polícia, de armas em punho, cercando a casa. Sabia o quanto isso era improvável, considerando que ela mal tinha forças para subir a escada quando ele a tirou da caixa aquela última vez, com a cabeça coberta e os braços acorrentados. Ainda assim eu tinha esperança.

Ele me deixou com minha imaginação por algum tempo, depois fui percebendo lentamente qual era sua estratégia. Ao descer para nos trazer água ou comida, começou a sorrir para mim como se soubesse de algo. Como se tivéssemos um segredo em comum. Ele me dava um pouco mais a cada dia, como se estivesse cuidando de mim para que eu recuperasse a saúde, como uma espécie de recompensa por alguma coisa. Christine e Tracy começaram a olhar para mim com desconfiança. Suas vozes pareciam cautelosas quando falavam.

No começo senti nojo, mas no final, essa nova forma de tortura acabou dando origem à ideia que me salvaria.

Depois de quase dois meses, em um gesto que poderia até ser visto como compaixão em sua visão de mundo distorcida, ele me disse que ela estava morta. Não consegui acreditar no vazio que senti dentro de mim naquele instante, como se um pano preto tivesse encoberto o palco do nosso drama. Apesar de Jennifer não ter dito uma palavra em quase três anos, e de eu não ter visto seu rosto durante o último por causa do capuz preto, sua presença havia definido minha existência diária. Ela havia estado ali, silenciosa, como uma divindade.

Quando Tracy estava lá em cima e Christine adormecida, eu podia sussurrar para Jennifer sem ser ouvida. Preces, súplicas, reflexões, lembranças da nossa vida iam girando pela escuridão em direção a ela, minha deusa silenciosa na caixa. Seu sofrimento era muito maior do que o meu. Talvez fosse isso o que me dava forças

para continuar lutando, para permanecer viva.

Ele sentiu um prazer imenso ao ver a dor no meu rosto quando contou que ela estava morta. Tentei esconder. Durante três anos ele conseguiu usar o amor que eu sentia por ela como parte do meu castigo habitual. Nas raras ocasiões em que tentei lutar e em que nem mesmo a dor me faria desistir, ele sabia que bastava ameaçar machucá-la ainda mais. Imagino que fazia a mesma coisa com ela, mas eu não saberia por que depois daquela primeira noite nunca mais nos falamos. Ela foi mantida naquela caixa, amarrada e amordaçada. Nossa única forma de comunicação naqueles primeiros dias era um código rudimentar com batidas nas laterais da caixa. Mas depois de alguns meses as batidas cessaram completamente.

É claro que meu sofrimento por causa de Jennifer não acabou com sua morte. Ele fez questão de garantir isso. Gostava de me contar como a desenterrava só para olhar para ela de vez em quando. Ela tinha ficado tão linda ao morrer que ele gostava de ver, mesmo que levasse horas para desenterrar o corpo. Adorava me contar como, ao matá-la, havia tido o cuidado de não machucar seu lindo rosto, que havia expressado mais do que qualquer outro o terror e a solidão do cativeiro. Sua fragilidade, a qualidade única de sua vulnerabilidade, tornou-a sua verdadeira favorita. Foi por isso, ele disse, que ele a escolheu para a caixa.

E agora ali estava eu, com sua carta em minhas mãos. Tocando o que ele havia tocado, lendo o que ele havia escrito. Abri a folha de papel sobre a mesa e me preparei para suportar a força de suas palavras.

Querida Sarah,

Eu gostaria que você pudesse entender o segredo tão bem quanto eu. Se ao menos você tivesse lido na biblioteca aquela bela passagem, rabiscada no olho da mente no escuro.

Nas margens do lago, na terra plana e baixa junto ao mar, o perigo espreitava há tanto tempo, silencioso, esperando, e então atacou. Se ao menos você tiver coragem suficiente para arrancar sua roupa e entrar comigo no mar sagrado onde não há fraqueza ou tristeza ou arrependimento.

Sylvia pode ajudar você. Pode lhe mostrar o caminho. Ela viu os recessos mais íntimos do meu coração. Mostrei a ela as paisagens e os panoramas do meu passado, tudo. E ela me perdoou. Ela abriu os meus olhos e me cegou para o mal. Ela é um anjo de misericórdia com uma vela na escuridão, enchendo meu coração não de vergonha, mas de redenção.

Em breve — posso sentir isso — estaremos reunidos. Eu irei até você e juntos caminharemos pelo vale da morte, ilesos.

Como os apóstolos, devemos aprender. Devemos nos sentar aos pés do Mestre e aprender. Apenas ouça os ensinamentos, Sarah. Leia os ensinamentos. Estude os ensinamentos.

Amor fati,

Jack

Li a carta devagar, cinco vezes, tentando encontrar seu significado oculto. A única coisa clara era que, se o soltassem, ele viria atrás de mim.

Mas havia algo novo ali, uma urgência que eu não havia sentido nas outras cartas. Ele estava tentando me dizer algo mais, aquele demente. Provavelmente me fazendo começar uma busca infrutífera, o que seria típico dele. Mas naquele momento eu não tinha o que buscar. Havia alguma coisa ali. Eu só precisava raciocinar. Só o raciocínio poderia me salvar.

4

O primeiro dia no porão foi provavelmente o mais difícil, apesar de ele não ter aparecido. Foi quando me inteirei de uma vida de total desorientação.

O porão era exatamente do jeito que eu esperava que fosse uma masmorra cheia de garotas sequestradas: sombrio, lúgubre, sinistro. Eu tinha sido largada em um colchonete coberto com um lençol branco que me pareceu suficientemente limpo. Na verdade, mais limpo do que qualquer um dos lençóis do nosso dormitório. O ambiente era amplo, e os degraus de madeira que subiam junto à parede da direita levavam a uma sólida porta de metal. Eu aprenderia a memorizar o ranger de cada um daqueles degraus.

Nossa prisão tinha paredes acinzentadas, encardidas, piso de pedra escura e uma única lâmpada pendurada por um cordão acima de nós. A caixa ficava no pequeno espaço à esquerda da escada.

Tracy, cujo nome eu descobriria mais tarde naquele dia, dormia perto de mim, acorrentada à mesma parede, de frente para os degraus. Ela parecia enganosamente frágil naquela primeira vez em que a vi, enrolada no chão junto à parede. O rosto adormecido fez uma careta, a expressão da pele pálida visível sob a franja comprida, escurecida nas pontas por causa da tintura antiga.

Entre Tracy e a parede à direita havia um pequeno corredor. Do ponto em que estava eu não conseguia ver onde ia dar, mas logo descobriria que Jack havia instalado um banheiro pequeno mas útil, contendo apenas um vaso sanitário e uma pia. Eu não demoraria a descobrir o quão impecavelmente limpas deveríamos nos manter apenas com aquelas instalações básicas.

Christine estava acorrentada na parede da direita, a cerca de um metro e meio dos degraus. Estava deitada de lado, adormecida ou atordoada — era difícil dizer —, com braços e pernas contorcidos

de modo estranho, espalhados pelo chão. O cabelo loiro desgrenhado havia sido enrolado com força e jogado sobre seu ombro. A posição estranha e seus traços uniformes davam-lhe o aspecto de uma boneca de porcelana descartada com rispidez após a brincadeira.

Cada uma de nós estava presa por uma corrente pesada, cujo comprimento variava dependendo se estávamos presas pelo pulso ou pelo tornozelo; cada elo, medindo cerca de dois por cinco centímetros, estava coberto de ferrugem e deixava falsos arranhões acobreados em nossa pele ao arrastarmos a corrente. A parede da esquerda estava vazia, mas tinha um pequeno círculo de metal, simples assim. Espaço para mais uma, se ele quisesse.

Eu sabia que era de manhã só por causa de um pequeno raio de luz que penetrava através de uma fresta entre as tábuas que vedavam a única janela. Eu teria gritado, mas estava com muito medo. Não consegui sequer exprimir as primeiras palavras quando Christine e Tracy finalmente acordaram. Evidentemente, eu estava em choque, porém, mesmo naquele estado de confusão, fiquei feliz por não estar sozinha.

Tracy esfregou o rosto e olhou para mim com tristeza. Sem dizer uma palavra, ela rastejou até Christine e a sacudiu até que acordasse. Christine virou para a parede, depois cobriu a face com as mãos, resmungando.

"Christine, vamos lá, conheça a nova garota. Ela está acordada agora." Tracy virou-se para mim novamente, quase sorrindo. "Sinto muito que você tenha vindo juntar-se a nós. Você parece uma boa garota. É uma pena. A outra moça... você a conhece? Ela salvou uma de nós de algo que estávamos com muito medo; tenho que admitir que estamos muito felizes por isso."

"Onde ela está?", foi tudo o que consegui dizer, a voz sufocada pelo medo.

Nisso, Christine se sentou, os olhos azuis brilhando ao dispararem nervosamente na direção da caixa. Segui seu olhar e comecei a chorar.

"Me fala. Onde está Jennifer? Ela está *ali dentro*?" Eu ainda estava sussurrando, com medo do que nos espreitava lá de cima.

Christine virou-se para a parede novamente. Dessa vez seus

ombros estavam se mexendo e eu podia jurar que estava chorando. Foi o que bastou para encher meus olhos de lágrimas, e me perguntei se conseguiria controlar os soluços, mas quando ela olhou para mim de novo, estava sorrindo, apesar das lágrimas que corriam em seu rosto. Foi então que compreendi que ela não estava chorando por causa do horror da minha situação ou da delas. Pareciam mais lágrimas de alívio.

Tracy ajustou sua corrente para poder chegar mais perto de Christine, torcendo-a e dobrando-a cuidadosamente para fazer um círculo no chão. Ajoelhou-se ao lado dela contra a parede e puxou Christine para seus braços, tranquilizando-a baixinho.

"Calma, Christine", Tracy falou suavemente, como se ela fosse sua filha e tivesse sofrido um acidente feio, mas não grave.

Tracy beijou Christine no rosto e depois começou a vir na minha direção, empurrando e puxando a corrente metodicamente, num ritmo que lembrava um movimento de dança moderna. A corrente fazia um barulho quase musical. Puxa, levanta, ajeita. Puxa, levanta, ajeita.

Ela chegou perto, bem perto e eu me afastei, instintivamente, enquanto ela dizia: "Acho que sua amiga não teve sorte. Mas você tem sorte, quer dizer, considerando..."

Comecei a chorar, imaginando que tipo de mundo perverso era aquele. Fechei os olhos, apertando bastante, desejando que aquilo desaparecesse.

"Onde está Jennifer? Onde está a minha amiga?" Eu finalmente havia encontrado minha voz e agora estava praticamente gritando. "Jennifer? Você está aí? Você está bem?"

Tracy ignorou minha pergunta e continuou. "Veja o lado positivo. Eu e Christine somos residentes experientes neste porão. Vamos lhe mostrar como são as coisas." Ela riu, como se tivesse feito uma piada. Christine também fez um barulho, aparentemente indicando divertimento. Eu não vi graça nenhuma e naquele momento não tinha muita certeza se deveria ter mais medo do meu sequestrador ou daquelas garotas magras e deprimidas, presas nesse fim de mundo comigo.

Sem tirar os olhos de mim, Tracy andou até a escada, puxando a corrente atrás dela. Puxa, levanta, ajeita. Havia uma caixa de

papelão no fundo do último degrau. Ela tirou dois aventais hospitalares verdes, gastos mas limpos. Atirou um para Christine e colocou o outro em seus ombros. Enfiou o braço na caixa de novo e tirou um terceiro.

"Ah, está vendo? Ele já está cuidando de você." Ela me atirou o avental. Era macio por causa das muitas lavagens e cheirava a limpeza.

"Seu manto real", ela disse em tom dramático. "E suas provisões semanais. Que bom que você chegou em uma noite de domingo. As segundas costumam ser boas para nós."

Peguei o avental e vesti, seguindo o exemplo de Tracy, com a abertura na frente, mas amarrei bem apertado na cintura. Tracy tirou mais coisas da caixa: enlatados, pão de forma, uma garrafa de água — arrumando-as em ordem junto à parede.

Agora eu estava agachada no chão, agarrando o colchonete como uma criança agarra sua boneca, olhando para a caixa e imaginando por que Jennifer não respondia. Tracy continuou, ignorando meu estado.

"Em geral, ficamos abandonadas à nossa própria sorte durante a semana de trabalho. É diferente no verão e nos feriados. Esses são dias difíceis na Terra do Porão. As semanas são curtas de qualquer forma. Quatro dias de liberdade — termo que uso de maneira bem livre, obviamente — e depois três dias nas trincheiras. Você sabe — prepare-se para esta —, nosso homem é professor de psicologia na Universidade de Oregon, com ênfase na parte de 'psico'. Ele dá *aulas*. Participa de *conferências*. Tem encontros com *orientandos*. É de se supor que tenham cerimônias de graduação e dia de visitas dos pais e outras ocasiões especiais. E durante todos esses eventos somos poupadas de sua presença, e vivemos aqui em paz e harmonia. Isto é, desde que ele nos tenha deixado comida e água suficientes."

"Como você sabe de tudo isso?"

"Através de Christine, é claro." Ela olhou para Christine, que parecia ter voltado a pegar no sono, embora fosse difícil dizer. De qualquer maneira, ela estava muito quieta, os joelhos enfiados embaixo do corpo, a corrente enrolada ao seu lado. "Christine era sua melhor aluna. Bem, isso foi há mais de dois anos. Ele pode ter

outra preferida agora, até onde podemos saber, certo, Christine?" Christine abriu um dos olhos, que foi de mim para Tracy enquanto gemia baixinho.

Eu só conseguia sentir nos ouvidos um zumbido formado pelas palavras *dois anos*.

"O nome dele é Jack Derber." Tracy disse o nome deliberada e claramente, ao mesmo tempo em que examinava o cômodo cautelosamente, como se temesse que as próprias paredes pudessem agarrá-la como castigo por dizer aquilo em voz alta.

"E por causa dessa bombástica informaçãozinha", ela continuou, "podemos ter certeza de que ele nunca, jamais, jamais nos libertará. Certamente morreremos aqui, quando ele estiver cansado de nós. Eu e Christine imaginamos que isso acontecerá quando ficarmos velhas demais para o que ele quer, ou antes, se dermos muito trabalho. É por isso que nos comportamos muito, muito bem. Nós somos boas meninas, não somos, Christine? Afinal, ele pode nos substituir facilmente, não pode?" Ela olhou para mim incisivamente. "E ele só tem todo esse espaço aqui embaixo, como você pode ver. Não pode ser barato nos manter todas vivas e com energia."

Eu mal conseguia acompanhar seu devaneio, mas de repente não me pareceu muito amigável. Então alguma coisa se mexeu dentro da caixa, e nós três erguemos a cabeça naquela direção. Silêncio de novo. Tracy continuou.

"Desenvolvi uma estratégia aqui embaixo, e sugiro que você a adote. Infelizmente, Christine não é muito adepta e, acho que você vai ver, o fato de não ter seguido meu conselho acabou sendo prejudicial para ela. Você tem que se manter forte, física e mentalmente, e aprender tudo o que puder. Nós, minha cara, estamos esperando por nosso milagre."

Milagre. Pisquei os olhos ao ouvir essa palavra, tão contrária a tudo em que eu acreditava. Tracy percebeu.

"Sim, eu sei, milagre não é uma grande coisa para se ter como única opção, mas pensei bastante no assunto e é tudo o que temos. Tudo o que podemos fazer é nos preparar para ele. Tenho um lema simples: 'Coma o que puder, durma o quanto puder e preserve a sua mente do jeito que puder'." Ela riu diante da melancólica

tentativa de fazer um versinho.

"Neste momento, a parte mais importante do seu corpo é seu *cérebro*. Como você logo vai ver, a forma de tortura favorita — não a única, mas a favorita — do nosso inimigo é a psicológica, por isso sua mente tem que trabalhar. Você precisa mantê-lo fora da sua cabeça. Nunca conte nada a respeito da sua vida antes daqui. Nunca."

"A Lista do Nunca", eu sussurrei, mais para mim mesma do que para ela. "E Jennifer? O que vai acontecer com ela?" Eu finalmente havia conseguido fazer a pergunta sem ficar histérica.

As duas desviaram os olhos. Christine, olhando para o chão, murmurou alguma coisa sob a respiração que eu pensei ter entendido.

"Esqueça-a assim que puder."

5

Depois de ler a carta, passei mais três dias sozinha no apartamento. Cancelei as visitas da minha psiquiatra e não atendi ao telefone. A dra. Simmons deixou três mensagens e o agente McCordy quatro. Eu sabia que eles estavam preocupados, mas não podia explicar a eles que estava me preparando para uma grande ruptura com meu estilo de vida pós-traumático, ruptura para a qual ainda não estava completamente pronta.

Eu não tinha coragem de dizer à dra. Simmons que após dez anos da nossa luta psicológica — as lágrimas, meus longos olhares para o vazio enquanto ela esperava pacientemente, os vários círculos em que rodamos enquanto remexíamos nos fatos da minha vida, pegando todas as lembranças exceto aquelas que eu ainda não conseguia tocar, aqueles que ela mais queria aprofundar — ela não poderia fazer nada por mim. Estávamos em um beco sem saída. Eu precisava fazer alguma coisa de verdade.

Depois do primeiro ano de terapia, eu conseguia descrever os fatos do meu cativeiro automaticamente. Era como se tivessem acontecido em um universo paralelo, com outra pessoa. Uma lista de coisas terríveis que eu murmurava pela sala para manter a dra. Simmons à distância. Novos detalhes sempre que a conversa parecia batida, sempre que ela começava a exigir mais de mim.

Foi uma história que revelei através de imagens isoladas. Eu, com os olhos vendados, os pés presos a uma corrente pendurada no teto por uma braçadeira. Eu, na mesa, deitada como um animal pronto para ser dissecado, com um cateter ligado à minha bexiga, me enchendo milímetro por milímetro. Eu, no canto, amarrada a uma cadeira com os pulsos algemados nas costas, com uma agulha cirúrgica perfurando minha língua.

Fatos. Detalhes. Pormenores.

Coisas que aconteceram com outra pessoa. Alguém que não

estava mais ali.

Aparentemente, eu estava me abrindo para a dra. Simmons, contando meus segredos mais obscuros, mas ela sempre pareceu saber que na verdade eu a estava afastando. Eu podia contar as histórias, mas não conseguia mais senti-las. Eram como poemas repetidos tantas vezes que haviam perdido todo o sentido.

Assim, já fazia alguns anos que tínhamos chegado a um impasse. Horas de sessão desperdiçadas, enquanto ela esperava que eu fizesse um movimento para a frente. Mas agora, talvez, isso era o que eu pretendia fazer.

No quarto dia telefonei para McCordy. Ele atendeu ao primeiro toque.

"McCordy."

"Você está sentado?"

"Car... Sarah, é você?"

"Sim. Escute, quero que você saiba que estou bem. Li a carta. Você tem razão. Estupidez. Prometo que não vou surtar de novo, o.k.?"

"Então por que não atendeu ao telefone?" Senti certa desconfiança em sua voz. "Se você demorasse mais um minuto íamos mandar os paramédicos. Você não iria ficar nada feliz se arrombássemos a porta da frente do seu apartamento."

"E por que não fez isso?" Silêncio do outro lado. "Você falou com Bob, certo? Sabia que eu continuava pedindo comida e por isso não estava morta. Inteligente. De qualquer forma", eu comecei, tentando parecer despreocupada, "andei pensando no que você disse e... vou fazer uma pequena viagem."

"Que bom que estou sentado. Essa... é uma ótima notícia. Mas tem certeza de que está preparada? Não é melhor começar com alguma coisa mais simples, como a mercearia?"

Como eu não respondi, ele continuou. "Posso pelo menos perguntar para onde está indo?"

Eu me esquivei da pergunta.

"Preciso pensar e para isso preciso me afastar. Vou tirar alguns dias de folga no trabalho, tenho muitas férias vencidas."

"Isso não me surpreende. Digo, a questão das férias. Você falou com a dra. Simmons a respeito disso?"

"Nã-ão. Ainda não. Mas é o que vou fazer em seguida."

Respirei profundamente ao desligar. Afinal eu não era uma prisioneira. Eles não eram meus carcereiros. Eu *podia* viajar e realmente tinha *acumulado* muitos dias. Eu não estava mentindo.

Mas não estava falando a verdade em relação às férias. Eu tinha tido uma ideia. A carta não havia me dado nenhuma pista clara, apesar de ter me deixado com uma pulga atrás da orelha. Decidi que três dias seriam suficientes para refrescar a memória, mas como não aconteceu nada, tinha que recorrer ao Plano B. Seguir o conselho do dr. Jack Derber. A mulher dele, Sylvia, deveria "me mostrar o caminho". Bem, talvez ele estivesse planejando alguma coisa. Apesar de não saber necessariamente o que ele pretendia. *Sylvia*, *mostre pra mim*, eu sussurrei com determinação ao colocar o telefone no gancho. *Mostre*.

Bastaram três décimos de segundo para que uma busca na internet me mostrasse o nome completo de Sylvia e a cidade onde ela vivia. A vantagem de ter um arqui-inimigo famoso era que ele não poderia se casar sem que o mundo inteiro soubesse dos detalhes. *Sylvia Dunham*, *Keeler*, *Oregon*. Ela não morava muito longe da prisão, o que era conveniente para ela, mas não muito bom para mim, porque eu achava que conseguiria sentir a presença dele — apesar dos muros de concreto e das barras de aço — com a mesma facilidade com que sentia através da porta do porão.

Também fiz uma busca pela penitenciária na internet e fiquei olhando para o pátio minúsculo, uma mancha escura na tela, onde ele certamente devia caminhar todos os dias. Eu conseguia distinguir a imagem pouco nítida da torre da guarda, e até mesmo a linha minúscula marcando os limites da prisão com o que deveria ser arame farpado. Fechei a página da internet sentindo um calafrio. Eu não queria forçar meus limites psicológicos antes da hora.

Nunca mais voltei àquele estado desde a minha fuga e tinha jurado solenemente que jamais voltaria. Mas a carta de Jack me fez perceber o preço que teria de pagar pela minha inércia. Até mesmo a mais remota possibilidade de que ele fosse libertado despertava emoções contra as quais eu lutava há anos e me obrigava a enfrentar o que eu sabia que precisava fazer, por mais assustador

que fosse.

No julgamento de Jack, os promotores haviam sido "pragmáticos", fizeram "o que podia ser feito". E a estratégia funcionou até certo ponto; afinal, ele estava preso. Mas isso não mudava o fato de que a história de Jennifer continuava em aberto, um caso que talvez nunca fosse resolvido. Com o passar dos anos, de certa forma acabei aceitando, imaginando que não havia nada que eu pudesse fazer. Mas a carta de Jack me fez acreditar que Sylvia talvez fosse a chave de tudo, que ela poderia saber de algo concreto. Agora o dever me chamava e, pela primeira vez em dez anos, senti que poderia atender a esse chamado. Talvez fosse toda a terapia funcionando finalmente. Ou talvez essa missão *fosse* a terapia.

Antes que alguma coisa me fizesse perder a coragem, entrei de novo na internet e comprei a passagem, fiz uma reserva no hotel mais bacana da região e, depois de uma pausa, aluguei um carro. Sabia que por mais que odiasse dirigir, jamais conseguiria entrar em um táxi. Fiz tudo isso em nome de Caroline Morrow, meu nome "verdadeiro" agora. O meu lado prático estava assumindo o comando. Comecei a fazer listas.

Esta seria minha primeira viagem em cinco anos, desde a última visita aos meus pais em Ohio quando, sinceramente, as coisas não haviam corrido muito bem. Apesar da escala de três horas em Atlanta, e de ter comprado a passagem em um voo feito com um Boeing 767 porque ele tinha a menor taxa de falha mecânica da frota, mesmo com essa garantia, tive um ataque de pânico ao entrar no avião. A tripulação da companhia aérea me obrigou a desembarcar, atrasando o voo e despertando a ira de inúmeros passageiros, que teriam sido muito mais compreensivos, tenho certeza, se soubessem meu nome verdadeiro e se lembrassem de ter me visto nos jornais. Precisei esperar mais seis horas no aeroporto até que os paramédicos se convencessem de que eu conseguiria me controlar para embarcar em outro voo.

Dessa vez, minhas exigências quanto à aeronave me colocaram em um voo que passava por Phoenix, e essa rota tortuosa levou doze horas, seis horas a mais do que o estritamente necessário quanto à eficiência, mas absolutamente essenciais para meu estado

mental.

Não separei muita coisa para levar, mas fui preparada. No dia seguinte, ao fechar a mala, senti mais uma vez que estava totalmente preparada. Pronta. Segura da minha missão. E então, como tinha acontecido na última vez, pouco antes de passar pela porta, tive aquela velha sensação tão familiar — a cabeça rodando, o peito apertado. Tentei reagir, mas enquanto lutava para respirar voltei para o quarto e fui até a cômoda pintada de branco.

Abri a última gaveta, aquela que nunca mais olhara, e tirei um álbum azul bastante gasto. Ele abriu sozinho no meio e no canto superior da página à direita, sob o plástico que cobria a folha, ali estava ela, Jennifer, aos treze anos.

Acima do sorriso pouco convincente, seus olhos pareciam tristes como sempre, nos anos seguintes ao acidente. Ela parecia séria, como se estivesse pensando. Eu estava ao seu lado, inclinada, com a boca aberta, falando animadamente. Mas ela estava perdida em seu próprio mundo, e eu nem havia percebido.

Examinei a minha imagem com aquela idade. Apesar dos medos, eu parecia tão confiante, até mesmo feliz. Agora, sentada no meu quarto, em segurança, se me inclinasse um pouco poderia me ver aos trinta no espelho que ficava sobre a cômoda. Minhas feições angulosas haviam ficado um pouco mais suaves com a idade, mas o cabelo castanho-escuro na altura do ombro que nunca deu trabalho algum continuava exatamente igual ao que era no ensino médio. Meus olhos castanhos pareciam quase pretos contra a pele pálida que tinha apenas o rubor rosa do pânico para lhe dar um pouco de vida. Eu parecia aflita, mesmo forçando um sorriso para mim mesma. Não admirava que tivessem mandado a psiquiatra bater à minha porta, eu pensei, olhando para a criatura assustada que olhava para mim.

Lentamente, fiquei em pé, e já ia colocar o álbum de volta quando parei e tirei aquela foto. Guardei o álbum no fundo da gaveta e a fechei cuidadosamente. Coloquei a foto na carteira e peguei minha bolsa. Jim estava certo. Eu precisava mesmo de ar fresco. Peguei minhas coisas, conferi o horário e o número do voo e coloquei na bolsa o sanduíche que havia preparado. Eu ia conseguir.

Só depois de ter fechado as três trancas da porta do meu apartamento, com a mala vermelha ao meu lado, é que me lembrei de que não havia telefonado para a dra. Simmons. Paciência, McCordy certamente contaria a ela e depois conversaríamos durante umas três ou quatro sessões a respeito das minhas táticas de fuga. Nada como uma nova história para manter viva a relação.

6

Nunca perdi a mania de fechar os olhos para fugir da realidade e passei a maior parte do voo até o Oregon com o rosto enfiado no travesseiro inflável. A aeromoça imaginou que eu estivesse dormindo; por isso, a não ser pelas instruções rotineiras para prender o cinto de segurança, ela me deixou em paz. Senti a ansiedade subir pela garganta quando o avião estava decolando, mas sabendo que não tinha tempo a perder com médicos de aeroporto, eu a engoli.

A verdade é que não consegui dormir de jeito nenhum. Meu coração estava mais acelerado do que nunca. Os sons e imagens da viagem estavam sobrecarregando meu cérebro, que há cinco anos não tinha contato com tanta informação visual e auditiva de uma só vez. Mas era mais do que isso. Minha mente estava a mil por hora enquanto eu elaborava meu plano.

Meu encontro com Sylvia não seria pouca coisa e eu me perguntava se não estava sendo maluca por fazer uma coisa dessas sem Jim. Mas o FBI já tinha falado com Sylvia e não tinha conseguido nada. Jack havia deixado bem claro na carta que ela era sua confidente, que conhecia todos os detalhes de seu passado. Minha esperança era que, ao ficar cara a cara com uma de suas vítimas, ela percebesse com quem estava se casando. Eu esperava conseguir convencê-la a revelar alguma coisa que não revelaria a mais ninguém.

Eu ficaria hospedada em Portland, a pouco mais de sessenta quilômetros de Keeler, onde ela morava. Não era uma situação muito conveniente, mas a cidade de Sylvia só tinha motéis, e uma porta voltada diretamente para o mundo exterior estava fora de cogitação. Nunca fiquei à vontade dirigindo, nem mesmo na época em que estava aprendendo. Mas senti um grande alívio ao perceber que assim que fiquei atrás do volante recuperei o velho hábito,

apesar de continuar tensa.

O check-in na recepção do hotel correu sem maiores incidentes, mas também sem muita graça. Devido à falta de hábito, em vez de olhar para as pessoas eu mantinha a cabeça baixa, os olhos fixos no cartão de crédito, em minhas mãos, na mala. Odiava o som das palavras "Caroline Morrow". Dez anos tinham se passado e esse nome ainda não me soava familiar. E nunca me pareceu justo que ele tivesse conseguido roubar minha identidade de maneira tão profunda.

Depois de entrar no quarto, tranquei as duas fechaduras, sem deixar de notar que eram produzidas por um fabricante de segunda linha. Eu me xinguei em voz alta por ser tão maluca. Mas a primeira coisa que fiz foi procurar o guia do hotel e memorizar a localização de todas as saídas de emergência. Estudei o mapa colocado atrás da porta e tirei o telefone do gancho para ter certeza de que estava funcionando. Coloquei o celular para carregar, apesar de a bateria estar quase cheia. Nunca se sabe.

Eu tinha pensado muito no que diria a Sylvia e repassei tudo em minha cabeça enquanto desfazia a mala e colocava as roupas sobre a cama para ter certeza, mais uma vez, de que não esquecera nada. É claro que isso não havia acontecido, por isso tomei um banho rápido e comecei minha jornada. Eu queria fazer uma primeira visita naquele dia e voltar ao hotel antes que escurecesse.

Encontrei a casa de Sylvia sem dificuldade. Uma pequena casa de tijolinhos em uma área residencial tranquila. À primeira vista, parecia vazia. Tinha cortinas pesadas nas janelas, todas fechadas.

Estacionei na entrada de carro que estava vazia e examinei o local rapidamente. As portas da garagem à minha frente pareciam trancadas. Dei uma espiada pela janela e vi que o lugar estava impecável. Nenhum carro. Ao longo de uma parede, uma grande variedade de ferramentas de uso doméstico, penduradas em pregos espaçados uniformemente, com seus contornos traçados cuidadosamente com marcador. A bicicleta no canto tinha um pneu murcho.

Eu tinha feito todo esse caminho e ela não estava em casa.

Fui até a porta da frente e toquei a campainha, por via das dúvidas. Tentei três vezes antes de me convencer de que não havia

ninguém. Fui até a caixa de correspondência e, com o canto do olho, verifiquei se havia algum vizinho por perto antes de abri-la. Estava abarrotada. Hesitei apenas por um segundo antes de pegar algumas das correspondências. Ali estava eu, no primeiro dia da viagem, violando a legislação federal. Mas pelo menos tive certeza de que estava no lugar certo.

A caixa de correspondência tinha basicamente contas e folhetos de propaganda. Peguei o último envelope do fundo para dar uma olhada no carimbo do correio da conta de telefone. A data era de três semanas atrás. Era estranho que ela não tivesse falado com o correio para guardar sua correspondência se pretendia ficar tanto tempo fora. Mas talvez eu fosse uma daquelas poucas pessoas que planejam essas coisas com antecedência.

Depois de examinar todos os envelopes para ter certeza de que não havia nada da penitenciária, enfiei tudo na caixa de novo e voltei para meu carro, sem saber o que faria em seguida. Fiquei ali sentada por alguns minutos, pensando. Já que havia ido até Keeler, poderia dar uma olhada nas ruas; por isso parei em uma cafeteria que tinha visto no caminho de ida. A cidade era pequena, talvez alguém a conhecesse.

A lanchonete local era um pitoresco vagão de trem prateado, bem iluminado e acolhedor, junto a uma das áreas verdes da pequena cidade. Preferi ficar no balcão em vez de em uma das mesas vazias, e pedi um café, fazendo um esforço para parecer simpática. Tentei sorrir.

Eu podia ver meu rosto refletido no espelho atrás do balcão. Meus olhos estavam vermelhos por causa do voo, o cabelo despenteado. Sim, uma maluca, eu pensei. Parei de sorrir. Quando a garçonete se aproximou para encher minha xícara, quase pulei pra cima dela pelo balcão. Maluquice personificada. Era evidente que eu estava enferrujada no que dizia respeito a qualquer contato humano.

“Por acaso você conhece uma moça chamada Sylvia Dunham?”, eu perguntei, tentando, sem muito sucesso, fazer com que minha voz parecesse a mais descontraída possível. Estava me xingando por dentro, mas a garçonete nem ergueu a cabeça.

“É claro que conheço.” A tranquilidade com que ela respondeu

me fez perceber que devia haver muitos turistas curiosos a respeito de Sylvia Dunham. Ela devia ser famosa nessa cidade. Eu sabia que existiam pessoas mais esquisitas do que eu. Voyeurs que planejavam suas férias para lugares ligados a crimes ou criminosos famosos. Eu precisava inventar alguma coisa que me diferenciasse desse tipo de maluquice. Mas não tinha pensado em nada além do que diria a Sylvia nessa viagem. Não havia me preparado para bisbilhotar e certamente não estava disposta a anunciar para o mundo quem eu realmente era, depois de todos aqueles anos.

"Eu... estou escrevendo um livro", gaguejei.

"Sei." Ela continuou sem olhar para mim enquanto limpava uma gota de café que eu havia derramado no balcão. Percebi meu erro. Eu provavelmente não era a única pessoa que também estava tentando escrever um livro sobre o assunto. Sabia que precisava inventar alguma coisa mais suave se quisesse mesmo fazer aquilo.

Ela finalmente parou e olhou para mim.

"Escute, algumas pessoas gostam de se dar ao trabalho de conversar com os turistas que aparecem por aqui atrás de informações sobre essa mulher. Outras pessoas não. E eu sou uma delas. Não me agrada que esse sujeito venha morar aqui depois que for solto. Não quero ter nada a ver com isso. Mas o meu marido pensa diferente. Ele não tem muito com o que se preocupar, por isso acho que é capaz de tagarelar sobre esse assunto até você não aguentar mais." Ela suspirou. "Ele deve chegar às cinco horas para me pegar, se você quiser fazer alguma pergunta a ele."

Fiz um cálculo rápido. Se ficasse até as cinco e conversasse com ele por quinze minutos, conseguiria voltar para o hotel antes de a noite cair completamente. Eram quatro e quinze, por isso eu precisava fazer alguma coisa até lá. Agradeci à garçonete, paguei e disse que voltaria.

Para passar o tempo, fui dar uma volta pela praça, admirando o gramado bem cuidado e os bancos pintados de branco espalhados ao redor. Parei diante da modesta igrejinha também pintada de branco que ficava bem na esquina. Talvez fosse essa. A igreja dela. Entrei e vi que estava vazia, mas havia uma mulher passando aspirador na frente do altar; seu cabelo grisalho estava preso em um coque pequeno, desgrenhado, a corrente dos óculos

balançando com seus movimentos rápidos. Acenei, indecisa, e ela desligou o aspirador imediatamente, limpou as mãos no pequeno avental e veio na minha direção.

"Em que posso ajudar?", ela perguntou, de um modo que não me pareceu muito apropriado a uma igreja. E se eu fosse uma ovelha perdida em busca de salvação? Limpei a garganta, sem saber o que dizer para não parecer uma intrusa.

"Bem... meu nome é Caroline Morrow e estou tentando encontrar uma velha amiga que vive aqui por perto." Eu estava procurando as palavras certas. Vagas, eu sabia. Ela ficou quieta, esperando que eu falasse.

"Sylvia Dunham", eu disse finalmente, e antes de falar o nome completo percebi que sua expressão ficou sombria. Ela conhecia o nome. Todos ali deviam conhecer o nome. Continuei.

"Parece que ela não está em casa e sei que é uma pessoa devota, por isso imaginei que talvez encontrasse aqui alguém que pudesse me dizer onde posso encontrá-la."

Ela olhou para mim friamente, balançando a cabeça.

"Isso significa que Sylvia Dunham não pertence a esta congregação?", eu insisti.

A mulher estremeceu, depois pareceu ter-se lembrado da doutrina da Igreja e forçou um sorriso.

"Acho que você deve ter perdido o contato com ela há algum tempo. Sylvia Dunham definitivamente não frequenta esta igreja. Ela faz parte da Igreja do Espírito Santo. Uma seita bastante interessante, ou comunidade, ou o que quer que queira chamar. Bem, cada um sabe de si." Seu rosto ficou ainda mais severo. Depois ela olhou ao redor com óbvia satisfação, admirando sua igreja, perfeita com as grandes janelas bocejando sobre os bancos de madeira brilhantes. "Eles não têm uma igreja propriamente dita." Parou de repente, como se já tivesse falado mais do que desejava.

Seus olhos estavam postos no chão quando falou novamente.

"Agora me desculpe, por favor, preciso deixar tudo preparado para o estudo da Bíblia que fazemos nas noites de quarta-feira."

"Onde posso encontrar alguém dessa congregação?", eu perguntei. Podia jurar que ela estava pensando em me pegar pelo

braço, provavelmente para me tirar dali o mais depressa possível. Sem nem pensar, evitei esse gesto caminhando rapidamente até a porta por minha própria conta.

"A única pessoa que pode lhe falar dessa congregação é Noah Philben. Provavelmente o único a falar com estranhos. Ele é o líder, se não for uma blasfêmia chamá-lo assim. Ele costuma ficar na... sede, mas acho que não permitirão que você entre." Ela me olhou de alto a baixo, parecendo que media as palavras cuidadosamente. Estremeceu de novo, mas o tom de sua voz agora parecia mais suave.

"Mas eles alugaram um espaço, não é longe daqui, na estrada 22, bem no centro comercial perto da loja Trader Joe's. Era um centro comunitário. Acho que ele tem um escritório nesse endereço. Colocaram uma cruz branca na frente. Não tem como errar."

"Obrigada", eu disse, correndo para pegar as últimas palavras enquanto ela fechava a porta na minha cara.

Enfiei o braço na bolsa para pegar a caneta e o pequeno bloco de anotações. Anotei o nome de Noah Philben e o endereço que ela havia me dado.

Pouco antes das cinco voltei para a lanchonete, imaginando que o marido da garçonete parecia ser a melhor aposta a essa altura. A moça já estava esperando do lado de fora, com um casaco leve bem amarrado na cintura, fumando um cigarro. Ela ficou surpresa.

"Ah, é você", ela disse, dessa vez de maneira mais amigável. Apontou para um pequeno banco de madeira à esquerda da porta e nós nos sentamos. A moça apagou o cigarro no braço do banco e eu fiquei olhando, paralisada, pensando no perigo de incêndio enquanto via as brasas brilhantes se apagarem completamente.

"Preciso largar isto." Ela se virou para mim, com o batom recém-retocado brilhando intensamente. "Agora me diga, por que uma jovem senhora simpática como você quer escrever sobre uma história tão terrível?"

Eu não tinha uma resposta pronta, é claro, e estava quase me arrependendo de ter inventado o tal livro. Já seria difícil me passar por uma jornalista de verdade; bem que eu gostaria de ter pensado em algo melhor. Mas teria que dar um jeito e por isso decidi encarar a pergunta como retórica, respondendo com um sorriso.

“Já não escreveram alguns livros a respeito disso?”

“Três”, eu respondi depressa, um pouco amarga demais.

“Então, pra quê? A história já não foi contada? Ou você tem um novo ângulo, como eles costumam dizer?”

“Esses três livros estavam... incompletos.”

“Sério?” Agora ela parecia curiosa, chegando mais perto de mim, tão perto que eu conseguia sentir o cheiro de cigarro em sua roupa. “Meu marido vai gostar de saber. O que é que há de errado com eles?”

Eu não havia pensado em como explicaria isso, então evitei seu olhar enquanto falava.

“Você vai ter que ler meu livro, eu acho.” Procurei usar minha melhor voz de falsa alegria, o que geralmente não dava muito certo. Dessa vez não foi diferente, mas ela não parecia ter percebido, ou talvez tivesse feito a pergunta apenas para ser educada.

“Eu não. Não consigo ler esse tipo de coisa. A vida já é dura demais sem encher a cabeça com essas coisas horríveis.” Ela fez uma pausa. “Essas pobres garotas. Espero que agora estejam bem. Minha amiga Trisha, ela tinha um pai abusivo, um maníaco. Estragou a vida dela. Trisha começou a beber quando estávamos no colégio, depois ela fugiu e acabou se metendo com metanfetaminas. Agora está limpa, mas nunca superou. Acho que jamais vai conseguir.”

“Acho que ninguém consegue superar uma coisa dessas”, eu disse categoricamente.

“Não”, ela continuou. “Nunca. Mas Trisha agora está melhor, pelo que ouvi dizer. Ela mudou para New Orleans no ano passado. Achava que a mudança lhe faria bem. Tinha uma prima lá. Quando estava aqui — ela trabalhou aqui na lanchonete —, eu via que ela ficava olhando para longe, pela janela, e sempre imaginava que ela estava vagando por um lugar sombrio. Sombrio de verdade.”

Ao ouvir o nome da cidade, *New Orleans*, eu me endireitei no banco. Lembrei de uma coisa. Tracy era de New Orleans e também havia tido uma infância difícil, mas podia ser apenas isso. Peguei o bloco e fiz uma anotação para pensar no assunto quando voltasse ao hotel.

Quando eu ia guardar o bloco na bolsa, um carro estacionou perto de nós. A garçonete acenou para o homem que estava ao volante. Depois virou-se para mim e disse: “Eu me chamo Val. Val Stewart.” Ela estendeu o braço para me cumprimentar, dizendo: “Querida, eu ainda não sei seu nome”.

Ao ver sua mão vindo na minha direção, fiquei paralisada. Eu tinha que reagir normalmente. Essa não seria a única vez em que alguém iria apertar minha mão para me cumprimentar, agora que eu estava interagindo com pessoas vivas e não apenas com os fantasmas da minha cabeça. Eu me preparei, mas quando ela ia encostar em mim, perdi a coragem. Deixei cair o bloco e a bolsa, o que me pareceu um truque óbvio. Enquanto abaixava para pegar minhas coisas, olhei para ela e disse, com a voz mais amigável possível, que meu nome era Caroline Morrow. Ela sorriu cordialmente e pegou outro cigarro. Desastre evitado.

Ray, o marido de Val, era um homem pequeno, alguns centímetros mais baixo do que ela. Estava na faixa dos sessenta anos, muito bem conservado com seu cabelo grisalho e olhos azuis. Entendi imediatamente o que Val queria dizer quando falou que ele ficaria tagarelando até eu não aguentar mais. Ao saber que eu estava escrevendo um livro sobre Derber e, mais especificamente, sobre Sylvia Dunham, ele me convidou para jantar sem pestanejar. Eu recusei, apesar de ter ficado balançada. Queria aceitar, mas não suportava a ideia de voltar dirigindo para o hotel depois que escurecesse. Então Ray insistiu para tomarmos um café na lanchonete.

Val revirou os olhos. “Está vendo? Eu não disse, querida? Vocês podem tomar o café, mas eu já cansei deste lugar por hoje. Vou até o Mike pegar algumas coisas.”

Dentro da lanchonete, Ray começou a falar assim que nos acomodamos em uma das mesas.

“Sylvia mudou para cá há uns sete anos. Você deve saber que ela é do Sul. Boa moça, mas quieta. É uma pena que tenha entrado para aquela Igreja do Espírito Santo. Aquilo não passa de uma seita, se você quer saber o que eu acho.”

“Por que você diz isso?”

Ele parou, seus olhos percorreram o lugar antes de voltar a falar.

“Bem, Noah Philben nem sempre foi um homem religioso, isso eu posso lhe dizer.”

“Você o conhece?”

Ele apoiou os cotovelos na mesa e inclinou sua cabeça na minha direção, com um olhar de conspiração. “Fui colega de um primo dele na escola, conheci a família. Um coitado, esse Noah. Bebia muito, se meteu com drogas. Saiu da cidade depois que se formou e desapareceu por vários anos. Ninguém sabe o que aconteceu. Quase levou a família à loucura, mas eles não gostavam de falar disso. Quando Noah voltou, parecia meio desligado. Trabalhou na pedreira durante alguns meses, mas não aguentou. Então criou sua ‘igreja’, se você quiser chamá-la assim.” Nesse momento, ele apontou para fora da janela da lanchonete.

“Ali vão eles.” Olhei na direção que ele havia apontado e vi uma van branca com vidros escuros contornando a praça. “Van da igreja.”

“Uma senhora na igreja da praça falou deles com ar de desprezo.”

“Ah, você deve ter falado com Helen Watson. Muito amável, não? Bem, ela não ficaria feliz com nada que diga respeito a Noah, com certeza. Foram namorados no colégio e ela fugiu com ele. Voltou dois anos depois com o rabo entre as pernas. Nunca fala dessa época. Diz que isso não interessa a ninguém. Depois de um tempo ela se casou com Roy Watson, que se tornou pastor dessa igreja cerca de dez anos atrás. As pessoas dizem que ela o forçou a frequentar o seminário. Acho que sempre quis ser mulher de pastor. Agora pensa que manda no galinheiro desta cidade.”

Por não ver como esse tipo de fofoca poderia me ajudar a descobrir alguma coisa, tentei redirecionar a conversa para Sylvia.

“Passei na casa de Sylvia esta tarde. Não havia ninguém, na verdade fiquei com a impressão de que não aparece ninguém por lá já há algum tempo.” Eu não quis admitir que mexera na correspondência, e senti um arrepio de vergonha na nuca.

“Pensando bem”, ele disse, “já nem lembro quando foi que a vi pela última vez. Ela é muito reservada, mas costuma aparecer aqui na lanchonete neste horário, quando passo para pegar a Val. Em geral, uma ou duas vezes por semana.”

“Ela trabalha? Tem mais alguém que eu possa procurar?” Senti como se tivesse chegado a um beco sem saída.

“Não que eu saiba. De qualquer maneira, não por aqui. Acho que não estou sendo tão útil quanto pensei que seria.”

“E a família dela? Alguma vez falou deles?” Eu não estava acostumada a fazer tantas perguntas. A última coisa que eu queria era envolver as pessoas; geralmente eu fazia o possível para encerrar rapidamente qualquer interação. Até a minha voz parecia estranha, diferente, distante, como uma péssima gravação de como eu a imaginava na minha cabeça. Percebi que mal conseguia concluir a frase com o tom adequado.

“Não, isso também é estranho. Para falar a verdade, se você pensar bem, parece que estava fugindo de alguma coisa, mas ela nunca disse nada a respeito. Ela veio de algum lugar perto de Selma, no Alabama. Cidade com história. Talvez só quisesse sair de lá.”

Foi só na volta, com o céu escurecendo, que me lembrei de uma coisa. Quase saí da estrada. New Orleans. Para onde a amiga de Val havia se mudado. Isso me fez lembrar algo na carta de Jack. Ignorando o fato de que o sol estava se pondo no horizonte, parei no acostamento e arrisquei a sorte.

Sentindo o coração disparar, tirei a carta da bolsa. O lago. O lago era o lago Pontchartrain. Reli o trecho da carta. Ainda não fazia sentido, mas agora eu sabia que só podia ser esse lago, e se fosse, só podia significar uma coisa: isso fazia parte da história de Tracy.

Reli a carta inteira novamente. Eu precisava de Tracy. Precisava dela para que me dissesse como isso se encaixava em seu passado, para que me dissesse qual era o significado daquilo. Eu teria que dar um jeito para que ela falasse comigo, talvez até nos encontrarmos e falarmos cara a cara, para pensar junto comigo se havia algum sentido nas palavras daquele louco. Descobrir se ele estava nos levando a algum lugar, e se isso era intencional ou não.

7

A história de Tracy havia se revelado lentamente ao longo dos anos, um pouco aqui, um pouco ali. Fui juntando os pequenos detalhes que escapavam, principalmente quando ela estava se sentindo muito mal, desanimada, sem esperança alguma lá embaixo no porão. Na maior parte do tempo, ela tentava esconder sua vida de nós. Sua cabeça era uma área particular onde podia fugir dele e de nós também. É o que eu imagino. Ela tinha uma verdadeira paranoia em relação ao fato de que qualquer informação que nos desse pudesse ser usada por Jack para manipular sua mente. Essa era a luta deles.

Contra mim, ele sempre teve Jennifer, por isso não precisava das minhas lembranças, pelo menos enquanto ela estivesse viva. Imagino que era por isso que na época eu não entendia o que estava em jogo para Tracy, como era importante para ela manter sua vida passada em um lugar sagrado. Foi um erro que me custara caro naqueles últimos meses de cativeiro. De qualquer forma passamos tantas horas juntas que era impossível não ter uma ideia muito nítida de como era sua vida lá fora.

Tracy nasceu de uma garota de dezoito anos que havia abandonado a escola em New Orleans. Sua mãe era viciada em heroína, com direito a toda a dor, sofrimento e horror que a acompanham. Os homens entravam e saíam do apartamento sujo no primeiro andar de uma casa estilo *créole*, na avenida Elysian Fields, que mais parecia um bolo velho desmoronando sobre a mesa de alguém.

Quando Tracy estava com cinco anos, seu irmão Ben nasceu ali no apartamento. Tracy assistiu ao nascimento de um canto e viu quando sua mãe inalou uma quantidade gigantesca de heroína durante o trabalho de parto e ficou tão anestesiada que mal se mexeu quando a cabeça de Ben apareceu. O simples fato de o bebê

ter sobrevivido podia ser considerado um milagre, mas era ainda maior, uma vez que o Serviço de Proteção à Criança tinha conseguido esquecer esse pequeno canto do mundo. Aparentemente, a cidade estava mergulhada no caos em outras áreas e, depois de uma entrevista rápida e superficial, as assistentes sociais deixaram as duas em paz.

Durante muitos anos esse irmão foi tudo o que Tracy teve de afeto e amor familiar, e ela o defendia com toda a ferocidade que eu viria a descobrir que existia dentro dela. A mãe lhes dava pouco, às vezes nada para viver. Quase não se alimentava, de tão consumida que estava pela droga, e nunca havia muito o que comer na casa, certamente não o suficiente para as duas crianças. Por isso, Tracy foi para as ruas tentar criar uma vida completamente diferente para eles. Em outra cidade, isso talvez não tivesse sido possível, mas em New Orleans, os estilos de vida alternativos adquiriam um significado novo.

Com o tempo, Tracy se infiltrou no mundo dos artistas de rua — atores, cantores e aspirantes lutando para serem descobertos enquanto ganhavam o pão de cada dia a serviço dos turistas que se amontoavam nas ruas. Tracy e Ben tornaram-se os órfãos-mascotes dessa turma, que os protegia dos horrores da vida noturna na cidade.

Tracy era uma garota inteligente, aprendeu todos os truques: mágica, acrobacia, malabarismos. Também tinha talento para contar histórias e encantava tanto os turistas quanto os colegas de rua com sua precocidade. Os outros menestréis construíram um tablado especial para ela em uma viela do bairro francês. Dali ela recitava poemas ou contava histórias para a multidão que se reunia ao redor. Inevitavelmente, quando o público se dispersava, Tracy ouvia uma ou outra pessoa dizendo que deveriam falar com alguém, alguém precisava adotá-la. Ela ficava sonhando com isso, imaginando que um turista rico apareceria e cairia de amores por ela e por seu irmão e os levaria para longe daquela existência patética.

Às vezes eles passavam a noite inteira na rua, Ben encolhido em um canto da viela com um monte de cobertores sujos, sem que ela jamais o perdesse de vista. Ela via as brigas dos bêbados expulsos

dos bares e as prostitutas, cuja maioria conhecia pelo nome, voltando de seus encontros. Eventualmente, a cidade ficava tranquila por cerca de uma hora antes do amanhecer, e só então ela acordava Ben, com os olhos pesados pelo sono, e se arrastavam de volta ao apartamento sujo. A mãe nunca fazia perguntas.

Tracy raramente ia à escola; depois de algum tempo os inspetores, assim como as assistentes sociais, pararam de importuná-la. No entanto, lia loucamente. Autodidata, ela dizia, e nunca vi um exemplo mais perfeito. O dono de um sebo na Bourbon Street lhe emprestava livros com a condição de que ela os devolvesse rapidamente. Ela lia de tudo. De *Jane Eyre* a *O estrangeiro* e *A origem das espécies*, esperando pelo fim dos longos dias nas calçadas da cidade, alheia ao barulho e aos odores que a cercavam.

Ela e Ben mal conseguiam manter-se vivos com as moedas que juntavam ao longo do dia. Complementavam a parca alimentação com restos de doces atirados pelos turistas ou com as sobras do bar de travestis que ficava na esquina. Tracy aparentava ser forte, parecia aceitar tudo, e até dava uma parte do dinheiro para a mãe quando tinham um pouquinho mais. Assim pelo menos ela ficava quieta e os deixava em paz.

Na adolescência, sua turma passou a ser formada pelas crianças de rua da sua idade. Os góticos. Eles se vestiam de preto e pintavam o cabelo de vermelho, roxo ou preto. Usavam correntes pesadas penduradas nas roupas de couro, anéis enormes com pedras vermelho sangue e em seus piercings penduravam esqueletos ou crucifixos de prata. Ironicamente, o símbolo preferido de Tracy era a cruz ansata, símbolo egípcio da vida eterna.

Algumas das crianças consumiam heroína. Tracy nem chegava perto, pois se lembrava da mãe. Bebia um pouco e às vezes se metia em encrencas, mas nada que a levasse para a cadeia, de onde não poderia proteger Ben.

Nessa época ele já assumira seu posto na cena performática. Era um acrobata talentoso e fez amizade com um dos artistas antigos do bairro, que se tornou seu mentor. Havia dias em que ele juntava até dez dólares, e então entravam em um bar e pediam uma porção gigantesca de fritas e duas canecas de meio litro. Bons

tempos.

Infelizmente, os bares de New Orleans tinham de tudo para oferecer. Héteros, gays, transexuais. Dança, couro, sadomasoquismo. Ninguém barrava. Na estranha trajetória de vida de Tracy, imagino que fosse inevitável que sua turma começasse a circular no lado mais obscuro da cidade, áreas que os ônibus de turistas evitavam. O bar predileto não tinha qualquer letreiro, apenas uma porta preta na parede preta pulsando com a batida da música industrial.

A porta se abria com a dobradiça enferrujada rangendo, revelando um interior cavernoso, um buraco negro, com fumaça de cigarro se desmanchando no ar da noite. Era isso. Os seguranças, com cortes na forma de marcas de escravos que cicatrizavam lentamente, conheciam Tracy e deixavam que entrasse.

Mais tarde ela admitiria que havia sido ingênua. Na época não percebia aonde essa vida poderia levá-la. Tudo o que sabia era que sentia como se fizesse parte de alguma coisa, uma coisa secreta, algo que lhe dava a sensação de pertencimento. Os turistas ricos que passavam pela cidade não sabiam nada a respeito deles. Aquilo era um império. E a música raivosa que martelava em sua cabeça todas as noites tinha tudo a ver com a raiva que sentia da mãe e do mundo. Eles haviam construído um império forte, e ela sentia essa força pulsando em suas veias, com muito mais potência do que qualquer narcótico de primeira classe.

Tracy viveu quatro anos nesse cenário. Nas raras ocasiões em que falou a respeito dessa vida, quase senti inveja. Os nerds e estranhos se reuniam na igreja de New Orleans, lugar privilegiado no mundo dos outsiders, e eles viviam juntos nas ruas, nas casas de cômodos que se desintegravam, nos apartamentos comunitários, todos com lenços de cores fortes, bijuterias baratas e ligas sujas cobertas de lantejoulas, em uma estranha comunidade de aceitação.

Nada tinha importância ali: idade, aparência, sexo, preferências. Era um grande caldeirão de aberrações em que sexo, drogas e violência ocasional constituíam apenas pequenas partes do quadro, partes que os ajudavam a enfrentar a experiência de ser incompreendidos, usados e humilhados, e ainda assim continuar

profunda e infalivelmente humanos. Ali, naquela bolha do submundo, o julgamento era suspenso por uma hora, um ano, uma vida, enquanto ocasionalmente floresceria um fragmento de autoestima e até mesmo de orgulho sob as dobras de gaze, renda e couro.

Então algo aconteceu com Tracy, algo que fez desaparecer toda a sua força. Ela escondeu a história de nós durante anos. No porão, nós chamávamos isso de Desastre, assim ela não precisaria contar os detalhes da pior coisa que aconteceu com ela. Quer dizer, a pior coisa depois de Jack Derber.

E depois do Desastre, a mãe dela desapareceu de novo, talvez para sempre. Depois de três semanas, Tracy simplesmente decidira que ela não voltaria nunca mais. Imaginou que poderia esconder o fato do Seguro Social por algum tempo e falsificar a assinatura da mãe nos cheques para conseguir juntar algumas economias. Mas aí ela já não se importava mais.

Mergulhou fundo na cena clubber, debilitada, infeliz e sozinha. Sua vida havia chegado a um beco sem saída e era suficientemente inteligente para saber disso. A bebida não estava ajudando. Naquela noite no bar, um estranho lhe ofereceu um pico. Naquela noite ela pegou a agulha no escuro, as mãos tremendo de medo e ansiedade. Talvez essa fosse a resposta, afinal: uma saída rápida para a dor, mesmo que por pouco tempo.

Ela já tinha visto muita gente se picando para saber o que fazer, por isso pegou a tira de couro e a amarrou com força em torno do braço. A agulha perfurou a veia com facilidade, escorregando como o destino. Assim que a droga entrou na corrente sanguínea ela sentiu uma onda de euforia e esqueceu a dor, invadida por uma sensação impactante, como uma explosão de ar limpo varrendo as ruas da cidade nas primeiras horas do dia. Nesse momento, pela primeira vez em sua vida, ela achou que entendia sua mãe e se perguntou se ela não estaria certa a respeito da vida afinal de contas.

Tracy conseguiu se arrastar para fora do bar, até a viela escura onde poderia ficar sozinha e saborear o prazer. Era uma noite quente de verão, o ar pesado, tão carregado de umidade que parecia tê-la atingido como um muro quando bateu a porta atrás

de si. O suor pingava de sua testa, escorria pelo peito para o bustiê de couro barato. Ela se apoiou nas latas de lixo do fundo e escorregou nos restos de milhares de vidas arruinadas: preservativos usados, maços de cigarro amassados, roupas íntimas rasgadas, um pedaço de corrente enferrujada. Porém, alguma coisa em meio ao prazer causado pela droga encheu seus olhos de lágrimas e fez com que pensasse em tudo o que havia acontecido. Ela gritou, um uivo animalesco saído do fundo de suas entranhas, até perder lentamente a consciência.

Acordou, provavelmente dias depois — ela não sabia dizer —, no porão, no piso frio de pedra, em uma poça formada por seu próprio vômito.

8

Sentei na cama do hotel olhando para meu rosto refletido no espelho da cômoda vazia. Peguei o celular, tentando me convencer a fazer o telefonema que sabia que precisava fazer. Era uma manhã de segunda-feira e estava com o número do escritório de Tracy rabiscado em um pedaço de papel na outra mão. Respirei profundamente e disquei.

Depois de três toques ouvi sua voz dizendo "alô", e quase não consegui responder.

"Alô!?", ela repetiu, impaciente como sempre.

"Tracy?"

Ela foi a única que não mudou o nome.

"Sim, quem é? Alguém querendo vender alguma coisa?", ela perguntou, aborrecida.

"Não, Tracy. Sou eu, Sarah." Ouvi uma interjeição de asco, depois o barulho do telefone desligando.

Bom, *muito bom*, eu disse a mim mesma no espelho. Disquei de novo. O telefone tocou quatro vezes, e então ela atendeu.

"O que você quer?", ela perguntou, irritada, a voz carregada de desprezo.

"Tracy, sei que você não quer falar comigo, mas por favor me escute."

"Isso tem a ver com a audiência da condicional? Pode poupar a saliva. Eu vou. Falei com McCordy. Você e eu não temos nada para falar."

"Não é isso. Bem, é, mas não é."

"Você não está falando coisa com coisa, Sarah. Organize as ideias."

Ela não havia mudado muito nesses dez anos desde que nos falamos pela última vez. Eu sabia que tinha cerca de vinte segundos para convencê-la a não desligar. Fui direto ao ponto.

"Tracy, você recebe cartas?"

Pausa. Ela obviamente sabia do que eu estava falando. Por fim, desconfiada, ela disse: "Sim. Por quê?".

"Eu também. Olha, ele está nos dizendo alguma coisa nessas cartas."

"Tenho certeza de que dentro daquela cabeça maluca está sim, mas elas não têm nexo. Ele é *louco*, lembra, Sarah? Pinel. Talvez não legalmente, talvez não o suficiente para ser considerado doente e mandado para um hospício. Mas tão louco que deveríamos jogar as cartas fora sem abrir."

Engoli em seco. "Você não faz isso, faz? Joga as cartas fora?"

Outra pausa. E então, mais calma, porém relutante, ela disse: "Não, eu as guardei".

"Ele talvez seja louco, talvez não. Mas olha, acho que descobri alguma coisa. Acho que ele está mandando mensagens para você nas minhas cartas, e talvez para Christine também. Acho que pode haver alguma coisa que eu entenda nas cartas enviadas a você, e vice-versa."

Ela ficou em silêncio por um bom tempo, mas eu a conhecia o suficiente para saber que devia esperar. Ela estava pensando.

"E como é que isso pode nos ajudar, Sarah? Você acha que ele está dizendo a cada uma de nós o quanto somos especiais para ele? O quanto ainda nos ama? Você acha que ele vai nos dar alguma coisa para mantê-lo na cadeia por mais tempo? Ele pode ser muitas coisas, Sarah, mas não é idiota."

"Não, ele não é idiota. Mas gosta de arriscar. Gosta de jogar, e talvez esteja tentando nos dar uma boa mão desse baralho. Ele sentiria um prazer enorme só em imaginar que está nos contando algo importante, mas somos muito idiotas para entender."

Eu podia sentir os pensamentos de Tracy enquanto ela ficava em silêncio do outro lado da linha.

"Você pode ter razão. O que vamos fazer? Trocar nossas cartas?"

Respirei fundo. "Acho que é mais complicado do que isso. Acho... acho que precisamos nos encontrar."

"Isso me parece absurdamente desnecessário." Sua voz era fria. Eu podia sentir claramente todo o seu ódio.

"Escute, Tracy. Volto para Nova York em dois dias. Será que

pode ir de carro até lá para se encontrar comigo? Sei que você deve ter muita coisa para fazer agora, com seu jornal e tudo mais. Mas acho que não podemos perder tempo. Qual é o número do seu celular? Posso mandar uma mensagem de texto quando chegar e então nos encontramos."

"Vou pensar no assunto", ela respondeu. E então a linha caiu.

9

Depois de pedir um chá de ervas ao serviço de quarto para me recuperar da conversa com Tracy, peguei o carro e voltei para Keeler, para visitar Noah Philben em seu novo escritório. Como regra geral, eu não gostava de pessoas com ideias radicais e, até aquele momento, havia organizado toda a minha vida para evitá-las. Fanáticos, místicos e extremistas tendiam para o irracional e para a ação inesperada. As estatísticas não podiam nos proteger disso.

Eu queria que as pessoas se encaixassem perfeitamente em suas respectivas categorias demográficas: idade, educação, renda. Esses fatos deveriam ter valor prognóstico e quando não tinham minha capacidade de interpretar e me relacionar com as pessoas ficava distorcida. Como Jennifer e eu sempre dizíamos, nesse ponto qualquer coisa poderia acontecer, e havia muitas categorias de "qualquer coisa" de que eu não gostava.

Apesar de ainda ter mais da metade do tanque de gasolina no carro que havia alugado, parei em um posto da estrada que estranhamente parecia bem novo. Percebi com satisfação que o atendente estava protegido por uma placa de acrílico. Se todo mundo pudesse ser assim.

Encontrei o centro comercial sem problemas e estacionei em uma vaga próxima à mercearia, perto do burburinho de clientes que entravam e saíam, com seus carrinhos fazendo barulho no asfalto irregular. Fiquei sentada no carro por alguns minutos, pensando em que diabos estava fazendo ali.

Estendi o braço e peguei o celular em minha bolsa, só para confirmar, por causa do nervosismo. Senti certa tranquilidade ao ver o símbolo da bateria carregada e as barras do sinal brilhando para mim. Respirei profundamente e relaxei os ombros.

Mas ao pensar no que teria de fazer em seguida, senti vontade de

fugir, voltar correndo para Nova York e esquecer tudo aquilo. Eu poderia simplesmente testemunhar, como Jim queria que eu fizesse. Eles não iriam deixar que Jack Derber saísse da prisão — a audiência da condicional só estava sendo realizada para que o estado do Oregon cumprisse a burocracia do processo administrativo, não? Eu não precisava fazer isto.

Mas havia alguma possibilidade?

Pelo que eu sabia das penas prisionais, isso poderia acontecer. O sistema de justiça criminal não distribuía a justiça de maneira justa e equitativa, em proporção aos crimes em questão. Uma pessoa poderia passar a vida inteira na cadeia por posse de um grama de cocaína, mas estupradores, sequestradores e molestadores de crianças poderiam até escapar sem ficar um dia sequer atrás das grades. Dez anos poderiam ser suficientes para o estado do Oregon. Ele poderia ser solto, principalmente se caíssem na história da conversão religiosa e eu sabia que seu comportamento na prisão tinha sido, é claro, impecável. Ouvi dizer que ele até estava dando aulas para os outros internos. Merda. Eu tinha que falar com Noah Philben.

O prédio até parecia convidativo, pelo menos considerando o que eu esperava. Ainda estava pintado com cores berrantes, com um gigantesco arco-íris cobrindo a parede da frente, lembrança do centro comunitário. Pela porta de vidro da frente, eu podia ver o escritório à esquerda. Os funcionários, um homem e uma mulher jovens, que não pareciam ter mais do que vinte e cinco anos, estavam ocupados arrumando papéis. Pareciam bem-apessoados e bem-dispostos. Nada que lembrasse uma seita. Estava mais para ACM. Senti a ansiedade aumentar.

Eu me enchi de coragem, abri a porta e caminhei até o escritório. O rapaz olhou para mim e sorriu. Parecia perfeitamente normal, exceto por um brilho de zelo exagerado nos olhos que fez eu me sentir pouco à vontade. Hesitei.

“Bem-vinda à Igreja do Espírito Santo. Como posso ajudá-la?’, ele disse jovialmente. Jovialmente demais.

Respirei fundo e expliquei, da maneira mais educada possível, que queria falar com Noah Philben. O rapaz fechou a cara e franziu as sobrancelhas, parecendo inseguro em relação ao que fazer.

Imaginei que Noah Philben não recebia muitas visitas.

"Não sei se ele já chegou. Aguarde um instante." Ele me deixou ali sozinha com a moça, que também sorriu para mim, um sorriso menos aberto que o do rapaz. Então, abaixando os olhos, ela continuou a mexer nos papéis em silêncio. Eu sabia que qualquer pessoa normal diria alguma coisa, um simples olá, algum comentário sobre o tempo, mas eu não sabia mais fazer essas coisas. Por isso fiquei ali, sob as lâmpadas fluorescentes, olhando ao redor meio sem jeito.

Alguns minutos depois o rapaz voltou, seguido por um homem alto que devia estar na casa dos cinquenta. Devia ser Noah Philben, pois não só estava usando um colarinho de padre como também uma túnica preta que lhe chegava até os calcanhares. O cabelo, num tom não muito uniforme de louro tendendo para o grisalho, chegava aos ombros. Os olhos eram de um azul penetrante. A expressão absolutamente controlada, uma máscara de calma impessoal.

Contudo, quando passou pela moça, que estava atrás do balcão, um sorriso surgiu no canto de sua boca ao cumprimentá-la. Ela desviou o olhar, envergonhada; parecia desconfortável com essa atenção. Senti um arrepio gelado nas costas. Muito assustador, pensei comigo, mas forcei um sorriso quando ele se aproximou. Tentei dar um passo à frente, mas as minhas pernas protestaram ficando bambas.

Então meu celular começou a tocar. Devia ser a dra. Simmons, pois era dia de consulta. Ignorei.

Noah Philben olhou na direção do som, no meu bolso do quadril.

"Não é melhor atender?" Ele exibiu aquele mesmo sorriso para mim.

"Não, está tudo bem." Enfiei a mão no bolso para acabar com o barulho. "Sr. Philben, eu..."

"Reverendo Philben, senhorita..." Essa era a minha deixa, mas fiquei parada por uns três segundos, o raciocínio um pouco lento. Ele ficou esperando pacientemente que eu lhe dissesse por que estava ali.

"Eu me chamo Caroline Morrow", consegui dizer finalmente. "E

estou muito feliz por encontrá-lo aqui. Não quero atrapalhar sua rotina, mas estou procurando uma pessoa, uma velha amiga. Sylvia Dunham. Soube que ela é membro da sua... igreja." Olhei de relance para a moça. Ela continuava inclinada sobre a correspondência. O rapaz estava ao telefone, no outro lado. Eles não pareciam estar ouvindo.

Noah Philben ergueu uma das sobrancelhas.

"Interessante", ele disse, olhando para a porta da frente, avaliando minhas palavras. "Quer vir até o meu escritório?"

Ele apontou com o polegar para o corredor, na direção de uma porta nos fundos. Não havia a menor possibilidade de eu pôr os pés em um escritório nos fundos. Não com esse cara. Com ninguém. Qualquer coisa poderia acontecer. Tentei sorrir docemente, apontando para um banco no hall da entrada.

"Ah, não quero tomar muito do seu tempo. Não seria melhor conversar rapidamente, aqui mesmo?"

Ele deu de ombros e ergueu a mão na direção do banco. "Como preferir. Por favor."

Lentamente, eu me acomodei no banco, sem tirar os olhos do rosto dele, que continuou em pé. Imediatamente me arrependi de ter sentado, pois agora ele parecia dominar aquele espaço. Ele cruzou os braços e se apoiou na parede, ignorando o quadro de avisos que estava ao seu lado com as palavras *Venha orar conosco* em cartolina colorida.

"Como você conheceu a srta. Dunham?", ele perguntou, com aquele sorriso lento ainda pendurado no rosto.

"Eu a conheci quando era pequena, e estou viajando pela região. A trabalho. Ouvi dizer que ela é uma de suas paroquianas."

"Sim", ele disse, olhando diretamente para mim. Era evidente que não tinha a menor intenção de revelar qualquer coisa.

"Estou tentando falar com ela. Parece que não está em casa. Pensei que talvez alguém da igreja pudesse saber do seu paradeiro." De novo, meu tom de voz despreocupado. Eu jamais poderia ser atriz. Senti um aperto na garganta ao pensar no quanto era inadequada para uma tarefa dessas.

Noah inclinou-se para a frente. Por um instante, pensei ter visto um lampejo de ameaça em seus olhos, apesar de ter dito a mim

mesma que isso era coisa da minha cabeça. O sorriso desapareceu. Inclinei a cabeça para trás, contra o banco de madeira, dominada pela força de seu olhar. Então ele se endireitou e voltou a sorrir. Eu não saberia dizer se ele havia notado o efeito que tinha sobre mim.

"Não tenho ideia. Não a vejo há algumas semanas. Ela não costuma faltar... aos serviços. Só *o Senhor* sabe onde ela está. Mas, ahn... se tiver notícias, me avise, pode ser? É claro que me preocupo muito com meus paroquianos, como você disse. Adoraria saber onde ela está." Noah encostou-se de novo na parede, relaxado e frio como gelo.

"Claro, claro, certamente. Bem, obrigada de qualquer forma."

Havia alguma coisa em seu olhar que mexeu com meu estômago e eu comecei a suar frio. Senti um aperto no peito. Alguma coisa fez meu corpo entrar no automático, alguma coisa muito familiar. Eu sabia aonde ia dar aquilo e por algum motivo estava desesperada para evitar que aquele homem me visse entrar em pânico. Quase involuntariamente, dei um salto e fui em direção à porta, procurando a chave do carro no bolso.

Tive que engolir as lágrimas e sorrir timidamente, acenando um agradecimento e me despedindo ao abrir a porta de vidro que dava para o estacionamento. Os dois jovens continuaram o que estavam fazendo sem levantar a cabeça. Não sei se foi minha imaginação ou não, mas pensei ter ouvido Noah Philben rir quando dei as costas e saí. Foi um som áspero. Bruto e sem graça.

10

Tentei dormir na volta para casa, pois queria evitar um ataque de pânico causado pelo medo de voar, mas não conseguia tirar o desaparecimento de Sylvia Dunham da minha cabeça. Fiquei me perguntando se não deveria falar com Jim, deixar que ele assumisse e descobrisse seu paradeiro. Mas eu sabia que, legalmente, ele não teria motivo para procurar alguém, a menos que uma pessoa próxima a ela notificasse o desaparecimento. Afinal, ela poderia simplesmente estar fora da cidade.

Nunca fiquei tão feliz em ver meu prédio, depois de andar seis quarteirões desde o metrô. Arrastei minha mala pela entrada e senti o corpo todo começar a relaxar. Foi só nesse momento que percebi o quanto havia ficado estressada com aquela busca.

Então reparei em Bob, que estava gesticulando freneticamente. Ele colocou o dedo sobre os lábios e apontou para uma mulher que estava de costas em um canto, o telefone celular junto da orelha. Antes que eu pudesse entender o que Bob estava tentando me dizer, ela se virou e me viu.

"Sarah?", ela disse, hesitando ao desligar o celular. Podia jurar que Bob não entendeu nada ao ouvir esse nome.

"Tracy! Você veio", respondi, atônita.

Bob olhou para mim, depois para ela, sem conseguir disfarçar o choque. Eu morava naquele edifício havia seis anos e nunca havia recebido qualquer outra visita além dos meus pais e de Jim McCordy. E agora, ali estava no hall do prédio aquela pequena roqueira punk, com o cabelo pintado de preto e com mechas rosas escuras, uma jaqueta de couro cheia de tachas, meia preta e botas pretas de amarrar, com tatuagens e piercings por todo o rosto. E eu a conhecia.

Ao ver Tracy pela primeira vez após uma década senti tudo voltar de uma vez só. Tive que me apoiar na parede. Uma

avalanche de imagens soterrou minha mente. Os olhos de Tracy, encolhida no canto, recuperando-se da dor. Os olhos de Tracy, quando ela ria silenciosamente naquelas longas horas em que não tínhamos mais ninguém além de uma à outra, quando nossas conversas eram a única ligação com o mundo real, e éramos a única coisa que nos impedia de enlouquecer. E então a imagem final, aquela que sempre me vem à cabeça quando penso nela, os olhos de Tracy brilhando quando descobriu o que eu havia feito.

Aquele olhar estaria em seus olhos agora, perdido em algum lugar por trás do olhar opaco que demonstrava incompreensão? Imaginei que ela também devia estar lutando com suas próprias lembranças enquanto ficamos ali paradas naquele saguão, em um luminoso dia de maio, em meio a milhões de pessoas completamente alheias a um acontecimento monumental. Comecei a imaginar quantos outros encontros importantes e significativos estariam ocorrendo na cidade naquele mesmo instante. Mas haveria alguma coisa que pudesse ser mais importante do que aquela?

"Sarah", ela repetiu finalmente, o olhar penetrante, embora eu não soubesse com que tipo de energia.

Eu me aproximei, mas não cheguei perto demais, apenas o suficiente para que Bob não pudesse escutar e disse baixinho: "Caroline. Meu nome agora é Caroline".

Tracy deu de ombros, colocou o celular dentro da bolsa e disse, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo: "Podemos subir?". Ela apontou com a cabeça para o elevador.

Senti que Bob se aproximava pela minha esquerda, disposto a fazer alguma coisa para me proteger do que ele devia estar imaginando que fosse uma delinquente. Ele saiu de trás do balcão pronto para a luta.

"Está tudo bem, Bob. Ela é... uma velha amiga." Eu disse a palavra gaguejando e, mesmo sem olhar, podia sentir que Tracy havia estremecido. Relutantemente, peguei a direção do elevador. Eu esperava ter esse encontro em um lugar neutro, mas as coisas não seriam como eu queria. Bob retornou ao seu posto, mas eu sabia que ele não estava tranquilo com aquela situação. E nem eu.

Ficamos em silêncio ouvindo o velho mecanismo ranger

enquanto subíamos lentamente até o décimo primeiro andar. Então Tracy disse tranquilamente, como se estivesse falando consigo mesma: “Eu trouxe”.

Eu sabia exatamente o que ela estava querendo dizer e senti uma pontada aguda, rápida, de arrependimento por ter pedido isso.

Quando chegamos, Tracy percorreu o apartamento, examinando tudo. Eu não saberia dizer se ela havia gostado. Ela sorriu levemente ao jogar a bolsa na mesinha de centro.

“Tentando compensar?”, ela perguntou com um sorriso no canto da boca. Depois baixou a guarda e acrescentou, sem olhar para mim: “Sério, é bem legal, Sarah. Muito... tranquilizador”.

Continuei em pé, fazendo um breve relato da minha viagem até o Oregon e da tentativa de encontrar Sylvia. Não mencionei o fato de que essa havia sido minha primeira viagem em muitos anos e nem que havia jurado nunca mais voltar àquele estado.

Tracy ouviu tudo com a maior calma, como sempre. Era evidente que achava que eu estava sendo muito dramática em relação ao desaparecimento de Sylvia.

“Ela deve ter viajado”, Tracy falou assim que terminei. “E se você realmente acredita que ela desapareceu, o correto não seria procurar a polícia?”

“Ainda não me sinto apta a confiar na minha fantástica intuição investigativa.”

Tracy sorriu ao ouvir isso.

Então começamos a trabalhar na sala de jantar, espalhando nossas cartas em ordem cronológica sobre a mesa. Em cada caso, as datas dos carimbos dos correios eram sempre muito próximas. Peguei dois blocos de anotações e duas canetas novinhas. Sentamos e nos debruçamos sobre as folhas.

No início fiquei meio confusa diante daquele mar de tinta preta invadindo meu mundo imaculadamente branco, mas forcei a concentração. Só o raciocínio poderia nos salvar, pensei automaticamente, meu mantra do passado.

Comecei a fazer colunas no meu bloco, uma para cada uma de nós, e começamos a classificar as referências da melhor maneira possível. Sob o nome de Tracy eu escrevi, usando letras maiúsculas como Jennifer costumava fazer em nossos blocos de anotações, NEW

ORLEANS, ROUPAS, LAGO. Ela olhou para a folha e virou a cabeça. Imaginei que a palavra "lago" devia trazer lembranças dolorosas.

Li atentamente as cartas de Tracy, apavorada com o que poderia encontrar, mas também ansiosa. Por fim, encontrei algo que era uma referência clara a Jennifer e eu: "Um acidente e depois afogamento, rápido, em um mar de números". Sob o meu nome, anotei cuidadosamente as palavras ACIDENTE e MAR DE NÚMEROS. É claro. O acidente de carro que matou a mãe de Jennifer. Os diários. Ele havia descoberto tanta coisa, tão facilmente, enquanto éramos suas prisioneiras.

Estudamos as cartas por quase uma hora, até completar duas páginas com as colunas que fiz para cada uma de nós. Então Tracy endireitou as costas e suspirou. Ela me olhou nos olhos, mas desta vez sem qualquer ameaça.

"Elas não fazem nenhum sentido. Quer dizer, sim, as cartas falam de nós. Sim, ele gosta de nos atormentar com o que sabe. Parece que passa boa parte do tempo na prisão reprocessando lembranças por puro prazer. Mas em termos de valor interpretativo, tenho que dar a isto uma nota zero."

"É um quebra-cabeça", eu disse. "É uma espécie de enigma. Sei que podemos decifrá-lo, se usarmos a lógica. Se organizarmos estas ideias. Se..."

"... *se fizermos os cálculos*?" Tracy me interrompeu, tomada pela frustração. "Você acha que isso pode realmente ajudar? Você acha que tudo na vida pode ser organizado, agrupado e compreendido? Que todo o universo está organizado de acordo com uma lógica interior e que basta um pouco de análise estatística para resolvermos uma espécie de algoritmo filosófico? A vida não funciona desse jeito, Sarah. Pensei que já tivesse aprendido. Se três anos em uma masmorra não lhe ensinaram isso, então nada do que eu disser vai convencer você. Veja o que ele fez com a gente. As nossas cabeças são o enigma, não as palavras. Ele passou anos nos misturando e agora você acha que pode superar isso e aplicar os métodos que usava quando era adolescente para decodificar alguma mensagem oculta? Você também acha que ele usou alguma tinta invisível?" Ela se levantou repentinamente e foi até a cozinha. Eu fui atrás. Então ela começou a abrir as portas do armário da

cozinha, uma a uma, até encontrar o que estava procurando. Fiquei olhando, sem acreditar. Ela pegou uma caixa de cereal matinal e começou a rasgar.

"O que está fazendo?" Pensei que ela tivesse enlouquecido. Eu me afastei e comecei a calcular quantos segundos levaria para correr até a porta, abrir todas as travas e chegar ao elevador.

"Estou procurando o decodificador secreto, Sarah. Estou procurando a ferramenta secreta que possa resolver esse enigma para nós."

Ela deve ter visto a preocupação em meus olhos porque ao se virar para mim colocou a caixa no balcão e inspirou três vezes, lenta e deliberadamente. Depois colocou as mãos no rosto, com as pontas dos dedos massageando o couro cabeludo. Então abaixou as mãos e me encarou, os olhos secos, falando com uma nova firmeza na voz.

"Não somos nós que devemos examinar essas cartas. Você tem que mandar todas elas para McCordy, junto com seu gráfico. Ele tem que colocar os agentes dele para fazer isso. Eles têm técnicas e métodos e estratégias. Nós só temos uma porção de lembranças estropiadas que vão nos enrolar ainda mais."

Fiquei parada ao seu lado, olhando para uma pequena mancha no piso, do tipo que não adianta limpar, do tipo que, para acabar com ela, você precisa reformar a cozinha inteira.

Tracy sentou e olhou para mim, abatida. "Você conseguiu me dar um pouco de esperança, admito. Mas estou perdendo meu precioso tempo. Preciso ir embora daqui... Deixei o jornal nas mãos do editor assistente. Preciso voltar ao trabalho." Ela se levantou lentamente e começou a pegar suas coisas, dando outra olhada pela sala. "Sabe de uma coisa? Todo esse branco é meio sufocante."

"Espera." Por um segundo, quase recuperei meu instinto humano normal e levantei a mão para segurá-la, mas recuei ao pensar que tocaria a pele de alguém e recolhi a mão como se estivesse diante de uma fogueira. Eu queria que ela ficasse, mas não a esse ponto.

"Espera um pouco... seu jornal. Você escreve. Ele diz para 'estudar os ensinamentos'. Será que está falando do seu jornal, do seu trabalho? Ou está falando da Bíblia?"

Tracy não parou de mexer em suas coisas. Não sentou, mas apoiou o joelho na cadeira, com a mão que segurava o bloco de anotações parada no ar. Esperei, imaginando que ela iria me ignorar e disparar na direção da porta.

"Meu trabalho, não", ela disse devagar, pensando. "Todas as referências dele estão no passado, antes... antes, bom, você sabe. Não acredito que esteja na Bíblia — a conversão religiosa é uma farsa. Ele quer nos dizer outra coisa. E se for alguma coisa ligada aos 'ensinamentos' dele? Afinal, ele era professor. E se estiver falando de seu trabalho acadêmico? Alguma coisa relacionada com suas aulas, com a universidade?"

Tracy voltou a sentar, elaborando essa ideia. "Na verdade, isso é bem interessante, quer dizer, não tem nada a ver com as cartas", ela disse, enfaticamente, "mas fico imaginando se alguém já pensou nisso. Faz sentido se você acreditar, como eu, que ele estava testando suas próprias teorias psicológicas com a gente. Afinal, éramos como ratos de laboratório, de uma forma meio medieval."

Voltei a sentir alguma esperança, no mínimo porque essa ideia poderia levar a alguma coisa concreta. Nesse momento, com a esperança correndo em minhas veias novamente, percebi que esse era um caminho sem volta para mim. Eu não descansaria enquanto não fosse até o fim. Eu *tinha* que fazer aquilo.

Dei continuidade àquela linha de raciocínio. "Se vamos voltar à universidade, precisamos de Christine. Ela foi aluna dele em seu próprio departamento. Ela pode nos ajudar."

Tracy riu. "Até parece. Christine não vai querer se envolver com nada disso. Literalmente, nada. Ela fechou essa porta há muitos anos. Acho que nem temos como falar com ela e perguntar."

"Sim, nós temos." Eu me lembrei do que McCordy havia dito, talvez indiscretamente.

"Como?"

"Eu sei qual é a escola da filha dela."

Tracy ergueu a cabeça, interessada. Estava começando a pensar em como colocar nosso plano em prática.

"Hoje é quinta." Olhei para o relógio. "A aula deve terminar em uma hora."

"Muito bem. Vamos encontrar com ela na saída."

11

Não deixava de ser irônico o fato de estarmos indo encontrar Christine no Upper East Side, exatamente onde ela havia começado. Depois de tudo o que ela nos contou naquele porão, eu não conseguia entender por que teria voltado quando, no mínimo, tinha a chance de recomeçar sua vida. Talvez, depois de tudo o que passamos, ela tivesse decidido que precisava de alguma coisa familiar. Talvez não quisesse se arriscar de novo. Ela já havia tentado transformar sua vida antes e isso quase a matou.

Christine era filha única de um rico banqueiro de Manhattan com uma socialite. Cresceu no mais exclusivo dos mais exclusivos edifícios da Park Avenue, no coração de Carnegie Hill, em um apartamento clássico de nove cômodos, legado de geração a geração. A família passava os verões em Quoge e esquiava em Aspen no inverno. Era uma vida boa, isolada e tranquila, e Christine, uma criança obediente e sonhadora, passou a infância feliz, sem prestar muita atenção ao mundo que estava fora do seu enclave bem protegido.

Isto é, até completar dezesseis anos, e então tudo mudou. Foi o ano em que Christine descobriu como sua família mantinha sua posição na hierarquia econômica e social. O ano em que ela descobriu que todo o dinheiro e as facilidades proporcionadas por ele tinham minguado havia muito tempo, e que seu pai substituíra a negociação de produtos financeiros de alto rendimento por informações. Informações relevantes, confidenciais.

Ele foi acusado de ter informações privilegiadas a respeito dos demonstrativos de lucros de grandes empresas com ações de primeira linha antes de sua divulgação. E a cronologia de suas transações não parecia ajudar muito.

Ela acreditou no pai e ficou ao lado dele no primeiro momento, acompanhando o caso atentamente, fazendo perguntas, tentando

entender o complicado mecanismo das sofisticadas negociações financeiras. Mas quanto mais descobria, mais passava a acreditar, junto com o procurador-geral e o *New York Post*, que ele era culpado. Christine começou a ver Wall Street como uma espécie de clube, com seu próprio código de ética, que era muito diferente do que jamais teria imaginado, se algum dia tivesse se preocupado em imaginar. Além disso, aos poucos foi ficando cada vez mais claro que essas atividades ilegais eram consideradas normais por seu pai e pelos parceiros dele. E todas as vezes que a via arregalar os olhos diante de novas descobertas, ele lhe dizia para relaxar, que os negócios eram assim mesmo.

Mas Christine não conseguia aceitar isso. Certa noite, na varanda que dava para o plácido jardim interno do edifício, ela começou a chorar, dando-se conta de que o estilo de vida confortável com que se habituara fora construído sobre a fraude e a desonestidade. Não conseguia olhar para o belo apartamento, o carro luxuoso, o closet cheio de roupas de grife sem pensar no dinheiro sujo que comprara tudo aquilo.

Ela costumava acompanhar sua mãe nos brunches de domingo no Cosmopolitan Club e observava o salão lotado, com seus candelabros cintilantes, o serviço de prata reluzente e o tilintar dos cristais. Vestindo um suéter azul-claro que combinava com seus olhos, observava aquelas mulheres elegantes, cujos nomes figuravam nas listas das famílias mais proeminentes da elite americana. Agora ficava irritada com o modo como as mãos experientes delas manipulavam as xícaras de porcelana fina e o lábio rosado delas sustentava conversas mornas, educadas. Elas se portavam como se fossem merecedoras, como se todo aquele luxo fosse um direito natural, mas Christine se perguntava se todas haviam chegado ali como ela.

Mas Christine tinha o orgulho dela. Ia todos os dias para Brearley com a cabeça erguida, sem dizer uma palavra a quem quer que fosse a respeito de suas suspeitas. Olhava para a frente, sem piscar, ao passar pelos repórteres que se juntavam diante do prédio todas as manhãs. No entanto, depois da escola trancava-se no quarto e lia todas as matérias que eles publicavam, os olhos embaçados pelas lágrimas, ardendo diante da verdade que via impressa, preto no

branco, para o mundo ver.

No final, como Christine teria previsto se realmente soubesse como o dinheiro agia, seu pai saiu daquela situação relativamente ileso. A empresa pagou uma multa pesada e os advogados caríssimos conseguiram encontrar um funcionário de nível inferior para servir de bode expiatório, livrando-o da cadeia. A cobertura da imprensa foi amenizando com o tempo e a vida de seus pais voltou ao normal, com tudo se encaixando automaticamente ao que era antes. Esse tipo de coisa acontecia com certa frequência em seu círculo social, a ponto de ser considerado um incômodo menor, parte do jogo no mundo dos negócios. Uma manchinha. Um aborrecimento. Um revés inofensivo.

Mas aí já era tarde demais. Christine sabia a verdade e não conseguia superar.

Depois de lutar durante semanas com as implicações morais de sua situação, ela tomou uma decisão. Em menos de um ano poderia sair de casa e então daria as costas a essa vida privilegiada. Começaria do zero e faria sua própria trajetória no mundo. Jamais tocaria nos fundos de investimento ou em sua eventual herança. Colocaria tudo na mala e se tornaria uma nova pessoa.

Christine estava orgulhosa de sua decisão e à noite ficava deitada na cama pensando no que isso significaria para ela. Sabia que seria difícil. Muito difícil. Sabia que estaria abrindo mão de uma vida confortável em troca de trabalho duro e muita incerteza. Mas a sensação era boa.

Decidiu que faria uma transição tranquila, para poupar seus pais. Manteve a fachada de filha perfeita até o momento de ir para a faculdade, vivendo exatamente como vivia antes: trabalhando como voluntária na Junior League, participando do Baile Gold and Silver, ficando ao lado dos pais recatadamente, cumprimentando as pessoas, dizendo “por favor” e “obrigada” e sorrindo nos momentos apropriados.

Eles jamais perceberam a mudança que estava ocorrendo dentro dela.

Quando chegou a hora de escolher a faculdade, seus pais esperavam que seguisse a tradição da família e fosse para Yale. Mas

para Christine, até mesmo Yale parecia contaminada. Ela estava determinada a seguir seu caminho. Fechou os olhos e traçou uma linha no mapa, na direção oposta a Nova York. Terminou no Oregon. Isso pareceu a coisa certa para Christine — a maior distância possível da Park Avenue sem despencar no oceano Pacífico.

A mãe de Christine ficou horrorizada ao ver que sua filha iria estudar em uma faculdade de um estado em que nenhum de seus conhecidos tinha sequer uma casa de veraneio. Mas Christine conseguiu se impor e até obteve uma bolsa de estudos integral na Universidade do Oregon, graças aos prodígios da secretaria de Brearley. Apesar de terem cedido, seus pais talvez esperassem que depois de um semestre ela percebesse seu erro e fizesse a transferência para os salões santificados de Yale, onde ela deveria estar.

Mas assim que pisou na escola no Oregon, Christine sentiu um enorme alívio. Ficou felicíssima por estar sozinha. Tinha conseguido se desvencilhar daquele mundinho protegido e agora podia embarcar em uma jornada de reinvenção total.

No primeiro semestre, porém, foi obrigada a recorrer ao fundo de investimento. Retirou o mínimo possível, vivendo uma vida simples, e determinada a repor o dinheiro assim que pudesse. Comia macarrão instantâneo e sopa de pacotinho. Procurou seu primeiro emprego de meio período e aos poucos, lentamente, transformou-se em mais uma aluna no campus, de jeans e camiseta, vivendo em um quarto do dormitório com lençóis comprados em uma loja comum.

No Oregon ela conseguiu recuperar o abençoado anonimato que desfrutara na infância, antes do surgimento do escândalo financeiro. Parecia que ninguém havia lido as matérias do *Wall Street Journal* a respeito de seu pai, ou pelo menos ninguém reconhecia seu sobrenome. Ela nunca dizia quem era ou de onde vinha. Quando alguém perguntava alguma coisa, dizia que era do Brooklyn e que seus pais tinham uma loja.

Tudo poderia continuar correndo perfeitamente para Christine se ela não tivesse desenvolvido um interesse por psicologia no segundo ano, em especial por seu brilhante e dinâmico professor,

Jack Derber. Ela se inscreveu no curso por acaso, para cumprir uma exigência de ciências sociais. Mas foi fisgada no primeiro dia.

Ela nos contaria, ainda com vestígios daquela admiração inicial em sua voz, como ele praticamente enfeitiçava a classe, como os alunos ouviam extasiados enquanto ele fazia a Psico 101 parecer uma nova religião, ou pelo menos uma vocação profunda. Ele era carismático de uma forma hipnótica, tranquila, sua voz acalmava e fazia com que as pessoas aceitassem ideias que jamais haviam considerado antes.

No início de cada aula, ele se punha a caminhar de um lado para outro na frente da sala, as mãos cruzadas atrás, separadas apenas ocasionalmente para alisar o cabelo grosso, escuro, enquanto formulava seus pensamentos. A sala ficava cheia — alunos-ouvintes sentavam com as pernas cruzadas nos corredores e docentes de outros departamentos ficavam no fundo, em pé. Sobre a mesa, vários minigravadores. Em qualquer aula normal, os alunos conversariam, mexeriam nos seus papéis. Mas nas aulas do professor Jack Derber eles ficavam sentados em silêncio respeitoso, esperando pelas palavras que sairiam de sua boca, aguardando que sua voz poderosa ecoasse no ar. Quando ele finalmente começava, virando-se para encarar a multidão com seus olhos azuis penetrantes, suas palavras eram elegantes, concisas, brilhantes. Seus assistentes anotavam tudo furiosamente, sem querer perder nada.

Christine, em especial, vibrava com o que ele dizia, ficando após as aulas para fazer perguntas, trabalhando em projetos especiais, encontrando-se com ele em seu horário de trabalho. Virava noites preparando trabalhos para esse curso, lutando para dar vida aos seus textos, para fazer justiça ao fenômeno avassalador de suas aulas.

Ele, por sua vez, reparou em Christine imediatamente. Ela sentava na primeira fila e apesar de se esforçar para encobrir o brilho de sua criação opulenta, algo deve ter feito com que se destacasse. Algo que expôs sua linhagem, que revelou sua educação e altivez excepcionais. Algo que sugeria certa delicadeza de sentimentos por ter sido mimada a vida inteira. Algo que ele queria romper.

A intuição de Jack era muito apurada e ele deve ter percebido que ela estava se esforçando demais, que ficava perturbada na sua presença. Deve ter sentido que ela era até mais vulnerável do que os calouros. Talvez tivesse percebido que ela não ficava à vontade com os outros, que estava procurando um lugar na vida diferente daquele de onde viera. E acontece que ele tinha esse lugar.

Por isso, na metade do semestre ele lhe ofereceu uma posição bastante cobiçada: assistente de pesquisa. Christine ficou exultante. Não apenas trabalharia com um dos professores mais admirados do campus, como a remuneração significava que não precisaria mais recorrer ao fundo de investimento. Pela primeira vez em sua vida seria financeiramente independente. Esse era um grande passo para ela e descontou solenemente o primeiro cheque, orgulhosa de ter chegado até lá devido ao seu próprio esforço. Quase não conseguia acreditar.

Mas não demorou muito para que Jack decidisse que havia chegado a hora de Christine.

O trauma foi grande demais para que ela conseguisse nos contar os detalhes de como passou de assistente de pesquisa a prisioneira de Jack, mas lá estava ela antes do final do primeiro semestre, jogada naquele porão. Sempre nos perguntamos se ela tinha sido a primeira — se ele havia passado meses esperando exatamente pela vítima certa, até que Christine aparecesse — ou se era apenas o momento de ele capturar um novo conjunto de vítimas.

De qualquer maneira, ela acabou naquele porão, acorrentada à parede, passando os primeiros cento e trinta e sete dias sozinha no escuro, certamente arrependida por não ter ido para Yale.

Pois isso fazia parte da visão de Jack o tempo todo — observar enquanto ela mesma se torturava devido à profunda sensação de fracasso. Afinal, ela não havia conseguido viver por sua própria conta. Não o havia conseguido fora da bolha protetora dos über-ricos. Ao deixar o mundo rarefeito do Upper East Side, ela se revelara fraca e indefesa. E pagaria um preço absurdamente alto por ter saído.

Por isso passou os cinco anos seguintes ali embaixo, pensando, lembrando e lamentando.

Deve ter sido demais para ela, porque Tracy e eu a vimos

desmoronar naquele porão. Pouco a pouco, a escuridão foi tomando conta dela e não havia nada que pudéssemos ter feito, mesmo que quiséssemos. Nos últimos três anos ela sofreu um colapso total, que foi se aprofundando rapidamente perto do fim. Sua mente foi se deteriorando diante de nós.

Ela já havia deixado de dizer coisa com coisa — e isso era ainda mais perigoso para ela — muito tempo antes de parar de se cuidar. Não demorou muito para ficar suja e descabelada, o rosto coberto de sujeira do chão, tufos esparsos de cabelo embaraçado por toda a cabeça. Malcheirosa. E Jack não gostou.

Havia dias, porém, em que ela nos assustava tanto quanto ele, acocorada, murmurando coisas ininteligíveis no escuro. Ou enrolada no colchão, abraçando os joelhos, balançando de um lado para outro, os olhos fechados, a voz suave sussurrando coisas para si mesma durante horas.

Eu não tentava entender o que ela estava dizendo. Não queria saber.

Christine dormia muito e, sinceramente, era um alívio, porque quando estava acordada tínhamos de ter sempre um olho nela. Era cansativo. Impossível adivinhar quando haveria uma nova explosão de choro. Ou coisa pior. Às vezes eu achava que até mesmo Tracy, sua antiga protetora, parecia um pouco receosa do que ela poderia fazer. De qualquer forma, no final, nós duas procurávamos nos afastar o máximo que conseguíamos naquele espaço.

Se alguém tivesse me perguntado na época, eu diria que, de nós três, Christine era aquela que jamais se recuperaria. Sua psique havia sido atingida de tal forma que jamais teria conserto. Eu diria que ela ficaria completamente arrasada após aquela experiência e que jamais conseguiria ter uma vida minimamente normal se conseguisse sair viva.

Só para mostrar que não dá para prever. Jamais me enganei tanto com alguma coisa em minha vida.

12

Tracy e eu chegamos à escola Episcopal de Nova York, um prédio imponente e muito bem conservado. Um mar de crianças adoráveis e perfeitas começou a passar pela porta, acompanhadas por babás e esposas-troféus. Uma fila de carrões pretos esperando junto ao meio-fio.

Nós nos aproximamos para observar melhor, mas não chegamos perto demais para não assustar os funcionários. Contudo, Tracy atraiu alguns olhares e por isso atravessamos a rua, fingindo que conversávamos.

"Você a viu?", eu perguntei, de costas para a perfeição do Upper East Side.

"Não. Ela provavelmente manda uma das babás pegar os filhos", Tracy comentou, irritada.

"Ela tem mais de uma babá?"

"Acho pouco provável. Estou apenas especulando. Espera... Acho que ela está chegando. Não dá pra ter certeza porque essas mulheres parecem todas iguais. Venha, vamos tentar falar com ela antes que chegue até a escola."

Fomos correndo pela calçada e quando conseguimos alcançar Christine estávamos sem fôlego. Devíamos estar parecendo duas malucas, o rosto vermelho, com dificuldade para respirar. Instintivamente, ela deu um passo para trás quando paramos de repente diante dela.

Seu cabelo era de um tom de louro dourado deslumbrante, como eu nunca tinha visto, e a pele de seu rosto, que sempre pareceu translúcida, agora tinha um brilho saudável. Seus dentes agora eram perfeitos e os olhos de um azul muito vivo pareciam ter sido pintados para causar efeito. Ela estava inacreditavelmente esbelta e a roupa informal era impecável, como se tivesse acabado de sair da vitrine de uma loja da Madison Avenue. Olhei consternada para as

roupas com que havia chegado de viagem naquela manhã: calça jeans, camiseta e um moletom com capuz.

"Christine!", Tracy falou triunfante, parecendo quase feliz pelo encontro depois de tantos anos. Senti uma pontada, como se fosse ciúmes, que desapareceu rapidamente quando vi que Christine definitivamente não sentiu a mesma coisa.

"Como deve saber, não uso mais esse nome", ela disse, erguendo a cabeça, a voz arrogante.

"Está certo", Tracy respondeu. "Vivo esquecendo essa besteira dos nomes. Como é que você se chama agora? Muffy? Buffy?"

Christine olhou pra Tracy de alto a baixo, evidentemente irritada.

"Meus amigos me conhecem como Charlotte. Sério, Tracy, por que você não volta para aqueles seus protestos, ou coisa que o valha, e me deixa em paz? E você...", ela se virou para mim e, sem conseguir encontrar as palavras, voltou-se imediatamente para Tracy. "Estou surpresa por ver as duas juntas."

Resolvi que era melhor ir direto ao ponto. "Jack tem uma audiência para conseguir a liberdade condicional em quatro meses..."

Christine ergueu a mão, interrompendo o que eu estava dizendo. "Não quero ouvir. Não me importa. De verdade. Já disse ao McCordy que é problema dele, que a justiça faça o que tem que fazer. Se eles não conseguem manter um louco delirante preso numa camisa de força em uma sala acolchoada, é porque são incompetentes e nada do que eu diga ou faça poderá ajudar. Não quero ter nada a ver com isso."

"Você não se importa se ele conseguir a liberdade?", Tracy questionou. "Você não tem filhas? Não se preocupa com elas? Você leu as cartas dele? O sujeito continua obcecado por nós. E se ele aparecer na sua porta quando for solto? Eu não acho que elas gostariam de ver o cara aparecer na entrada da escola Episcopal."

Christine olhou fixamente para Tracy, a voz firme.

"Não, é óbvio que não li qualquer carta daquele monstro. Eu disse ao McCordy que podia ficar com elas. Você acha que eu iria querer aquilo na minha *casa*? E quanto às minhas filhas, se for preciso contrato um guarda-costas para cada uma. Mas não acho

que seja uma preocupação realista. Jack pode ser louco, mas não é idiota. Não acredito que ele tenha gostado de ficar preso. E agora, me desculpem...” Ela deu um passo para se afastar de nós, mas Tracy pulou na sua frente.

“Ótimo. Você não quer nada com isso. Entendemos. Mas diga uma coisa: se voltarmos para a universidade, para falar com as pessoas de lá sobre o trabalho e a vida dele, quem você acha que devemos procurar? O que podemos fazer lá?”

Christine ficou parada. Pensei que fosse virar na direção oposta e sair correndo, mas não. Em vez disso, olhou para nós, como se finalmente nos reconhecesse como membros de sua espécie. Estaria se permitindo lembrar? É óbvio que não poderia ter apagado tudo completamente como queria fazer parecer. Não podia ser tão forte, estar totalmente recuperada, pronta para lidar com qualquer coisa, incluindo a liberdade de Jack. Mas Christine sempre fora uma pessoa de extremos, imprevisível de um modo que me deixava pouco à vontade.

Pensei ter visto um rápido lampejo de tristeza em seu rosto, então ela fechou os olhos e seus lábios tremeram levemente. Quando abriu os olhos, balançou os ombros em sinal de resignação.

“Bem, que tal a mulher que testemunhou no julgamento? Aquela que era assistente dele quando estávamos lá? Ela agora é professora, não? Aline? Elaine? Adeline? Algo assim.”

Então Christine havia acompanhado o caso. Sabia um pouco mais do que havia deixado transparecer. Tracy estava balançando a cabeça. Peguei meu bloco de anotações e comecei a escrever.

Christine fez uma pausa. “E tem uma coisa em que fiquei pensando nestes anos todos. Acho que chegou a hora de falar disso. Jack tinha o que poderíamos chamar de um amigo. Eu o vi algumas vezes na cafeteria com outro professor do departamento, o professor Stiller. Nunca frequentei as aulas dele, mas eles pareciam se dar bem. Quer dizer, pode ser que não seja nada, mas...”

“Obrigada, C”, Tracy respondeu, dirigindo-se a ela da maneira que costumava fazer no porão. “Já é alguma coisa. Sinto muito... Sinto muito que nós...”

“Não importa... Boa sorte.” Por um instante ela pareceu estar

cedendo. Mas então se endireitou novamente e disse baixinho: “Mas por favor, me deixem fora disso”.

Christine se afastou e caminhou na direção de outra mãe, igualmente elegante, cumprimentando-a com um beijo no ar. As duas começaram a conversar alegremente, como se o passado sombrio e secreto de Christine não tivesse acabado de trombar com ela na calçada.

13

A primeira vez que tive permissão para subir foi quase mágica. Estava presa havia um ano e dezoito dias quando finalmente fui agraciada com essa honra. Eu estava começando a acreditar que morreria naquele porão sem jamais voltar a ver a luz do sol, algo além daquele fio de luz que passava pela fresta da janela. Quase não me importava o motivo para estar sendo levada escada acima, acorrentada, contando os degraus na minha cabeça.

Lembro a minha surpresa quando vi pela primeira vez a área residencial da casa. Eu tinha imaginado, não sei por que razão, um estilo anos 1970. Na verdade, apesar de não serem novos, os móveis eram classicamente agradáveis, algumas antiguidades pesadas do período imperial, muita madeira escura e teto alto como de uma catedral. Classe média alta, sem dúvida. Bem projetada. De bom gosto.

O espaço parecia ter um brilho etéreo, como uma brisa leve entrando delicadamente pelas janelas abertas. O ar estava úmido. Das folhas ainda pingavam as gotas da chuva leve que caíra pouco antes. Eu havia passado por períodos sem comida e por noites acompanhada por choques elétricos. Ficara pendurada nas posições mais absurdas durante horas, até a dor e a queimação nos músculos beirarem o insuportável. Mas quase consegui esquecer tudo isso ante o delicioso prazer de sentir o ar na minha pele novamente. Olhei para Jack Derber com gratidão. É isso o que ele fazia conosco.

Ele não falou comigo, apenas me puxou por um corredor com várias portas. Quase sem virar a cabeça, com medo de parecer que estava oferecendo qualquer resistência, espiei a cozinha que ficava nos fundos da casa, imaculadamente limpa, alegre até, com um pano de prato florido pendurado na borda da pia.

Por algum motivo, isso chamou minha atenção. Aquele pano

delicado, que ele devia ter usado para enxugar os pratos cuidadosamente e, eu sabia, meticulosamente... ele... a mesma pessoa que me fizera sofrer tanto, que havia roubado minha vida e me jogado naquele inferno também enxugava e guardava a louça todas as noites. Minha impressão era a de que ele vivia de acordo com uma rotina metódica, organizada, e que nosso castigo era apenas uma parte dela. Para ele, uma parte normal de um dia normal, e quando terminava o fim de semana ele pegava o carro e voltava para o campus da faculdade e dava suas aulas como se nada tivesse acontecido.

Naquela primeira vez, ele me levou até sua biblioteca. O lugar parecia enorme, com o pé-direito alto e as paredes ocupadas por estantes de carvalho, as prateleiras cheias de livros. Cada um dos volumes tinha uma sobrecapa branca, por isso não dava para saber muita coisa sobre eles a partir das lombadas. Havia um critério para a classificação deles mas, apesar de ter subido várias vezes nos meses seguintes, e de ter olhado para eles tentando esquecer a dor que ele me infligia naquela sala, não consegui decifrar os títulos. Parecia que eu havia perdido a capacidade de ler.

No meio da sala havia uma estrutura de madeira que depois descobri ser uma reprodução de um instrumento medieval de tortura. Estava montado como se fosse um objeto de decoração, uma brincadeira. Mas não era brincadeira alguma. Quando estávamos lá em cima, éramos colocadas ali.

Em um dia bom, ele simplesmente fazia o que queria com nosso corpo. E podíamos morder o lábio ou gritar ou fazer o que fosse preciso para suportar a dor e a humilhação.

Em um dia ruim, ele falava.

Havia alguma coisa em seu jeito de falar, alguma coisa no modo como ele modulava o tom da voz, capaz de fazer qualquer uma acreditar desde o primeiro instante que ele estava cheio de empatia e simpatia com seu drama. Que ele realmente odiava ter que fazer todas aquelas coisas desagradáveis conosco, mas que não tinha escolha. Precisava continuar, pelo bem da ciência, por seus estudos. Ou às vezes que era pelo nosso bem, para que pudéssemos entender algo que estava além do mundo físico.

Talvez eu não fosse inteligente o bastante naquela época, ou não

tivesse lido o suficiente para compreender o que ele dizia, mas agora eu entendia algumas das referências feitas naqueles discursos longos, desconexos: Nietzsche, Bataille, Foucault. Ele falava muito a respeito de liberdade, e me fazia gritar essa palavra sempre que a dizia, mesmo nos dias em que eu jurava a mim mesma que ele não conseguiria arrancar uma única lágrima. Sou mais forte do que isso, eu dizia a mim mesma. Na maioria dos dias eu não fui muito forte. Mas no final acho que fui.

Com o tempo, adquiri a sensação de que ele não era movido por um impulso incontrolável. Para ele, a tortura era apenas algo fascinante. Ele ficava pasmo com o resultado, com as nossas reações. Enquanto nos contorcíamos, ele estudava, sim, estudava, por quanto tempo conseguíamos controlar o choro. Queria entender por que nos esforçávamos tanto para que ele não nos visse chorando. Fazia perguntas. Sondava. E ainda assim tínhamos medo de contar a verdade a respeito de qualquer coisa.

Ele sabia que as mudanças arbitrárias nos desarmavam e nos enchiam de medo. Gostava de ver o medo. Alternava os papéis rapidamente, de padre confessor a maníaco diabólico. Às vezes ria alto, de pura alegria, quando via o medo penetrando em nossos olhos.

E era impossível esconder tudo o tempo todo. Ele descobriu rapidamente o quanto eu estava sofrendo por causa de Jennifer. Sem saber o que podia estar passando por sua cabeça durante todos aqueles dias dentro da caixa, eu queria perguntar como é que ela estava aguentando, mas não queria mostrar a ele o quanto me importava com ela e por isso não disse nada durante vários meses. É claro que ele sabia. Sabia o quanto éramos próximas, que não éramos apenas duas colegas de quarto dividindo um táxi naquela noite. Talvez ele tivesse conseguido fazer com que Jennifer revelasse alguns detalhes, ou talvez ela tivesse gritado por minha ajuda quando estava sendo torturada. Nunca saberei.

Mas ele sabia o bastante para usá-la contra mim. Ele fazia perguntas, como se estivesse esperando que eu fizesse uma escolha nobre, aguentasse um pouco mais de dor, um corte um pouco mais profundo, se isso fosse ajudá-la. E era o que eu fazia. Aguentava o máximo que podia, apertava os olhos cada vez que a lâmina

chegava perto da minha pele, que mal tinha cicatrizado. Quando eu finalmente implorava por misericórdia, ele olhava para mim decepcionado, como se eu estivesse admitindo que não a amava o bastante, como se não fosse capaz de protegê-la do que ele, infelizmente, teria que fazer com ela.

Comecei a me odiar por causa da minha fraqueza. Odiava meu corpo pelo que não conseguia aguentar. Eu me odiava por suplicar e me rebaixar diante daquele homem. À noite, sonhava que era um demônio e esmagava o rosto dele, gritando, tomada por uma grande força.

Então, depois de dias passando fome, quando ele chegava e me dava um pouquinho de comida com suas próprias mãos, eu lambia seus dedos como um animal, vorazmente, agradecida e patética — implorando novamente.

14

No fim, acabei voando para Portland sozinha, pela segunda vez em poucas semanas. Tracy perdera a fé no projeto de novo ou talvez estivesse perdendo a coragem. De qualquer maneira, ela deu uma desculpa sobre o trabalho e acabou voltando de carro para Northampton naquela mesma noite. Talvez no fim das contas só eu fosse forte o bastante para revisitar aquelas lembranças. Esse pensamento quase me animou, pois a cada dia eu me sentia um pouco mais preparada para a tarefa, um pouco mais determinada, apesar de não estar mais próxima do que estivera no início.

Havia alguma coisa nessa busca que me dava a sensação de ter um objetivo e, pela primeira vez em dez anos, fazia com que eu sentisse que não estava abandonando Jennifer. Eu sabia que, se conseguisse encontrar seu corpo para que descansasse naquele pequeno cemitério de Ohio junto com as pessoas de sua família, toda aquela experiência pareceria menos chocante. Muitas pessoas morriam jovens. Eu quase conseguia aceitar sua morte, mas o que eu não conseguia aceitar era a maneira como a perdera. E agora, a única forma de deixar aquele porão no passado seria encontrando seu corpo.

Eu me hospedei no mesmo hotel de Portland. Tinha ficado impressionada com o sistema de segurança; além disso, eles foram muito prestativos quando pedi um quarto no último andar. A recepcionista se lembrou de mim e cancelou o serviço de quarto durante minha estadia. A última coisa que eu queria era alguém batendo à porta, entrando no meu quarto e mexendo nas minhas coisas.

Na manhã seguinte fui de carro até a universidade. Eu havia feito uma pesquisa na internet e sabia mais ou menos onde encontrar as duas pessoas com quem precisava falar.

O nome da primeira era Adele Hinton. Tenho certeza de que

Christine se lembrava do nome correto, mesmo que jamais admitisse estar familiarizada com qualquer coisa ligada ao julgamento.

Adele era caloura quando Christine já estava no segundo ano; por isso, quando Adele se inscreveu no curso de Jack, Christine já estava no porão. Ela foi assistente de pesquisa de Jack durante dois anos, até o dia em que ele foi preso pelo FBI no meio de uma aula para trezentos alunos. É claro que isso foi um grande choque para os alunos, e a universidade teve um bocado de trabalho, com a imprensa e no campus, para minimizar o estrago. Para outras pessoas, entre outras coisas, foi um grande desastre de RP.

Eu me lembrava de que durante o julgamento os promotores ficaram bastante surpresos, e talvez até um pouco impressionados, com o fato de que Adele não só continuou no curso — as outras alunas do departamento pediram transferência imediatamente — como não perdeu nenhuma das outras aulas durante o período do julgamento.

Alguns anos depois, ela aceitou a cátedra deixada por Jack Derber e que ninguém havia ocupado desde sua saída. Na época achei um pouco estranho, mas tinha outras coisas com que me preocupar. Agora eu me perguntava como é que essa mulher tinha conseguido se manter tão imune ao horror daqueles acontecimentos. Ela não parecia ter qualquer receio, segundo o que ouvi os advogados dizerem. Não parecia ter se dado conta do quanto estivera próxima da morte, trabalhando tão estreitamente com ele em suas pesquisas, ficando até tarde da noite no laboratório com ele.

E mesmo agora, parecia que havia construído sua carreira com base nos mesmos tipos de perversões doentias que aprendera com Jack Derber. No site da universidade descobri que ela era especialista em psicologia anormal. Ela estudava pessoas com problemas de desvio de comportamento, com desenvolvimento mental atípico. Quer dizer, pessoas que faziam coisas horríveis com outras pessoas — esse era o grupo que a interessava.

Enquanto me dirigia ao departamento de psicologia, eu a vi sair do edifício do outro lado da quadra carregando uma pequena pilha de livros. Eu a reconheci pela foto da página na internet, apesar de parecer mais bonita pessoalmente. Na verdade, ela era

deslumbrante. Alta, o longo cabelo castanho caindo nas costas, parecia mais uma aluna do que uma professora. Caminhava com um ar confiante, mexendo os quadris propositalmente, o queixo saliente um pouco à frente, provocante. Tive que correr para alcançá-la.

"Desculpe. Você é Adele Hinton?"

Ela continuou andando, talvez pensando que eu fosse uma aluna. Se fosse isso, era evidente que não estava interessada em uma troca de ideias ali fora. Essa mulher era ocupada.

"*Professora* Hinton."

Dessa vez eu tinha me preparado. Havia criado uma história enquanto fazia minha pesquisa na internet do hotel e me sentia pronta. Eu me aproximei um pouco mais.

"Meu nome é Caroline Morrow e sou doutoranda no departamento de sociologia." Falei apressadamente. Sabia que as palavras pareciam ensaiadas e que depois ela poderia verificar se o que eu estava dizendo era verdade, mas continuei, esperando descobrir o que precisava rapidamente. Adele continuou andando. Mas eu sabia como chamar sua atenção.

"Minha tese é sobre Jack Derber."

Ouvindo isso, ela parou imediatamente e me olhou cautelosamente.

"Não tenho nada a dizer sobre isso. Quem é seu orientador? Quem quer que seja, deveria saber que não deveria mandar você falar comigo." Ela ficou parada, esperando, como se todas as suas ordens fossem obedecidas sem questionamento. Eu não previa uma resposta desse tipo, não imaginava que o nome dele pudesse provocar uma reação dessas, considerando a força que havia demonstrado anos atrás.

Eu achava que poderia evitar dizer quem eu era. Queria ter a proteção emocional do anonimato. Sem mencionar que minha trágica história de vida poderia desviar o foco; era um espetáculo à parte, do qual não queria participar pela milionésima vez. Mas eu podia ver a desconfiança nos olhos de Adele. Ela podia não ter acreditado na minha história ou podia estar pensando em ir até a secretaria da universidade para dar um fim no meu projeto inexistente.

Congelei. Ela estava esperando uma resposta, que eu não tinha. Em dez anos, não havia contado a ninguém quem eu era realmente. Detestava me esconder daquele jeito, por trás de um nome inventado, mas me sentia mais segura assim.

No entanto percebi que com Adele não iria funcionar. O nome de Jack havia tocado em um ponto muito sensível. Eu tinha que me livrar da máscara em nome de Jennifer. Dessa vez eu não tinha um Plano B.

Respirei profundamente.

"Meu nome verdadeiro não é Caroline Morrow. E também não sou aluna daqui. Eu me chamo Sarah Farber." Fiquei surpresa com o bem-estar que senti ao dizer essas palavras em voz alta, apesar das circunstâncias.

Adele pareceu chocada; era óbvio que havia reconhecido meu nome imediatamente. Fiquei imaginando que tipo de lembrança meu nome poderia ter evocado. Por um instante ela pareceu indecisa — mas apenas por um instante. Então, calmamente, ela colocou os livros no chão e se aproximou de mim.

"Prove."

Eu sabia exatamente como. Levantei a blusa e abaixei a cintura da calça para que ela pudesse ver meu quadril esquerdo. Ali estava a cicatriz avermelhada na minha pele, a marca.

Adele engoliu em seco, inclinou-se e pegou seus livros rapidamente. Quase acreditei ter visto um lampejo de medo em seus olhos, mexendo de um lado para outro, como se aquele passado estivesse atrás de mim, fisicamente, e Jack pudesse sair de repente da minha cabeça e se materializar à sua frente, como uma espécie de deus grego.

"Venha comigo." Ela caminhava depressa, sem dizer uma palavra, os olhos fixos à frente. Durante os anos de reclusão perdi um pouco da capacidade de entender as expressões humanas e agora essa perda se fazia sentir com mais força. Eu não conseguia sequer imaginar o que ela estaria pensando. Mas seria um problema meu? Ou havia algo a respeito dessa mulher que a tornava impenetrável para qualquer pessoa? Seu rosto parecia ter sido esculpido em pedra.

"Como... como vai você?", ela finalmente perguntou, rígida, sem

qualquer sinal de pena ou compaixão, como se tivesse acabado de lembrar que deveria mostrar pelo menos um pouco de humanidade.

Apesar da profunda falta de simpatia, a pergunta me fez sorrir aliviada. Eu conhecia esse tipo de conversa de cor. Na verdade, durante anos, isso era tudo o que as pessoas me perguntavam. Eu havia memorizado todas as respostas.

"Eu? Estou bem. Nada que dez anos de terapia e reclusão autoimposta não pudessem resolver."

"É mesmo?" Ela se virou para mim, parecendo repentinamente interessada. "Sem ansiedade? Depressão? Sem flashbacks ou suores noturnos?"

Desviei o olhar, diminuí o passo. "Não é por isso que estou aqui. Não se preocupe, tenho uma equipe de apoio profissional. Vou sobreviver. Ao contrário de Jennifer."

Ela concordou com a cabeça, sem tirar os olhos de mim, entendendo talvez que eu não estava nada bem, mas sem me pressionar.

"Então o que é que você veio fazer aqui?"

"Quero encontrar o corpo de Jennifer. Quero provar que Jack a matou, para que ele não consiga a liberdade condicional."

"Liberdade condicional? Eles vão dar liberdade condicional a Jack Derber?" Por um instante ela pareceu realmente chocada, mas logo se recompôs.

"Talvez", eu respondi. "Não sei. Não quero que isso aconteça. Mas acho que tecnicamente é possível."

Adele assentiu com a cabeça, olhando para longe, pensando.

"Isso seria a pior coisa do mundo", ela disse finalmente. "Eu ajudaria, se pudesse. Aquele homem merece ficar trancado para sempre. Mas não tenho qualquer informação nova a respeito dele. Contei tudo para a polícia na época."

Nesse momento chegamos aos degraus do prédio de psicologia. Ela parou e depois fez um gesto para que eu entrasse com ela. Senti que essa era minha primeira vitória.

Seguimos pelo corredor até sua sala. Ela não disse uma palavra, e eu a segui obedientemente.

Ao chegar nos sentamos, ela atrás da mesa e eu em um pequeno

sofá gasto à sua frente.

"Na verdade", eu comecei, "não espero que se lembre de nada do passado. Eu gostaria mesmo é de falar a respeito do trabalho acadêmico de Jack. O que ele estava estudando na época, sua pesquisa. Acho que isso poderia levar a alguma coisa nova. E sei que você era assistente dele e que seu trabalho agora parece... relevante."

Eu não sabia como terminaria aquilo. Mas ela estava começando a me deixar nervosa. Ela se limitou a olhar para mim. Talvez estivesse pensando. Talvez estivesse apenas desejando que eu fosse embora dali.

Passei os olhos pela sala, tentando evitar seu olhar. O lugar era absurdamente limpo e organizado. As prateleiras ocupadas com livros em ordem alfabética, os cadernos de anotações empilhados e organizados com marcadores coloridos. De certa forma, era fascinante. Por fim, ela falou: "A pesquisa dele? Não acredito que você encontrará qualquer coisa ali. Era um trabalho altamente teórico, com temas variados. Ele examinou várias áreas, mas imagino que teve o cuidado de não estudar temas que pudessem revelar seu lado negro. Quando o prenderam, estava planejando uma pesquisa sobre distúrbios do sono. Trabalhamos juntos no último artigo que ele publicou, 'Insônia e envelhecimento'.

"O meu trabalho não tem nada a ver com o dele, ele tomou esse rumo somente porque estou tentando entender Jack Derber e pessoas como ele. Acho que escapei por pouco de algo e quero entender exatamente o que foi isso."

Ficamos sentadas em silêncio por alguns instantes, enquanto eu tentava pensar em algo para perguntar; ela esfregou as sobrancelhas, perdida em seus pensamentos. Eu estava decepcionada. Tinha a esperança de que o trabalho que ele havia publicado revelasse alguma coisa, que ele tivesse deixado uma pista sem querer. Mas talvez esse fosse outro beco sem saída.

Quando eu estava começando a sentir o desânimo tomar conta de mim novamente, ela se levantou e, olhando rapidamente para o corredor, fechou a porta da sala. Cruzou os braços na frente do corpo, quase na defensiva, e começou a falar, dessa vez de maneira vacilante, as costas encostadas na porta.

“Escute, o que eu lhe disse antes não é inteiramente verdadeiro. Acho que posso ter algo útil.” Ela parou. Parecia estar lutando para encontrar as palavras certas. “Quando fazia minha pesquisa acadêmica, descobri algo a respeito de Jack. Pode parecer um pouco estranho, mas estou me perguntando: quanto você acha que pode aguentar?”

“O que você quer dizer com ‘aguentar’?” Eu estava com medo do que ela queria dizer. Não estava gostando do rumo da conversa.

“Quero saber como é que você está realmente, qual o seu estado? E o quanto você quer mesmo isso? Porque eu tenho uma ideia. Quer dizer, se isso ajudar a mantê-lo trancado. Há um lugar que posso mostrar.

“Veja bem, meu trabalho é muito voltado para a pesquisa de campo, baseado na observação dos sujeitos em seu ambiente natural. Faz alguns anos que estou realizando um estudo longitudinal, etnograficamente focado em um determinado local. E descobri, meio por acaso, que esse lugar tem uma ligação antiga com Jack Derber. São coisas... pessoas... eu não sei... é um tiro no escuro. Mas imagino, sabendo o que sei a respeito de Jack, que é isso o que você está fazendo.”

“É verdade.” Eu tinha esperança, apesar de estar apreensiva.

“Hoje é quinta-feira. Infelizmente, é a melhor noite. Espero que não tenha outros planos — caso contrário terá que esperar mais uma semana.” Ela pegou seu celular e os dedos deslizaram pelo aparelho. “Se eu lhe der um endereço, pode me encontrar lá à meia-noite? Fica um pouco... fora do caminho. E sinceramente”, ela me encarou por trás dos cílios espessos, estudando meu rosto enquanto falava, “posso lhe garantir que você vai ficar bastante assustada. Talvez recorde um pouco do seu trauma. Mas o lado positivo, terapêutico, é que pode não ser a pior coisa do mundo pra você.”

“Que lugar é esse, exatamente?” Fosse o que fosse, eu sabia que não gostaria. Além disso, não vou a lugar nenhum à meia-noite. Ponto. Muito menos a qualquer lugar que possa me assustar.

“É um clube, um tipo de clube muito especial. Venho estudando os efeitos e influências psicológicas dessa... subcultura. Ele costumava ir lá.”

Respirei profundamente. Eu podia imaginar que tipo de lugar Jack Derber poderia frequentar. E que tipo de subcultura Adele poderia estar estudando, considerando suas inclinações intelectuais.

"Está certo. Um clube especial. Entendo o que você está sugerindo. Mas não me parece que seja uma boa ideia pra mim, terapeuticamente ou não."

Ela colocou o celular na mesa e se inclinou, olhando-me diretamente nos olhos. Assentindo com a cabeça, falou lentamente, com um tom de voz acima do normal, como se estivesse falando com uma criança.

"Está certo. Está tudo bem. Talvez você não esteja preparada. Imagino que seja difícil pra você ir a um lugar como esse. Entendo perfeitamente."

Pode ter sido minha imaginação, mas eu jurava que havia um tom de desafio em sua voz. Afinal de contas, ela era professora de psicologia; mesmo sem a prática clínica, conhecia os truques da profissão. Sabia como apertar os botões.

Minha cabeça começou a girar, como se eu tivesse acionado o replay de uma cena ruim da minha outra vida. Será que eu suportaria um corte mais fundo, mais sofrimento? Será que eu conseguiria salvá-la? O rosto de Jack surgiu diante dos meus olhos por um segundo apenas. Nesse momento, apesar de estar preso a quilômetros de distância, ele estava vencendo novamente. Mais uma vez, eu não conseguia suportar a dor, não conseguia suportar o medo. Virei para Adele, olhando-a nos olhos, reunindo toda a minha coragem embora meu coração estivesse acelerando loucamente.

"Que tipo de roupa devo usar?"

Ela sorriu, parecendo quase orgulhosa de mim. "Ótimo. Você certamente fez grandes avanços." Ela me examinou de alto a baixo, avaliando, com certeza, o triste estado da minha roupa. "Eu levo alguma coisa. É importante que você consiga se integrar ao ambiente. A última coisa que queremos é nos destacar no meio daquela gente. E garanto que você não deve ter nada apropriado para aquele lugar."

15

Naquela noite, sentada no banco do carro no estacionamento do hotel, eu me arrependi daquela decisão como nunca havia me arrependido de algo em toda a minha vida. Fiquei falando sozinha em voz alta, tentando controlar mais um ataque de pânico. Antes de tudo porque, pela primeira vez em muitos anos, eu teria que dirigir à noite. Adele até se oferecera para me pegar, mas eu não entrava em carro de estranhos. Qualquer que fosse a situação.

Mas se o fato de dirigir não fosse o suficiente para forçar meus limites, o "destino" certamente era. No mínimo, um lugar escuro e cheio de gente e, pelo tom da conversa, exatamente o tipo de gente que passei a vida tentando evitar.

Segurei o volante com força e bati a cabeça de leve nele várias vezes. Não conseguia acreditar que Tracy não estivesse ali comigo. Era exatamente por isso que eu precisava que ela tivesse vindo. Ela ficaria à vontade. Provavelmente frequentava lugares assim para se divertir.

Comecei a sentir a raiva aumentar e de repente me lembrei de como estava me sentindo pouco antes de fugir. Não havia pensado muito nisso enquanto estava no porão, estava concentrada demais no meu objetivo. Mas agora, sozinha naquele carro alugado, parado no estacionamento deserto, alguma coisa despertou dentro de mim. Tracy sempre fez com que eu me sentisse culpada por tudo o que fiz na época. Mas na verdade, *toda a responsabilidade havia caído nas minhas costas*. Apesar da tirania, apesar de toda a liderança naquele porão, ela nunca fez nada produtivo para nos tirar de lá. E eu fiz. Eu fiz. E agora só conseguia me sentir culpada por isso.

Ali estava eu, tendo um insight, e nem sinal da dra. Simmons. Para ser sincera, eu sabia que ela havia tentado me mostrar isso sutilmente durante anos em nossas sessões, mas preferi ignorar. E agora ali estava eu, provavelmente diante da situação mais terrível

que precisava enfrentar desde a minha fuga, rompendo uma barreira psicológica. Talvez Adele estivesse certa: em termos terapêuticos, essa experiência era boa para mim.

Eu me endireitei no banco e tirei da carteira a foto de Jennifer. Dobrei a borda da foto, abri o porta-luvas e depois o fechei, com a foto pendurada. Ali estava Jennifer, diante de mim, como um anjo, me dando forças para continuar. Olhei pelo retrovisor e virei a chave na ignição. *Sou mais forte do que isso*, disse a mim mesma. Foram essas as palavras que me ajudaram na fuga, e agora me ajudariam mais uma vez.

Pensei em Jennifer, olhando para seu rosto ali na minha frente, em como tudo seria diferente se eu conseguisse lhe proporcionar o descanso final. Talvez eu até conseguisse viver uma vida normal, com outros seres humanos. Fora do meu apartamento. No mundo real.

Dirigi durante quase uma hora por estradas secundárias sinuosas. Tempo suficiente para repassar a lista de todos os perigos daquela situação. Antes de chegar ao destino, meu carro poderia quebrar ou eu poderia sofrer um acidente ali no meio do nada. Verifiquei o sinal do celular no mínimo quatro vezes. As barrinhas estavam todas lá, mas eu não tinha certeza de que saberia explicar onde estava se pudesse ou tivesse que falar com alguém. Pensei em parar o carro e enviar uma mensagem para Jim, mas não queria que ele soubesse que eu estava na pista de alguma coisa, se é que estava mesmo.

Finalmente cheguei. Vi uma entrada de carro na estrada, sem qualquer placa ou sinalização além de um pequeno poste de metal, com um refletor amarelo, como Adele havia dito. Entrei e continuei dirigindo por cerca de um quilômetro e meio por um caminho esburacado. Senti o pânico aumentando de novo. Essa atividade contrariava todos os meus padrões de comportamento cauteloso. E se fosse uma armadilha? E se não houvesse ali nada além do mato, onde qualquer coisa poderia acontecer? E se essa Adele fosse cúmplice de Jack Derber? De repente me ocorreu que eu sabia muito pouco a respeito dela e estava confiando no que acreditava ser uma experiência compartilhada, uma espécie de vínculo que ela podia não sentir. E mesmo assim eu havia

permitido que ela me fizesse seguir aquele caminho.

Quando finalmente contornei a curva na estrada, senti um alívio ao ver algo que podia ser uma espécie de clube, e também alguns clientes. Havia quinze ou vinte carros parados em um estacionamento de cascalho na beira do mato. Qual seria a probabilidade de estarem todos mancomunados com Jack Derber? Decidi que essa possibilidade era mínima. Estacionei na vaga mais distante da porta, quebrando minha regra habitual. Queria manter certa distância daquele lugar por mais alguns minutos. Três vagas à frente, em um Mazda esportivo vermelho, Adele estava esperando por mim, como combinado.

Ela não percebeu a minha chegada e mais uma vez me ocorreu que eu poderia dar a volta e ir embora. Fiquei sentada no carro, sentindo um frio gelado percorrer minha espinha. Olhei para a escuridão lá fora, algo que eu costumava evitar com as pesadas cortinas brancas do meu apartamento. Agora ela cercava meu carro, parecendo querer penetrar pelo vidro do para-brisa e me sufocar lentamente. Ela não me deixaria ir embora. Eu estava lutando para respirar enquanto tentava controlar a batida constante que martelava na minha cabeça. Não sabia se era meu coração ou o barulho surdo da música no interior do clube.

Então Adele percebeu que eu estava ali, sentada no carro. Ela veio ao meu encontro e se aproximou da janela; olhou para mim com ar de interrogação, gesticulando para que eu saísse. Mas eu não conseguia me mexer. Em vez disso, abaixei o vidro do carro. O ar ajudou a desanuviar minha cabeça e aos poucos voltei a respirar normalmente.

"Vamos", ela disse, olhando com ar que beirava a preocupação. Eu devia estar com uma aparência medonha. "Trouxe uma coisa para você vestir."

Adele estava usando um macacão preto emborrachado, bem justo e fechado com zíper, o cabelo bem preso atrás formando um coque. *Dominatrix*, eu pensei. *Muito adequado*.

Sua voz me fez recuperar os sentidos. Ela ficou me esperando, na expectativa. Respirei profundamente e abri a porta do carro, agarrando o celular ao sair.

Ela me entregou uma sacola pesada. Através do plástico pude

sentir que não eram roupas comuns; minha suspeita se confirmou quando vi o couro preto brilhante. Apesar de já ter imaginado, diante da perspectiva de entrar em uma espécie de bar para fetichistas, meu coração começou a bater violentamente e meus joelhos tremeram.

Adele estava estudando meu rosto.

"Olha, sei que está assustada, e sei que, depois de ter passado pela experiência que você passou, isto não vai ser fácil. Mas acho que vale a pena. Vou lhe mostrar uma coisa que os policiais nunca descobriram." Ela respirou profundamente e continuou.

"Durante muitos anos eu me arrependi de nunca ter contado a ninguém sobre a ligação de Jack com este lugar. Na época eu me convenci de que isso não tinha importância, mas a verdade é que eu não queria me meter em confusão. Não queria que meus pais soubessem o que eu estava estudando na faculdade, já que eles pagavam as minhas contas. E, de qualquer forma, na minha cabeça, eu havia contado aos policiais tudo o que eles precisavam saber. Pelo menos tudo o que perguntaram. E, no fim das contas, ele foi condenado. Quer dizer, não prejudiquei ninguém, certo? Mas agora, bom, você não é da polícia, e não tenho mais que pagar a faculdade e... sei o quanto você deve ter sofrido. Por causa da sua amiga. E se puder ajudar a mantê-lo lá dentro..."

Suas palavras indicavam compaixão, mesmo que eu não conseguisse ver isso em seus olhos. Mas, aparentemente, pelo menos, ela parecia querer ajudar. Eu também acreditava que, em algum lugar dentro dela, havia o medo de que Jack Derber saísse, algo que ela devia temer tanto quanto eu. Afinal de contas, ela havia ficado com a sala dele, e com sua cátedra. Ele não iria gostar nada disso.

"Então me diga que lugar é este." Eu nem tivera coragem de olhar direito. Quando finalmente ousei mirar naquela direção, não fiquei exatamente tranquila. Era uma construção baixa, sem janelas, com paredes nuas feitas de blocos de concreto rústico e telhado de metal enferrujado. Aquela estrutura não devia estar de acordo com nenhuma norma de segurança contra incêndios. Um letreiro cor de laranja fluorescente acima da porta dizia A CATACUMBA. Encantador.

“Bem, para começar, é bom que você saiba que o lugar é BDSM. Você sabe o que isso significa?”

“BD...?”

“Essa expressão significa *bondage*, disciplina, submissão e sadomasoquismo. Não é tão ruim quanto parece. A prática tem regras. Regras muito, muito severas. Antes de tudo é baseada no *consentimento*. Jack nunca entendeu essa parte. Vivia quebrando as regras. A tal ponto que acabou sendo banido e proibido de vir aqui. Ele simplesmente não ficava excitado quando tinha permissão. Provavelmente foi por isso que ele... ele... pegou você e as outras.”

“Essas informações não estão fazendo eu me sentir melhor em relação a esse lugar.”

“Deveriam. O que estou tentando lhe dizer é que nada acontecerá com você lá dentro sem o seu consentimento. Nada. Ninguém irá sequer tocar em você sem o seu consentimento explícito. Venho aqui há anos, para a minha pesquisa, e ninguém jamais colocou a mão em mim.”

Não pude deixar de olhar para ela de alto a baixo, avaliando sua aparência. Eu entendia perfeitamente por que a deixavam em paz. Ela parecia muito, muito intimidante.

“O.k., mas se eles expulsaram Jack daqui, por que preciso entrar? O que é que eu ganho com isso?”

“Este é o lugar onde você poderá encontrar pessoas que conheciam Jack. Que o conheciam de verdade. Essa é a única maneira de chegar até onde a polícia jamais chegaria. Os membros deste clube vêm aqui há anos. É o único desse tipo num raio de cem quilômetros; todas as pessoas desse círculo acabam passando por aqui em algum momento.”

“Acho que é isso o que me assusta — quem são essas pessoas?”, eu disse, demonstrando certa repulsa, mas logo me controlei, imaginando se Adele não era uma delas, afinal. Por quanto tempo alguém poderia estudar esses tipos, entrando e saindo, vestindo-se como eles, mergulhando nesse tipo de vida, sem participar de alguma forma? Eu me esforcei para encontrar as palavras certas antes de fazer outra pergunta. “O que eles buscam nesse... estilo de vida?”

Ela se inclinou para trás, apoiando-se no carro e suspirou. “É

exatamente esse o questionamento da minha tese de doutorado — *Parafilia e seus descontentes*. Escute", ela recomeçou, mais séria, "eles buscam a mesma coisa que qualquer outra pessoa: comunidade, vínculo, talvez um pouco de emoção. Algumas pessoas precisam de coisas diferentes para ficar excitadas, diante das coisas comuns ficam entorpecidas. Alguns tentam compensar a falta de algo, talvez consertar alguma coisa que se rompeu. Outros simplesmente têm um jeito diferente de se expressar."

Fiquei pensando nisso por alguns instantes e decidi arriscar a pergunta que queria fazer desde o início. "E para você, isto é apenas estudo...?"

Ela sorriu ironicamente, mas o sorriso desapareceu rapidamente. Mordeu o lábio — com força, me pareceu —, depois puxou para trás um cacho de cabelo que havia se soltado, usando as duas mãos para prendê-lo no coque novamente, os dedos ágeis como os de um mágico, rápidos e experientes.

"Venha, vamos entrar", ela disse, ignorando minha pergunta. Ficou parada em pé, apontando para a sacola com a cabeça.

Olhei para a sacola e depois voltei a olhar para ela, percebendo que havia chegado a hora. Eu me enchi de coragem e peguei as roupas; protegida pela porta aberta do carro, vesti um colete de couro preto com umas tiras confusas e calça preta de vinil bem justa com tachas na lateral. Ela me deixou ficar com meu próprio sapato, um tênis preto. Eu estava ridícula, mas Adele apontou com a cabeça na direção do clube. Ninguém iria reparar em mim, ela disse. Tomara.

O porteiro era um homem enorme de cabeça raspada e braços cobertos por tatuagens que iam até os pulsos. Ele acenou para Adele. Era evidente que ela já estivera ali o suficiente para ser reconhecida. O homem ergueu a sobrancelha ao me ver, balançando a cabeça. Tive a impressão de que achou graça, mas deu de ombros e me deixou entrar atrás de Adele. Ao passar pela porta, fechei os olhos, fazendo um esforço para controlar o pavor que estava sentindo.

Uma vez lá dentro, senti meu corpo envolto por uma névoa escura, diabólica. Para mim, era a visão do inferno, todo em vermelho e preto, com uma multidão exibindo variações de couro

preto com tachas; a música era absurdamente alta e o bar estava coberto por uma nuvem de fumaça espessa. Havia "escravas" penduradas atrás de seus mestres, encolhidas, as cabeças baixas. Fiquei imaginando se estavam ali voluntariamente ou se haviam sido trazidas apenas para o jogo.

Junto à parede oposta havia um palco e ali uma garota usando um macacão de couro com uma bola amarrada na boca estava fazendo algo que pretendia lembrar vagamente uma dança, mas parecia mais um jogo de poses, alternando dor e prazer.

Então percebi, pela maneira como estava andando atrás de Adele, meio encolhida, que eu devia estar parecendo sua escrava. Por um momento minha mente voltou à época em que fui transformada em escrava de verdade e comecei a sentir uma tontura — outro sinal do ataque de pânico que meu corpo estava tentando controlar.

O lugar estava cheio e, para mim, pelo menos, todos pareciam frequentadores assíduos desse mundo underground. Era como se andassem em câmera lenta, os rostos contorcidos de raiva, alguns deles me seguindo com os olhos enquanto eu passava humildemente. Espiei os cenários de tortura cuidadosamente construídos naquele espaço: máquinas e engenhocas para infligir sofrimento estavam espalhadas por todos os cantos, com cordas e polias, correntes e estacas, fios e nós.

Reparei que estava controlando a respiração desde que passara pela porta.

Diante do que eu imaginava serem instrumentos de tortura medievais, havia uma série de compartimentos com mesas, ao lado do bar. Adele me levou até uma mesa vazia, abrindo caminho pelo mar de corpos negros. À medida que nos distanciávamos da porta, um odor rançoso embotava meus sentidos; o cheiro de suor, lubrificantes e fluidos corporais indeterminados se misturava e ofuscava o cheiro de desinfetante barato. Senti o estômago virar ao imaginar partículas microscópicas desses elementos penetrando meu corpo através do meu nariz, da minha boca e da minha pele.

Quando finalmente alcançamos a mesa, uma eternidade para mim, fiz menção de ocupar o lugar diante de Adele, mas ela fez sinal para que eu me sentasse ao seu lado e eu obedeci sem pensar,

deduzindo que isso fazia parte do ritual, assumindo o papel com uma perturbadora sensação de familiaridade.

Olhei duramente para Adele. Ela ainda não havia explicado o que levava uma pessoa a gravitar em torno dessa forma de perversidade, fosse como participante ou como pesquisador. O estudo desse mundo não seria um fetiche tão tortuoso quanto a participação? Não seria apenas uma forma de voyeurismo que por acaso tinha o apoio do impassível edifício de uma universidade? Ou estaria, como ela dizia, simplesmente tentando entender a quase perda de sua juventude, sondando profundezas estranhas para superar o medo da proximidade da destruição pessoal?

"E então? Como está se sentindo?", ela perguntou, olhando para mim com curiosidade.

"Muito bem", consegui murmurar, e desviei os olhos, lembrando que na vida real não era educado encarar as pessoas daquele jeito.

Então vi um casal se aproximando de nós. O homem era alto, de barba e bigode grandes, com a cabeça careca brilhando por causa do suor. Trazia na mão uma correia de couro preta, na ponta da qual havia uma mulher magra, vestida de couro preto dos pés à cabeça. Seus olhos nos espreitavam através de uma abertura no capuz justo. Sua boca estava coberta por uma aba fechada com zíper. Ela estava encurvada, arrastando-se com passos irregulares, quase como se estivesse ferida. Apertei os olhos no escuro, tentando verificar se havia de fato algo fisicamente errado com ela.

O homem acenou amigavelmente para Adele. Ela também o cumprimentou alegremente: "Oi, Piker".

Eles se abraçaram e eu podia jurar que trocaram beijos no ar. Era difícil para mim aceitar que um lugar tenebroso como aquele pudesse abrigar qualquer demonstração de amizade, mesmo que distorcida.

Adele inclinou-se na minha direção e sussurrou: "Perfeito".

"Sente-se", ela disse para o sujeito.

Ele ocupou o lugar à nossa frente enquanto a mulher esperou silenciosamente. Ele a ignorou e ela ficou parada, em pé. Adele nem piscou.

Ele virou-se calmamente para nós.

"O que temos aqui?", ele disse, olhando apenas para Adele.

Deduzi que, a menos que ela me identificasse como uma pessoa digna de sua atenção, ele me trataria como um objeto.

"Esta aqui é... Blue, esta noite, pelo menos." Ela sorriu. "Ela está fazendo uma pesquisa sobre Jack Derber."

Um olhar de desprezo cruzou o rosto do homem. "Ah, ele." Só então o sujeito se virou para mim, olhando-me nos olhos pela primeira vez ao perceber que eu não era escrava de Adele. "Espero que você mostre como ele fez nosso movimento retroceder vinte anos. Aquele desgraçado."

"Movimento?"

"O BDSM. Quando a história dele veio à tona, todos deduziriam que era um praticante de BDSM. O que não podia estar mais longe da verdade. Quer dizer, ele tinha sido um de nós, mas já fora expulso daqui muitos anos antes de prender aquelas garotas. Espero que você esclareça essa mentira e conte toda a verdade. Ele era diferente de nós. Nunca obedeceu às regras."

"Que tipo de regra?"

"Bom, pra início de conversa, ele não respeitava as palavras de segurança. Simplesmente ignorava. Nada disto" — ele ergueu o braço, fazendo um movimento amplo num gesto cheio de orgulho — "funciona sem as palavras de segurança. É isso o que está em jogo. É também amor e intimidade, entende? Ele nunca soube a importância da confiança. Essa é a única maneira de alcançar a TPE."

Adele virou-se para mim. "Significa troca total de poder", ela explicou, de modo bastante inadequado, eu pensei. "Você está com sorte esta noite", ela continuou, "conhecendo Piker e Raven. Raven foi escrava de Jack muitos anos atrás."

Piker estremeceu. "Odeio pensar no que ele fez com ela. É de partir o coração."

Eu vi os olhos dele se encherem de lágrimas de verdade. Ele se virou para Raven, que estava evidentemente agitada com aquela conversa, apesar de permanecer totalmente imóvel.

Então uma espécie de força interior falou mais alto e um gemido escapou dos lábios de Raven. Piker gritou, abruptamente: "Silêncio!".

Eu dei um pulo; a ordem foi tão alta e repentina que Raven

silenciou completamente, a cabeça baixa em sinal de total submissão. Senti um embrulho no estômago.

Odiei ter que continuar aquela conversa, mas precisava fazer uma pergunta.

"O que foi que ele fez com ela?"

Fiquei com medo de ouvir a resposta, porque sabia muito bem o que ele era capaz de fazer. Ali estava aquela estranha, com quem eu compartilhava uma conexão terrível. Senti vontade de dizer a ela que entendia, explicar que tínhamos em comum algo único e terrível. Mas continuei sentada, sem me mexer, imobilizada pelo medo, esperando que ela falasse.

Piker virou-se para Raven. "Raven, você pode sentar."

Ela ocupou o assento rapidamente, observando o rosto dele atentamente, esperando pela próxima ordem.

Piker estendeu o braço e abriu o zíper da aba de pano que cobria a boca de Raven. "Fale."

Pelos círculos ao redor dos olhos, eu diria que Raven estava na casa dos quarenta anos, pelo menos. Em torno da boca, pequenas rugas, e um dos dentes da frente tinha uma jaqueta de prata. O outro estava lascado. Ferimentos de guerra, eu deduzi.

Os olhos de Raven iam de um lado para outro, de Adele para mim; ela parecia confusa, ou pelo fato de ter tido permissão para falar ou por causa do assunto. Mas assim que começou a contar sua história, a resposta ficou óbvia.

"Eu o conheci aqui, neste clube. Isso foi há mais de quinze anos. Não sabíamos o nome verdadeiro um do outro. Ninguém sabia." Ela parou e se virou para Piker. Ele acenou para que ela continuasse. Queria que a história fosse divulgada. Jack Derber era ruim para o "movimento".

"O clube tinha sido criado há poucos anos e os membros ainda ficavam nervosos com a polícia. Apesar de não fazermos nada que fosse ilegal, sabíamos que encontrariam alguma coisa para fechar o lugar. Então ficamos apenas no boca a boca."

Ela se virou para Adele. "Isso foi antes de a internet facilitar as coisas. No começo tínhamos apenas algumas salas de bate-papo e alguns sites, mas era tudo muito improvisado."

Raven fez uma pausa, respirou profundamente e voltou a olhar

para Piker, que ergueu a mão num gesto de impaciência, gesticulando para que ela continuasse.

"Nós nos conhecemos aqui, como eu disse. Ele era muito charmoso. Disse que se chamava Dark e usamos alguns dos quartos privados dos fundos."

Ela apontou na direção de uma porta sem identificação que eu ainda não tinha visto.

"Aos poucos ele foi querendo que eu fizesse coisas, que fosse além. Acabou me convidando para a casa dele nas montanhas. Aceitei. Eu era jovem e idiota, mas até então ele seguia o protocolo, por isso acreditei que estava tudo sob controle. E eu estava me divertindo, não percebia o quanto ele levava tudo a sério. Por isso topei sair daqui. Não contei a ninguém e quase ninguém ficou sabendo que estávamos nos encontrando."

Então ela ficou em silêncio, olhando para o teto e tamborilando na mesa com o dedo. Quando baixou os olhos de novo, ela apertou as mãos com força e pousou-as no colo. A partir daí o timbre de sua voz mudou. Ela passou a falar depressa, num tom suave e monótono, descrevendo os fatos, como eu costumava fazer nas sessões mais difíceis com a dra. Simmons. Imaginei o quanto essa lembrança devia doer.

"Fui até a casa dele num sábado à noite. Enquanto subia por aquela estrada sinuosa, comecei a pensar que ela parecia assombrada. Isso me deixou excitada. Bati na porta timidamente, é claro. Ele abriu a porta e a primeira coisa que vi foi um enorme punho coberto por uma luva vindo na direção do meu rosto. Ele me deu um soco e depois me arrastou até a sala. Eu comecei a chutar e gritar, mas ainda estava pensando que fosse apenas uma cena mais extrema do que aquilo a que estava habituada. Só estava confusa porque não tínhamos combinado nada daquilo. Então ele passou a me esmurrar, sem dar trégua. Tentei usar minha palavra de segurança — na época era 'amarelo' — mas não consegui falar nada antes de desmaiar por causa da dor."

Raven parou por um minuto e fechou os olhos. Fiquei surpresa porque achava que era disso que os "masoquistas" do BDSM gostavam. Esse mundo não fazia o menor sentido para mim. Piker fez um carinho no braço de Raven e lhe disse para ir devagar.

“Quando acordei, estava toda amarrada, totalmente imobilizada no meio de uma grande biblioteca.”

Ao ouvir isso, tive que fechar os olhos. As imagens daquela sala começaram a rodar na minha cabeça. A cor. A luz. O cheiro. Voltei a sentir tudo novamente, precisei agarrar na borda da mesa e me obriguei a me concentrar.

“Fiquei ali três dias. Sem comida, com pouca água e muita dor. E ele... ele...”

Ela não conseguiu continuar.

Piker se inclinou na direção dela. “Não precisa dizer, querida. Só mostre.”

Raven ficou em pé ao lado da mesa e abaixou a lateral da calça de couro para podermos ver seu quadril. Lá estava, a carne retorcida. Uma marca. Era muito parecida com a minha, embora fosse difícil ter certeza no escuro. Eu desviei o olhar, tentando conter as lágrimas.

Naquele momento, o mestre de cerimônias anunciou o número seguinte. Olhei e vi três homens encapuzados empurrando uma grande engenhoca para o palco e mal pude acreditar nos meus olhos ao ver aquele instrumento de tortura. Era diferente do que havia na biblioteca de Jack, mas a finalidade era a mesma. Senti uma náusea muito forte; Raven também viu e virou-se para Piker, com os olhos suplicantes.

Ele ficou em pé. “Vamos sair daqui. Não gosto desse show.”

Comecei a sentir um nó na garganta. Não conseguia respirar. O salão começou a rodar. Vi uma porta no fundo indicando SAÍDA e sem dizer uma palavra para Adele ou para os outros, levantei e saí correndo; quase tropecei em um homem usando calça de montaria que se arrastava pelo chão atrás de seu dono.

Abri a porta da saída e corri até um lugar protegido atrás da caçamba de lixo; eu me apoiei na parede, tentando encontrar ar. Lá no alto, o céu estava cheio de estrelas que pareciam girar de forma ameaçadora. Respirei fundo várias vezes tentando endireitar o mundo, as mãos nos joelhos, escorregando devagarinho até o chão. Lembrei da fuga de Tracy do clube em New Orleans e senti medo. Como é que eu havia me metido numa situação dessas? Como é que pude pensar que estava preparada para isso?

Eu me escondi em uma fresta na parede, onde ninguém poderia me ver. Nenhum homem encapuzado, nenhuma mulher amarrada, nenhum anão usando roupas de couro. Naquele momento eu só queria poder ficar invisível e me esconder até o amanhecer. Podia ficar quieta. Em silêncio.

Ninguém precisava saber que eu estava ali.

16

A noite estava quente e eu ainda podia ouvir a batida da música pelas paredes do clube. Ouvi o ranger da porta abrindo e Adele chamando por mim, tendo o cuidado de usar o nome que havia me dado naquela noite, Blue. Como eu não respondi, a porta voltou a fechar.

Não sei por que não respondi naquele momento. Precisava de um tempo para clarear as ideias e processar o que tinha ouvido, mesmo que apenas parcialmente. Estava pensando em voltar para dentro do clube, mas as coisas tomaram outro rumo.

Faróis de carro iluminaram o mato nos fundos. O motor acelerou na subida da colina e depois voltou para a marcha lenta a aproximadamente dez metros de distância à minha esquerda, perto de outra porta nos fundos.

Dei uma espiada e vi dois homens saindo de uma van. Eles conversavam em voz baixa e eu não consegui ouvir o que diziam, mas a voz rouca de um deles me pareceu familiar. Saí do meu esconderijo engatinhando, apenas o suficiente para ver melhor, e então reconheci o mais alto, quando passaram na frente dos faróis acesos.

Quase esfreguei os olhos, pois não podia acreditar. Parecia Noah Philben. Não podia ser. Eu precisava chegar mais perto, mesmo que fosse para provar a mim mesma que estava enganada. Devia estar me deixando levar por minha imaginação, estimulada pelo medo.

Havia alguns arbustos ali perto, e um pequeno declive entre eles. Se eu conseguisse chegar até lá poderia ver o que estava acontecendo e continuar protegida pela escuridão. Meu coração disparou, mas eu tinha que confirmar se era mesmo Noah Philben ou se minha mente estava me pregando alguma peça.

Respirei profundamente. *Você é mais forte do que isso*, eu pensei,

desejando ser mesmo. Aos poucos, acalmei meu estômago e me arrastei até os arbustos.

O som das vozes ficou mais alto. Estavam rindo de alguma coisa. Ouvi a porta da van abrir e um barulho surdo de luta, depois uma pancada. Então a porta foi fechada novamente.

Consegui chegar até os arbustos, que eram densos e espinhosos. Eu me afastei um pouco e espiei através da folhagem. Agora podia ver os homens claramente. O primeiro era corpulento, tinha estatura média e o que parecia um cavanhaque e cabelo louro avermelhado. O segundo era alto. Caminhava sem pressa, tranquilamente, pela lateral da van. Foi então que as luzes o iluminaram completamente, por um tempo suficiente apenas para revelar seu rosto. Não havia dúvida alguma: era Noah Philben.

Gelei. Por que um "líder religioso" iria até um clube daqueles no meio da noite? E exatamente o mesmo que Jack Derber costumava frequentar. Estaria Noah procurando por Sylvia, a ovelha perdida do rebanho? Ou estaria envolvido com seu desaparecimento? De qualquer forma, essa podia ser a pista que eu estava procurando.

Eram duas e meia da manhã. Fazia anos que eu não ficava acordada até tão tarde, mas tinha a impressão de que a noite mal estava começando.

Consegui contornar o lugar por trás, na direção oposta à da van. Agachada, passei pelo estacionamento e fui até meu carro para esperar por eles. Depois de abrir a porta silenciosamente, sentei no banco do motorista. Estava suando, mas a minha pele estava fria e a boca seca. Aquilo não era apenas medo de dirigir à noite. Eu estava apavorada.

A van finalmente saiu de trás do clube e seguiu na direção da saída do estacionamento. Minhas mãos pareciam de chumbo, grudadas no volante.

Na minha cabeça, voltei ao campo de batalha. Queria continuar — seguir aquela van —, mas o meu corpo estava tenso, meus pensamentos, confusos. Era como se conseguisse ouvir a Jennifer de dezesseis anos sussurrando em meu ouvido: *Fique longe*, *volte para casa*, *volte para sua fortaleza*. Mas a parte de mim que estava investigando, que sabia que esse era o único caminho, argumentava que a jovem Jennifer jamais conseguiria entender o

que estava em jogo ali. Ela não teria entendido o quanto eu precisava encontrá-la agora. Que para superar tudo aquilo, eu precisava aquietar minhas lembranças, a lembrança dela.

Eu me enchi de coragem, respirei fundo e liguei o carro.

Enquanto estava ali sentada, em dúvida, dois homens usando roupas emborrachadas saíram do clube, um deles chamava o outro de "senhor" e o seguia obedientemente, preso por uma coleira. Esperei até que entrassem no carro, o senhor dirigindo e o tipo submisso no banco traseiro. Manobrei cuidadosamente e fiquei atrás deles na saída. A van já estava bem na frente quando pegamos a estrada. Eu continuei atrás deles, a uma distância segura.

Passos de bebê, pensei comigo mesma. Estou dirigindo um carro em uma estrada pública. As portas estão trancadas. O tanque está quase cheio. Estou com o celular e o sinal é bom. Na minha bolsa eu tenho um spray de pimenta. Posso fazer a volta e ir na direção do hotel a qualquer momento. Está tudo sob controle.

Depois de uns quinze quilômetros, o outro carro saiu da estrada. Havia uma SUV atrás de mim. Deixei que me ultrapassasse, para ficar entre eu e a van. Segurando o volante com apenas uma das mãos, tentei pegar minha caneta e bloco de anotações na bolsa com a outra. Desisti depois de alguns segundos e peguei o celular no bolso interno do colete de couro; digitei todos menos o último número do telefone da minha casa em Nova York, sempre de olho na escuridão à frente. Eu estava muito longe para ver o número da placa, por isso atirei o telefone no banco ao lado, mas errei e ouvi o barulho do celular caindo no chão.

"Droga!", resmunguei. Depois de mais ou menos vinte minutos, a van virou à esquerda em uma estradinha de terra quase totalmente escondida por árvores. Segui em frente por cerca de trinta metros, desliguei as luzes e fiz um retorno proibido.

Voltei a seguir a van lentamente enquanto tentava encontrar o celular no piso do carro. Droga. A bateria tinha caído e eu não a consegui encontrar no escuro.

Parei o carro e comecei a sentir uma tontura familiar. Tentando lembrar um truque da terapia, procurei visualizar o medo, imaginando que era uma bola, separada e distante de mim.

Não estava funcionando. Eu sabia que, naquele momento, minha

ansiedade era bastante real e inteiramente justificada. Consegui me acalmar aos poucos, o suficiente para impedir uma hiperventilação, mas o meu estômago estava embrulhando. Peguei o spray de pimenta na bolsa e coloquei no banco ao meu lado. Olhei para a foto de Jennifer que havia colocado no para-brisa, tentando encontrar forças para continuar.

Avancei mais um pouco com o carro, até encontrar uma clareira no mato. Agradeci pela sorte de ter alugado um carro cinza-escuro. Eu acreditava que não poderia ser vista, mas havia me aproximado o bastante — devia estar a uns cinquenta metros de distância — para distinguir um galpão com uma entrada de garagem e uma pequena porta à direita. Havia apenas uma lâmpada iluminando a fachada.

Por precaução, virei o carro para que ficasse voltado para a direção de onde eu tinha vindo. Fiquei imóvel, a respiração mais acelerada do que o normal. Desliguei o carro e me virei para poder ver. Depois disso não me mexi mais, nem mesmo para procurar o celular.

Só consegui enxergar o vulto de Noah Philben indo até os fundos do galpão e pegando o que parecia ser uma grande lona. O outro homem foi atrás dele e, juntos, cobriram a van; depois se viraram para entrar, mas Noah parou, foi até a parede lateral e desligou a luz.

Eu continuava imóvel, segurando a respiração, como se isso fizesse alguma diferença. Segurei as chaves na ignição, pronta para ligar o carro se ele desse mais um passo à frente. Esperei, os segundos pareciam horas. *Volte pra dentro*, ordenei em meu pensamento. Finalmente, depois de um ou dois minutos torturantes, ele se virou e entrou no galpão.

Eu queria saber o que havia no interior da van. Por que aquela lona? O que eles poderiam estar fazendo no galpão? Teria alguma relação com a seita?

Tudo o que eu sabia a respeito de cultos religiosos era o que lia nos jornais. Talvez estivessem fazendo algo místico. Ou planejando um suicídio em massa. Talvez fosse um casamento com vários casais ou com noivas menores de idade. Ou talvez escondessem ali as armas que precisariam usar em caso de invasão dos federais. De

qualquer forma, era minha única ligação com Sylvia, e eu sabia que precisava entender o que estava acontecendo para poder prosseguir.

Esperei pelo menos meia hora sem me mexer, quase sem respirar. Desci a janela alguns centímetros para deixar o ar fresco da noite entrar. Pensei em sair do carro para ver melhor, para dar uma espiada embaixo daquela lona, mas comecei a me sentir mal só em pensar. Por enquanto eu estava presa.

Finalmente decidi que tudo parecia muito quieto, que mais nada estava acontecendo. Eles talvez fossem passar a noite. Senti o coração pesado quando voltei a ligar o carro, sabendo que era inútil e definitivamente perigoso continuar esperando ali.

Minhas mãos tremiam enquanto eu voltava lentamente pela estradinha, mal conseguia segurar o volante. Só depois de vários quilômetros consegui voltar a respirar normalmente. Mas as estradas vicinais pareciam formar um labirinto criado especialmente para me confundir.

Apertei vários botões do GPS para tentar voltar ao clube, mas o aparelho dizia apenas que estava "reavaliando" a rota. Xingando, eu desisti e desliguei o aparelho.

Pareceu que demorei horas até conseguir encontrar a estrada principal e a essa altura não tinha dúvida alguma de que não iria a qualquer outro lugar a não ser para o hotel. Adele teria que esperar até o dia seguinte para ouvir uma explicação.

17

Quando eu estava segura no meu quarto de hotel, decidi que havia chegado a hora de telefonar para o agente Jim McCordy. Essa busca havia ficado perigosa demais para mim; era preciso uma pessoa sem estresse pós-traumático para seguir vans que saíam de clubes de sadomasoquismo.

Ainda assim, eu estava muito orgulhosa de mim. Havia um ano, ou até um mês, eu teria mandado uma mensagem para a dra. Simmons dizendo que era uma emergência mesmo se só tivesse pensado em algo tão assustador. Agora eu me sentia um pouco mais forte, um pouco mais determinada, a cada dia que passava fora do meu apartamento. A sensação era boa. E eu sabia que havia alguma coisa ali. Era coincidência demais encontrar Noah Philben no antigo antro de Jack Derber. "Quais são as chances?", como diria Jennifer.

Eram quatro horas da manhã, o que significava que em Nova York eram sete. Disquei o número de Jim e, como sempre, ele atendeu imediatamente.

"Sarah? Onde é que você está? A dra. Simmons disse que você cancelou outra consulta."

"Pode-se dizer que sim. Jim, escute, preciso da sua ajuda. Acho que descobri uma ligação estranha. Pode não significar nada, mas..."

"Ligação? Sarah, o que é que você está fazendo? Você deveria estar se encontrando com a dra. Simmons e se preparando para encontrar Jack na audiência da condicional. É assim que você pode ajudar a mantê-lo na prisão."

"Você tem razão. Teoricamente. Mas acho que estou na pista de algo importante."

Respirei profundamente.

"Jim, estou no Oregon." Antes que ele pudesse dizer alguma

coisa, falei rapidamente. “Conversamos sobre isso depois. Tenho algo mais importante: Noah Philben. O que você sabe a respeito dele?”

“Sarah, eu...”

“Eu sei, Jim. Sei o que você vai dizer. Por favor, Noah Philben?”

Ele suspirou.

“O pastor?” Ele parou, talvez avaliando se devia ou não responder, mas acabou cedendo. “Eu o investiguei na época do casamento de Jack Derber com Sylvia. Nada. Nenhum registro. Fanático religioso que administra aquela igreja desde seus vinte e poucos anos. A operação é rudimentar; coloquei uns caras da receita monitorando, mas nenhuma outra atividade suspeita.”

“Sério? Bom, Jim, acontece que fui a um clube de sadomasoquistas e...”

“Você foi aonde?” Ele parecia incrédulo.

“Escute. Depois eu explico. Mas fui a um clube que Jack costumava frequentar e... por uma série de motivos que não vêm ao caso agora, eu estava do lado de fora, pegando um pouco de ar...”

“Posso imaginar.”

“Então eu vi uma van e parecia que... havia alguma negociação em andamento... e era Noah Philben.”

“Sarah, não há nada de ilegal nisso, as pessoas são livres para ir a esses lugares. O que essa história pode mostrar, e existem precedentes, é que líderes de pequenas organizações religiosas se envolvem com esse tipo de coisa. É uma espécie de alegoria, como diria Tracy.” Ele riu da própria piada.

“Tracy? Ela tem falado com você?”

“Ela telefonou ontem. Acha que você talvez esteja indo longe demais, que você acredita que pode encontrar o corpo de Jennifer.”

“Não fale de mim com ela, por favor. Ela vai me odiar pra sempre e não quero que faça você acreditar que sou maluca. Não sou maluca. Está certo, talvez eu seja um pouco maluca, mas não em relação a isto. Estou tentando lidar com isto da maneira mais humanamente metódica possível.”

“É claro que está, Sarah. Mas do seu jeito. Afinal, você não é uma detetive, lembra? Escute, sei que você acha que falhei com você,

mas interrogamos todas as pessoas ligadas a Jack Derber, mesmo que remotamente, e..."

"Você falou com Piker e Raven?"

"Quem?"

"Não conheço os nomes verdadeiros, mas eles frequentam esse clube. Você esteve no clube?"

"Que clube?"

"Exatamente. Não. Chama-se A Catacumba. E acho que me permitiu ver um ângulo completamente novo de Jack Derber, um ângulo que precisa ser explorado. Você poderia investigar Noah Philben novamente?"

Silêncio do outro lado da linha. Então, finalmente: "Vou ver o que posso fazer". Ele parecia sincero.

Já que eu parecia ter descoberto alguma coisa, resolvi ir além.

"E tem mais: Sylvia desapareceu."

"Tracy falou sobre isso. Mas uma caixa de correio cheia de correspondências não é prova suficiente para dar queixa de desaparecimento. Ela pode ter viajado. Como você."

"Se for isso, talvez seja melhor eu esperar aqui no Oregon até ela voltar."

"Escute, Sarah, vou ser franco com você. Isso que você está fazendo me preocupa tanto quanto sua reação à última carta. Não quero que você se coloque em uma situação de perigo, física ou mentalmente. Tracy disse que você tinha ido para o Oregon, mas ninguém esperava que fosse tão longe. O que você está fazendo é perigoso. Volte, por favor, para sua própria segurança."

Parecia um conselho sábio. Exceto pelo fato de que significava desistir completamente de tudo.

18

Ao desligar o telefone, senti um grande desânimo. Talvez Jim estivesse certo. Sylvia podia estar visitando os pais. Noah Philben provavelmente estava ligado a algum esquema envolvendo evasão fiscal e escândalos sexuais, mas isso não iria me ajudar a encontrar o corpo de Jennifer. Talvez eu estivesse perdendo tempo. Tempo que deveria estar ocupando com a elaboração da minha declaração de vítima.

Conferi minha passagem de avião, pensando que talvez fosse melhor ir embora dali e deixar o passado para trás de uma vez por todas. Mas o voo estava marcado para o final da tarde do dia seguinte; eu disse a mim mesma que não havia nada de mais em continuar, mas se algo concreto não surgisse até lá, eu seria obrigada a admitir a derrota.

De manhã bem cedo, peguei o carro e voltei para o campus. Adele havia deixado um aviso de que estaria na biblioteca. Encontrei-a no terceiro andar, em uma grande mesa de madeira perto das prateleiras do fundo. O teto era alto e podia-se ver o pó dos livros flutuando no ar. As bibliotecas ainda me deixavam nervosa.

Cercada por pilhas de livros e papéis, Adele digitava furiosamente no laptop. Ela não se mexeu até eu parar ao seu lado. Sussurrei seu nome e ela deu um pulo, sobressaltada, fechando o laptop.

Alguns papéis soltos, cheios de anotações e rabiscos, caíram no chão. Ela se inclinou rapidamente para pegá-los antes mesmo de olhar para mim. Enquanto arrumava os papéis e os colocava em um bloco, virou-se calmamente. Mas percebi que sua mão direita ficou em cima de uma pequena pilha de livros.

“Você me assustou.” Ela falou com voz neutra, mas os olhos mostravam seu desagrado.

Murmurei um pedido de desculpas e olhei discretamente para os livros que estavam sobre a mesa. A maioria tinha nomes científicos, mas um dos títulos chamou minha atenção antes de Adele conseguir colocar alguma coisa em cima dele: *Persuasão coercitiva*. Quando percebeu que eu estava examinando as lombadas, ela as virou para o fundo da sala, sem sequer olhar. Só então pareceu mais tranquila, e acenou para que eu ocupasse a cadeira ao seu lado.

"Não é o melhor lugar para bater papo." Ela falou em voz baixa, mas sem sussurrar, como se as regras da biblioteca não se aplicassem a ela. "Mas o que aconteceu com você ontem à noite? Fiquei preocupada."

"Eu só precisava respirar um pouco de ar fresco. Aquele lugar me pareceu meio opressivo." Tentei, sem sucesso, forçar um sorriso.

"Parece um ataque de pânico. Você toma alguma coisa?"

Seu olhar me pareceu familiar, embora eu não o visse havia algum tempo: curiosidade e interesse profissional, mascarados de preocupação genuína.

No primeiro ano fora do porão tentei ser útil à comunidade psicológica, enquanto eles se esforçavam para me ajudar. Isso se traduziu em uma longa sucessão de encontros, sessões e exames. Eu conhecia esse olhar. Era o olhar de alguém tentando montar o artigo revisado por seus pares. Ali estava eu novamente, servindo de base para a tese de alguém. E não gostei nada disso.

"Estou bem, não precisa se preocupar. Obrigada por me levar até lá, sério. Foi difícil, mas acho que me proporcionou bons... insights."

"Você não deveria dirigir quando está sentindo que vai sofrer um ataque de pânico. Eu poderia ter lhe dado uma carona."

Ela parou, olhando para mim da mesma forma penetrante que a dra. Simmons. Estudado, hábil, manipulador. Eu sabia o que significava. Ela iria falar do assassinato.

"O que você está realmente tentando fazer, Sarah? Você não está pensando que vai mesmo conseguir encontrar um corpo, está? Está revisitando seu passado? Tentando entender o que aconteceu com você?"

Seu tom de voz era condescendente, paternalista, e eu senti um ímpeto bastante familiar crescendo dentro de mim. Imaginei uma parede se formando entre nós, tijolo por tijolo, subindo lentamente. É isso o que anos de terapia cognitiva fazem com a gente. Estávamos travando uma batalha, espadas em punho, em uma rixa secular do bem contra o mal. Sujeito contra objeto.

Ela se mexeu no lugar, inclinando-se para a frente. Devia estar pensando que eu não conseguiria detectar a ansiedade em sua expressão. Queria ver até onde ela ia, por isso decidi entrar no jogo.

"Escute", ela começou, "espero que você não ache isso estranho, mas estive pensando... como você já está aqui, fiquei pensando se você se importaria de participar de um estudo. Não tomará muito do seu tempo. Nem irá interromper sua busca. Seriam apenas algumas sessões. Seu caso é bastante incomum, é claro, e nunca houve um conjunto de pessoas que pudesse servir de amostragem para o estudo de sobreviventes de situações do tipo que você enfrentou. Alguns anos atrás trabalhei no projeto de um estudo de vitimologia e..."

"Vitimologia?"

"É exatamente o que parece, estudo de vítimas. Para nos ajudar a entender não apenas o processo de recuperação, mas também a descobrir se existem traços psicológicos específicos que podem ser usados para desenvolver uma tipologia de vítima para um crime específico."

"Tipologia de vítima? Algo como descobrir se eu era o tipo de pessoa 'sequestrável'?"

"Não exatamente, mas podemos estudar padrões de comportamento, atividades, localização — esse tipo de coisa — para desenvolver modelos para a caracterização de pessoas com 'tendência para vítimas', como dizem."

Continuei a ouvir sua voz, e via seus lábios se mexerem claramente diante de mim, mas a minha mente já não conseguia entender o que ela estava dizendo. A expressão "tendência para vítimas" continuava martelando na minha cabeça e imaginei que o calor que sentia no rosto estivesse tão visível quanto a raiva que me corroía por dentro. Sua imagem flutuava diante de mim. Eu

estava chocada, e mesmo assim, mesmo com todo o meu corpo em estado de alerta naquele momento, procurei manter uma expressão neutra.

Então era isso o que eles faziam nessas grandes universidades, eu pensei. Ficam imaginando se você sem querer fez alguma coisa que favorecesse a catástrofe e o desastre. É claro que não estão *culpando* você. Mas é que... veja bem, você foi descuidada, permitiu que a maldade do mundo caísse sobre sua cabeça.

Ela não entendia o que eu tinha feito. O que nós havíamos feito. Ela não se dera conta do quanto eu e Jennifer havíamos tentado nos resguardar de qualquer forma de vulnerabilidade. E ainda assim havia acontecido.

Apesar de toda a minha fúria, ocorreu-me que se ela queria me usar de alguma forma, talvez eu também pudesse usá-la. Haveria mais alguma coisa a descobrir com Adele, afinal?

Ela estudara com Jack Derber, trabalhara ao seu lado por dois anos. Já dissera que havia escondido do FBI uma boa parte do envolvimento dele com o sadomasoquismo, talvez porque estivesse envolvida com algo ainda mais nefasto. Talvez fosse parceira de Jack em tudo aquilo. Talvez fosse por isso que nada parecia perturbá-la na época. Senti o estômago virar ao pensar que talvez nada daquilo fosse tão surpreendente para ela afinal de contas.

"Vou pensar", eu consegui dizer finalmente.

"Bem, me avise." Ela tirou um cartão da bolsa e rabiscou alguma coisa no lado de trás. "Agora você tem todos os meus números. Também pode mandar uma mensagem de texto. Me avise. Dou um jeito de reorganizar as coisas se você puder. Quanto tempo vai ficar na cidade?"

"Não tenho certeza. Quero falar com outras pessoas que conheciam Jack. Alguém me disse que ele tinha um amigo no campus. Um tal professor Stiller?"

Adele contraiu o rosto quase imperceptivelmente ao ouvir esse nome, mas se recompôs rapidamente. "Sim. David Stiller. Ele está aqui."

"Ele também é do departamento de psicologia?"

"Sim, a sala dele fica ao lado da minha." Ela não parecia muito satisfeita com isso.

“Ele é seu amigo?”

Ela riu. “Não, está mais para rival. Fomos amigos, há muito tempo, mas eu diria que agora nossas pesquisas são bastante parecidas, e nossas conclusões muito diferentes. Acho que a universidade gosta disso porque acabamos nos tornando estrelas do circuito de conferências. Gostam de nos colocar em mesas-redondas para ver nossas brigas. Assim é o ambiente acadêmico. De qualquer maneira, caso se encontre com ele, aconselho-a a não dizer que andou falando comigo.”

“O.k., obrigada. Mas, como você disse, não devemos perturbar as pessoas que estão na biblioteca. Vou deixá-la com seu trabalho.” Mostrei o cartão que ela havia me dado. “Vou pensar no assunto.”

Ela sorriu e estendeu a mão, como se estivéssemos prestes a fazer uma espécie de pacto. Fiquei olhando, talvez mais demoradamente do que devia — sua mão estendida no ar —, procurando desesperadamente por uma desculpa.

“Espere, preciso lhe passar os meus contatos.” Enfiei a mão na bolsa e tirei um pedaço de papel. Depois de anotar o número do meu celular, entreguei o papel a ela tomando cuidado para não tocá-la.

Olhei para trás enquanto deixava a sala de leitura. Ela continuava sentada, ereta, acompanhando-me com o olhar, o rosto indecifrável como sempre.

19

Ao atravessar o campus novamente e passar pelas portas pesadas do prédio de arquitetura neogrega que abrigava o departamento de psicologia, eu me lembrei da minha época de faculdade, de quando escapei e recomecei, dessa vez na NYU, sozinha.

Olhando em retrospecto, parecia que eu não tinha tirado os olhos do chão durante todo o tempo em que estive lá. Passara três anos em total solidão, conseguindo me formar em tempo recorde, assistindo a aulas extras à noite e durante o verão.

Nessa segunda vez, não tive o mesmo desejo de viver uma experiência universitária normal, como havia tido antes. Não sentia vontade de ir a festas. Não estudava na biblioteca. Na verdade, não queria nem que as pessoas soubessem quem eu era. Nunca conversava com meus colegas de classe, nunca comia nas lanchonetes da faculdade, nunca participei de um único evento extracurricular. A escola era um espaço grande o bastante para qualquer um passar despercebido, e eu tentei. Como tentei.

Foi aí também que comecei a usar meu novo nome, com o qual jamais consegui me acostumar. Sempre tive que fazer uma pausa antes de assinar qualquer coisa, me educando para colocá-lo no papel. Nunca me lembrava de levantar a cabeça quando os professores o usavam em classe. Tinha certeza de que eles deviam me achar meio idiota. Quer dizer, até fazer as provas; então perceberam que eu tinha um dom.

Eu me formei em matemática, consolando-me com a confiabilidade de um campo que não oferecia outra coisa senão soluções. Adorava a maneira como os números se alinhavam em fileiras impecáveis, com um problema ocupando às vezes seis ou sete páginas com minha caligrafia tortuosa, número após número, símbolo após símbolo, seno após cosseno.

Em meu quarto, mantinha todos os cadernos de classe perto da

minha cabeceira, ao alcance do braço. Se não conseguisse dormir à noite, podia pegar um deles e passar os olhos lentamente por sua magnificência organizada, admirando o modo como esses problemas tinham sempre o mesmo resultado.

Mantendo-me fiel a Jennifer à minha maneira, eu me concentrei em estatística. Concluí o mestrado em um ano. Os professores imploraram para que eu fizesse o doutorado, mas a essa altura eu já não aguentava ficar sentada em uma sala de aula com outros alunos. O grande número de pessoas com as quais precisava interagir todos os dias estava começando a me cansar. As minhas fobias estavam aumentando. Até mesmo as salas de aula maiores pareciam claustrofóbicas. Eu conseguia ouvir, com uma nitidez penetrante, qualquer tosse ou sussurro ou lápis que caísse no chão, pulando de susto sempre que o som ecoava na minha cabeça.

E quando acabavam as aulas, havia muitos corpos em movimento repentinamente, esbarrando sem necessidade um no outro ao colocarem seus casacos e cachecóis. Eu costumava ficar sentada, imóvel, até que todos saíssem, sozinha no auditório até que os corredores ficassem livres o bastante para me proporcionar espaço suficiente para passar. Então meu corpo poderia navegar pelo tempo e pelo espaço, intocável, intocado.

Voltei para o presente e observei o longo corredor do departamento de psicologia. Estava tomado por estudantes, em grupos ou duplas, com alguns poucos solitários nas bordas. Pareciam tão despreocupados, tão vivos. Alguns conversavam, enquanto outros estavam absorvidos em seus próprios pensamentos, talvez refletindo sobre o curso ou sobre algum encontro da noite anterior. Por trás daquela felicidade, não era possível enxergar os traumas que pairavam por ali. Eu sabia que, estatisticamente, eles existiam, mas não era possível saber apenas olhando.

Mas ali, com o sol penetrando pela claraboia do edifício restaurado, parecia que nenhum problema poderia atingir aqueles estudantes de pele macia e sorriso aberto. Aqui estavam eles, quase no final do ano letivo, preparando-se para fazer seus estágios, trabalhos de férias, pós-graduação. Eu jamais saberia o que eles estariam tentando superar. Talvez ninguém jamais soubesse, e pode

ser que as coisas tivessem que ser assim. Talvez seja isso o que fazem as pessoas bem ajustadas — elas se ajustam. E é isso o que significa ser jovem e preparado para a vida — você supera o passado, qualquer que seja ele, e se obriga a ser livre.

Enxuguei uma lágrima e passei por eles. O segurança que estava na recepção não tirou os olhos do jornal. Balancei a cabeça, pensando em todos os perigos que ele poderia estar deixando passar ao mesmo tempo em que me sentia grata por estar sendo ignorada. Dessa vez reparei em um pequeno letreiro indicando a direção das salas dos professores e voltei ao corredor onde já havia estado antes.

Passei pelas tradicionais portas de carvalho, com a metade superior ocupada por um painel de vidro fosco no qual se lia em letras pretas o nome do ocupante. Ao lado da sala de Adele, como ela havia dito, estava a sala do professor David Stiller. A porta estava entreaberta e ao empurrá-la levemente não consegui ver ninguém lá dentro.

A sala era espaçosa, com grandes janelas voltadas para o terraço interno. Havia uma enorme mesa de carvalho junto à janela e na parede oposta uma estante repleta de livros. Examinei os volumes, a maioria livros de psicologia sobre temas herméticos e alguns manuais clássicos de estatística que eu conhecia.

Então meu olhar foi atraído por uma estante baixa atrás da escrivaninha, rente ao chão. Aqueles livros pareciam diferentes, não eram obras acadêmicas. Eu me inclinei para olhar mais de perto e li os títulos rapidamente. *Os 120 dias de Sodoma*, *Juliet*, *História do olho*, *Nietzsche e o círculo vicioso*. Esse era o território de Tracy.

No exato momento em que eu pegava meu bloco de anotações para copiar os nomes para mostrar a ela, a porta se abriu às minhas costas.

“Desculpe? Precisa de ajuda?”, disse uma voz profunda.

Dei um pulo, deixei cair a caneta e fiquei olhando enquanto ela deslizava para baixo da pesada escrivaninha. Virei-me e dei de cara com David Stiller. Ele era alto, alguns diriam que bonito, o cabelo castanho e olhos tão pretos que era impossível distinguir as pupilas. Sua figura era perturbadora.

Ele ficou olhando para mim, à espera de uma explicação. Atônita, eu não consegui organizar meus pensamentos; por isso me abaixei e tentei pegar a caneta debaixo da mesa.

"Ah... olá...", eu disse, tentando protelar o máximo possível. "Meu nome é Caroline Morrow. Estou fazendo uma pesquisa e gostaria de saber se teria um tempo para falar comigo." Consegui pegar minha caneta, mas para ganhar tempo eu a empurrei para longe, em direção à parede.

"Espere", ele disse, parecendo ligeiramente irritado. "Permita-me." Foi para trás da escrivaninha e pegou a caneta no chão, entregando-a para mim com um gesto rápido.

"Estava dizendo...?", ele insistiu.

"Sim, desculpe." Arrumei a saia e tirei o cabelo do rosto, tentando melhorar a aparência. "Estava dizendo que meu nome é Caroline Morrow." Não estendi a mão, e nem ele. "Sou do departamento de sociologia." Fiz um gesto com o braço, apontando para o outro lado do campus, como se ele desconhecesse a localização física do departamento. "Estou redigindo minha dissertação sobre Jack Derber e sei que você estava começando a trabalhar como professor auxiliar quando ele foi preso."

Ao contrário de Adele, quando mencionei o nome de Jack Derber ele realmente se mostrou interessado. Seu rosto se abriu em um sorriso irônico e ele sentou, apontando para a cadeira à sua frente.

"Sente-se, por favor. Não há ninguém com mais disposição para falar sobre Jack por aqui. Estou curioso para saber qual é seu projeto. Confesso que estou surpreso em saber que o departamento sancionou essa pesquisa, mas imagino que os tempos são outros. Qual é sua perspectiva?"

"Perspectiva? Não sei qual é minha perspectiva. Só acho que existem elementos nessa história que não foram devidamente explorados. Penso em fazer uma pesquisa de um ângulo puramente factual. Por isso escolhi esse tópico — tudo aconteceu aqui, entende?" Ali estava eu, improvisando. Fiquei impressionada comigo mesma. Ele estava acenando com a cabeça, animador.

"Sei que ele era seu amigo." Nisso, o sorriso desapareceu completamente de seu rosto.

“Amigo? Não, não, não. Não sei onde ouviu isso. Éramos apenas colegas, eu mal conhecia o sujeito. Desenvolvíamos trabalhos em pontos opostos do espectro. Jamais estivemos juntos em uma mesa-redonda. Mas ele definitivamente era muito bom em sua área.”

“Muito bom?”

“Que é isso? É claro que você já deve saber como funcionam as coisas no mundo acadêmico. É preciso ser muito bom para chegar a algum lugar. Fazer muitas palestras, participar de seminários, simpósios, ou seja, ter uma participação ativa no circo de conferências, quero dizer, circuito. Você se submete a uma vida muito exigente.”

“E quanto a Adele Hinton?”

O rosto dele se fechou. “Ah, ela. Fale sobre Jack Derber.” Ele balançou a cabeça.

“O que você quer dizer?”

“Bem, depois que todo o negócio foi para o buraco, digamos que as palestras dela ficaram concorridas. Mais pela notoriedade que ela conquistou do que por seus insights acadêmicos, se quer saber o que eu penso. Acho que estavam todos esperando por revelações picantes a respeito de Jack Derber. Não diga que eu disse, mas, francamente, ela deve sua carreira a esse caso.”

“Então ela recebeu muita atenção?”

Ele riu.

“Com certeza. O *Portland Sun* até publicou um perfil dela na época. Ridiculamente bajulador. Quer dizer, ela é uma mulher atraente, afinal; não é de admirar que o repórter quisesse passar um bom tempo com ela.”

Ele se inclinou na minha direção, olhando para mim atentamente, para se certificar de que eu havia entendido o que ele estava sugerindo. Então continuou, recostando-se novamente na cadeira e balançando levemente da esquerda para a direita.

“Sabe de uma coisa? Se realmente quer fazer uma pesquisa original, devia considerar uma outra perspectiva. Jack trabalhava muito. Fazia muitas pesquisas, desenvolvia muitos estudos. Viajava constantemente. A sala dele estava cheia de papéis. Pastas, arquivos. E ele era extremamente cioso em relação ao seu trabalho.

Adele era a única pessoa que tinha acesso a tudo isso. Sei que o FBI bloqueou rapidamente todo esse trabalho depois que o prenderam. Mas tenho certeza de que ela se apossou de uma parte. *Sei* que fez isso."

Ele virou a cadeira para a janela e ficou olhando para fora por alguns instantes, perdido em seus pensamentos.

Depois voltou a falar, mais para si do que para mim. "Bem, isso nunca foi o suficiente para ela, é claro. Ela quer o reconhecimento da comunidade acadêmica e científica, não é mesmo? Faz sentido. Ela tem que corresponder às grandes expectativas."

Virou-se para mim.

"Você provavelmente não sabe, mas o pai dela é um dos cirurgiões mais famosos de Seattle. Um homem muito bem-sucedido." Ele sorriu cinicamente, balançando a cabeça.

"Mas estou divagando. Voltemos ao seu trabalho. Não posso provar, mas tenho certeza de que ela está usando as ideias e a pesquisa de Jack Derber. É com ela que você deveria conversar. Tenho certeza de que aí existem alguns fatos que precisam ser desenterrados. Eu a ajudaria com *essa* pesquisa se pudesse. Avise se houver algo que eu possa fazer."

Ele nem se esforçou para esconder o ciúme e, me pareceu, o desprezo por Adele.

Depois de algumas tentativas infrutíferas para que voltasse a Jack Derber, eu me levantei, quase caindo sobre a cadeira; saindo com a mesma elegância com que havia entrado.

20

Telefonei para Tracy várias vezes naquele dia, mas não obtive resposta. Era evidente que ela estava me evitando. Eu não conseguiria juntar as coisas que descobrira sem a ajuda dela, por isso decidi fazer uma visita-surpresa, como ela havia feito comigo.

Troquei o voo naquela tarde e fui para Boston em vez de voltar para Nova York. Era bom voltar à costa leste mesmo que por alguns dias apenas. Meus planos me levariam ainda mais longe.

Em Boston aluguei outro carro e peguei a estrada panorâmica até Northampton. Fiquei impressionada com minha capacidade de dirigir por tanto tempo. Eu já não sofria com dores debilitantes quando ficava atrás do volante, sentia apenas um leve desconforto.

Fui direto para o apartamento de Tracy, cujo endereço havia descoberto após uma rápida pesquisa na internet. Se ela podia aparecer na minha porta, eu também podia aparecer na dela.

Ela morava em uma casa antiga, de tábuas de madeira brancas, em um bairro tranquilo, muito bem cuidado, incrivelmente burguês para uma pessoa como ela. Havia duas campainhas, cada uma com um nome pregado cuidadosamente. A dela era a de cima. Percebi que havia barras na janela da porta. Talvez Tracy não se sentisse tão segura quanto pretendia parecer.

Fiquei imaginando se teria que esperar na pequena varanda da frente como ela havia feito por mim, mas logo em seguida ouvi passos na escada dentro da casa. Tracy espiou pela janela e estão soltou a cortina. Ela não pareceu muito contente em me ver, mas depois de alguns segundos ouvi o barulho da trava se abrindo. Uma trava excelente, por sinal. Ela abriu a porta rapidamente, mas não completamente.

“O que é agora?”, ela perguntou, com a mão no quadril. Estava sem maquiagem e parecia cansada. Se não a conhecesse bem, poderia pensar que estivera chorando.

“Preciso falar com você. Voltei ao Oregon e tenho mais informações.”

“Muito bem, se não é a garota-detetive.” Ela deu de ombros e me deixou entrar, parecendo resignada. Subi a escada atrás dela.

O térreo da casa era alegre, com um tom de amarelo bem clarinho nas paredes e um espelho com moldura de madeira na entrada. Mas ao subirmos para o andar de Tracy a cor da parede mudou para um cinza opaco, sem graça. Chegando ao topo, fiquei cara a cara com a foto de um homem acorrentado. Isso de certa forma me preparou para o que iria encontrar do outro lado da porta.

O apartamento de Tracy era o oposto do meu. As paredes — muito altas, porque o sótão havia sido removido para a criação de um enorme teto que lembrava uma catedral —, tinham o mesmo tom de cinza da parede da escada. Estavam cobertas por gravuras e fotos em preto e branco. Todas as imagens eram do tipo que me causariam pesadelos se fosse obrigada a olhar para elas por muito tempo. Pela insipidez devastadora, parecia que Tracy havia tentado transformar seu apartamento em uma prisão. E funcionou. Eu me senti presa.

Se não fosse pelos sinais de bagunça doméstica e pelo cheiro de café, eu talvez tivesse ido embora. Uma das paredes estava coberta de prateleiras, abarrotadas de livros, com os volumes grandes, de capa dura, na horizontal. Havia muitos livros também espalhados pelo chão, sobre as mesas, nas cadeiras. Alguns estavam abertos, virados para baixo. Alguns estavam marcados com um lápis.

O apartamento era formado por uma grande sala, ampla e aberta, com um quarto no mezanino em um dos cantos. De eu onde estava, pude ver a cama por fazer, um edredom preto caindo na beirada. Era evidente que ela estivera trabalhando; o laptop estava ligado sobre a mesa e havia uma porção de páginas manuscritas espalhadas por toda parte.

“Agora você pode entender porque fiquei tão chocada com seu apartamento. Sente-se.”

Apontou para uma poltrona ao lado da escrivaninha, com uma porção de livros empilhados precariamente. Ela foi até lá, pegou todos os livros de uma vez e atirou-os no sofá de pelúcia. Os livros

escorregaram e metade deles caiu no chão. Tracy voltou a apontar para a poltrona.

Sentei e coloquei-a a par das minhas atividades no Oregon. Eu estava nervosa. Queria parecer o mais convincente possível, já que não havia conseguido despertar muito interesse em Jim. De repente, convencer Tracy a participar da minha busca parecia a coisa mais importante do mundo. Eu não sabia se conseguiria continuar sozinha. Se ela também não desse importância às coisas que eu havia descoberto, não teria coragem de seguir com o plano que havia formulado enquanto estava no avião.

Tracy ouviu em silêncio, erguendo as sobrancelhas e revelando seu espanto quando falei do clube de sadomasoquismo; ela arregalou os olhos e ficou de queixo caído quando contei o que aconteceu lá dentro e como acabei seguindo a van até o galpão. Eu não saberia dizer se ela estava surpresa com o que vi ou com o que fiz. Provavelmente com a segunda opção. Por fim, falei dos livros que havia visto na sala de David Stiller. Ela descartou essa parte.

"Todo mundo lê esses autores no meio acadêmico. Faz parte. Foucault mudou a vida acadêmica para sempre. Criou uma nova perspectiva, uma nova maneira de ver as coisas. Veja, tenho uma seção inteira aqui na minha biblioteca dedicada a ele. A marca indelével dos muitos anos passados na faculdade."

Ela apontou para uma parte no meio da estante. "Bataille também. Quer dizer, ele escreve sobre sexo e morte. É com isso que os acadêmicos se importam. Sério, é com isso que todo mundo se importa."

"Mas isso não está diretamente ligado ao que Jack fez conosco?"

"Tenho certeza de que ele usou isso para justificar suas ações, como tantos outros homens que querem subjugar as mulheres e ao mesmo tempo garantir um verniz intelectual. Posso imaginar como ele teria aderido à ideia de ter uma 'experiência-limite', vivendo uma vida fora das regras sociais etc. Foucault, Nietzsche, todos eles. Comerciantes de desculpas."

Eu tinha me levantado e estava passando os olhos pelas prateleiras de Tracy enquanto ela falava; havia encontrado vários livros de Bataille. Seu acervo era ainda maior do que o de David. Peguei alguns, mas congelei quando vi um chamado *The Bataille*

Reader.

Não podia acreditar. Na capa, em um quadro branco sobre a capa preta, vi o desenho de um homem sem cabeça. Em uma das mãos ele segurava o que parecia ser um coração, com chamas saindo de dentro dele; na outra mão, uma faca pequena. Tinha um esqueleto desenhado sobre a virilha e os mamilos eram pequenas estrelas. Eu o mostrei para Tracy, as mãos tremendo.

"Tracy, isto não parece, isto não é..."

Ela olhou para mim com ar de interrogação, evidentemente, sem ver o que eu estava vendo.

Finalmente consegui pronunciar as palavras. "A marca. Esta não é a *marca* dele?"

Abaixei um pouco a calça e a calcinha, o suficiente para que ela pudesse ver meu quadril claramente. Ela olhou para a imagem e depois para a minha cicatriz. Reconheço que não era fácil, porque o tecido da cicatriz havia encoberto a marca original, mas o contorno seguramente era o mesmo.

Tracy ficou olhando em silêncio por alguns instantes, antes de me encarar.

"Acho que você pode ter razão. Nunca percebi isso antes. Talvez porque evitava olhar para esta coisa maldita — não é exatamente uma lembrança que eu adore. Além disso, minha marca não ficou perfeita. Eu me virei completamente quando o ferro encostou na minha pele, por isso a marca é parcial. Parece diferente."

Ela se levantou e me mostrou sua marca, mais ou menos na mesma altura do quadril, mas um pouco mais para trás. Pude entender o que ela queria dizer — estava faltando metade do torso e uma perna inteira —, mas também percebi que a parte de cima estava mais nítida. Pude ver claramente a faca na mão do homem sem cabeça.

"O que significa isso?", eu perguntei.

Tracy sentou, e eu também, as mãos segurando o *The Bataille Reader*.

"A imagem foi criada para uma publicação com a qual Bataille estava envolvido, mas pelo que lembro também foi o símbolo de uma espécie de sociedade secreta. Alguns intelectuais dos anos 1930 formaram um grupo antes da guerra. Estavam em busca de

uma experiência mística ou algo parecido. Não tenho certeza, tive apenas uma aula de surrealismo, mas lembro vagamente que tinha algo a ver com sacrifício humano. Acho que eles se separaram rapidamente. Teremos que pesquisar."

"Posso não estar familiarizada com as figuras literárias da década de 1930, Tracy, mas de matemática eu entendo. E 'sociedade' implica mais de uma pessoa. Você acha que Jack pode ter criado uma espécie de sociedade secreta na universidade, talvez baseada nesse grupo? Talvez com David Stiller?" Folheei as páginas dos livros de Bataille, parando aqui e ali para ler algumas passagens. Nada fazia sentido para mim. E era doentio.

Olhei para Tracy novamente. "Qual é o problema dessas pessoas? 'Horror', 'desejo', 'cadáveres', 'sujeira', 'sacrifício'... Jesus. Será que Jennifer foi *sacrificada*?"

Abaixei o livro lentamente e agarrei os braços da poltrona, com as imagens de depravação e mutilação daquelas páginas rodando na minha cabeça.

Tracy ficou apavorada, mas acho que mais pela minha palidez do que por essa descoberta.

"Hei, hei, acho que você está colocando o carro na frente dos bois, não está? Jack tinha uma queda por filósofos mortos envolvidos com um clube de perversões. A maioria dos psicopatas tem interesses estranhos, para dizer o mínimo."

"Mas há alguma coisa estranha envolvendo esses três. O veneno de David Stiller em relação a Adele é muito intenso."

"Bem-vinda ao mundo acadêmico. Você não tem ideia. É um verdadeiro circo."

"Circo?" Alguma coisa estalou na minha cabeça. "David Stiller usou essa palavra, e Jack também... em uma carta."

"É uma metáfora bastante genérica", Tracy observou ironicamente.

"David Stiller na verdade trocou as palavras. Ele disse..." Eu fiz um esforço para lembrar. "Ele falou do circo de conferências e depois corrigiu pela palavra circuito."

"Não deixa de ser engraçado. Esses simpósios são um verdadeiro circo."

"O que você quer dizer?"

“Para algumas pessoas, esse é um dos privilégios da vida acadêmica. A universidade paga sua viagem. As conferências geralmente são realizadas em lugares decentes. Nesses simpósios são feitas palestras, mesas-redondas e então todos saem para comer e beber como se fossem senadores do Império Romano. Muitos casos amorosos. Muita intriga acadêmica. Alianças criadas e desfeitas, esse tipo de coisa. É uma espécie de circo itinerante de eruditos — intelectuais sabichões.”

Tirei as cartas de Jack da minha bolsa e comecei a abri-las cuidadosamente, espalhando-as sobre a escrivaninha de Tracy. Ela suspirou e abriu espaço para mim. Examinei as cartas e, finalmente, na terceira carta enviada eu vi.

“Aqui”, eu apontei triunfantemente.

Tracy pegou a carta e leu em voz alta.

“E eu a conheci quando estava no trem do circo. Dois espetáculos. Mais viajantes.”

“‘Eu a conheci’... Tracy, você acha que ele estava na cidade por causa de uma conferência quando nos sequestrou, Jennifer e eu? E você? Será que Jim teria essas informações? Precisamos telefonar para ele.”

Tracy ficou olhando para mim, pensando. Então concordou com a cabeça e pegou o telefone. Depois de colocar no viva-voz, ela discou. Sabia o número de cor. Como sempre, Jim atendeu imediatamente.

“Jim?”, Tracy começou, tomando a iniciativa, como sempre. “Estou aqui com Sarah.”

Jim ficou em silêncio. Eu tinha certeza de que ele não estava acreditando.

“Isso é... maravilhoso”, ele disse, finalmente.

Resolvi falar. “Jim, na data do meu... sequestro, Jack estava participando de algum simpósio, fazendo alguma conferência?”

Jim esperou um pouco, como sempre fazia antes de nos dar qualquer informação nova a respeito do nosso caso. Eu não sabia se era preocupação com nossa condição mental ou com questões de confidencialidade que ele era obrigado a respeitar. Finalmente, ele disse: “Sim, estava”.

“E quando eu fui sequestrada?”, Tracy perguntou.

“Disso não temos certeza. Houve um simpósio acadêmico em Tulane na semana anterior, mas não ligado ao campo dele. Mas se estava na cidade para participar, não existem registros.”

“Que tipo de simpósio?”, eu perguntei, segurando a respiração. Olhei para Tracy e vi que ela estava fazendo o mesmo.

“Um simpósio literário.”

“Você sabe qual era o tema do simpósio?”, Tracy perguntou. Nós sabíamos que os interesses de Jack eram mais amplos e iam além da psicologia.

“Espere um pouco. Vou ver.” Esperamos, ouvindo o clique do teclado do outro lado da linha. “Parece que... o nome era *Mito e magia na literatura surrealista*.”

Respiramos simultaneamente. Havia alguma coisa ali, mesmo que Jim não soubesse. Trocamos olhares e Tracy acenou com a cabeça, dando seu o.k.

“Jim. Sei que você deve ter um banco de dados gigantesco e funcionários para examinar todas essas informações. Gostaria que você fizesse uma coisa para nós. Sei que você acha que estou indo longe demais, mas se fizer isso por mim prometo que apareço na audiência e me afogo em lágrimas diante da comissão da condicional.”

“Primeiro preciso saber do que se trata, é óbvio.”

“Será que você pode destacar alguém para analisar a participação de Jack Derber em simpósios acadêmicos? Quer dizer, não sei como você poderia fazer isso, talvez pelos recibos dos cartões de crédito, talvez pela universidade — examinar toda a carreira dele e checar todas as conferências e simpósios...”

“A universidade forneceu relatórios de despesas? Talvez ainda tenham os registros disso”, Tracy acrescentou.

“Depois”, eu continuei, entusiasmada, “você pode cruzar essas informações com os registros de pessoas desaparecidas nessas áreas na mesma época?”

Jim permaneceu em silêncio por muito tempo. Por fim perguntou: “Vocês acham que pode haver outras? Não existem evidências de que ele tenha feito outras prisioneiras. Examinamos todos os cantos daquela casa usando todos os equipamentos de perícia disponíveis, farejadores, luminol, luzes UV. Fizemos testes

serológicos e de DNA..."

Eu não queria que Jim soubesse o que eu estava pensando, e talvez Tracy também, porque ele poderia pensar que tínhamos enlouquecido.

"Por favor, Jim. Por favor. Você vai fazer esse levantamento?"

"Eu não poderei entregar a você, mesmo que faça. Você sabe disso, não sabe? Vocês duas, ao contrário do que podem estar pensando, não são agentes do FBI."

Tracy ameaçou dizer alguma coisa, mas eu levantei as mãos, reconhecendo a vitória quando a via.

"Tudo bem. Mas você vai fazer?"

"Vou ver. Você sabe que não é fácil montar uma equipe. Tivemos muitos cortes de despesas. Todo o dinheiro agora está indo para os grupos antiterrorismo."

Decidi tirar minha última carta da manga. "Você nos deve isso, Jim, você não acha? Depois daquele julgamento?" Eu quase me senti culpada por jogar isso na cara dele, sabendo que esse era um ponto tão sensível para ele.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes e depois falou suavemente. "Vou providenciar. Agora, por que vocês não retomam o processo de reconciliação? Fico feliz em saber que vocês estão se vendo. Isso é bom para o coração de um agente." Ele riu afetuosamente.

Ao ouvir isso, eu e Tracy desviamos os olhos. Murmuramos nossos agradecimentos e desligamos rapidamente. Só depois de desligar é que conseguimos olhar uma para a outra novamente. Não estávamos em condições de articular nossos pensamentos, por isso resolvi voltar a falar da razão que me levara até ali.

"Tenho uma proposta para você."

"O quê?"

"Estou cheia desse negócio: livros sobre sexo e morte, clubes de sadomasoquismo, política acadêmica. Preciso da sua ajuda, Tracy. Você entende o significado dessas coisas. Será que não pode se afastar do jornal, por algumas semanas apenas, e vir comigo?"

Tracy fechou a cara. "Você acha que o FBI deixou escapar alguma coisa?"

"Sei que parece maluquice, mas sim. Quero ir até o Sul, ver o

que consigo descobrir sobre o passado de Sylvia. Conversar com a família dela. Acho que precisamos descobrir muita mais coisas. Sobre Noah Philben, Adele e David Stiller. Acho que aconteceu muita coisa na época e o FBI nem chegou perto. Acho que existem respostas para nossas perguntas, Tracy. Só precisamos encontrá-las."

Quando terminei de falar, respirei fundo e olhei para ela. Eu também estava surpresa. Não pedia ajuda a ninguém desde a minha fuga, e certamente não queria que ninguém se aproximasse de mim, literal e figurativamente. E Tracy seria a última pessoa do mundo a quem eu pediria. Talvez no fundo eu acreditasse que se enfrentássemos aquilo juntas ela finalmente veria que eu não era o ser humano horroroso que ela achava que eu era. Ou que eu achava que era.

Com sincronia quase perfeita, como sempre, meu celular começou a vibrar quando Tracy ia responder. Era uma mensagem de texto da dra. Simmons.

"Nossa psiquiatra", eu disse com um sorriso envergonhado.

Tracy riu. "Ela parece melhor do que imaginávamos. Talvez seja médium também." Nós duas sorrimos.

"Então, Tracy?"

Ela olhou para o computador, passou os olhos pela sala, pelos livros, e suspirou. Depois foi até a escrivaninha e fechou o laptop.

"Está certo. Eu vou. Com uma condição."

"Qual?"

"Temos que fazer um pequeno desvio até New Orleans. Preciso fazer uma visita."

21

Como Tracy só poderia sair depois de alguns dias, eu me hospedei em um hotel ali perto. Nenhuma de nós sequer mencionou a possibilidade de eu ficar com ela. Depois de todas aquelas noites que passamos juntas no porão, sabíamos que esse tipo de proximidade traria muitas lembranças.

Naquela noite tive dificuldade para dormir. Quando finalmente consegui pegar no sono, tive o meu sonho recorrente, se é que podia ser chamado de sonho. Era mais uma lembrança torturante que atormentava meu sono.

Eu estava no andar de cima da casa de Jack e ele estava me testando. Finalmente me dando a chance que eu queria e vinha preparando, cuidadosa e metodicamente.

Sem avisar e em silêncio total, ele me tirou do rack, me levou para fora da biblioteca, até a porta da frente da casa. Quase instintivamente, eu me virei para trás, olhando para dentro através da porta da biblioteca, dirigindo um último olhar, quase triste, para o rack, com a esperança de que a lembrança da dor me inspirasse nesse momento.

A madeira parecia brilhante, quase reluzente. A luz do sol, queimando através da janela, dava-lhe uma aura mágica. Virei minha cabeça lentamente para olhar adiante novamente, na direção da porta que dava para fora. Eu nunca tinha visto essa porta aberta. Meus pés devem ter se mexido, mas no sonho eu escorregava e não conseguia parar, não conseguia controlar meus movimentos. Um fantasma, uma quimera, eu não era nada, apenas ar.

Jack apontou para a frente, dizendo: “Você quer vê-la, certo?”.

Ele já havia dito, acho que para me aterrorizar, que um dia iria desenterrar o corpo de Jennifer, só para mim; um dia, quando ele finalmente acreditasse que eu havia alcançado o nível digno de

confiança. Confiança para ver. Para tocar se eu quisesse. Deitar ao lado.

Eu não sabia se ele estava me ameaçando com a mesma morte, por mais macabra que pudesse ter sido, que ele reservara para ela.

Olhei pela porta, quase com medo da abertura que ela oferecia, depois de todo aquele tempo. Eu passara muitos meses tentando conquistar a confiança de Jack, fazendo com que acreditasse que eu tinha aceitado meu "destino", que jamais fugiria. Eu havia pago um preço muito alto para conquistar essa confiança e não perderia tudo o que investira agora.

Mas seria esse o momento que eu estava esperando? Um movimento em falso e poderia morrer. Morrer ou ficar livre. Não havia outra opção; e talvez essa fosse a única e a mesma opção. De qualquer maneira, nada seria igual depois disso. O momento era decisivo. Meu coração disparou como se fosse explodir.

A oportunidade havia chegado inesperadamente. Não pensei que fosse chegar tão cedo, por isso, apesar de ter planejado tanto, eu não tinha pensado nisso. Não sabia se era a hora certa. Eu não comia havia dois dias, por isso meu cérebro não estava conseguindo calcular as probabilidades, como se houvesse dados suficientes para analisar naquela situação sem números. Também não ajudava o fato de eu estar completamente nua e cheia de dores. Eu estava totalmente vulnerável, mas absolutamente determinada.

Achava que minha mente era forte, mas no fundo sabia que tinha vacilado. Que houvera ocasiões naqueles últimos meses em que pensara que talvez fosse melhor desistir e aceitar que o resto da minha vida seria aquilo. Que eu ficaria ali como serva fiel de Jack até o dia em que ele decidisse me matar. Que se eu não resistisse, nem mesmo em pensamento, ele seria misericordioso pelo menos nos castigos físicos. Então eu poderia viver feliz com o pouco de folga que havia conquistado.

Pela porta aberta, vi uma pequena varanda e além dela um caminho de terra que levava a um grande celeiro vermelho. O celeiro era alto e malconservado, com a pintura lascada revelando as tábuas gastas por baixo. A porta do celeiro estava aberta quase até o meio, mas não consegui ver nada no interior além da escuridão.

Não reparei imediatamente no corpo. Mas os meus olhos, desacostumados a um campo de visão mais distante, acabaram chegando lá. No chão, à esquerda da porta aberta, havia uma lona azul, envolvendo cuidadosamente uma figura humana.

Meu coração quase parou quando vi que o objeto sem cor e inchado que saía para fora da lona era um pé. Estava quase irreconhecível como parte de um corpo humano. Sujo, a terra seca cobrindo o calcanhar e os dedos inchados. Era evidente que havia sido enterrado sem qualquer tipo de caixão.

Ele me empurrou pela porta aberta e comecei a caminhar lentamente na direção do corpo. Apesar de saber, havia muitos meses, que ele matara Jennifer, e de achar que já tinha sofrido e superado o luto, ao vê-la ali minha dor e meu medo aumentaram exponencialmente, multiplicados por dez. E ainda assim, superando as ondas de pesar e de dor, consegui recuperar o foco. Seria esse o momento? Deveria correr? Deveria olhar para ela? Minha doce Jennifer.

Como sempre acontecia nesse momento do sonho, acordei suando frio, com a gargalhada de Jack ecoando em minha cabeça. Sentei na cama, fui até o asséptico banheiro do hotel e tomei um copo de água fria. Voltei para a cama e sentei, sem ligar a luz.

Meus olhos acabaram por se adaptar à escuridão do quarto e consegui imaginar vagamente os contornos da mobília. Olhei para o espelho da parede à minha frente e vi o contorno da minha sombra escura. Uma velha amiga, minha única amiga. Eu podia fingir que meu reflexo era o fantasma de Jennifer. Costumava conversar com ela, embora ela não respondesse, como nos anos que passara na caixa.

Nessa noite apenas olhei para ela por um bom tempo, até finalmente me levantar e caminhar até o espelho, onde tracei o contorno de sua imagem com a ponta do dedo. Era o único ser humano que eu ousava tocar. Quem tivera mais sorte?, eu me perguntei. Jennifer não precisava mais ficar sozinha, enquanto eu estava ali, trancada em minha própria caixa, uma figura solitária incapaz de permitir a entrada de alguém. Fechada como um pote hermético, com nada além de fobias e paranoia para me guiar. Destruída. Irrecuperável. Imobilizada.

22

Alguns dias depois, eu e Tracy pegamos um avião para Birmingham. Alugamos um carro e dirigimos durante horas por uma estrada de quatro pistas até pegarmos uma saída para uma cidadezinha com sua mistura desconexa de cooperativas de agricultores, centros de compras meio desertos e postos de veteranos de guerra. Tracy parecia calma, feliz por estar de volta ao Sul, à sua terra natal.

Graças ao bom humor, ela parecia estar aguentando bem todas as minhas esquisitices. Como o pulo que dei quando ela fechou o porta-malas do carro. E meu processo metódico para contar minhas malas, checar o celular, checar duas vezes os cartões de crédito na carteira, apertar o cinto de segurança e puxar três vezes para ter certeza de que estava funcionando corretamente. O modo como me comportava no banco traseiro, olhando nervosamente para todos os outros motoristas como se estivéssemos apostando uma corrida e eles fossem nos jogar para fora da estrada.

Felizmente ela decidiu achar que isso era engraçado, porque fiquei imaginando que coisa irritante devia ser viajar comigo. Mas eu sabia que se não usasse esses mecanismos de defesa, como dizia a dra. Simmons, minha ansiedade iria até as alturas. Eu precisava me acalmar verificando tudo o que estava nas minhas listas. O forno está desligado, a porta da frente está trancada, o alarme está ligado.

O Alabama em junho superou todas as minhas expectativas. Quente e úmido, é claro. Eu já contava com isso. Mas o peso da umidade era tamanho que a gente sentia vontade de se enterrar na terra para fugir. Liguei o ar-condicionado do carro no máximo, enquanto Tracy aumentava o volume do rádio, imagino que para não ter que falar comigo.

Nosso plano era ir diretamente para a casa dos pais de Sylvia.

Eles viviam na pequena cidade de Cypress Junction, no sudoeste do estado, perto de Selma.

Quando finalmente chegamos à cidade, tivemos a nítida sensação de que estava abandonada. Na rua principal, todos os prédios eram antigos, da época da Depressão, com placas anunciando ALUGA-SE nas janelas. Havia um banco no centro da cidade; também passamos por uma agência do correio, a prefeitura e uma farmácia. Nenhum dos estacionamentos tinha mais do que dois carros. Um pequeno restaurante exibia um cartaz onde se lia ABERTO, mas pelas janelas era possível ver as cadeiras empilhadas sobre as mesas. As luzes estavam desligadas.

"Como é que as pessoas daqui ganham a vida?", eu disse, olhando para os prédios vazios.

"Os ambiciosos fazem metanfetaminas. Os outros, consomem. Ou talvez trabalhem nas lanchonetes da parte 'nova' da cidade. Bem-vinda ao resto dos Estados Unidos."

Viramos em uma esquina e pegamos um caminho secundário. Estava deserto, mas Tracy me garantiu que às sextas-feiras tinha muito movimento, porque levava até as praias do Golfo do México.

Seguimos as indicações do nosso GPS até chegar a uma casa de tijolos no meio de um campo, uma mistura de plantação de algodão e pastagem. Pegamos a entrada de carro, que não passava de um caminho de terra vermelha, arenosa. Ao sair do carro, senti o sol queimando e lamentei por não estar usando algo mais leve do que minha calça de algodão cinza e blusa de linho branco com botões até o pescoço.

Antes que eu desse qualquer passo, Tracy gritou: "Cuidado!". Olhei para baixo e vi um formigueiro sete vezes maior do que qualquer outro que já tinha visto na vida, com uns trinta centímetros de altura. Eu me inclinei para examinar os insetos, frenéticos com sua vida comunitária, alguns carregando pedacinhos brancos, outros parando para se comunicar com seus pares através de um rápido toque antes de prosseguir.

"Formigas-de-fogo", Tracy falou. Fiz uma careta e contornei o formigueiro cuidadosamente.

Não tínhamos avisado que vínhamos, por isso não sabíamos se os pais de Sylvia estariam em casa. Mas sabíamos que eram

agricultores e, segundo Tracy, no Sul os agricultores tinham que parar de trabalhar cedo por causa do calor.

Eram quatro horas da tarde, a parte mais quente do dia.

Batemos e ouvimos alguém chamar lá dentro. Um homem de aproximadamente sessenta anos abriu a porta, que não estava trancada. De jeans e camiseta branca, sem sapatos, ele parecia ter acabado de levantar de uma soneca. Eu estava torcendo para que ele nos convidasse a entrar, para poder sentir o ar frio do ar-condicionado que minha pele estava pedindo.

"Pois não?", o homem falou com uma voz educada e cordial, apesar de não muito amigável. Ele devia estar pensando que éramos vendedoras, mas não havia qualquer sinal de grosseria. E não parecia ter reparado nem demonstrou qualquer objeção à aparência pouco ortodoxa de Tracy, mesmo com os piercings de seu rosto brilhando com o sol.

Tracy tomou a dianteira. "Sr. Dunham, viemos até aqui por causa da sua filha."

No mesmo instante, ele ficou apavorado e confuso. Percebi que devia estar pensando que estávamos ali para dizer que ela estava morta e resolvi intervir.

"Ela está bem, senhor." Ele ficou mais calmo imediatamente. "Bem, pelo menos esperamos que esteja. Para falar a verdade, nós não a conhecemos, mas queremos entrar em contato com ela. Precisamos lhe fazer algumas perguntas."

"Ela está metida em alguma encrenca?", ele perguntou, visivelmente preocupado. O meu coração também já estava partido.

"Não... não, senhor, não pelo que sabemos. Mas ela talvez seja... testemunha de uma coisa."

"Algo que aquele marido dela fez?" A voz dele era áspera, e pude ver os músculos tensos em seu pescoço. Pensei que ele fosse chorar.

"Trata-se de algo relacionado a ele", eu disse, "mas não podemos falar dos detalhes por enquanto." Era quase verdade.

"Vocês trabalham para a polícia?", ele perguntou, olhando para Tracy.

"Não, não exatamente", ela respondeu, "mas eles... estão a par da

nossa investigação."

Ele nos mediu de alto a baixo. Tive a impressão de que pela primeira vez ele reparou no cabelo parcialmente raspado de Tracy, pois se inclinou mais para perto dela. Mas não demorou mais do que uma fração de segundo para nos convidar a entrar.

"Erline", ele chamou com seu sotaque cantado, "temos visita." Ele sorriu afetuosamente para nós, apesar de estarmos mexendo em uma ferida. Gostei dele instintivamente. Como é que a filha de um homem como esse acabou casando com Jack Derber?

A esposa apareceu na entrada para nos cumprimentar, enxugando as mãos no avental. Nós nos apresentamos usando nomes falsos.

"Mas o que é isso? Dan deixou vocês em pé nesse calor? Entrem, garotas. Sentem-se."

A sala era bem iluminada e nós afundamos nos amplos sofás de estampa floral. O espaço todo acarpetado e a temperatura perfeitamente controlada davam uma sensação de aconchego, como se tivéssemos penetrado em uma pequena biosfera. Tudo estava imaculadamente limpo, exalando um pouco aquele frescor falso dos perfumadores de ar.

Eu estava confusa. Imaginava que Sylvia viesse de um lar desfeito ou abusivo. Um lugar onde sua autoestima tivesse sido abalada desde muito cedo, deixando-a vulnerável a alguém como Jack. E não desse lugarzinho aconchegante no interior dos Estados Unidos.

Dan Dunham virou-se para a esposa, que olhava ansiosa para ele.

De repente me ocorreu que não deveríamos ter ido perturbar aquele casal tão doce que sem dúvida estava sofrendo por causa da filha que havia desaparecido, da mesma maneira que meus pais haviam sofrido anos antes. Olhei para Tracy. Percebi que ela estava sentindo a mesma coisa. Essas duas pessoas também eram vítimas de Jack Derber. Vítimas de maneira diferente, mas ainda assim, vítimas.

"Erline", Dan começou, "elas estão aqui para falar de Sylvia. Ela não está ferida", ele disse rapidamente, "mas elas querem encontrar com ela e fazer algumas perguntas. Acham que ela pode ser testemunha de alguma coisa."

“Bem”, Erline falou, endireitando o corpo, o olhar perdido ao longe. “Não podemos ajudar muito. Ela não tem feito muito contato com a gente ultimamente.”

Dan continuou por ela. “Faz mais de sete anos, para ser mais exato, que ela saiu daqui para se juntar àquele grupo religioso. Não sei por que precisou ir tão longe. Temos muitos aqui mesmo. Afinal, vivemos no Cinturão Bíblico.”

“Como foi que... como é que Sylvia foi se envolver com um grupo tão distante?”

Ele suspirou. “Tudo por causa dos computadores. Não temos um em casa, mas ela passava horas na biblioteca da cidade.”

“Ela descobriu na internet?”, eu perguntei, surpresa.

Ele concordou com a cabeça. “Não tinha quem segurasse a Sylvia quando ela metia alguma coisa na cabeça. Quando foi embora, estava com vinte anos; era difícil dizer o que ela devia ou não fazer.” Ele balançou a cabeça. “Mas eu tinha esperança de que ela pelo menos terminasse a faculdade primeiro.”

“O que ela estava estudando?”, Tracy perguntou.

Erline suspirou. “Religião. Ela só se preocupava com isso. Eu percebi que isso estava tomando conta dela, e não me parecia saudável para uma moça da idade dela. Mas sabe como é, todo mundo precisa encontrar seu caminho. Não dá pra viver a vida deles.”

“Mas era demais”, Dan continuou. “Rezando o tempo todo, participando de renascimentos religiosos, retiros, todas essas coisas. No início pensamos que ela talvez estivesse apaixonada pelo jovem pastor de Sweetwater. Ele era um bom rapaz, apesar da profissão.” Dan tentou sorrir. “Mas ele acabou casando com Sue Teneval, de Andalusia.”

Dan e Erline desviaram o olhar em direções opostas, pensando na filha, eu imaginei; fiquei me perguntando o que ela teria encontrado nos computadores da biblioteca pública.

Então Erline se recompôs e disse: “Mas desculpem a minha falta de educação. Vocês devem ter feito uma longa viagem desde a civilização para chegar até aqui. Vocês aceitam jantar com a gente?”.

Tracy acenou quase imperceptivelmente para mim e eu agradeci

a Erline pela hospitalidade.

Enquanto Erline preparava o jantar, Dan nos levou para um pequeno passeio pelo sítio. Saímos sob um calor ainda sufocante para conhecer a terra onde Sylvia havia sido criada. No fundo eu esperava, vendo aqueles campos onde ela havia passado a juventude, onde havia sonhado com seu futuro, sentir algum tipo de afinidade com ela.

Enquanto eu e Tracy observávamos a paisagem, Dan pegou um canivete no bolso e começou a talhar um graveto, a cabeça baixa, ignorando o maravilhoso pôr do sol que começava a tomar toda a linha do horizonte. Finalmente começou a falar.

"Ela era uma menina brilhante, a nossa Sylvia. Na escola diziam que nunca tinham visto alguém tirar notas tão altas naqueles exames. E era uma pessoa agradável, simpática e atenciosa, muito amorosa. Tudo mudou quando ela chegou na adolescência. As pessoas sempre disseram que isso aconteceria. Não acreditamos. Imaginamos que ela iria para uma dessas faculdades bacanas e talvez fosse morar em outro lugar como Nova York, ou até mesmo na Europa. Que nós conseguiríamos lidar com isso, mesmo que a gente não se visse muito. Era isso o que esperávamos que acontecesse. Mas nunca imaginamos que as coisas fossem tomar o rumo que tomaram."

"Como foi que tudo começou, sr. Dunham?", eu perguntei.

Ele continuou em silêncio por alguns instantes, segurando o graveto perto do rosto, examinando seu trabalho.

"Essa coisa de religião começou no último ano do ensino médio. No começo ela conversava com a gente, queria ter discussões profundas, filosóficas. Eu não me interessava por essas coisas, disse isso a ela. Mas percebi que se não falasse sobre isso, ela se afastaria de mim para sempre. Por isso fui até a biblioteca e peguei uma porção de livros. À noite, quase sempre dormia tentando ler um deles.

"Só comecei a me preocupar quando ela entrou na internet e começou a falar do 'líder religioso'. Eu não sabia o que estava por trás daquilo. Se era algum tipo de golpe. Se estavam tentando conseguir dinheiro. Mas ela não tinha nenhum dinheiro, e nós também não."

Ele jogou fora o graveto, agora com uma ponta fina, e pegou outro.

"Ela foi se afastando cada vez mais de nós. Mal falava durante o jantar, que era quando nos reuníamos todas as noites, aquele era o centro da nossa vida familiar.

"Quando ela realmente se foi, fisicamente, já não estava conosco há um bom tempo. Ela fez as malas e disse que iria encontrar seu líder lá na estação; falou para não nos preocuparmos, que entraria em contato depois. Tentamos ir junto, mas ela não deixou. Parecia até apavorada com a simples sugestão. Por isso saiu sozinha.

"Ela só nos deixou um endereço na internet. Criei um e-mail naquele mesmo dia, com a ajuda da bibliotecária. E ela realmente respondeu alguns e-mails, mas eles cessaram rapidamente."

"Por acaso ela... escreveu quando se casou?", perguntei hesitante, certa de que estaria tocando em uma ferida, mas com a esperança de que ele soubesse de algo.

Ele balançou a cabeça.

"Ficamos sem saber dela por dois anos, e quando tivemos notícias não foi por ela. Vimos no jornal. Diziam que estava escrevendo essas cartas para um homem na prisão e que iria se casar com ele. Quando descobrimos quem era esse homem, Erline se jogou nos meus braços. Chorou muito, e não tenho vergonha de admitir que eu também chorei. Eu também." Então ele levantou a cabeça, colocou o canivete no bolso e ficou olhando para o campo.

"É difícil explicar. Imaginar a menininha que criamos aqui, na mesma terra cultivada pelos avós, e também pelos bisavós, nos braços de um homem doente e perturbado. Um homem capaz de ferir outras garotas. Praticamente qualquer coisa seria melhor do que imaginar que sua filha preferiu uma vida dessas à vida que você ofereceu a ela."

Vi os olhos de Dan se encherem de lágrimas e precisei me afastar um pouco. Não estava preparada para toda essa emoção e certamente não tinha condições de ver o mesmo tipo de angústia que meus pais deviam ter sentido durante todas as noites que passei naquela masmorra. Todas as noites em que desejei poder dizer a eles que estava bem. Bom, não exatamente bem, mas viva, e pensando neles.

Tracy manteve os olhos no chão. Ali estava aquele homem demonstrando um amor que ela jamais conhecera. Eu podia imaginar como devia doer pensar que esse amor havia sido desperdiçado com essa garota que decidiu ir embora, voluntariamente, e cair nos braços do demônio.

Mas Dan endireitou o corpo e enxugou as lágrimas. "Bom, agora não posso fazer nada. Ela é adulta e pode tomar suas próprias decisões."

Eu me virei e voltei para perto de Dan.

"Sr. Dunham, sei que pode ser doloroso, mas o senhor por acaso tem os e-mails que ela enviou?"

"Eu lembro que na época nós imprimimos. Preciso procurar, mas não acho que sejam muito úteis."

Depois de comermos presunto cozido com vários tipos de legumes fritos, limpamos a mesa e Dan trouxe sua velha caixa de arquivos. Uma pasta bem cheia no fundo da caixa estava marcada com um nome: *Sylvia*. Ele pegou a pasta e nos deparamos com a vida de Sylvia até os vinte e um anos: a certidão de nascimento, a carteira de vacinação, boletins escolares e fotos de classe guardadas em um pequeno envelope cor-de-rosa.

Peguei uma das fotos.

Ela era uma menina bonita, de cabelo loiro e olhos azuis, e um sorriso franco. Parecia confiante, atraente. Dan me disse que aquela foto havia sido tirada no terceiro ano do ensino médio.

No ano seguinte, ela continuava com o mesmo corte de cabelo, só um pouco mais velha, mas seu sorriso era tenso e os olhos pareciam perdidos em algum lugar distante. Dan não precisou dizer nada; ele ficou olhando para essa foto por algum tempo antes de colocá-la de volta no envelope com um suspiro.

Erline não saiu da cozinha enquanto mexíamos naquelas velhas lembranças. Eu a imaginava naquela cozinha, sozinha, diante da janela escura, com uma expressão sofrida, lavando uma panela depois da outra, as mãos vermelhas e escaldadas de lavar louça, enquanto nos debruçávamos sobre os registros oficiais da vida de sua filha.

Por fim, Dan folheou as últimas folhas do arquivo, os e-mails impressos. Nós examinamos os e-mails e não vimos nada

significativo. Para mim, lembravam as cartas de Jack, poéticas mas sem sentido. Mas eram também otimistas, idealizando a nova vida com seu líder.

O último e-mail não soava como se fosse o último. Parecia uma adolescente de catorze anos entusiasmada em um acampamento, escrevendo para casa para contar que finalmente havia conseguido atravessar o lago a nado. Ela estava encantada com o "envolvimento nessa experiência mística e divina", e porque seus sonhos "se manifestaram através de um milagre vivo e verdadeiro".

Eu gostaria que fosse mesmo uma carta do acampamento. Uma carta com um carimbo do correio, assim poderíamos saber para onde ela tinha ido a partir dali.

Agradecemos o convite de Dan e Erline para passar a noite e dirigimos por mais de uma hora até finalmente encontrar um motel bem iluminado na beira da estrada. Tracy olhou de relance, mas balancei a cabeça. Eu não podia. Ela continuou, procurando por algo maior e mais seguro. Depois de duas horas, tínhamos voltado para Birmingham, e no centro da cidade encontramos um edifício histórico, maciço, onde funcionava um hotel. Com serviço de manobrista.

Ao colocar as malas no tapete macio, senti um grande alívio por estar protegida naquela fortaleza. O quarto parecia um santuário. Os lençóis limpos e frescos, o edredom macio. E no cartão que abria a porta do quarto, havia uma senha de acesso à internet do hotel. Eu me senti no paraíso.

Peguei o controle remoto, liguei a TV e abri meu laptop. Digitei o nome Sylvia Dunham e descobri que era um nome comum, mas as primeiras informações da página diziam respeito à Sylvia Dunham que me interessava: matérias em pequenos jornais do Oregon e em alguns dos grandes sites de notícias, todos os artigos falando de seu casamento com Jack Derber. A maioria das matérias abordava o fato de essa criatura maligna ter encontrado o amor por correspondência. Seriam histórias de interesse humano se falassem de um ser humano de verdade.

Uma delas tinha inclusive um viés cômico, cheia de piadas bobas, grosseiras — chamando-o de "Professor Dor" no título —, como se Jack não passasse de um vilão de histórias em quadrinhos.

Depois de ler, fechei o laptop com tanta força que precisei abri-lo em seguida para ter certeza de que não havia danificado a tela. Peguei o controle remoto e desliguei a televisão. Fiquei sentada em silêncio, olhando para mim mesma na tela escura.

Eu não sabia o que estava esperando encontrar nessas histórias. Acho que queria ver uma foto mais recente de Sylvia, ver que rosto estaria olhando para mim — se o da garota do último ano do ensino médio ou do primeiro ano da faculdade. Mas é claro que só havia fotos de Jack, a estrela da história, olhando com seu sorriso horripilante.

Como é que Sylvia poderia encontrar aquela felicidade do ensino médio ligada a um homem como Jack?

É claro que eu conseguia ver seu encanto — aquela exuberância sorridente se destacando na pose rígida da foto escolar. Pelo que eu sabia de Jack, devia ter sido algo irresistível conhecer alguém tão jovem, tão vulnerável, cheia de vida. Podia imaginar o quanto ele havia apreciado seu entusiasmo, seus ideais ingênuos. E, principalmente, o quanto devia ter gostado de apagar aquele brilho especial com uma brutalidade que poucas pessoas conseguiriam compreender tão bem quanto eu.

23

No dia seguinte fomos para New Orleans. Eu estava sentindo uma ansiedade maior do que de costume porque não via a hora de voltar para o Oregon e retomar a investigação. Todas as peças desse quebra-cabeça estavam se juntando, eu podia sentir isso, apesar de ainda não conseguir ver claramente como. Mas essa viagem tinha sido a única condição imposta por Tracy, por isso eu sabia que tínhamos que ir. Fiquei imaginando aonde ela iria me levar, mas não fiz perguntas, por medo de invadir sua privacidade.

Finalmente chegamos a New Orleans no final da tarde. Percebi que estava estranhamente empolgada ao ver a cidade, lembrando nitidamente de todas as histórias que Tracy havia contado durante aqueles anos no porão. Tudo parecia tão mágico.

O bairro francês era realmente muito bonito, ao mesmo tempo imponente e deteriorado. Mas enquanto dirigia para cima e para baixo pelas ruas da cidade, Tracy ia mostrando os pontos marcantes de sua infância: uma esquina tomada por mendigos, uma delicatéssen caindo aos pedaços, uma viela assustadora.

"Você não vai encontrar esses lugares nos folhetos para turistas, certo?", ela disse, sorrindo, ao estacionar diante de um restaurante decadente.

Só quando voltamos para o carro depois de fazer um lanche rápido é que percebi o quanto ela havia ficado séria.

"Está certo, vamos lá."

Eu não sabia para onde estávamos indo, mas concordei com a cabeça — como havia feito durante todos aqueles anos em que ela mandou na minha vida quase tanto quanto Jack Derber. Percebi que ela nunca esperava que eu fizesse outra coisa além de obedecer a suas ordens. Nunca me perguntou o que eu estava pensando — como nunca me perguntou naquela época. Percebi um sentimento de revolta se formando bem lá no fundo, mas me controlei. Eu

devia isso a Tracy, por ter concordado em me acompanhar nessa jornada insana.

Tracy fez a volta com o carro e seguiu na direção contrária ao centro da cidade. Olhei pelo retrovisor e vi New Orleans sumindo ao longe.

"Tracy", eu disse, "não estamos indo na direção errada?"

"Não exatamente", ela respondeu. "Não vamos nos afastar demais da cidade."

Eu não disse mais uma palavra, nem mesmo quando saímos daquela estrada e pegamos uma estrada de terra por onde parecia que ninguém passava havia anos. Os pneus do carro afundavam no terreno lamacento de uma forma que eu não considerava muito segura. Tracy dirigia com firmeza, colocando uma marcha lenta e forçando o motor. De repente me senti insegura. O olhar de determinação no rosto de Tracy estava me deixando assustada.

"Tracy", eu voltei a falar, dessa vez quase sussurrando, "aonde é que estamos indo?" Engoli em seco. Não sabia se queria mesmo saber a resposta. De repente, um pensamento me passou pela cabeça — talvez ela ainda me odiasse de verdade. E agora, finalmente, poderia se vingar. Talvez fosse esse o motivo daquela viagem. E agora eu estava à sua mercê. Ela conhecia aquelas estradas como a palma de sua mão, e não havia ninguém por perto. Ela poderia fazer qualquer coisa. Qualquer coisa.

Senti uma onda de pânico virando meu estômago, subindo para o peito, tomando conta da minha cabeça. Comecei a sentir uma tontura, todos os sintomas familiares. Como é que pude, depois de tomar todas as precauções, cair numa armadilha tão óbvia? Ela tinha me dito uma vez, anos atrás, no porão, que não importava para onde eu fosse, não importava o que eu fizesse, se algum dia conseguíssemos sair dali, um dia ela me mataria. Eu vinha tentando excluí-la, sabendo que precisava manter o foco, mas agora ela era meu foco. Eu estava paralisada.

No desespero, tentei ver se conseguia ler seus pensamentos. Ela estava indo a uma velocidade mais alta do que o carro econômico que alugamos era capaz de suportar. Ela fizera questão de alugar um carro com câmbio manual por isso; mesmo que eu conseguisse encontrar uma forma de impedi-la de continuar dirigindo, ficaria

empacada, pois nunca tinha aprendido a usar uma embreagem.

Os olhos dela continuavam fixos na estrada. Ela não me respondeu. Não parecia mais a pessoa com quem eu estava viajando — a mulher que me mantivera a uma certa distância, um espaço onde eu me sentia muito confortável. Eu tinha imaginado que a raiva profunda havia se dissipado, superada por um desdém vago mas arraigado. Era óbvio que eu havia me enganado.

O carro pulava tanto que eu pensei que fosse bater com a cabeça no teto.

"Tracy", eu insisti. "Tracy, sinto muito, sério. Eu não..."

"Cale a boca", ela disse laconicamente, esterçando o volante para a direita para evitar um buraco. "Agora não."

Fiquei quieta. Agarrei a maçaneta da porta, pensando seriamente em pular para fora do carro. Avaliei a rapidez com que conseguiria correr e até onde poderia ir. Não muito longe, mas pelo menos tinha minha bolsa com todos os meus documentos e cartões de crédito. Peguei a bolsa e dei várias voltas com a alça em torno do pulso, para ter certeza de que não a deixaria para trás caso tivesse coragem. O mato na lateral da estrada era alto, mas imaginei que conseguiria proteger o rosto se levantasse bem os braços, e poderia me atirar sobre as plantas de costas.

Estava com medo de pular, mas estava com mais medo ainda de olhar para o rosto de Tracy.

Finalmente me obriguei a puxar a maçaneta de metal, suavemente, apenas o suficiente para destravar a porta. Fechei os olhos e comecei a contar. Um, dois, três...

Não tive coragem na primeira vez.

Olhei para o velocímetro. Parecia que estávamos andando a quase cinquenta quilômetros por hora, mas não estávamos nem a vinte.

Olhei para a estrada. Havia um lugar com grama muito alta logo à frente. Era minha chance. Eu abriria a porta, pularia e rolaria.

Três, dois, um... Respirei fundo, abri a porta e me joguei o mais longe possível. Parecia que o vento tinha me jogado para trás, mas eu sabia que era apenas o movimento do carro seguindo em frente.

Ouvi Tracy gritar: "Pelo amor de Deus!", ao pisar fundo nos freios.

O carro seguiu por mais alguns metros e então parou, com os freios emitindo um gemido. Tracy pulou do carro e pude ouvir o barulho dela correndo na minha direção.

Demorei mais do que havia calculado para me levantar. Não parecia ter me machucado, mas na queda fiquei meio desorientada. Eu me levantei devagar e comecei a correr o máximo que podia pela estrada de terra. Mas Tracy era rápida. Muito mais rápida do que eu. Depois de quatro ou cinco passadas, ela já estava bem perto de mim.

Eu ouvia meus gritos, mas não me sentia ligada ao meu próprio corpo. Parecia que vinham de uma pessoa completamente diferente. Continuava agarrada à minha bolsa; apesar de todo o medo, era racional o suficiente para saber que precisaria dela quando chegasse à cidade. Tracy estava gritando alguma coisa, mas eu não conseguia entender em meio aos meus próprios gritos. Estávamos as duas sem fôlego, quase em sincronia. Depois de poucos minutos, percebi que não conseguiria ir muito longe; para meu alívio, porém, ela parou antes. Continuei andando o mais depressa que pude, tentando recuperar o fôlego, pensando no que faria em seguida.

"Que *merda* é essa? Que MERDA é essa?", Tracy estava repetindo.

"Por favor, não me machuque. Por favor, não me machuque", eu disse, quase delirando. Tracy estava muito perto. Suas mãos estavam a poucos centímetros dos meus braços quando meus olhos encontraram os dela. Gritei de novo — dessa vez foi mais um gemido de medo — e ela estremeceu. Deu um passo atrás e ficou parada, imóvel.

Então falou calmamente: "Sarah. Sarah, pare. Eu não vou machucar você. Não sei o que está pensando, mas seja o que for, você está enganada".

Eu estava chorando como nunca havia chorado em minha vida. O muco escorria do meu nariz, descendo pelo rosto. Soluçava tanto que mal conseguia respirar.

Tracy continuava longe de mim. Ela voltou a falar, tentando me tranquilizar. "Eu não vou machucar você. Jamais faria isso, Sarah. Acalme-se."

Eu podia ver o medo no rosto de Tracy. Não entendia por que

era ela quem estava com medo agora. Provavelmente porque nunca tinha me visto daquele jeito, pelo menos não desde a época do porão. Talvez estivesse se lembrando de tudo aquilo.

Ela não tirou os olhos de mim. Depois fechou os dela, e inspirou profundamente, preparando-se para o que ia dizer.

"Olha, sei que falei muitas coisas malucas anos atrás. Sejamos sinceras, nós todas enlouquecemos naquela época." Ela fez uma pausa. Parecia que queria encontrar as palavras certas. "E sei que meus sentimentos em relação a você não são cem por cento racionais. Talvez isso não mude nunca, mas quero que saiba que não sou a mesma pessoa daquele porão. Entendo, pelo menos até certo ponto, por que você agiu daquele jeito. Não estou dizendo que podemos nos tornar as melhores amigas ou algo assim, mas..."

Eu não sabia o que dizer. Ela continuou parada, protegendo os olhos do sol para poder me ver melhor, esperando por uma resposta que eu não poderia dar.

Minha respiração começou a voltar ao normal e limpei o nariz na manga. Caí no chão ao lado da estrada, esfregando os olhos, pensando no que ela havia dito. Tracy continuava me observando, mantendo distância.

Queria dizer alguma coisa a ela, mas não encontrava as palavras. Queria me desculpar, dizer que também era uma pessoa diferente agora. Mas não tinha tanta certeza. Em vez disso, apenas acenei com a cabeça. A única coisa que eu sabia naquele momento era que ela não iria me matar. Que eu tinha me deixado levar por meus próprios medos e mais uma vez estava interpretando incorretamente os sinais ao meu redor. Será que algum dia eu seria normal?

Sem mais uma palavra, começamos a caminhar na direção do carro, que ainda estava com o motor ligado. Assim que sentamos no carro, Tracy engatou a marcha e pisou no acelerador. Parecia triste como eu nunca a tinha visto, perdida em seus próprios pensamentos. Fiquei olhando para a frente, ainda fungando.

Tracy dirigiu com cuidado ao pegar outra estrada de terra; na verdade, parecia mais uma trilha, tão estreita que mal cabia um carro. Os galhos das árvores raspavam no alto e nas laterais do carro à medida que avançávamos. Finalmente a estrada terminou

em um caminho de grama e ela encostou.

"A partir daqui vamos andando." Ela desligou o motor e desceu. Eu a segui, segurando minha bolsa, a alça ainda presa ao meu pulso. Tropecei ao pisar na grama, depois caminhei por cerca de cinquenta metros.

Pude ver a água cintilante ao longe e percebi que estávamos em uma área usada para algum tipo de acampamento. A grama havia crescido ao redor de uma cova usada para fazer fogueiras e as áreas abertas estavam cheias de lixo. Olhei o celular ao perceber que estava ficando tarde. O sol logo estaria se pondo.

Olhei ao redor. O lugar era lindo. Se você conseguisse ignorar os detritos. As árvores eram muito verdes e perfumadas, daquele tipo que você só encontra no Extremo Sul ou nas florestas tropicais. O ar não era tão pesado como o da cidade. A brisa sobre o lago tinha quebrado a umidade.

Ficamos em silêncio por algum tempo, olhando para o pôr do sol por cima do lago; por fim, tive que perguntar.

"Tracy?"

"Que é?"

"O que estamos fazendo aqui?"

Houve um longo silêncio antes que ela respondesse.

"Foi aqui que minha vida mudou."

Esperei pacientemente pela continuação. Eu sabia que Tracy precisava de um tempo só seu para contar suas histórias. Por fim, ela fez um sinal para que eu a seguisse e começou a caminhar pela beira d'água. No céu, manchas em tons de laranja e rosa, que refletiam na água do lago e brilhavam ainda mais.

"Bem ali." Ela apontou.

Mais uma vez, esperei.

"Foi ali que aconteceu o desastre. Onde Ben morreu."

É claro. Cobri a boca com a mão. Senti vontade de consolá-la, mas não havia conseguido desenvolver essa habilidade em toda a minha solidão. Percebi que havia permitido que minha incapacidade de recuperação do meu passado encolhesse o meu mundo de tal forma que só restara espaço para mim. Agora me ocorria, realmente pela primeira vez, que as pessoas ferradas podiam se transformar em uma espécie de narcisistas. A tal ponto

que eu, por exemplo, mal conseguiria reconhecer que os outros poderiam precisar de mim.

Apesar de saber que era uma atitude absolutamente insuficiente, dei um passo à frente em sua direção, mas ela dispensou meu gesto com um aceno de mão.

"Ele caminhou até o lago mais ou menos por aqui." Ela apontou para uma pequena área coberta de areia a cerca de seis metros de onde estávamos. "Encontraram algumas pegadas nesta direção; a barraca dele estava naquelas árvores. Estava morando aqui com alguns amigos, que eram sem-teto. Ficavam aqui, tomando cerveja. Um deles tinha um violão. De vez em quando eu também aparecia, ficava algumas noites. Era uma festa.

"Então, certa noite, depois que os outros foram dormir — ou desmaiaram, o que é mais provável —, ele se levantou e foi até o lago. Simplesmente entrou e continuou. Um dos amigos ouviu o barulho da água e tentou correr para salvá-lo.

"Mas não adiantou. Ben simplesmente afundou na água e não voltou mais. No dia seguinte encontraram seu corpo. Ele tinha amarrado algumas correntes de ferro ao corpo. Não havia dúvidas. Ele tinha feito de propósito.

"Venho até aqui a cada dois anos. Tento conversar com ele. Pergunto por que fez isso. É duro, mas eu me sinto mais próxima dele quando estou aqui." Ela entrou na água, depois foi caminhando lentamente, dando um passo de cada vez. Por um segundo eu me perguntei se ela também continuaria indo até afundar. Naquele momento, ela transmitia uma sensação de derrota, os ombros caídos, os olhos baixos, a boca flácida.

"Ele não podia ter ficado sozinho. Jamais devia ter deixado que ficasse sozinho. Naquela época estava tão mergulhada na cena club, tentando encontrar uma válvula de escape. Mas não adiantou. E aí não fiquei por perto, e perdi Ben. A única pessoa que eu já amei."

Fiquei calada. Sabia por experiência própria que não há nada que alguém possa dizer para ajudar nesse momento de tristeza. Você só tem que deixar a dor tomar conta, como uma onda, várias vezes, até a maré levar essa onda para longe, lentamente, aos poucos. Fiquei ali em silêncio, olhando para o lago Pontchartrain, diante de um pôr do sol maravilhoso.

Eu também sabia, sem que ela precisasse dizer, que a sucessão de eventos iniciada ali, terminaria no porão de Jack. Se a dor profunda não tivesse levado Tracy a tomar aquela dose de heroína, será que ela se tornaria presa fácil de Jack? Vendo-a agora, eu me perguntei o que era pior: toda a dor que Jack a fizera sofrer ou essa?

Ficamos ali por um bom tempo, até ficar tarde o suficiente para me deixar nervosa. Estava ficando difícil enxergar claramente com a luz do crepúsculo.

Então ouvimos um barulho ali perto. Parecia mais um galho quebrando, mas todas as minhas terminações nervosas começaram a formigar. Olhei para Tracy, que ainda estava perdida em seus pensamentos, agora sentada no chão, abraçando os joelhos.

Ouvi o barulho de novo. E dessa vez percebi que Tracy ouviu também. Fiquei impressionada com a minha familiaridade em relação aos seus sinais corporais. Como se ainda estivéssemos lá embaixo. Ouvimos, sem fazer qualquer sinal para a outra, mas eu sabia que nós duas sabíamos. Como quando estávamos no porão e nossos corpos ficavam tensos quando ouvíamos o barulho do carro de Jack se aproximando da entrada da garagem. A maneira como os músculos da nuca e os maxilares enrijeciam quase imperceptivelmente quando ele entrava na casa. Nós duas ficávamos esperando, alertas, os ouvidos atentos.

"Tracy", eu sussurrei. "Podemos ir?" Olhei para o meu celular automaticamente, fazendo a verificação habitual. Tracy acenou com a cabeça e ficou em pé, rapidamente. Assim que entramos no carro, ela acionou o botão das travas das portas. Nem precisei pedir. Ela acendeu os faróis e seguimos lentamente no início, depois mais rápido, saindo da área do acampamento.

Ali, à nossa frente na estrada, vimos a figura indefinida de um homem. Tracy pisou no freio, e nós duas gritamos ao mesmo tempo. Ele estava usando uma camisa xadrez, desabotoada, com uma camiseta branca por baixo. Tinha o cabelo comprido e um cavanhaque. Ele abriu os braços — eu não sabia dizer se era um sinal de rendição ou ataque — e começou a vir na nossa direção.

Verifiquei se as portas do carro estavam trancadas e olhei rapidamente ao redor para ter certeza de que não havia mais ninguém. Com o canto do olho, vi alguma coisa se mexer;

horrorizada, vi quando outro homem saiu do mato e correu direto até a porta do carro, do meu lado, e pegou na maçaneta.

Gritamos em uníssono; Tracy acelerou, pisando no pedal até o fundo. O homem da camisa xadrez pulou no mato, para não ser atropelado. Tracy continuou dirigindo a toda a velocidade, mesmo depois de termos perdido os homens de vista pelo retrovisor. O carro sacudiu bastante, com os pneus batendo em todos os buracos e obstáculos do terreno irregular. Fechei os olhos e respirei várias vezes, profundamente, contando até dez.

Tracy não reduziu a velocidade até chegarmos aos arredores da cidade. Paramos em um posto bem iluminado para abastecer e então continuamos até ela avistar um restaurante Waffle House. Sentamos a uma mesa no canto e pedimos café. Ficamos em silêncio, esperando o coração desacelerar e a cabeça desanuviar.

24

Dois dias depois, desembarcamos em Portland. Eu já estava começando a me sentir uma viajante experimentada. Nada de ataques de pânico. Tinha aprendido a lidar com esse problema. Comprei uma mala de rodinhas, que podia levar comigo sem precisar despachar como bagagem. Também levava uma bolsa com a alça cruzada no peito. Guardava as minhas coisas de valor no interior dessa bolsa, em um bolso fechado com zíper que eu checava a cada meia hora. Assim, pelo menos os meus pertences materiais estavam a salvo comigo.

Tracy e eu quase não tínhamos falado desde New Orleans, apesar de eu não entender o porquê. Imaginei que ela devia estar envergonhada por causa do que havia contado, arrependida, agora que estávamos longe daquele lugar que a lembrava de seu passado doloroso. Ou talvez estivesse esperando outra reação minha — compreensão ou compaixão, coisas que eu não sabia demonstrar. E, independentemente do que havia dito, talvez ela ainda tivesse dificuldade para separar o passado do presente, assim como eu.

De qualquer forma, eu não estava exatamente ansiosa para reavivar qualquer relação com Tracy. Mas sabia que esse sentimento não era inteiramente verdadeiro. Eu não podia mais continuar na minha bolha e, por mais estranho que parecesse, não queria.

Ainda assim, era surreal estar ali com ela, no mundo exterior, sem paredes ao redor. Ali estava ela, ali estava eu, e nós estávamos no Oregon. Jamais acreditaríamos que alguma coisa pudesse nos trazer de volta a essa parte do mundo.

Peguei o telefone para fazer minha verificação habitual, para me distrair. Vi outra mensagem da dra. Simmons e nem pensei se um local público poderia ser o mais indicado para chamá-la de volta.

Ela atendeu imediatamente. “Sarah. Onde é que você está?”

“Saí de férias, doutora.”

“Sarah, conversei com Jim. Onde é que você está? Está tudo bem?”

“Estou bem. Olha, queria dizer que você ajudou muito. Sério. Mas preciso descobrir algumas coisas por minha própria conta. E depois poderemos conversar a respeito. Longamente. Em detalhes.”

“Entendo. Só quero dizer que nem tudo depende de você. Nem tudo é responsabilidade sua. Lembre-se disso.”

Parei de andar. As rodinhas da mala fizeram barulho ao pararem no piso liso do aeroporto. A dra. Simmons sempre conseguia tocar em um ponto sensível.

“O que está querendo dizer?”

“Apenas isso. Só quero que saiba que sei que você coloca muita pressão sobre si mesma. E neste caso existem outras pessoas empenhadas na tarefa de manter Jack Derber na prisão. Não depende só de você.”

“Sim, claro, sei disso”, eu respondi, talvez rápido demais.

“Está certo, então. Só queria lhe dizer isso. Tenha uma ótima viagem. Ligue quando voltar. Ou antes, se precisar de mim.”

Desliguei, com o olhar perdido na direção do anúncio luminoso de uma churrascaria. A dra. Simmons tinha razão. Eu não precisava carregar todo o fardo nas costas; porém, mesmo que não fosse responsável pela dor de todas as pessoas envolvidas, eu tinha uma obrigação em relação a Jennifer. Eu devia isso a ela.

Meus pensamentos voltaram a vagar mais uma vez pelo território familiar do nosso sequestro. Se ao menos eu não a tivesse convencido a ir comigo naquela festa. Ela tinha que estudar para uma prova, mas eu insisti para que saísse. Ainda lembro da expressão do seu rosto, em dúvida, e depois, ao ceder. Se pelo menos eu não a tivesse forçado. Onde estaríamos agora?

Estava fazendo aquilo de novo, eu disse a mim mesma, e sacudi a cabeça para afastar aqueles pensamentos.

Tracy olhou para mim com o canto do olho, indo na direção da saída. “Era a dra. Simmons?”

“Era.”

“Eu não entendo por que você ainda fala com ela. Ela não passa de um instrumento do Estado.”

“Você diz isso porque ela trabalha com Jim?”

“Falo isso porque ela é paga pelo estado do Oregon. E porque ela nos viu, nós três, no início. Qual é, Sarah? Eles estão nos vigiando. Para ter certeza de que não vamos entrar com outro processo para exigir uma indenização. Eu procurei um psiquiatra particular. Só vejo a dra. Simmons uma vez por ano para evitar que o Jim pegue no meu pé. Uma espécie de check-in, como ela gosta de dizer. E acho que é isso mesmo. Tenho certeza de que ele confere. Tenho certeza de que é uma simples conferência.”

“O que é que você está querendo dizer?”

“Qual é, Sarah? É claro que ele conta tudo para o FBI e eles devem ter nos colocado em algum banco de dados gigantesco. Um dia, pode ter certeza, virão atrás de você para trabalhar como assassina profissional. Eles devem ter plantado algum tipo de microchip no seu cérebro. O que quer que seja que Jack Derber não conseguiu alcançar, eles talvez consigam.”

Eu não sabia se Tracy estava tentando fazer uma piada de humor negro ou se o mundo realmente era pior do que eu pensava. Precisava refletir um pouco mais a respeito desta última alternativa, e guardei esse pensamento em um canto do meu cérebro.

Nossa primeira parada foi Keeler, a cidade de Sylvia. Queria ver se ela havia passado em casa, ou, pelo menos, o que havia na caixa do correio.

Passamos de carro pela casa de Sylvia, lentamente. Nenhuma mudança. A caixa do correio continuava cheia e, aparentemente, o carteiro havia tentado fechá-la. Tracy estacionou o carro ali perto e fui andando, olhando ao redor para ter certeza de que não havia ninguém.

Tirei um pedaço de papel que estava por cima. Era um aviso informando que a correspondência de Sylvia ficaria na agência do correio dali para a frente. Procurei um pouco mais e só encontrei bobagens. Nenhuma carta de Jack; talvez ele soubesse do seu paradeiro. Ou, pelo menos, que não estava em casa.

“Vamos embora!” Eu praticamente gritei para Tracy ao entrar no carro.

“Tem alguém atrás de nós de novo?”, ela perguntou. Eu não

sabia se ela estava brincando.

"Não, mas preciso ir embora daqui. Este lugar me dá arrepios."

Tracy acelerou e fomos para o outro lado da cidade, fazer uma visita a Val e a Ray. Eu havia marcado um jantar com eles. Assim que estacionamos na entrada de carro da casa, eu disse a Tracy que ela se chamaria Lily enquanto estivéssemos ali. Ela fez uma careta ao ouvir o nome, e perguntou se da próxima vez ela mesma poderia escolher.

Ray estava esperando por nós na varanda, sentado na cadeira de balanço, e acenou ao nos ver. A casa era clara e alegre, decorada com tons suaves. Devia haver uma panela com ensopado em algum lugar da casa, pois o cheiro delicioso nos lembrou que não havíamos comido nada desde o patético sanduíche que serviram no avião.

Apresentei Tracy como Lily, aliviada por ela não ter tentado me contradizer. Ray fez uma brincadeira com seus piercings, dizendo que deviam doer, mas ela se limitou a sorrir. Tracy até que estava se comportando muito bem.

"Que bom ter notícias suas, Caroline", disse Val, juntando-se a nós. Eu me assustei ao ouvir o nome que meu corpo ainda rejeitava. Ela cumprimentou Tracy. "Há quanto tempo você trabalha como pesquisadora para Caroline?"

"Não muito", Tracy murmurou e, quando teve certeza de que não havia ninguém olhando, revirou os olhos.

"Que bom que vocês vão ficar para o jantar", Val continuou, quase emendando uma frase na outra. "Ray quer lhe mostrar umas coisas depois."

Após a sobremesa, Ray se desculpou e voltou alguns minutos depois trazendo um grande álbum de fotos. Ele o colocou diante de nós com ar triunfante.

Val soltou uma risadinha. "Ah, faz tanto tempo que ele quer mostrá-lo para alguém. Não tenho nada a ver com isso, mas não costumo deixar que mostre pra ninguém, pra que não pensem que ele é muito estranho. Mas imaginamos que podia interessar a vocês."

Tracy estendeu o braço na direção do álbum e abriu na primeira página. Mas, em vez de fotos, o álbum estava cheio de recortes de

jornais muito bem preservados. Ao lado de cada um, havia um cartão coberto por uma caligrafia fina com forte inclinação para a esquerda.

"Minhas anotações", disse Ray, percebendo o que havia atraído nossa atenção. "Fiz anotações com base nos noticiários da TV e acrescentei minhas próprias ideias a respeito da história. Sempre acreditei que havia mais coisas por trás disso. A imprensa descobriu tanta coisa."

Olhei para Tracy. Ela estava atônita. Eu soube na época que a imprensa estava cobrindo nossa história, mas não tinha visto nenhuma matéria, principalmente porque não me deixavam ler os jornais ou assistir a televisão. Meus pais me mantiveram em casa, protegida do frenesi midiático. Tudo o que lembro daquela época era que comia até passar mal com a quantidade de comida que minha mãe fazia ou que os vizinhos traziam em todo tipo de panela.

Vendo agora, percebo que praticamente me transformei em prisioneira na casa de meus pais, deitada pacientemente no sofá enquanto eles ficavam olhando para mim por horas, oferecendo-se para me trazer o que eu quisesse. Um novo par de chinelos, uma xícara de chá de limão com gengibre, todas as minhas sobremesas favoritas da infância.

Mas as minhas favoritas não eram mais as minhas favoritas. Até as minhas papilas gustativas haviam sido transformadas por aquela experiência. Na verdade, comecei a me perguntar se minha mãe desconfiava de que na verdade eu não era mais a sua filha, de tanto que havia mudado. Ela queria saber tudo o que havia acontecido conosco, mas só contei trechos cuidadosamente editados. Fui liberando em pequenas doses muito bem calculadas, com a esperança de que ela jamais tivesse que sentir todo o peso da verdade. Acreditava que eu era a única pessoa capaz de avaliar as coisas com as quais ela seria capaz de conviver, e precisava protegê-la do que eu sabia que ela não suportaria.

Quando voltei, o mundo inteiro parecia confuso, irreal. Eu havia vivido durante tanto tempo na minha própria cabeça, deixando todo o resto de fora, que tinha dificuldade para estar presente. Por isso, apesar de todo o esforço de minha mãe, continuávamos

separadas.

Havia uma lacuna que eu jamais conseguiria preencher. A maior tristeza da minha mãe era o fato de eu não suportar que ela me abraçasse, quando era isso o que mais queria fazer. Mas todos os meus circuitos pareciam ter sido cortados. Era como se eu não tivesse mais conexão alguma, exceto com uma garota morta em algum lugar do Oregon.

Minha mãe estava triste, é claro, por causa de Jennifer. Mas a alegria por me ver viva e ao seu lado novamente minimizava o sofrimento pela garota perdida. Eu pensei — eu *sabia* — que Jennifer merecia mais. Merecia um sofrimento verdadeiro, só dela, e senti que eu era a única pessoa capaz de lhe proporcionar isso.

Nós ainda estávamos no colegial quando Jennifer parou de falar com o pai definitivamente e ele jamais fez qualquer tentativa para voltar a se relacionar com ela. É claro que ele reapareceu para falar com a imprensa sobre sua perda profunda e irrecuperável. Eu o observei cautelosamente quando veio me visitar; e vi, no fundo dos seus olhos, que ele só queria atenção. Para mim, suas lágrimas não tinham valor algum.

Então ali estava eu, nessa confortável cozinha em Keeler, com o aroma do café que tomamos após o jantar ainda no ar, passando os olhos por recortes de jornais de outra vida. Li alguns parágrafos aqui e ali, percebendo a mudança de tom com o desenrolar da história. Detectando naquelas palavras a aura familiar da excitação profissional, dessa vez dos jornalistas percebendo o fator emoção com os desdobramentos da história.

Então reparei que a maioria dos artigos era assinada pelo mesmo jornalista: Scott Weber. Devia ser o repórter que David Stiller havia mencionado, o tal que vivia rondando Adele. Perguntei para Tracy o que ela achava de falarmos com ele e ela respondeu "é claro" sem tirar os olhos dos recortes. Seus olhos brilhavam. Até mesmo para ela, aquilo era duro. Até mesmo para ela.

"Ray", Tracy falou, ainda com os olhos grudados no álbum, "por que você ficou tão interessado neste caso?"

Ray abriu um sorriso largo. "Ah, não foi só esse caso, apesar de ser obrigado a reconhecer que essa foi uma das histórias mais dramáticas. E quando Sylvia se mudou para cá, isso realmente se

tornou uma obsessão."

"O que você quer dizer?", perguntei, olhando para ele.

"Bem, garotas, venham comigo." Nós o seguimos por um corredor até uma porta nos fundos da casa. Fiquei um pouco para trás; o espaço me parecia muito estreito e comecei a me sentir muito próxima das outras pessoas. Não gostava de estar em corredores estreitos, mesmo em casa alegres como aquela.

Eu estava alguns passos atrás deles quando pisei no pequeno escritório de Ray e engoli em seco. As paredes estavam cobertas por páginas de jornal, com títulos e fotos dos crimes mais pavorosos. Em cima da mesa, apoiadas na parede, havia cópias emolduradas de documentos históricos, todos relacionados a assassinatos famosos. Era óbvio que ele se esforçara bastante para criar aquela macabra galeria de horrores; escavara o passado para juntar um arquivo sobre os sofrimentos de seres humanos nas mãos de outros seres humanos.

Uma prateleira ao longo da parede estava cheia de álbuns, praticamente idênticos ao que ele havia nos mostrado; cada um tinha uma etiqueta de identificação com um nome diferente. Eu não sabia se os nomes eram das vítimas ou dos criminosos, mas, pensei amargamente, geralmente era o nome dos criminosos que as pessoas costumavam lembrar.

Olhei para Ray e vi que estava sorrindo, todo orgulhoso. Ele não tinha vergonha de sua obsessão. E por que deveria ter? Para ele, eram apenas histórias. Será que ao menos pensava nas vítimas como pessoas de verdade? Será que entendia a tragédia, o horror contido nesses volumes? Vidas destruídas para sempre, e para ele era apenas um hobby. Como colecionar selos.

Eu podia sentir, mesmo sem olhar para ela, que Tracy também estava enojada. Não conseguimos dizer nada. Eu não conseguia entender como uma pessoa poderia sentir-se atraída por coisas que eu me esforçava tanto para esquecer. Ray viu nossas expressões atônitas e tentou explicar.

"Sei o que vocês estão pensando. Que é um pouco, bem, estranho. Por favor, não entendam mal. Durante muito tempo eu me perguntei se havia alguma coisa errada comigo. Mas acho... acho... que só quero entender. Quero entender por que as pessoas

fazem essas coisas, como é que isso acontece. Quantas vezes as pessoas não são levadas pela paixão? Fazem coisas que nunca pensaram que pudessem fazer e sua vida muda completamente da noite para o dia? Às vezes as pessoas são simplesmente doentes — mentalmente perturbadas — e não é culpa delas. Mas de vez em quando, apenas de vez em quando, parece que há algo diabólico atuando. Realmente diabólico. Como Jack Derber."

"Você não acha que ele seja mentalmente perturbado, Ray?", Tracy questionou, parecendo subitamente interessada. Pela primeira vez me ocorreu que ela ainda estava tentando encontrar respostas. Eu pensava que ela já havia analisado e superado tudo aquilo. Ela sempre parecia saber tudo, mas talvez ainda tivesse perguntas a fazer, dúvidas. Como eu.

"Não, eu não acredito que ele fosse um doente. Ele... ele foi muito calculista. Tudo o que ele fez exigiu muito planejamento, uma ação muito controlada. Perguntei a Sylvia sobre ele."

Ray parou de falar e desviou o olhar. Pensei que ele não fosse continuar.

"Por favor, conte", eu disse. "Pode... nos ajudar a entender."

"Bem, ela só falou sobre ele dessa vez, quando perguntei. Depois ela me implorou — implorou, estou falando sério — para não contar a ninguém que havia falado a respeito dele. Não posso trair aquela pobre garota. Não posso permitir que suas palavras sejam publicadas em um livro." Ele beliscou a ponta do nariz, apertando os olhos fechados, provavelmente para afastar as lágrimas.

"Eu não vou... prometo, não vou colocar nada no livro. Mas isso pode nos ajudar a encontrá-la."

"Sim, Ray. Talvez, sem perceber, você saiba de alguma coisa que pode fazer diferença", Tracy acrescentou.

"Sério? Vocês acham que uma coisa dita há tanto tempo pode ser útil? Eu estou mesmo preocupado com o paradeiro dela."

"Por favor, Ray. Nós também só queremos ajudá-la."

Ray olhou pela janela, pensativo, e depois sentou em uma poltrona no canto. Nós sentamos em um pequeno sofá na parede oposta, depois de empurrar para o lado uma pilha de recortes de jornais sobre outra garota desaparecida.

"Sylvia me disse que Jack era um gênio. Foi por isso que ela se

casou com ele. Porque, segundo ela, ele tinha uma visão de como o mundo poderia ser algo raro e especial. Algo que apenas poucas pessoas poderiam entender, aquelas que estivessem realmente abertas às verdadeiras possibilidades da experiência. Mas o que mais me impressionou foi sua maneira de falar. Ela parecia ao mesmo tempo alegre e aterrorizada. Nunca vi uma expressão como aquela. Seu rosto parecia... iluminado!"

Olhei para Tracy, tentando adivinhar o que estaria pensando. Ela estava concentrada em algo, dava para ver. Eu me perguntei se, como eu, ela achava que isso não parecia vir de alguém que estivesse inteiramente regenerado. Alguém que só queria sair da prisão e viver uma vida tranquila, comum, em uma rua tranquila, comum. Isso parecia vir de um homem com uma missão. Uma missão terrível.

Enquanto dirigia de volta para o hotel naquela noite, Tracy desligou o rádio, sua cobertura emocional habitual, e ficamos em silêncio por alguns instantes.

"Então, o que é que você acha, srta. Mente Racional?", ela perguntou finalmente.

"Do quê? Temos muita coisa para digerir."

"Acho que estou falando da grande questão. Jack é um doente mental? Ou uma pessoa diabólica?"

"Que doença mental ele poderia ter?"

"Bom, no mínimo, segundo o DSM-IV, ele é um 'sociopata com transtorno de personalidade narcisista'. Mas o que isso significa em termos de responsabilidade moral, eu não sei. Se ele é doente? Alguém de quem devemos ter pena, e não medo? Acho que isso faz diferença. Uma enorme diferença. Em termos de 'superação', como eles dizem."

"Superação?" Eu nem sabia o que significava essa palavra. E não estava preparada para explicar a Tracy que o objetivo de toda aquela jornada era descobrir esse significado.

"Sim, superação. Não sentir mais esses sentimentos. Não estar mais fisicamente suscetível ao que ele nos fez. Viver uma vida normal. Esse tipo de superação."

Ela parou e olhou para mim rapidamente, antes de voltar os olhos para a estrada. Continuamos em silêncio por mais algum

tempo.

Então ela recomeçou, dessa vez cautelosamente. “Você não acha que temos... quase uma obrigação... de entender tudo isso? Elaborar? Senão, ele vai continuar aqui, entende? Em nós. Nos controlando.”

A conversa estava chegando muito perto. Senti que começava a me fechar, como havia feito com a dra. Simmons. Eu não queria continuar por aí.

“Acho que não tenho muitas expectativas em relação a isso. E realmente não vejo que importância tem para essa equação o que penso a respeito de Jack.”

Tracy balançou a cabeça. “Você ainda nem chegou à linha de largada.”

Ela pisou fundo no acelerador e, com o carro avançando pela estrada deserta, ligou o rádio de novo, mudando de estação até encontrar alguma coisa pesada, rápida e barulhenta. E assim seguimos pelo resto do caminho, com o silêncio entre nós mais ensurdecedor do que o punk rock que saía dos alto-falantes.

25

No dia seguinte resolvi dar um pulo no escritório do *Portland Sun* para falar com Scott Weber. Eu havia colocado Tracy em contato com Adele e elas iriam se encontrar mais tarde. Eu imaginava que conseguiriam falar a mesma língua ou, pelo menos, entender o jargão acadêmico uma da outra e Tracy talvez conseguisse descobrir algo que eu não havia conseguido.

Quando cheguei ao jornal, um jovem de aproximadamente vinte anos me barrou logo na entrada.

"Pois não?", ele perguntou vivamente, mas com um tom incisivo o bastante para deixar claro que eu não iria a lugar algum sem que alguém autorizasse.

"Gostaria de falar com Scott Weber."

"Você marcou uma entrevista?"

"Não exatamente. Mas eu... eu tenho informações que podem ser interessantes para ele", eu disse, subitamente inspirada.

"Sério? Hummm... infelizmente ele não está aqui." Então ele piscou. "Mas não vejo problema algum em dizer que ele deixou o prédio há uns três segundos." Imagino que eu devia ter cara de inocente.

Saí correndo e vi um homem loiro, o cabelo desgrenhado como se tivesse passado a noite trabalhando, atravessando o estacionamento. Ao me aproximar, reparei que ele parecia ter a idade certa.

"Desculpe, sr. Weber?"

Ao ouvir seu nome, ele se virou. "Sim, sou eu. Pois não?"

"Olá, eu me chamo Caroline Morrow." Aquele nome de novo, apesar de ter conseguido falar sem fazer uma careta dessa vez. Eu estava melhorando. Ele estava olhando para mim, esperando. "Sou do departamento de sociologia da Universidade do Oregon e estou escrevendo uma tese sobre Jack Derber. Pensei que talvez pudesse

me ajudar...”

Scott começou a andar, a mão erguida como se quisesse me dispensar. “Sinto muito, mas não posso ajudá-la com isso.”

Usei o que considerava ser um trunfo. Uma pequena mentira que talvez me ajudasse a atrair sua atenção.

“Uma das minhas orientadoras, Adele Hinton, disse que o conhecia.” Ele parou imediatamente, sem se virar. Eu me perguntei até onde o nome de Adele poderia me levar, ou se seria um erro tentar usá-lo. Esperei para ver se ele iria se virar, contando para mim mesma: um, dois, três...

No sete, ele se virou.

“Adele Hinton?”, ele parecia surpreso. “Adele Hinton lhe disse para me procurar?”

“Sim, lembra-se dela? A assistente de Jack Derber? Você escreveu um artigo a respeito dela.”

Ele ficou parado, parecia intrigado. “Sim, sim, é claro. Eu me *lembro* dela, Adele.” Ele olhou o relógio. “Por que não damos uma volta?”

Ele apontou para um parque do outro lado da rua e pegou o celular. Fez um gesto para que eu esperasse e se afastou para falar com alguém. Imaginei que estivesse remarcando algum compromisso. Adele era uma isca melhor do que eu pensava.

Caminhamos até uma área com meia dúzia de mesas para piqueniques. Scott sentou-se à minha frente. Parecia nervoso.

“Então, Adele. Como é que ela está? Faz tempo que não tenho notícias dela.”

“Ah, ela está ótima. Muito bem mesmo. Você sabe que ela foi confirmada no cargo, certo?”

“Sim, ouvi falar.” Ele corou ao admitir isso. Então, continuava de olho nela. “Imagino que ela tenha mudado de ideia?”

“O que está querendo dizer?”

“Estou falando da situação envolvendo Jack Derber. No início ela parecia gostar de toda a atenção, mas depois meio que se transformou em território proibido. Mas isso foi há muito tempo. Imagino que agora sejam águas passadas.”

Isso estava ficando interessante.

“Você disse ‘no início’? Então vocês tiveram um

relacionamento?"

Ele corou, parecendo agitado. "Ela não falou disso?"

"Não. Não falou." Ele parecia decepcionado. "Bem, saímos por algum tempo. Depois daquele artigo. Foram só alguns meses, mas... bem, ela é uma mulher extraordinária."

Sim, bastante extraordinária, eu estava pensando. Fiquei imaginando se Adele teria outro interesse naquele relacionamento. Ela parecia ainda mais fascinante a cada minuto.

"Imagino que devia existir uma dinâmica estranha. Você escrevendo sobre o assunto, e ela fazendo parte da história."

Ele balançou a cabeça. "O que posso dizer? Consegui o furo. Mas depois que ele foi condenado, publicamos apenas histórias de fundo, você sabe, raspando o fundo do tacho para manter vivo o caso: entrevistas com os professores do colegial, perfil do arquiteto da casa, análise do material das conferências, esse tipo de coisa. Só para dar continuidade, matérias para fazer um retrato do vilão."

"Você falou do material das conferências?"

"Sim, foi a última coisa em que trabalhei, um artigo sobre suas pesquisas." Ele parou, parecendo pouco à vontade.

"Não lembro desse artigo. Quando foi publicado?" Eu insisti, sentindo que ele estava escondendo alguma coisa.

"N-não foi. Mas não era tão importante. Nada que merecesse primeira página ou algo assim."

"Isso deve ter criado algum problema com Adele, imagino?"

Ele deu de ombros.

"Sei." Aparentemente, Adele considerava a pesquisa de Jack *importante* para alguma coisa. Importante o suficiente para manter as pessoas afastadas.

Ele continuou. "De qualquer maneira, é uma pena que não tenha dado certo. Ela estava envolvida com muita coisa, principalmente com aquele trabalho em grupo." Ele evidentemente estava tentando mudar de assunto.

"Que grupo?" Agora eu estava realmente interessada. Um grupo, pensei comigo mesma, ou uma sociedade secreta?

"Não sei muito bem. Uma espécie de sociedade secreta, como essas fraternidades universitárias. Misteriosa, como ela. Acho que por isso Adele era tão fascinante. Havia o desafio." Ele parecia estar

divagando com suas revelações, o olhar se perdendo ao longe.

"O que está querendo dizer?", perguntei bem alto, para chamar sua atenção.

Ele voltou ao presente e ficou me olhando, aparentemente tentando decidir se devia continuar, percebendo que confiar em mim talvez não fosse o caminho mais rápido para recuperar o coração de Adele.

Por fim, ele deu de ombros e continuou. "Bem, perguntei sobre a família dela, seu passado, e até coisas mais simples, como o lugar em que foi criada, a escola que frequentou, mas ela sempre conseguia se esquivar."

Ele se mexeu no banco, e seu rosto enrubesceu como só uma pele avermelhada pode enrubescer. Fiquei imaginando o que ele poderia estar lembrando a respeito de Adele Hinton, principalmente porque parecia haver muito o que lembrar.

"Tem alguma ideia de quem eram os outros integrantes desse grupo?"

"Não. Tudo o que sei é que eles se encontravam em horários estranhos — sempre durante a noite e às vezes em cima da hora. Ela levava isso muito a sério e se tivesse um encontro desse clube, não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-la de ir. Era sua prioridade máxima."

Agradeci a ele e me levantei para ir embora. Ele pareceu confuso.

"Espere, só falamos a respeito de Adele. Você não quer falar mais de Jack Derber? Para seu trabalho?"

Na verdade, eu já tinha o que precisava dele.

"Vamos marcar uma conversa por telefone. Estou atrasada para uma aula, mas agradeço imensamente", eu murmurei sem jeito. Fui andando para trás e acenei para ele.

"Está certo. Dê um alô a Adele por mim. E, você sabe, se ela quiser conversar... podemos falar sobre a sua pesquisa ou algo assim. Posso pesquisar nas minhas anotações..."

"Sim, é claro", eu respondi em voz alta e caminhei rapidamente em direção ao meu carro.

De uma coisa eu agora tinha certeza. Adele era uma peça crucial daquele quebra-cabeça. Ela estava metida naquilo. E sabia mais do que deixava transparecer.

26

Eu estava no porão havia quase mil dias quando Jennifer foi para o andar de cima pela última vez.

Durante cada um dos dias em que ela esteve lá, passei horas simplesmente olhando para aquela caixa, tentando imaginar o quanto estava sofrendo. Ela se manteve em absoluto silêncio até o fim, apesar de não estar amordaçada o tempo todo, e até mesmo quando ele não estava por perto. O controle que ele tinha sobre ela era total e absoluto, seu terror era completo.

No início eu me esforcei para ouvir, imaginando que ela poderia tentar se comunicar comigo secretamente, como havia feito nos primeiros dias. Pensei que ela tentaria se livrar do controle dele novamente, mesmo que fosse apenas para preservar sua sanidade.

Quando a ouvia se coçar dentro da caixa, como um animal preso, eu tentava perceber um padrão, algo que pudesse parecer, mesmo que remotamente, com um código. Eu quase enlouquecia me perguntando por que não conseguia entender os sons aleatórios que saiam ocasionalmente dali.

E continuava prestando atenção por muito tempo. Se estivéssemos bem quietas, às vezes conseguia ouvi-la mastigando a comida, deglutindo lentamente os restos que ele lhe dera naquele dia. Eu até acordava à noite, se ela se movimentasse repentinamente enquanto dormia. Uma vez, pensei tê-la ouvido suspirar e fiquei paralisada como uma pedra durante uma hora, esperando para ver se ela repetia.

Mas não repetiu.

De certa forma, ela devia estar mais bem preparada do que a maioria para tamanha solidão e reflexão. Sempre fora pensativa, fechada, difícil de perscrutar. Sempre pensando e sonhando acordada, sem conseguir focar em algo. No ensino médio, nunca prestava atenção, seu olhar passeando nas nuvens, a mente

flutuando acima delas, pensando sabe Deus o quê. Mas juntas conseguimos terminar a escola, como conseguimos fazer todo o resto. No final de cada dia ela copiava as anotações que eu havia feito na aula com sua caligrafia absolutamente perfeita e usávamos a sua versão para estudar.

Sentia saudade dessa época, quando não estávamos separadas por um espaço de três metros em um porão frio, uma caixa de madeira e sabe lá por que força psicológica impenetrável que Jack Derber exercia sobre ela. Agora eu me perguntava se ela teria boas lembranças nas quais se apoiar; se a sua imaginação, como a minha, havia sido invadida pelos horrores que estávamos enfrentando, de forma que a mente não conseguia produzir nada além de pesadelos. Eu me perguntava se ela alguma vez desejou ter morrido naquele acidente de carro junto com sua mãe, tantos anos antes. Sei que desejei isso muitas vezes.

Deve ter sido nesse mesmo dia — pelo menos acho que foi — que Tracy foi trazida para baixo bem cedinho, depois de ter passado a noite inteira lá em cima com Jack. Ela parecia estar inconsciente enquanto ele meio que arrastava seu corpo mole escada abaixo. Ele a jogou contra a parede; ela fez uma cara feia e abriu os olhos rapidamente, por tempo suficiente apenas para que eu os visse girar em suas órbitas.

Ela não estava morta, ainda.

Ele se inclinou e a prendeu com a corrente, tomando o cuidado de verificar o cadeado duas vezes; depois virou-se para mim e Christine.

Sei que ela fez a mesma coisa que eu: não desviamos o olhar, demonstrando medo, como nossos corpos desejavam. Ele odiava isso. Mas ao mesmo tempo conseguimos nos encolher e ocupar o mínimo espaço possível, esperando que ele não nos pegasse em seguida. Ele ficou em pé, rindo, deixando os olhos pousarem sobre nós, para absorver a visão de seu zoológico particular.

O lugar estava mergulhado em um silêncio profundo. Nós o olhávamos, nossos corações tomados pelo medo. Desejei que ele se afastasse de mim com todas as minhas forças. *Eu não*, *eu não*, *eu não*. *Por favor*.

Por fim, ele se virou e subiu pela escada, assobiando quando

chegou ao alto.

Dessa vez estava apenas nos aterrorizando.

Quando ele subiu, contei mentalmente os degraus, com o som dos rangidos ecoando naquele espaço sem cor. Christine gemeu de alívio. Eu respirei fundo, lentamente. Acima das nossas cabeças, ouvimos sua movimentação na cozinha, aparentemente cuidando da rotina de sempre. Como se tivesse ido até o porão verificar se estava tudo em ordem após uma chuva forte.

Tracy passou a maior parte daquele dia dormindo, enrolada como uma bola; estava tão imóvel que parecia mais um cadáver e precisei prestar muita atenção para ter certeza de que seu peito ainda estava subindo e descendo com a respiração.

No início da noite, marcada para nós apenas pelo escurecimento da nossa preciosa fresta na janela, ela acordou sobressaltada. Sem mais do que um olhar de relance na minha direção, ela se arrastou até o banheiro, onde sua corrente mal alcançava, e vomitou violentamente no vaso sanitário.

Continuou por lá durante um bom tempo. Eu me esforcei ao máximo para escutá-la, mas só ouvi um soluço abafado. Acenei com a cabeça para mim mesma. Tracy jamais permitira que a víssemos chorando. Ela deve ter ficado lá até cessarem as lágrimas.

Fiquei observando, atormentada como sempre pela lenta passagem do tempo, esperando para ver o que ela faria em seguida.

Pensando agora sobre isso, é vergonhoso que eu não sentisse nada por ela. Nenhuma pena. Nenhuma preocupação. Esses sentimentos haviam sido arrancados de mim. As únicas variáveis que eu conseguia registrar a essa altura era se algo me causava dor física ou se aliviava o tédio massacrante da minha existência diária. Por essa época, minhas emoções já não iam muito além disso.

Tracy finalmente se arrastou de volta para o colchão, se esparramou e virou o rosto para a parede. No início não pensei que ela fosse dizer qualquer coisa, que ela sequer estivesse ciente da minha presença a poucos metros de distância.

Christine estava dormindo de novo.

“Pare de olhar para mim”, Tracy falou finalmente, com uma voz mais forte do que eu esperava, considerando sua fraqueza.

Desviei o olhar. Por fim, ela se virou. Sentei, encostada na

parede, no meu próprio colchão, olhando na direção oposta. Apesar do medo que sentia dela, no entanto, depois de alguns minutos não consegui deixar de olhar rapidamente para ver o que ela estava fazendo. Estava curiosa demais.

Ela percebeu, é claro, e rosnou para mim como um cão raivoso. Instintivamente, eu me encolhi, e minhas correntes fizeram muito barulho.

Christine se mexeu, abriu um olho por um segundo e voltou a dormir.

A capacidade de Christine para dormir sempre me espantou. De certa forma, era o exemplo mais perfeito do poder de adaptação do ser humano. Ela conseguiu se fechar para essa experiência de um modo que não conseguíamos e no final talvez tenha sido salva por isso. Talvez fosse esse o segredo. Dormir.

Mas eu só conseguia fazer isso por cerca de dez horas de cada vez, no máximo, por mais que tentasse. E isso num dia bom. O aspecto cruel da quase total inércia física, para mim, eram as crises de insônia. Eu tinha que ocupar as horas restantes me perdendo em minha imaginação ou tentando fazer uma delas conversar comigo. De qualquer forma, era muito doloroso.

Mas havia ocasiões em que a conversa realmente ajudava. Quando nos entendíamos, se é que se pode dizer isso. Quando Christine conseguia sair daquele poço escuro e conversávamos quase como pessoas normais. Nessas ocasiões eu percebia que estavam tão entediadas quanto eu, tão cansadas de lutar contra seus tormentos interiores quanto eu, e conseguíamos deixar nossas diferenças de lado para manter nossas mentes funcionando, mesmo que no nível mais básico.

Contávamos histórias umas às outras, sobre nosso passado, reais ou melhoradas, qualquer coisa para fazer o tempo passar, apesar de não sabermos o que aconteceria em seguida. Nenhuma de nós sabia.

Esse era o estratagema. Estávamos esperando. Sempre esperando. Como se quiséssemos que alguma coisa nova acontecesse. Sempre desejando que acontecesse, porque o tédio nos deixava ainda mais malucas. Mas quando alguma coisa acontecia, geralmente nos machucava, e então acabávamos nos arrependendo dos nossos

desejos.

No entanto, naquele dia Tracy não queria conversa. Estava muito pálida, suando, apesar do frio do porão. Voltou a fechar os olhos. Ela não costumava dormir tanto assim. Havia alguma coisa errada.

Esperei até sua respiração ficar calma e regular e então, certa de que estava dormindo, eu me aproximei. Devo ter demorado uns quinze minutos para chegar perto dela sem que minhas correntes me denunciassem. Carreguei a corrente cuidadosamente, colocando os elos no cimento aos poucos, para que não fizessem muito barulho. Quando finalmente cheguei perto de onde ela estava dormindo, observei-a de perto, examinando sua pele para ver sinais de vida.

E então eu vi.

Em seu braço, fracas mas visíveis, as marcas. Sete pontos pequenos formando uma linha visível em sua pele clara. Eu podia ver onde a agulha havia penetrado e conseguia identificar a marca da picada de hoje pela borda ligeiramente avermelhada.

Ele estava injetando heroína em Tracy. Não por pena. Não como válvula de escape. Não, ele a estava castigando. Transformando-a em viciada para poder ter ainda mais controle sobre ela.

Ele não teria escolhido essa forma de tortura aleatoriamente. Havia sempre um método em sua loucura. Devia ter descoberto o que essa droga significava para ela e o quanto fora importante em sua vida. Ele devia saber que poucas coisas seriam mais dolorosas para ela do que o prazer e a liberação proporcionados por esse veneno.

Mas como? Tracy estava tão determinada a mantê-lo longe de suas lembranças e fora da sua mente. Ele devia ter forçado bastante. Ela devia ter tido um momento de fraqueza e falado a respeito de sua mãe, sobre aquela noite no clube.

Depois de ver as marcas, voltei para meu lugar o mais rápido que pude sem fazer muito barulho e esperei até ela acordar.

Só muitas horas depois ela levantou e, lentamente, foi até o banheiro de novo. Ouvi seu vômito mais uma vez e a vi arrastar-se de volta para o colchão. Ela já parecia um pouco melhor. Bem o suficiente para me olhar com raiva, pelo menos, e me mandar deixá-la em paz. Fiquei quieta, sabendo que era mais seguro

esperar e ver o que ela faria depois.

Ficou sentada, olhando para a caixa, mergulhada em seu próprio sofrimento, e me perguntei se ela estaria dizendo a si mesma que as coisas poderiam ser piores.

Consegui ficar sem olhá-la por uns bons dez minutos, mas aí não aguentei mais. Precisava olhar de novo para seu braço. Dessa vez nossos olhos se encontraram. Ela escondeu o braço imediatamente, cobrindo as marcas com as mãos.

Para minha surpresa, meus olhos se encheram de lágrimas, pela primeira vez em meses. Apesar de, naquele momento, como em tantos outros desde que fora trancada naquele porão, estar me sentindo oprimida por aquela existência insuportável, ao limpar as lágrimas eu senti alívio.

Porque estava chorando por Tracy.

Aquelas lágrimas eram a prova de que minhas emoções ainda conseguiam penetrar a armadura que havia construído em torno de mim. Pensava que tivessem desaparecido completamente. Mas talvez eu ainda não tivesse me transformado em um animal. Ainda era um ser humano em algum lugar lá no fundo.

27

Na manhã seguinte à minha conversa com Scott Weber, eu e Tracy nos encontramos no restaurante do hotel. Era um belo dia de junho e, enquanto comíamos ovos mexidos e comparávamos nossas anotações, parecia quase possível esquecer por que estávamos ali.

"Então. Com relação a Adele Hinton", Tracy começou. "Já fiz minha análise. Quer ouvir?"

Fiz que sim com a cabeça.

"Caso clássico de acadêmica frustrada. Sempre a melhor aluna da classe no ensino médio, acreditava que surpreenderia o mundo intelectual. Acha que é um gênio com 'G' maiúsculo. E, no entanto, aqui está ela, enfiada em uma universidade estadual no meio do nada."

"Não é uma universidade ruim, é?"

Tracy balançou a cabeça. "Palavras dela. De qualquer forma, ela deixou escapar que está trabalhando em um grande projeto para uma conferência daqui a um ano. Foi bastante cautelosa quanto a esse assunto, mas isso é comum no meio acadêmico. Seja o que for, é evidente que acha que essa é sua chave para abrir novas portas. Ela parece muito confiante, mas acho que lá no fundo acredita que, enquanto estiver aqui, é uma perdedora."

"Hummm... faz sentido", eu murmurei, engolindo a comida. "E quanto à história do sadomasoquismo?"

"Quem sabe? Talvez ela realmente queira entender Jack, como disse a você. Mas suspeito que seja também uma forma de parecer subversiva, de chamar a atenção nos círculos acadêmicos." Tracy ia continuar quando meu celular tocou.

"Alô?" Reconheci o número de Jim, mas ele não respondeu imediatamente quando atendi.

"Jim, é você?" Tracy olhou para mim, curiosa, mas voltou a

passar manteiga em sua torrada.

"Estou aqui. Escute, tenho uma coisa pra você."

"Você fez a pesquisa que lhe pedi?" Não consegui conter o sorriso.

"Sarah. É difícil dizer isto, mas... parece que há realmente um padrão. Examinamos os arquivos da universidade e as finanças pessoais, relatórios de despesas, coisas do gênero, envolvendo Jack Derber. E acreditamos ter um registro bastante confiável dos lugares em que ele esteve durante um longo período de tempo, tanto antes quanto durante seu cativeiro. E parece haver uma correspondência. Tudo indica que realmente ocorreu o desaparecimento de mulheres jovens em cada uma das cidades em que ele esteve para simpósios acadêmicos. Tenho uma lista."

"Quantos nomes?"

Silêncio. Tentei de novo, com a voz mais suave desta vez.

"Quero saber quantos nomes."

Tracy ficou com a faca parada no ar, os olhos cravados em mim. Um olhar tenso.

"Jim, nós temos o direito de saber. Precisamos saber."

Ele suspirou. "Cinquenta e oito. Incluindo vocês quatro."

Tracy viu a expressão em meu rosto e continuou a passar a manteiga enfurecidamente no pão. Mas acabou deixando a torrada cair no prato, engoliu em seco e desviou o olhar para longe.

Respirei fundo. "Quero essa lista, Jim."

Quase consegui ver Jim colocando a mão no rosto ao ouvir isso.

"Sarah, você sabe que não posso fazer isso."

"Por que não?"

"Tecnicamente, trata-se de informação confidencial. Porém, o mais importante é que talvez não seja uma boa ideia você ver isso agora. Tenho que analisar melhor essa lista e ver que tipo de ligações podemos estabelecer."

"Encontraram alguém dessa lista? Algum corpo foi identificado?"

Silêncio novamente.

"Apenas vocês três."

"Todos esses casos estão em aberto? Alguém está fazendo alguma busca?"

"Sarah, você precisa entender que mais de oitocentas pessoas

desaparecem todos os anos nos Estados Unidos. Esse tipo de caso acaba sendo arquivado. E alguns deles ocorreram há mais de quinze anos."

"Certo. Então, se algumas dessas outras garotas estiverem vivas, são um pouco mais velhas do que eu. Eu ainda desejaria ser encontrada, Jim."

"A probabilidade..."

"Entendo perfeitamente as estatísticas."

Jim ficou em silêncio.

"Onde é que você está, Sarah? Vamos começar por aí. Vou encontrar com você."

"Existem muitas famílias que ainda estão esperando por suas filhas, Jim. Quero ver os nomes."

"Onde é que você está?", ele perguntou novamente.

Eu hesitei. "Ainda estou em Portland. Com Tracy. Traga a lista."

Desliguei e olhei para Tracy.

Ela ainda estava olhando para longe. "Quantas?"

"Cinquenta e oito. Incluindo nós quatro."

O queixo de Tracy caiu. "Preciso contar a Christine", ela disse, inclinando-se para a frente. "Ela precisa entender o alcance de tudo isso. Não se trata de encontrar Jennifer apenas."

"E pode envolver mais gente além de Jack."

"O que você quer dizer?"

"Cinquenta e oito garotas. Você acha mesmo que Jack poderia estar agindo sozinho? E se existisse uma espécie de sociedade secreta, envolvendo sacrifícios humanos, como aquele grupo de Bataille? Pelo amor de Deus... não poderia ter algo a ver com isso?"

Tracy ainda estava olhando para longe. "O galpão. Precisamos voltar lá. Precisamos ver se era usado, ou se ainda é...", ela disse.

Senti o estômago embrulhar. "Por que não esperamos até Jim chegar aqui? Vamos deixar que ele examine o velho galpão, que pode ser um templo para sacrifícios humanos", eu sugeri.

"Sarah, o FBI não vai querer abrir esses casos arquivados, mesmo que Jim esteja disposto. Não existe nenhuma pressão para que façam isso. Nada na imprensa. As coisas precisam ser remexidas — é assim que funciona. Confie em mim. Precisamos dar alguma coisa a eles, algo que os obrigue a ir mais fundo, já."

“Mas Jim disse que só precisa de um pouco mais de tempo”, eu disse suplicando.

“Eles tiveram anos para ir atrás disso. Estou começando a acreditar que você está certa, por isso precisamos agir agora. Não podemos esperar até que alguma agência do governo organize tudo. Tem que haver uma ligação entre Noah Philben e Jack. Tem algo estranho no envolvimento de Sylvia com essa igreja, e na ligação dela com Jack. E a presença de Noah Philben nesse clube de sadomasoquismo? E o armazém de Noah? Precisamos ver o que tem lá dentro.”

28

"Não posso fazer isso", eu disse a Tracy uma hora depois, quando ela abriu a porta, fazendo sinal para que eu entrasse. Seu quarto era um desastre: as roupas escuras e as bijuterias agressivas estavam espalhadas como no rescaldo de um estranho evento climático gótico. Tirei algumas coisas da poltrona que ficava próxima da janela e sentei, as costas retas e o queixo erguido, determinada a fazer o discurso que havia ensaiado em meu quarto desde que ela tivera aquela ideia maluca.

Tracy sentou na beirada da cama, as pernas cruzadas, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos cruzadas à frente. Ficou esperando, como se já soubesse o que viria.

"Fiquei pensando e simplesmente acho que não consigo."

"Você quer dizer que não vai conseguir encontrar Jennifer?"

"Quero dizer que não posso ir até um galpão no meio da noite. Sem a polícia."

"Polícia? Desculpe, mas por acaso você acha que há alguma possibilidade de isso acontecer? Eles nem acreditam que haja um crime. Aliás, talvez não haja. Isso é uma transgressão, pura e simples. E talvez, se formos realmente corajosas, invasão de domicílio."

"Mais um motivo para não fazermos isso", eu argumentei.

"Você tem alguma outra ideia para encontrarmos alguma pista?"

Fiquei em silêncio.

"Foi o que pensei. Então, como ficamos? Você quer desistir? O que é pior? Olhar pela janela de um galpão ou ver Jack Derber aparecer na sua porta como um homem livre?"

Estremeci. "É claro que não quero que isso aconteça."

"Escute, também não estou empolgada com isso. Mas fico pensando nessas garotas. As outras cinquenta e quatro. Se houver uma chance de encontrarmos pelo menos uma..."

“Não podemos, pelo menos, ir durante o dia?”

“Você quer dizer quando qualquer pessoa por lá puder nos ver claramente? Qual é? Não acho que preciso lhe dizer que isso é muito mais perigoso. Precisamos da proteção da escuridão.”

Senti que meus ombros estavam começando a tremer, mas lutei para conter as lágrimas. Eu não queria que Tracy me visse chorando de novo. Mas não conseguia suportar a ideia de voltar àquele lugar.

Eu precisava de um pouco de ar. As janelas do hotel não abriam, por isso peguei o cardápio do serviço do hotel para usar como leque. Tracy ficou olhando para mim, mas eu já tinha desistido de tentar entender o que ela sentia e não me preocupava mais em examinar suas expressões.

“Qual é, Sarah? Você tem que ir até lá”, ela recomeçou. “Veja até onde você já chegou. Até um mês atrás não conseguia sair de casa. Sei que nada disto é fácil pra você. Também não é pra mim. Mas desta vez você não vai até lá sozinha.”

Tracy foi até o banheiro e voltou com um rolo de papel higiênico.

“Tome, chore o quanto quiser”, ela disse, entregando o papel higiênico bruscamente. “Você vai se sentir melhor. Depois lave o rosto e dê uma pesquisada na internet.” Ela fez uma pausa antes de prosseguir. “E se realmente achar que não consegue, tudo bem. Eu vou até lá sozinha.”

“Você não faria isso!”

“Faria e farei. Você sabe qual é a minha teoria. Mergulhe de cabeça. Enfrente o medo de frente. Permaneça na ofensiva.”

Era tudo o que eu precisava. Outro corpo na minha consciência. Fui eu quem a trouxe até aqui, quem a arrastou de volta ao pesadelo dessas lembranças. Não podia deixar que fosse até lá sozinha. Se alguma coisa acontecesse com ela, jamais conseguiria me recuperar do sentimento de culpa. Eu tinha que reunir minhas forças e ir junto. Fiquei ali sentada; sentindo ódio de Tracy e ainda mais de mim mesma por ter começado tudo aquilo. Se não tivesse forçado as coisas, ainda estaria em meu tranquilo paraíso branco pedindo comida tailandesa e assistindo a filmes na TV a cabo.

Maldição, eu tinha que fazer isso.

Naquela noite, às dez horas, vestidas de preto e usando sapatos confortáveis, saímos do estacionamento do hotel. Parte de mim desejava que eu não conseguisse encontrar o galpão de novo. Que a terra o tivesse engolido completamente, levando com ele qualquer ritual perverso que estivesse ocorrendo ali dentro.

No caminho, Tracy contou que havia falado com Christine naquela manhã, depois de ter convencido Jim a lhe dar o número.

"E como foi a *conversa*?"

"Bom, acho que já foi um milagre o simples fato de ela não ter desligado na minha cara; e ela me ouviu. Mas não disse muita coisa. Pra falar a verdade, ela ficou em silêncio durante tanto tempo que eu comecei a achar que a ligação tivesse caído. Depois ela agradeceu calmamente pela 'atualização'. *Atualização*. E foi isso. Disse que precisava pegar um avião e desligou."

Eu percebi que Tracy estava bastante contrariada com a indiferença de Christine, mas não queria deixar transparecer. Já eu não esperava muito, por isso dei de ombros enquanto ajustava as luvas e o gorro.

Depois de algumas tentativas, conseguimos encontrar a estradinha d'A Catacumba, mas só conseguimos ter certeza depois de subir e chegar perto da entrada. Estacionamos e desligamos as luzes do carro. Afinal, tínhamos que ir devagar. No escuro, Tracy ficou olhando para um sujeito parado ao lado de um carro, vestindo uma jaqueta de couro sobre os ombros musculosos.

"Seu tipo de lugar, hein, Tracy?"

Ela riu.

"Não lembra... não lembra...?" Minha voz morreu.

Tracy só ficou olhando para a entrada do clube. "Sim, lembra. Mas me faz sentir que estou no controle."

Ficamos sentadas no escuro por mais alguns minutos, depois voltamos para a estrada. Enquanto Tracy se concentrava nas curvas, eu olhava para as árvores, estudando cada estradinha de terra para encontrar o desvio. Na outra noite eu estava com tanto medo que era incapaz de lembrar se havia dirigido por vinte ou por quarenta e cinco minutos.

Finalmente eu vi. Tive certeza de que aquela era a saída; no mínimo porque senti um arrepio na espinha assim que avistei

aquele desvio. Continuamos por mais uns cem metros, procurando um lugar para esconder o carro. Logo encontramos uma estradinha tomada pelo mato e Tracy avançou o quanto pôde, entrando de ré para podermos sair rapidamente se fosse preciso. Fiz Tracy examinar o lugar duas vezes para ter certeza de que não ficaríamos presas na lama ou no mato. Queria estar preparada para sair rapidamente.

Dessa vez, pelo menos, eu estava equipada. Meu celular estava preso na cintura, além de ter outro pré-pago para uma emergência. Um de cada lado. Tracy balançou a cabeça, mas eu sabia que ela também estava com medo; acho que no fundo ficou contente em saber que eu dispunha de dois celulares. Tínhamos cada uma a própria lanterna, e eu havia trazido uma câmera pequena e um spray de pimenta. Levava no bolso uma foto de Jennifer para me dar coragem.

Ficamos face a face, olhando uma para a outra; erguemos os ombros e respiramos profundamente. Então, sem dizer uma palavra, começamos a andar. Praticamente no momento em que pusemos os pés na estrada, ouvimos o motor de um carro acelerando e pulamos no mato até ele passar por nós.

"Por que é que eu me sinto a criminosa nesta história?", Tracy perguntou.

Continuamos lentamente até chegar à estradinha e depois fomos subindo pelo mato. Ao chegar ao alto, pudemos ver claramente o galpão. Parecia completamente deserto. Nenhuma van, nenhum carro, ninguém. Nada.

Respirei aliviada enquanto nos aproximávamos. Talvez estivesse abandonado. Talvez nossa carreira de detetives amadoras estivesse fadada ao fracasso. Era um pensamento agradável, e tentei me agarrar a ele.

Uma lâmpada na lateral do galpão formava um círculo de luz no chão diante da porta. Com um movimento do corpo, Tracy indicou que eu deveria segui-la. Fiquei bem atrás dela enquanto contornávamos o galpão, protegidas pela escuridão.

A mata estava mergulhada em um silêncio profundo, exceto pelo vago farfalhar das folhas quando uma brisa de verão passava delicadamente por elas. Havia apenas um leve toque de frescor no

ar. Se estivesse em meu apartamento, eu até abriria uma janela em uma noite como essa.

Depois de dar toda a volta no armazém, para ter certeza de que não havia nada do outro lado, fomos até a janela da porta da garagem e demos uma espiada no interior. Mas estava escuro demais. Não conseguíamos ver nada. Tracy apontou na direção da porta lateral e, antes que eu pudesse impedi-la, girou a maçaneta. Trancada.

Então Tracy decidiu voltar para a porta da garagem. Ela se inclinou e puxou a alavanca. Sussurrei para que parasse. Para meu alívio, a porta não abriu. Mas ela insistiu, murmurando que só precisava fazer um pouco mais de força. Fez um sinal para que eu segurasse a outra ponta, mas eu balancei a cabeça energicamente.

"De jeito nenhum", sussurrei.

Tracy ficou quieta, me olhando nos olhos. "Isto é por Jennifer", ela disse.

Olhei em volta, varrendo com os olhos o espaço vazio que nos cercava. Respirei profundamente e me posicionei na outra ponta. Tracy contou um, dois, três e puxamos ao mesmo tempo com toda a nossa força. Senti que a porta cedeu um pouco; nós nos inclinamos novamente e puxamos com mais força. Estava presa, mas conseguimos uma abertura de aproximadamente cinquenta centímetros. Tracy deitou no chão e começou a se arrastar para dentro.

"O que é que você está fazendo?", perguntei, quase gritando.

"Como você acha que vamos descobrir o que está acontecendo?"

Meu coração disparou, o pulso acelerou.

"Vou esperar você aqui fora", eu disse, me perguntando se isso realmente era mais seguro.

"Como quiser."

Ela sumiu por baixo da porta e eu comecei a andar, contando o número de passos até a mata, calculando quanto tempo ela levaria para sair, e quanto tempo levaríamos para nos esconder na mata novamente. Então ouvi um barulho violento e me virei para o galpão. A porta da garagem havia fechado. Se houvesse alguém lá dentro, agora certamente sabia da nossa presença.

Apavorada, caminhei de volta até a janela e, quase em estado de

choque, olhei para dentro. As luzes se acenderam. Havia um rosto olhando para mim, a poucos centímetros de distância do outro lado do vidro. Gritei e pulei para trás antes de perceber que era Tracy. Ela sorriu e apontou para a porta. Fui até lá e ela me deixou entrar.

"Está vendo? Nada. Não há ninguém aqui."

O galpão parecia muito maior no lado de dentro, quase cavernoso. E mesmo assim, era como se as paredes estivessem se fechando sobre mim. Olhei para a porta, nervosa, para ter certeza de que continuava aberta.

Não havia nada no galpão além de baias de aço inoxidável ao longo das paredes, cada uma medindo pouco mais de um metro. Talvez para abrigar algum tipo de animal, eu pensei. No fundo de cada baia havia um suporte de metal preso no chão, com uma prancheta cheia de folhas em branco, e uma caneta presa a uma pequena corrente.

Em cada baia, caindo do teto, mangueiras de borracha com bicos de pulverização, e pequenos ganchos presos em quatro lugares na parede do fundo. Lâmpadas enfileiradas e penduradas em um fio que passava por cima mal iluminavam o espaço, projetando sombras que se chocavam ao balançar.

Tracy estava em uma das baias, inclinada sobre o ralo no meio do piso. Então se ajoelhou e ficou olhando para uma coisa muito pequena; eu me aproximei e me abaixei ao seu lado. Sem tirar a luva, ela pegou o objeto com os dedos e o levantou contra a luz. Senti um arrepio: uma unha pequena, inteira, com um pouco de carne ressecada presa a ela. Tracy observou com ar solene e depois a colocou cuidadosamente no mesmo lugar. Estávamos horrorizadas, tentando imaginar o que poderia significar isso.

Eu estava de costas para a porta e por isso Tracy viu as luzes primeiro. Percebi o pânico em seus olhos antes de compreender o que estava acontecendo. Tarde demais; ouvi o barulho do motor do carro e depois uma porta batendo com o motor ainda ligado. Não estávamos mais sozinhas.

Não havia tempo para desligar as luzes. O barulho vinha da mesma direção da porta da frente, por isso corremos para a porta da garagem, cada uma pegando em uma ponta para tentar erguê-la

até a altura em que a abrimos da primeira vez. Mas ao cair, ela havia ficado presa. Desta vez não conseguiríamos uma abertura.

Senti uma onda de frio percorrer meu corpo. Não tínhamos outra saída além da outra porta. Ouvimos passos se aproximando e, em pânico, corremos para a última baia. Ficamos encostadas na parede, escondendo os pés atrás de um grande balde de plástico milagrosamente esquecido no canto.

Eu estava me xingando por causa das luzes. A culpa era minha. Tracy havia ligado as luzes para me mostrar que era seguro. Se pelo menos tivéssemos usado as lanternas, teríamos uma chance.

Assim que nos escondemos na baia, ouvimos os passos de dois ou três homens. Uma voz ecoou no salão mal iluminado. "Relaxem, relaxem, viemos em paz." Seguiu-se uma gargalhada rouca dos outros dois.

Nós nos encolhemos ainda mais no canto, sabendo que aquele esconderijo não resolvia nada. Era apenas uma questão de tempo até eles nos encontrarem. Tirei o celular do cinto cuidadosamente e o segurei do meu lado. Pude ver meu movimento na sombra, logo, se mexesse a mão, atrairia a atenção deles. Tracy também percebeu isso; como não podia se mexer para me impedir, implorou com os olhos. Não via uma expressão como essa desde a época do porão.

Eu estava diante de um dilema terrível. Não podia colocar o celular no ouvido sem revelar nossa localização, mas se não fizesse o telefonema, se não tentasse algum contato fora daquele galpão, qualquer coisa poderia acontecer conosco. Procurei olhar da maior distância possível, selecionei o nome de Jim em minha lista de contatos, e comecei a digitar a mensagem de texto com uma das mãos. Mas o que poderia dizer a ele? Estou em um armazém, no Oregon, mas não sei exatamente onde. Inútil. Mas eu havia reconhecido uma voz, por isso digitei lentamente, atrapalhada pela imobilidade forçada. Duas palavras: *Noah Philben*. Ele era a única pista.

Assim que terminei de digitar a última letra e apertei o "send", os homens começaram a correr na nossa direção. Tracy soltou um grito. Não consegui emitir um único som, paralisada pelo medo.

Antes que eu conseguisse entender o que estava acontecendo,

um deles me agarrou, prendendo meus dois braços com uma das mãos enquanto tirava meu cinto com a outra. Todo o meu equipamento ficou caído no chão. O outro homem estava segurando Tracy; Noah Philben aproximou-se calmamente de mim e abaixou-se para pegar os celulares.

"Bem-vinda à sacristia, Sarah — ah, desculpe, como foi que você disse que se chamava? Eu realmente não lembro. Mas lembro de Sarah."

Ele estendeu o braço até o meu queixo, passando um dedo por baixo. Eu me encolhi, afastando-me dele instintivamente. Qualquer contato humano me parecia repugnante, mas esse era especialmente repulsivo, mais do que eu podia suportar. Senti todo o meu corpo suando frio, mas quando recuei o homem que estava me segurando me empurrou ainda mais para perto de Noah Philben.

"Surpresa por eu saber seu nome, Sarah?" Ele voltou a rir e pegou um cigarro. "Importa-se se eu fumar? Acho que não." Ele acendeu um cigarro e deu uma longa tragada, depois soltou a fumaça no meu rosto. Tossi mas tentei não demonstrar qualquer emoção.

"Eu sabia quem você era desde o início, minha querida. Desde aquele dia em que você apareceu na minha igreja. Bem na minha porta! Mal podia acreditar na minha sorte. Por isso você foi seguida. Acompanhamos seus passos desde então. Quem você pensou que era naquele seu passeio até o lago?"

Olhei para Tracy. Ela estava apavorada. Eu não sabia se havia alguma coisa que pudéssemos dizer para ajudar naquele momento. Se acreditasse que implorar pela minha vida fosse adiantar, eu teria implorado. Mas podia ver nos olhos dele que isso não levaria a nada, só arrancaria uma gargalhada. Ele adoraria me ver rastejar, mas nada o faria mudar seus planos.

"Você deve estar se perguntando o que fazemos neste galpão. Bem, é claro que é aqui que realizamos nossos serviços. Sermões em vários dias da semana, certo, rapazes?"

Os dois homens riram de modo grosseiro, e o que estava me segurando me apertou um pouco mais. Olhei para a porta por onde eles haviam entrado. Continuava aberta. Eu podia ver a van branca

estacionada lá fora. Parecia não haver ninguém perto dela, mas o motor estava funcionando. Uma vaga esperança surgiu dentro de mim.

Olhei para Tracy para ver se ela também havia percebido essa possibilidade, mas seus olhos estavam vidrados por causa do medo e ela não quis, ou não conseguiu, me olhar nos olhos. Mais uma vez eu teria que deixá-la para fugir. Hesitei por um segundo... segundo fatal... porque antes que eu conseguisse agir, Noah apontou para a porta com a cabeça; os homens apertaram ainda mais suas garras e nos arrastaram para lá.

Eu lutei, chutando e gritando o mais alto que podia. A minha reação violenta parecia ter finalmente arrancado Tracy de seu estupor e ela também começou a gritar. Eu sabia, por todos os avisos da minha infância e toda a experiência posterior, incluindo aquela devastadora, que não podia permitir que nos colocassem naquele veículo. Se isso acontecesse, estaríamos perdidas. *Nunca entre no carro*. Eu havia aprendido da maneira mais difícil.

Juntei todas as minhas forças, mas meu captor apertou tanto os meus braços que pensei que ele fosse soltar a carne dos ossos. Senti uma queimação. Eu conhecia aquela sensação. A dor me estimulou a ficar ainda mais violenta. Esperneei, me fiz de morta e depois ataquei novamente, lutando com todas as minhas forças. Mas Noah não mantinha esses caras por perto pela conversa espirituosa. Eles eram fortes como o diabo. E tinham nos rendido.

29

Antes de conseguirmos registrar totalmente o que estava acontecendo, as portas de trás da van se abriram e eu vi sete ou oito garotas, todas mais novas do que nós, vestidas com túnicas brancas, finas e idênticas, os olhos tristes e os rostos cansados, olhando para nós sem emoção ou surpresa. Fomos jogadas na traseira sem a menor cerimônia, quase derrubando algumas das garotas. Elas nem piscaram. Na verdade, mal se deram conta da nossa presença. Recém-chegadas, aparentemente, era algo comum.

Consegui erguer os olhos a tempo de ver as portas da van sendo fechadas. Em seguida ouvi as portas da frente abrir e fechar, e o motor acelerar. Uma sólida divisória de metal criava uma barreira entre nós e as pessoas da frente: não podíamos vê-las nem elas, a nós. Havia uma janela retangular estreita ao longo de cada lado do compartimento de carga. Não dava para ver muito bem à noite, mas imaginei que estivessem cobertas por uma película escura. A van da igreja.

Quando recuperamos o equilíbrio, nos arrastamos até a ponta da frente, onde havia lugares para sentar. Percebi que havia cintos de segurança, mas nenhuma das garotas estava usando. Tracy sentou ao meu lado e coloquei o cinto de segurança. Apesar da nossa situação desesperadora, Tracy fez uma careta para mim, mas também colocou o cinto de segurança. Só faltava morrermos em um acidente de carro, embora as outras garotas pudessem pensar que seria um destino melhor do que qualquer outra coisa.

Estávamos no escuro, mas havia uma luzinha acesa no teto. Eu conseguia ver o rosto das meninas mais próximas, que de perto pareciam ainda mais jovens. Algumas eram bonitas, ou tinham sido antes de lhes terem sugado a vida. Outras não. Todas pareciam meio mortas de fome, como nós, tantos anos atrás.

Reconheci as expressões de autoproteção, todas tentando se virar

para dentro de alguma maneira, para qualquer porto seguro que ainda existisse em suas mentes. Aquele lugar lá no fundo, que ninguém poderia tocar, que nem mesmo a dor do corpo poderia alcançar. Eu conhecia esse lugar. Vivia aí há cerca de treze anos.

A garota que estava diante de nós parecia ter tido um corte de cabelo chique, mas agora estava tão desgrenhado quanto ela mesma. Olhou para nós com olhos que pareciam um pouco mais humanos, menos animalescos, do que os das outras.

Sussurrei para ela no escuro. "Quem são esses caras? Para onde estão nos levando?" Quase fiquei surpresa ao ouvir minha voz trêmula. O choque havia — temporariamente, pelo menos — vencido meu pavor. Naquele momento eu estava bastante focada.

Um meio sorriso iluminou seu rosto, e então desapareceu. Não pensei que fosse responder. Quando ela finalmente falou, percebi que estava sem alguns dentes.

"Quer mesmo saber?"

"Sim", Tracy falou, inclinando-se para a frente no escuro. "Sim, queremos muito saber. Precisamos descobrir um jeito de sair daqui." Eu podia sentir o medo na voz trêmula de Tracy, apesar de ela tentar esconder.

A garota fungou. "Sei. Boa sorte", ela disse, acrescentando apressadamente. "Se conseguirem descobrir me avisem. Eu topo. Topo qualquer coisa. Mas duvido. Vocês não sabem contra o quê estão lutando."

"Então nos conte", eu disse.

"Nós já vimos coisas muito ruins. Você ficaria surpresa", Tracy acrescentou.

A garota nos encarou. "Duvido."

Ela desviou os olhos, com o olhar embalado por um vazio na direção das janelas escuras.

"Bom, o que vocês *pensam* que é?", ela disse finalmente, com uma voz suave, sem virar os olhos.

Eu não queria pensar.

Então ela olhou bem nos meus olhos. "Seja o que for, pense em algo pior."

Eu disse a mim mesma que ela não sabia o quanto minha imaginação podia ser sombria e tentei me concentrar em algo mais

produtivo. Como elaborar um plano de fuga.

"Você acha que eles vão dirigir a noite inteira?"

"Depende."

"Do quê?", Tracy murmurou, sem conseguir esconder a irritação. Ela não gostava de adivinhações.

"Da ordem."

"Ordem?" Agora eu também queria que ela fosse direto ao ponto.

"Vocês sabem..." Ela fez um sinal de digitação com os dedos. "O que o cliente pedir pela internet. Meu conselho? Façam exatamente o que eles mandarem e vai doer muito menos no geral."

Olhei pelas janelas traseiras para ver a estrada correndo atrás de nós, tentando não visualizar o que ela estava sugerindo.

Tracy se inclinou e levantou o pulso frouxo da garota que estava ao seu lado, e que nem sequer reparou. "Nenhum impeditivo."

"Não na van", a garota respondeu. "Eles precisam ter uma história caso sejam parados por policiais. Conhecemos o roteiro. Fazemos parte de uma ordem religiosa." Ela ergueu os braços para demonstrar. Depois apontou para as portas de trás da van. "Parece uma van comum, mas eles modificaram a maçaneta da porta no nosso lado. Não funciona."

Então era isso. A organização religiosa de Noah Philben era uma fachada. Será que Sylvia tinha sido uma dessas garotas? E concordou em casar com Jack Derber, pois estava ansiosa para sair dessa situação?

Balancei a cabeça, afastando esses pensamentos. Inúteis. Nada disso tinha importância se não conseguíssemos sair vivas. Nesse momento as coisas ficaram muito claras na minha cabeça. Apesar do medo, eu me senti energizada. Como acontecera durante minha fuga.

Era como se eu só conseguisse sentir calma quando o pior realmente, finalmente, acontecia. Agora eu estava conseguindo me concentrar. Era para isso que estava preparada. Só precisava pensar. Só pensando poderíamos nos salvar.

"O que acontece quando vocês chegam a um novo lugar? Conte exatamente o que acontece", eu disse.

A garota sorriu ironicamente e balançou a cabeça, desta vez

cobrindo a boca.

"Depende. Às vezes recebemos instruções especiais. Às vezes temos que nos vestir primeiro." Ela apontou com a cabeça para um canto da van, onde estava uma grande caixa de madeira, presa com dois grandes cadeados de metal.

"Se não tivermos nada marcado, eles nos levam para algum lugar e nos deixam trancadas até a noite. Eles parecem ter vários... endereços, vamos dizer assim."

"Eles deixam vocês sozinhas?", Tracy perguntou, meio desesperada.

"Só quando estão convencidos de que você finalmente se rendeu completamente. Quando sabem que você está tão assustada que não ousaria dar um passo sequer. Quando acredita nas histórias que eles contam."

"Que histórias?" Fiquei com medo da resposta antes de terminar de fazer a pergunta.

"Sobre a rede de escravas brancas. Que eles fazem parte de uma grande organização e que irão te perseguir e te matar se você tentar fugir. E que vão matar sua família. Se você ainda tiver uma."

O motor da van roncou e fizemos uma curva fechada à direita.

"Como você veio parar aqui?" Tracy perguntou após um silêncio breve, enquanto considerávamos as palavras da menina e tentávamos processar o impossível.

"Fui muito idiota. Eu me meti nessa confusão. Fugi com meu namorado quando tinha catorze anos; fomos para Portland. Queríamos ficar longe das complicações de nossas casas."

Ela limpou o nariz com a mão.

"Devíamos ter sido mais inteligentes, mas quando você é jovem acha que pode tudo. Você entende, éramos crianças."

Segurei a língua, pensando o quanto ela ainda era criança.

Tracy foi para a frente. "Deixa eu adivinhar. Drogas. Foi isso? Heroína? Ecstasy?"

A garota ficou olhando para ela sem expressão, mas finalmente concordou com a cabeça. "Heroína. Esse era o negócio do Sammy. Então... você conhece a história — ele teve que pagar pelas drogas, depois teve que vender as drogas. Ele não era exatamente um gênio, então, você sabe, acabou ficando sem nada. Principalmente

porque acabou usando metade do que tinha que vender."

Ela balançou a cabeça; era evidente que estava mais irritada com a falta de inteligência de Sammy do que com o fato de ele usar e vender heroína. "Então ele se envolveu com os cavalheiros que estão dirigindo neste momento. Tinha que pagar suas dívidas de alguma maneira." Ela balançou os ombros.

"Com... com você?", perguntei, indignada.

"Bem... Eu devia saber que alguma coisa estava acontecendo. Ele me implorou para ir com ele um dia. Ajoelhou e chorou, disse que não conseguiria sem mim. Ele foi convincente. Acho que qualquer pessoa consegue se transformar em um grande ator quando sua vida está em jogo."

Ela parou e olhou para cima. Eu não consegui ver sua expressão.

"Olha, eu sei que ele me amava. E sei que ele deve ter ficado arrasado, mas era ele ou eu. Naquele momento, só um de nós poderia sobreviver. E ele decidiu salvar a própria pele." Ela mordeu o lábio. "Bastante justo."

"Ele me levou para um armazém no meio do nada. Já revi essa cena na minha cabeça um zilhão de vezes. Era óbvio que aquela não era uma boa ideia. Era óbvio que não podia acabar bem. Quem sabe? Talvez fosse uma forma de suicídio entrar naquele lugar naquele dia. De qualquer maneira, foi o que fizemos. Entramos, duas crianças com uma vida de merda. E lá estavam esses caras" — ela apontou para a frente erguendo o polegar — "sentados em torno de uma mesinha dobrável no meio daquele espaço. Foi engraçado. Sério. Eles eram... tão grandes." Ela ergueu as mãos. "E a mesa", ela riu, "tão pequena na frente deles." E colocou as mãos à sua frente, mostrando a desproporção.

Ela não conseguiu continuar, e chorou muito. Esperamos em silêncio, sem achar graça alguma naquela situação.

Finalmente, ela continuou. "Não suspeitei de nada imediatamente, mas fiquei bem assustada com a cara deles, sorrindo de uma orelha a outra. Pensando bem, agora eu acho que eles reconheciam uma escrava quando viam uma. Lembro que tive medo de ser estuprada por eles. Há!" Ela desviou o olhar, engolindo em seco. Mas não tinha lágrimas nos olhos.

"Foi muita ingenuidade. Pensar que ser estuprada por uma

gangue pudesse ser a pior coisa do mundo." Ela riu, mas sem achar graça desta vez. Tirou uma mecha de cabelo castanho da frente dos olhos e a colocou atrás da orelha.

Nós três nos mexemos no lugar, sentindo um grande desconforto. Ficamos olhando para nossos joelhos, como se não conseguíssemos olhar uma para a outra e ver nossa vergonha ali refletida. Olhei para as garotas ao nosso lado. Se estavam ouvindo, disfarçaram muito bem. Cada uma parecia perdida em seus próprios pensamentos, ou na falta deles. Então a garota voltou a falar.

"Bom, eles me pegaram e me arrastaram. Sammy ficou chorando e gritando o quanto me amava. Mas eu podia ver aquele olhar astuto na cara dele, ele sabia. É claro que ele chorou, mas estava chorando por ele mesmo. Pobre Sammy, perdendo a namorada desse jeito. Quando mandaram que fosse embora, ele saiu correndo. Ele era esperto. Armou pra cima de mim e depois deu no pé. Sei que deve ter ficado arrasado. Bom, isso talvez tenha servido para ele largar as drogas. É o que eu espero, pelo menos." Ela suspirou.

Fiquei impressionada com a capacidade dessa garota para o que parecia ser uma espécie de perdão.

"Você não está com... você não o odeia?"

"Ah, pra quê?" Ela suspirou de novo, mais profundamente desta vez, e olhou para a luz fraca acima de nós. "Ele está apenas seguindo seu destino. De nada adianta jogar meu ódio contra ele. As coisas são como são. São essas as minhas cartas, o arrependimento não ajuda em nada. Agora só tenho que pensar se e como vou sobreviver a cada dia. E não é psicologicamente. Estou falando literalmente. Será. Que. Vou. Sobreviver. Hoje. Algumas garotas não voltam."

"Talvez tenham conseguido fugir", eu disse, esperançosa.

"De jeito nenhum. Olhe para essas garotas." Ela estendeu o braço sem olhar para elas. "Parece que estão planejando uma fuga? Todas acreditam nessa rede, não é, meninas?" Ela continuou com os olhos fixos em nós. "E talvez estejam certas. Afinal, fomos marcadas."

"Marcadas como?" Tracy se endireitou ao ouvir isso.

“Colocam a *marca* deles em nós”, ela disse, inclinando-se para a frente e quase cuspindo as palavras; depois voltou para trás e ficou observando nossa reação.

Nós nem piscamos. “Explique. Detalhes”, Tracy ordenou secamente.

A garota apontou para seu quadril. “Uma marca. Bem aqui. Eles dizem que todo mundo na ‘rede’ — imagino que no submundo — conhece a marca deles. Como criadores de gado. E se alguém nos pegar, seremos devolvidas para nossos donos.”

“Como é essa marca?”, perguntei, aterrorizada, pois imaginava qual seria a resposta.

“Difícil dizer. Não gosto de ficar olhando. Elas nunca cicatrizam direito, por isso em algumas garotas fica parecendo um pedaço de carne retorcida. Acho que as pessoas dessa rede devem ter uma habilidade especial para decifrar essas marcas. Podemos dizer que parece uma cabeça de touro, mas os chifres são retos e depois viram pra cima.” Ela ergueu as mãos sobre a cabeça, com os indicadores apontados para o alto.

“Poderia ser... será que não é um homem sem cabeça com os braços estendidos? Com um corpo como o do desenho de Leonardo da Vinci?”

Ela balançou os ombros; eu não saberia dizer se entendia esse conceito do homem sem cabeça ou a referência a Da Vinci. “Não sei. Talvez.”

Eu tentei me levantar, quase bati a cabeça no teto da van e virei meio de lado; desabotoei a calça e abaixei um pouco do lado. Apontei para a minha marca.

“É parecida com esta?” Quase gritei, engasgando com as palavras.

A garota colocou os dedos sobre a boca e sussurrou furiosamente. “Cala a boca! Você quer que eles parem a van para ver o que está acontecendo?”

Ela se aproximou e puxou meu quadril para perto da luz. Examinou a marca atentamente e deu de ombros novamente.

“É, pode ser. Como eu disse, é difícil dizer.” Ela engoliu a saliva e de repente ficou com medo. “Espera aí. Isso quer dizer que você já foi da rede e fugiu e agora... foi trazida de volta? Então eles não estão brincando? E é por isso que você é, tipo, mais velha?”

Senti Tracy estremecer ao meu lado. Será que ela estava certa? Nós duas estávamos pensando a mesma coisa. Será que tinham nos trazido de volta para a "rede" depois de todo esse tempo? Para nossos *donos*? O intervalo de dez anos era uma fantasia e agora tínhamos voltado para a realidade?

"Então", ela continuou, inclinando-se para trás, nos observando. "Então não preciso contar nada? Vocês sabem?"

Tracy inclinou-se para a frente. O rosto das duas quase se tocando no escuro, sob a luz fraca do teto.

"Escute, o que nós passamos foi muito pior. Fiquei presa em um maldito porão durante cinco anos, acorrentada a uma parede, sendo torturada por um maldito psicopata." Ela se inclinou para trás, esperando que a garota fizesse uma expressão de choque. Mas ela apenas deu de ombros.

"Parece muito mais fácil do que isto. Você tinha que lidar apenas com um cara. Um cara é mais fácil do que cem caras. Pura matemática. Com um cara, não importa o quanto ele seja maluco. Dá pra imaginar, entender como ele age. Planejar. Manipular. Não muito. Mas o suficiente para que a dor seja menor. Quando você tem que lidar com caras diferentes o tempo todo, não dá pra saber."

"Você não sabe do que está falando. Pelo menos está aqui fora no mundo."

"*No mundo*?", a garota zombou. "É isso o que você pensa? A menos que porões e quartos acolchoados e celas especiais e..."

Ela se calou de repente, mordeu o lábio e desviou os olhos.

Quando voltou a olhar para nós, seus olhos estavam embaçados e sombrios. Sua postura havia mudado e vi apenas medo e dor em seu rosto.

Não estava gostando das imagens que de repente começaram a surgir na minha cabeça. Não queria saber o que poderia ter causado a dor que via em sua expressão.

"Por que não nos concentramos no que vamos fazer agora? Não importa quem sofreu mais. Vamos nos concentrar no que fazer para não *continuarmos sofrendo*." Eu me virei para aqueles rostos que pareciam zumbis ao meu lado. "Meninas, somos em maior número do que eles."

A garota que estava falando virou-se para mim, desta vez com raiva nos olhos, e sussurrou enfurecida: "*Cala a boca*! Se tentar incitar uma revolução, elas vão te entregar em apenas seis segundos. Elas estão morrendo de vontade de fazer isso. Assim ganham um dia de folga. Um dia inteiro sem que ninguém toque nelas. Então é melhor ficar quieta."

Olhei para a garota, sem acreditar; depois olhei para Tracy, esperando que ela me apoiasse. Nunca tinha feito nada tão ruim. Queria que ela entendesse que o sofrimento podia fazer isso com as pessoas. Mas o rosto de Tracy estava impassível como o de uma estátua.

"Vamos dormir um pouco", a garota falou de repente. "De qualquer maneira, não podemos planejar nada até saber o que a manhã nos reserva."

Apoiei as costas na van, tentando seguir seu conselho. Mas era impossível. Olhei para Tracy e pude ver que ela sentia o mesmo. Por mais que precisássemos daquele sono para ter forças pela manhã, aquilo estava fora de cogitação.

No silêncio, enquanto a van atravessava a noite, pensei no que a garota havia nos contado e minha calma começou a evaporar. Meu coração estava tão acelerado que por um momento pensei que fosse sair do meu corpo.

Depois de algumas horas, quando estava começando a amanhecer, a van fez uma curva fechada e começou a sacudir no que devia ser uma estrada de terra. A van balançava de um lado para o outro, rangendo muito até parar lentamente. Tracy e eu ficamos de prontidão; cutucamos a garota para acordá-la e ela balançou a cabeça. No início pareceu confusa, mas depois nos reconheceu e balançou a cabeça.

Tracy inclinou-se na direção dela, sussurrando. "Qual é seu nome?"

"Ahn?", a garota murmurou, parecendo confusa. Fiquei imaginando se o teria esquecido em meio a tudo aquilo.

"Qual é seu nome?", Tracy perguntou de novo.

"Ah, sim, isso." Ela sorriu, apesar da falta dos dentes. "Faz tanto tempo que ninguém pergunta. Meu nome é Jenny."

Jenny. O nome nos deu um choque de coragem. Olhei para

Tracy e vi minha própria determinação refletida em seu rosto. Nós nos preparamos para o momento em que a porta abrisse.

30

Ficamos sentadas por um bom tempo na van, que continuava com o motor ligado, sacudindo levemente. Então o motor parou. As portas da frente foram abertas e fechadas. Silêncio. Cinco minutos se passaram. Dez.

Com os braços esticados, nos agarramos ao banco de plástico, esperando. Alguém mexeu na fechadura da porta pelo lado de fora, mas nada aconteceu. Então a porta do lado do motorista foi abrindo aos pouquinhos, alguns centímetros de cada vez. Era como se estivessem zombando de nós. Continuamos imóveis, ouvindo, e então aconteceu. O clique seco e súbito da fechadura da porta. Eles vinham nos pegar.

Jenny sussurrou: "Não sei quem pode ser. Conheço o ritmo e tiques de todos eles. Deve ser um cara novo."

"Isso é bom, certo?" Tracy disse, otimista, apesar do medo na voz. "Ele não conhece a rotina. Podemos pegá-lo de surpresa."

Jenny se levantou e ficou virada para as portas traseiras. Nós fizemos a mesma coisa, empurrando os joelhos e pés das garotas do lado, que ainda estavam tentando dormir enquanto podiam.

Então as portas se abriram. Em vez de pular para a frente e empurrar o que encontrasse pelo caminho, congelei, fiquei presa no lugar sem conseguir acreditar nos meus olhos. Meio segundo depois, ouvi a voz trêmula de Tracy atrás de mim: "Christine?!?".

Naquele momento não consegui entender como era possível, mas lá estava ela. Christine, em toda a sua glória nova-iorquina, inteiramente de preto, perfeitamente penteada e calçada para a alta estação. Ela abriu as portas da van e ficou horrorizada ao ver a carga humana que transportava. Então entrou em ação.

"Todo mundo para fora! Vamos!", ela disse com a voz segura, como uma mãe que estivesse levando o time da escola. Descemos da van, com as garotas atrás de nós despertando lentamente. Tracy

pegou as retardatárias pelos braços, jogando-as na luz do dia à força. Algumas estavam chocadas e não conseguiam processar o que estava acontecendo. *Eu* não conseguia processar o que estava acontecendo. O que é que Christine estava fazendo ali?

Mas não havia tempo para perguntas.

Quando estávamos todas fora, Tracy pulou e olhou para as garotas, ainda atordoadas. "Meninas, não sejam idiotas. CORRAM!!!"

Olhei ao redor rapidamente. A van estava parada atrás de um celeiro, meio destruído, em um campo de aveia, na frente de uma casa de fazenda igualmente decrépita, que estava totalmente no escuro, com exceção de uma única janela iluminada. Não perdi mais tempo seguindo Christine e disparei ladeira abaixo na direção do mato, para longe da casa. Correndo como uma doida.

De certa forma, devia ser uma vista bela e etérea. Todas aquelas garotas de branco, descalças, correndo entre as árvores de uma paisagem rural paradisíaca. Como ninfas. Ou serafins.

O tempo corria em câmera lenta, como num sonho. O rosto das garotas refletia seu choque, seu horror, sua desorientação total. Eu via flashes de roupas brancas aparecendo e sumindo no meio da mata. Tracy, Christine e eu conseguimos facilmente nos localizar enquanto o grupo se dispersava, pois éramos as únicas manchas negras em meio ao fluxo de tecidos brancos descendo a colina.

De repente, eu me senti eufórica e comecei a rir alto. Ri muito sob o sol que brilhava iluminando o verde das árvores. Olhei para Tracy e para Christine. Elas me ouviram; o alívio por estar livre, por ter escapado por um triz, por ter Christine como salvadora, me encheu de alegria e eu não conseguia parar de rir. Elas se juntaram a mim e logo estávamos correndo e tropeçando uma na outra, rindo histericamente, desesperadamente, como loucas atravessando a mata.

Acabamos chegando a uma clareira. Christine diminuiu o ritmo para olhar o celular e depois parou, digitando feito doida. Várias garotas tinham parado de correr devido ao cansaço, muitas delas apoiando-se na lateral do corpo para aliviar as câimbras. Nós nos reunimos na clareira para recuperar o fôlego, prestando atenção para ouvir se havia alguém nos perseguindo. A mata estava completamente silenciosa. Nada de cães, de homens ou tiros.

Estranhamente silenciosa.

Christine estava sorrindo entre as lágrimas. Quando eu ia lhe perguntar o que devíamos fazer, ouvi o barulho de helicópteros. Devia haver uns quatro ou cinco deles acima de nós, com o som de suas lâminas giratórias se misturando em um único barulho ensurdecedor. Christine veio correndo em nossa direção, os braços abertos, gesticulando para nos abaixarmos. As garotas de branco ficaram olhando, espantadas, enquanto um dos helicópteros pousava na clareira.

Um homem alto, todo de preto e usando um colete à prova de balas preto, saltou do helicóptero e começou a caminhar na nossa direção enquanto falava em um microfone preso ao seu ombro.

"Jim!", eu disse. Quase saí correndo na direção dele mas parei ao perceber que Tracy e Christine se alinharam ao meu lado.

Jim olhou para nós e balançou a cabeça. Depois sorriu.

"Sarah, eu lhe pedi para testemunhar na audiência da condicional e veja no que você acabou se metendo!" Ele quase estendeu os braços para me abraçar mas se afastou no último minuto, lembrando-se do seu trauma. Porém, Tracy se atirou em seus braços, e depois Christine. Elas estavam muito emocionadas, agradecendo por ele ter vindo.

Jim olhou para mim e eu sorri para ele. Um sorriso débil, mas ele respondeu com um sorriso e um olhar cheio de pena, com uma ternura que me pegou de surpresa. Ele é muito humano, pensei, e desviei o olhar, emocionada. Especialmente para um agente do FBI.

Aos poucos, fomos todas colocadas nos helicópteros e cerca de uma hora depois descemos no estacionamento de uma delegacia; em seguida fomos informadas de que estávamos em uma pequena cidade nos arredores de Portland. O prédio de tijolinhos havia sido construído nos anos 1950 e dava a impressão de que ninguém se preocupara com a manutenção desde então. No interior, o piso de linóleo estava enrolado nos cantos; as paredes estavam lascadas e a pintura, desbotada, coberta com manchas escuras, inevitáveis após décadas e décadas de contato com o corpo humano.

Parecia que toda a força policial do condado havia se reunido no local e que todos os jornalistas e equipes de TV do estado haviam acampado do lado de fora. Havia três ambulâncias, com as sirenes

ligadas, aguardando nossa chegada, e os paramédicos correram em nossa direção assim que entramos no prédio.

Pouco depois eu estava sentada à mesa de um escritório, enrolada em um cobertor. Alguém me deu uma xícara de café e tomei um gole. Christine e Tracy estavam sentadas em cadeiras de escritório com rodinhas, ao meu lado, Christine andando para a frente e para trás nervosamente.

A cena me lembrou uma outra muito parecida, que ocorreu dez anos antes. Só que agora havia ao meu redor várias garotas vestidas de branco até os pés, sendo interrogadas por policiais; algumas delas tomando café e tentando entender o que estava acontecendo. Eu sabia o quanto deviam estar se sentindo confusas. Mas, para mim, aquilo era uma espécie de volta ao lar.

"Algum dia, alguém terá que me explicar o que acabou de acontecer. Mas agora eu me sinto perfeitamente satisfeita por estar sentada nesta mesa desta delegacia engraçada, tomando café num copo descartável", eu disse, quase sentindo uma alegria verdadeira naquele momento. Em vez de me sentir traumatizada de novo, eu estava revigorada. Aquela situação parecia a coisa mais normal do mundo. Com aquilo eu conseguia lidar. Aquilo era mais fácil do que ficar esperando pelo que poderia acontecer.

"Bom, na verdade é tudo muito simples", Christine disse. "Quando Tracy telefonou ontem de manhã para falar da lista..."

"A lista?", eu perguntei, sentindo que só agora minha mente estava começando a se recuperar do choque.

"Sim, a lista que Jim levantou com os nomes de garotas desaparecidas durante os simpósios e conferências de Jack Derber." Concordei com a cabeça e ela continuou. "Quando ela me contou, senti um estalo dentro de mim. Senti que precisava encontrar uma maneira de ajudar a impedir que ele fosse solto. Afinal de contas, tenho as minhas filhas.

"Mas era mais do que isso. Desde que nos encontramos, fiquei pensando no que você estava fazendo. Passei todos estes anos tentando esquecer nosso passado. Tinha medo de me aproximar desse poço sem fundo e cair lá dentro. Mas se essas garotas estão lá... eu tinha que fazer alguma coisa."

Ela respirou fundo.

“Disse ao meu marido que minha prima estava doente e precisava pegar um avião naquele dia. Ele levou as meninas para a casa dos pais dele, em Connecticut, porque, vocês sabem, o trabalho dele...” Ela balançou a cabeça e nós sorrimos, compreensivas. “Enfim, fiz a reserva e telefonei para Jim do aeroporto. Ele me disse onde vocês estavam hospedadas.”

Tracy acenou com a cabeça. “Então era esse avião que você precisava pegar.”

“Como foi que Jim...”, eu ia perguntar, mas ele balançou os ombros antes de eu terminar a pergunta. Era evidente que estava cuidando de nós além do que deixava transparecer.

“Naquela noite, depois de chegar ao estacionamento do hotel, fiquei sentada no carro durante mais ou menos uma hora. Fiquei pensando se realmente conseguiria fazer aquilo.

“Quando finalmente decidi sair, vocês duas passaram por mim. Vi quando entraram no carro e saíram em disparada. Fui atrás de vocês; buzinei e joguei a luz do farol. Mas vocês não perceberam, e agora entendo, considerando o que estavam procurando.

“Perdi vocês de vista e então voltei, até encontrar o carro encostado perto da estrada. Tracy havia me falado do galpão e então juntei os pontos. Estacionei na estradinha, encostada no carro de vocês — eu não sairia andando dali de jeito nenhum — e então vi as luzes de um carro se aproximando. Vi quando a van subiu pela estrada ao lado.

“Fiquei assustada; desliguei as luzes e o motor do meu carro e fiquei imaginando o que faria. Para não entrar em pânico, telefonei para o Jim. Ele me mandou voltar para o hotel, disse que cuidaria de tudo. Mas como é que ele iria encontrar uma van naquelas estradinhas no meio do nada? E me ocorreu que eles levariam vocês para algum lugar para matar vocês. Não havia tempo.

“Jim resmungou, mas ficou na linha comigo enquanto eu seguia a van à distância. Disse que poderia me localizar pelo sinal do celular, mas só teria uma localização aproximada.

“Então eu tive uma ideia genial.” Ela mostrou o celular, sorrindo. “O meu iPhone tem um aplicativo de rastreamento — costumo usar com a babá.”

Ela reparou no meu olhar de interrogação.

“Com este aplicativo você pode compartilhar sua localização pelo GPS com outras pessoas em tempo real. Jim baixou o aplicativo e nós ficamos conectados. Aí ele conseguiu me rastrear enquanto eu seguia a van.”

Acenei com a cabeça. Era evidente que Christine devia ter acesso a essas tecnologias.

“Então por que você nos tirou sozinha daquela van?”, Tracy perguntou.

“Quando chegamos à fazenda, os homens entraram na casa. Tinham escondido a van atrás do celeiro, por isso imaginei que poderia me aproximar sem ser vista. Jim ainda ia demorar alguns minutos e a última coisa que eu queria era ver aqueles sujeitos voltando e atirando em vocês antes dele chegar. Por isso arrisquei.

“Como não consegui abrir as portas de trás, entrei na cabine. Eu não sabia o que fazer para destravar as portas. Aquilo não é exatamente um Lexus.”

Tracy revirou os olhos, mas Christine apenas sorriu para ela.

“Então encontrei a alavanca e ouvi o clique das portas.”

“Meu Deus, Christine!” Eu estava impressionada. “Não acredito que você fez isso. Nem sei o que dizer.”

Ela sorriu de felicidade. Eu nunca imaginei que veria algo assim, lembrando dela quando estávamos no porão. Talvez fosse verdade — o que ela disse a Jim — que havia se recuperado *completamente*. E se, no fundo, nosso passado terrível tivesse servido para deixá-la ainda mais forte? Senti inveja dela.

Os meus olhos encontraram os de Jim, que estava do outro lado da sala. Fiz um sinal e ele se aproximou de Christine primeiro.

“Você entende o quanto isso foi perigoso, não? Sabe o que poderia ter acontecido com você?” Ele parecia realmente contrariado.

Ela respondeu calmamente, com uma petulância tipicamente nova-iorquina. “Sim, na verdade, sei exatamente o que poderia ter acontecido, Jim. Por isso preferi não esperar até que o pior acontecesse.”

Jim assentiu com a cabeça, percebendo o que ela queria dizer, depois virou-se para mim. Entregou meu celular, que devia ter sido encontrado no galpão.

“Parece que você esqueceu isto aqui.” Ele sorriu gentilmente. “Como é que você está, Sarah?”

“Vou sobreviver. De novo”, respondi sorrindo. “Vocês o pegaram?”

Por uma fração de segundo, Jim pareceu constrangido; depois se recompôs e exibiu um sorriso profissional. “Não, não pegamos, mas estamos vigiando as instalações em Keeler.”

Ele se aproximou, com sinceridade no olhar. “Sarah, desculpe se dei a entender que não estava levando a sério o que você descobriu. Mas a verdade é que fiz a lição de casa. Depois da nossa conversa, eu fui atrás e investiguei A Catacumba. A documentação deles é muito complicada, envolvendo inúmeras empresas-fantasma. Mas a equipe encarregada de investigar a contabilidade descobriu que os donos do clube eram sócios de uma das entidades de Noah Philben. Acreditamos que eles a usavam como centro de distribuição e realizavam a maioria das operações financeiras através dela.”

“E quanto à marca, o homem sem cabeça? Estas garotas foram todas marcadas. E Noah Philben sabia quem eu era. Meu nome verdadeiro. *Tem* que haver uma ligação com Jack Derber. Se pudermos provar que Jack Derber está ligado a essa história de tráfico, ficará preso para o resto da vida, certo?”

Jim hesitou. “Para falar a verdade, Sarah, acredito que Jack controla toda a operação. E está usando Sylvia como mensageira. Ainda não tenho provas concretas, mas estou chegando perto.”

Fiquei olhando para ele. Como Jack Derber poderia controlar tantas vidas, mesmo estando preso? A ideia embrulhou meu estômago. Mas antes que eu pudesse responder, um dos colegas de Jim o puxou para longe, levando-o para uma escrivaninha com um computador.

Eu me virei e vi Jenny, desviando de mesas e cadeiras para chegar perto de nós.

“Eu só queria... agradecer. Estar aqui fora agora, então... vocês sabem, obrigada.” Ela olhou atentamente para cada uma de nós. Senti que queria dizer mais alguma coisa, mas despedidas sinceras não pareciam ser o forte dela.

“Você está indo? Eles não precisam pegar seu depoimento

primeiro? Para reunir todas as provas que puderem?"

Jenny olhou para as outras garotas ao redor, algumas sentadas diante das mesas, outras em pé pelos cantos, todas parecendo atordoadas.

"Não, eles já têm muitas histórias por aqui. Este lugar faz com que eu me sinta como a pessoa que fez a coisa errada. Quem pode garantir que eles não vão virar a mesa a qualquer momento e nos acusar de prostituição? É assim que as coisas funcionam." Ela riu, apesar de parecer mais uma tosse seca do que uma risada de verdade. "De qualquer maneira, sei que jamais me deixarei prender novamente."

"Para onde você vai?"

"Não sei. Algum abrigo feminino para passar a noite? Qualquer coisa. Não tem importância. Agora estou livre e pretendo continuar assim." E assim ela saiu da delegacia, com passos firmes, olhando para a frente com um leve sorriso no canto dos lábios.

Jim havia sido chamado por outro policial e os dois agora estavam conversando com uma das garotas da van. O cabelo comprido encobria o rosto dela, mas seus ombros balançavam tanto que era possível perceber que estava chorando bastante enquanto contava sua história.

Os dois homens pareciam pálidos. Quando terminou, ela colocou a cabeça na mesa, sem se importar com os papéis e materiais de escritório. Jim não perdeu um segundo: virou-se para outro policial e começou a dar ordens, inclusive pelo celular. O rapaz começou a anotar, escrevendo rapidamente e acenando com a cabeça.

Jim se aproximou de nós com duas passadas, ainda falando no celular.

"Escutem, essas moças estão contando histórias perturbadoras. Nunca vi nada igual em vinte e três anos de FBI. Não estamos lidando com uma rede de prostituição comum." Ele fez uma pausa, talvez imaginando se estávamos preparadas para ouvir o pior. "Eles vendiam as garotas para sessões de tortura. Como escravas. Estou indo até a sede da congregação de Noah. Vamos entrar."

Senti certo mal-estar. Aquela parecia ser a fortaleza de Jack.

Jim nos deu as costas para atender uma ligação, cobrindo o outro

ouvido com dois dedos por causa do barulho. Depois virou-se novamente, no exato momento em que os policiais saíram correndo e as sirenes começaram a soar lá fora.

"Já tomei as providências para que sejam levadas para outro hotel — alguém irá pegar as coisas que está no hotel onde estavam hospedadas. E já destaquei uma equipe para cuidar da segurança de vocês. O carro que estavam usando será recolhido para exames; vocês terão outro carro e o policial Grunnell irá acompanhá-las. Permaneçam em seus quartos até que eu entre em contato."

Concordamos obedientemente com um aceno de cabeça, desorientadas com a atividade frenética ao redor, e vimos Jim desaparecer depois de cruzar a porta.

Mas, apesar de tudo, uma parte de mim ainda não estava satisfeita. Virei-me para Tracy e Christine.

"O que vocês acham? Vamos para o hotel e ficamos esperando como vítimas obedientes?"

Tracy limpou o nariz na manga. "Acho que não. Acho que ficamos muitos anos fazendo esse papel." Ela se virou para mim. "Para onde vamos?"

Pensei um pouco, feliz por ela estar pensando a mesma coisa. "Está na hora de voltarmos para Keeler. Acho que vocês precisam conhecer a ex de Noah."

31

Felizmente, o policial Grunnell estava atolado em trabalho e não fez muitas objeções quando dissemos que poderíamos ir sozinhas para o hotel. Anotou o endereço na parte de trás de seu cartão e disse que iria encontrar conosco dali a uma hora. Concordamos com a cabeça e nos despedimos solenemente, enquanto entrávamos no novo carro alugado. Torci para que ele não ficasse encrencado quando Jim descobrisse que nos deixou ir embora sem mais nem menos.

Os sinais de que havíamos passado a noite em claro e que estávamos sendo movidas por pura adrenalina começaram a aparecer. Estávamos as três com uma aparência péssima, abatida. Ainda assim, eu estava determinada a falar com Helen Watson, a ex de Noah, antes que ela ficasse sabendo de tudo o que havia acontecido. Minha esperança era que o choque pudesse fazer com que ela nos contasse alguma coisa, algo que não diria a mais ninguém.

Talvez movida pelo cansaço, Tracy estava dirigindo muito acima da velocidade normal, certamente acima da velocidade que eu considerava necessária. Em cada curva eu pisava no chão do carro como se houvesse um pedal de freio no lado do passageiro. Ela ria e me dizia para relaxar, apesar de continuar acelerando. Tentei tirar da minha cabeça as estatísticas sobre acidentes de carro, colocando Christine a par de tudo o que havíamos descoberto.

Eu podia ver em sua expressão que ela estava processando os fatos, sentindo o mesmo impacto que tínhamos sentido. Telefonou para o marido para dizer que sua prima estava mais doente do que imaginara e que precisaria ficar mais alguns dias.

Assim que ela desligou, senti o celular vibrar no meu bolso. Não reconheci o número, mas era local. Adele. E parecia bastante agitada. Quase perturbada.

“Você já viu o noticiário?”, ela perguntou com voz trêmula.

“Não. Mas posso imaginar.”

“Imaginar? Você está metida nisso? Isso tem a ver com a procura por Sylvia?”

“Pode-se dizer que sim. O que saiu nos jornais?”

“Que esse Noah Philben — o pastor da igreja de Sylvia — está sendo procurado pelo FBI. Eles não disseram qual é exatamente o motivo, mas a sede da igreja está cercada e parece que estão negociando com as pessoas lá dentro. A TV está transmitindo ao vivo. Você também está aí?”

“Não... estamos voltando para o hotel, vamos esperar lá.”

“Quer que eu vá encontrar com você? Qual é o nome do hotel?”

“Ainda vamos demorar um pouco para chegar. É o Hermitage, fica...”

“Eu o conheço. Vamos marcar às nove da noite? No bar do hotel?”

Assim que desliguei, paramos no estacionamento da igreja, que estava lotada. Tínhamos perdido a noção do tempo e só agora percebíamos que era domingo. Não chegamos no melhor momento para uma visita, mas sabíamos que não podíamos esperar. Ao sairmos do carro, olhamos para as roupas pretas e sujas que estávamos usando desde a noite anterior.

“Será que vão nos deixar entrar?”, Tracy perguntou, olhando para o tênis preto coberto de barro.

“Claro,” eu respondi, mesmo recordando a pouco receptiva atitude de Helen Watson antes. “Acho que não podem dar as costas a quem procura a igreja. Deve ser essa a regra. Vamos sentar no fundo.”

Empurramos as enormes portas de madeira da igreja e fomos recebidas pelos acordes solenes de um órgão imponente, que continuaram flutuando no ar enquanto caminhávamos lentamente pelo vestíbulo da capela principal. Os bancos estavam ocupados por famílias atentas ao serviço religioso.

Quando terminou o último hino, a congregação se sentou e o pastor deu a última bênção. Enquanto as pessoas saíam, sorrindo e acenando com a cabeça para cumprimentar amigos e vizinhos — inclusive nós —, fui tomada por uma sensação de bem-estar que

emanava daquela multidão, uma sensação de comunidade verdadeira.

Olhei para as grandes janelas da igreja, admirando os raios de luz que jorravam beatificamente através dos vitrais, e me lembrei da minha primeira visita. Então me preparei, imaginando que a recepção de Helen Watson não seria tão calorosa.

A igreja finalmente ficou vazia, com exceção do vigário, que continuava no altar. Nós nos aproximamos dele com certo receio, cientes de que não estávamos usando as roupas mais apropriadas para uma missa de domingo. Ele se virou lentamente para nós, observando-nos atentamente.

"Em que posso ajudar?", ele perguntou, sem muito entusiasmo.

"Gostaríamos de falar com Helen Watson. Ela está por aqui?"

"Ah, sim", ele disse, claramente aliviado por poder livrar-se de nós tão facilmente. "Ela está no salão de recepções, servindo café com bolo. Basta seguir por essa porta."

Seguimos a direção indicada e demos com a entrada de uma sala lotada, onde Helen Watson cumprimentava cada família que entrava em um grande salão. Assim que a última pessoa passou pela porta, começamos a caminhar em sua direção. Mas, quando me viu, mudou sua expressão e fechou rapidamente a porta do salão, fazendo sinal para que a seguíssemos pelo corredor.

Ela nos levou até uma capela menor, destinada às orações silenciosas e à meditação. Fechou a porta e, de braços cruzados, esperou até nos sentarmos.

Então começou a falar lentamente, pesando as palavras. "Eu não sei quem é você ou porque voltou à minha igreja, mas já lhe disse que não posso ajudar com essa Sylvia Dunham. Eu não a conheço. Nunca a encontrei. Não tenho nada a dizer. Mas se realmente precisa falar comigo, agradeceria imensamente que marcasse um horário. Outro dia." Ela acrescentou, olhando para o crucifixo na parede. "Em outro lugar."

"Desculpe, sra. Watson. Peço sinceramente que me perdoe pelo incômodo. Mas é um assunto muito urgente, e não sabíamos onde mais poderíamos procurá-la", eu disse.

Ela ficou em silêncio, esperando que eu continuasse.

"Sra. Watson, a senhora logo verá nos jornais que Noah Philben

está sendo procurado pelo FBI."

Pensei ter detectado um leve choque sob a expressão fria, mas independentemente do que estivesse sentindo, não revelou nada.

"O que isso tem a ver comigo?"

"Nada. Exceto pelo fato de que seu nome pode vir à tona a qualquer momento, quando a polícia descobrir seu envolvimento com ele no passado. E isso não vai demorar muito." Ela ergueu a sobrancelha, sem trair qualquer emoção. "Neste exato momento, estão cercando a sede da tal igreja."

Ao ouvir isso, percebi que os ombros de Helen Watson caíram minimamente e ela inspirou rápida e profundamente. Tentou disfarçar, mas era óbvio que a notícia tinha causado algum impacto. Tracy também percebeu.

"A senhora está feliz com isso?", Tracy perguntou.

Helen Watson respondeu com certa relutância. "Sim, para ser sincera, estou. Nunca... nunca tive uma boa sensação em relação a... essa organização."

"Por quê?", perguntou Christine, inclinando-se para a frente.

"Para ser sincera, aquilo mais parecia uma seita. Não sou a única que pensa assim. Mas não sei de nada", ela acrescentou rapidamente. "E a última coisa que desejo é ter qualquer envolvimento com essa história."

"Sra. Watson, sei que na sua juventude a senhora fugiu com Noah. Vocês ficaram sumidos por alguns anos. O que aconteceu?"

Ela se endireitou, parecendo surpresa e ofendida com o fato de mencionarmos esses acontecimentos. Fiquei imaginando que as pessoas podiam até cochichar a respeito disso no estacionamento da igreja, mas jamais comentariam diretamente com ela. Olhou para nós atentamente e então sentou em uma cadeira. Parecia que estava nos levando mais a sério agora.

"É verdade. E a quem devo agradecer por ter espalhado essas informações? Foi uma época difícil da minha vida, e não quero reviver tudo isso."

"O que aconteceu, Helen?", perguntei, inclinando-me para a frente. "Por favor, conte. Acho que se eu lhe contar nosso segredo, talvez você entenda por que precisamos saber." Olhei para Tracy e para Christine e elas concordaram com a cabeça.

“Eu lhe disse que me chamava Caroline Morrow, mas não é verdade. Meu nome verdadeiro é Sarah Farber, e elas se chamam Tracy Elwes e Christine McMasters. Reconhece nossos nomes, sra. Watson?”

Ela nos encarou com um olhar incrédulo. Eu não me senti muito bem com essa fama. “Vocês são as garotas... as garotas que ficaram presas no porão de Jack Derber durante todos aqueles anos?”

“Sim, somos nós.”

Os olhos da sra. Watson se encheram de lágrimas. “Sinto tanto pelas coisas horríveis que vocês passaram. Mas o que isso tem a ver com Noah? Quer dizer, ele tinha seus problemas, sem dúvida.” Ela estava escolhendo as palavras cuidadosamente; era óbvio que sentia medo de Noah Philben. “Mas não tinha nada a ver com Jack Derber.”

“É justamente isso que estamos tentando descobrir, sra. Watson. Ele tinha alguma coisa a ver com Jack Derber? Achamos que existe uma ligação.”

Tracy acrescentou: “E acho que quando souber o que Noah fez, vai entender por que para nós isso é tão importante”.

De repente, ela pareceu assustada. “O que foi que ele... o que ele fez?”

“Tráfico humano, sra. Watson. Ele estava vendendo garotas. Aquela organização religiosa, ou qualquer que seja o nome que queira dar, era apenas uma fachada. E acreditamos que Jack Derber estava bem no meio de tudo isso.”

Para nossa surpresa, a postura rígida da sra. Watson se desfez totalmente e ela começou a chorar baixinho. Pegou um lenço para enxugar as lágrimas, mas quanto mais se esforçava para controlar o choro, mais soluçava. Olhei para Tracy e ela parecia estar pensando a mesma coisa que eu. A sra. Watson sabia de algo. Algum tipo de culpa devia estar por trás de uma emoção tão intensa. Demos a ela alguns minutos, sem ter muita certeza do que deveríamos fazer.

“Sra. Watson”, eu comecei a falar. “Sei que deve ser difícil para a senhora perceber que alguém... alguém que a senhora amou... e que conhecia desde a infância...”

Ela balançou a cabeça e se endireitou na cadeira, cobrindo a boca

com a mão. Olhou na direção da janela, pensativa, e respirou profundamente.

"Infância, não. Mudei para cá na adolescência. Começamos a namorar quando eu tinha dezesseis anos. Mas éramos... desculpem." Ela cobriu o rosto com as mãos; quando as retirou parecia ter a expressão mais composta.

"Nós éramos... tão próximos... Pensei — quer dizer, fiquei... preocupada com a organização religiosa, mas pensei — pensei que fosse apenas pelo dinheiro. Vocês sabem, essas seitas fazem as pessoas darem dinheiro e tudo mais. Mesmo assim rezei tanto por Noah. Rezava por ele todos os dias. Torcia para que encontrasse alívio para seus sentimentos tortuosos."

"Que sentimentos tortuosos?", Christine perguntou delicadamente.

A sra. Watson se levantou, tentando se recompor. Enxugou os olhos novamente e suspirou.

"Ele era... todo mundo tem que carregar sua cruz. Vocês sabem, resistir às tentações. Noah sentia muita raiva. O pai dele era um homem maravilhoso, era o pastor da minha igreja. Foi assim que conheci Noah. Mas quando o conheci melhor, percebi que ele odiava o pai. Eu não conseguia entender. Talvez porque o pai dele tinha muita influência na comunidade e não tirava nenhum proveito disso — para ganhar dinheiro ou obter favores ou para qualquer outra coisa. Eu nem sei o que Noah queria que ele fizesse, para ser sincera.

"Apesar de ter percebido o que Noah sentia, preferi ignorar. Eu era jovem. Ele era jovem. Eu não queria acreditar que o rapaz que eu amava fosse assim. Além disso, no início, ele era todo carinhoso comigo. De sua boca só saíam palavras doces. Eu me deixei envolver e fugimos, fomos para Tollen. Eu não conhecia ninguém na cidade e ele me manteve completamente isolada. Foi... foi difícil." Seus olhos se encheram de lágrimas novamente. Parecia que ela nunca havia falado com ninguém a respeito dessa época. Aparentemente, havia guardado essa história para si e reprimido seus sentimentos de tal maneira que, uma vez abertas as comportas, não conseguia mais contê-las.

"Sra. Watson, ele a machucou? Por que veio embora?", Tracy

perguntou suavemente.

"Eu..." A sra. Watson cobriu o rosto com as mãos e sentou, ficou imóvel por um longo minuto. Esperamos. Quando finalmente abaixou as mãos, ela conseguiu readquirir a expressão firme da esposa de um pastor. "Eu realmente não quero falar sobre isso", ela declarou, enxugando uma última lágrima.

Levantei, caminhei até a janela e olhei para a pitoresca pracinha.

"Sra. Watson", eu comecei, sem tirar os olhos da janela, "aquelas garotas usando aventais brancos que andavam em vans pela cidade não estavam ali voluntariamente. Eram escravas. Algumas tinham sido sequestradas, algumas foram vendidas pelos namorados ou por suas famílias e outras foram enganadas. Mas todas elas eram escravas. Tiveram que fazer coisas indescritíveis, contra sua vontade. A senhora precisa entender que não se tratava de prostituição comum, por pior que seja isso. Essas garotas eram usadas em sessões de tortura. Pode haver algo pior do que isso? Será que pode nos ajudar a entender como isso acontecia?" Eu me virei para ela, desta vez com os olhos cheios de lágrimas.

Ela olhou para cada uma de nós, claramente emocionada com minhas palavras, mas sem ter certeza de que poderia confiar em nós.

"Por que veio embora?", repeti a pergunta de Tracy, com mais firmeza.

A sra. Watson continuou sentada em silêncio, com todo tipo de emoção cruzando seu rosto. Ela tinha parado de chorar, mas percebi que sua respiração estava diferente, mais acelerada, desesperada. Eu conhecia esse padrão. Ela estava prestes a desmoronar.

"Voltei porque...", sua voz se transformou em um sussurro, "porque ele mandou que eu fizesse isso."

"Fazer o quê?", Christine perguntou, sussurrando.

"Ele queria que eu..." Ela fechou os olhos. "Ele queria que eu me vendesse."

Ela voltou a abri-los, olhando para cada uma de nós, esperando nossa reação. Como não demonstramos surpresa, apenas empatia, ela continuou.

"Estávamos sem dinheiro. Ele tinha tentado começar uma igreja,

mas tínhamos apenas alguns gatos pingados em um salão caindo aos pedaços que ele havia alugado com os últimos trocados. Por isso... ele me pediu para fazer alguma coisa por ele, por nós. Eu disse não. E quando eu disse não, ele... ele bateu em mim, e me trancou no quarto.

"Naquela noite ele saiu e com um grampo de cabelo eu consegui abrir a fechadura. Deus! Demorei horas, mas consegui." Percebi o alívio em seu rosto, o alívio ao perceber a fechadura aberta. "Depois saí correndo. Fiquei com medo de pedir carona — as pessoas faziam isso naquela época —, mas não queria correr o risco de ficar sozinha com um homem, muito menos com um estranho. Por isso corri. Dormi na mata. Demorei quatro dias para chegar na casa de meus pais. Minha mãe foi maravilhosa. Não me perguntou o que havia acontecido, só chorou. Ela me levou até o cartório e tratou da anulação do casamento. Então eu..."

Ela parecia confusa, como se não estivesse nos vendo. Seus olhos estavam vidrados, olhando para todos os lados. Balançou a cabeça, em pânico, olhou para a janela, em direção ao céu. Finalmente, voltou a soluçar, as emoções tomando conta dela mais uma vez. Era difícil imaginar o que diria em seguida, sua voz estava completamente embargada.

"Então descobri que estava grávida; ela me levou a um lugar e também cuidou disso. É claro que eu não merecia poder ter filhos depois disso. Mereço isso. Mas eu não podia... não podia ter um filho daquele animal." Ela chorava copiosamente agora.

Tracy se inclinou e passou a mão delicadamente em seu ombro.

"Carreguei essa culpa durante anos. Essa culpa implacável. E tentei fazer tudo o que podia para me reparar. Trabalhei muito por esta igreja e por esta comunidade. E sempre que via uma dessas vans..." Ela não conseguiu terminar a frase.

Foi quando percebi. Ela sabia. Talvez não soubesse de tudo, mas o suficiente para ter medo. Medo de Noah Philben. Afinal, ele tinha voltado para sua cidade e montado toda a operação bem debaixo do seu nariz. Talvez por maldade. Para castigá-la. Para que ficasse quieta. E ela ficou.

Sentadas em silêncio, ouvimos os soluços da sra. Watson. Então ela começou a divagar.

“Não sei por que Noah ficou assim. Não entendo o que gerou esse monstro. Sinceramente, não sei. A família dele era tão amorosa. Tão gentil. Eles faziam coisas... ajudavam a distribuir sopa para os pobres, coordenavam a distribuição de cestas básicas, recebiam crianças órfãs, pelo amor de Deus.”

Minhas orelhas ficaram em pé. “Órfãos?”

“Sim, eles cuidavam de órfãos de todo o estado.”

“Noah alguma vez comentou alguma coisa sobre essas crianças?”

Ela só precisou de um segundo antes de assentir com a cabeça pensativamente.

“Bem, parece que ele se apegou bastante a um menino. Ele dizia que era seu irmão, apesar de todo mundo saber que não eram parentes de sangue. Acho que não perderam o contato, mesmo depois de ele ter sido adotado legalmente. Sei que se corresponderam durante muitos anos. Quando Noah recebia uma carta, saía sozinho para — como ele dizia — pensar e refletir. Sempre voltava dizendo que havia renovado sua missão, que estava no caminho certo e que não podia parar. Era maior do que ele. Mais importante do que nós.”

Tentei encontrar o olhar de Tracy, mas ela estava me evitando, olhando para a frente.

Helen continuou. “Eu acho — quer dizer, sei — que tenho alguma coisa dessa época. Quando estava juntando minhas coisas, eu tinha uma gaveta com fotos e cartas. Enfiei tudo na bolsa. Algumas coisas que não eram minhas estavam misturadas, uma foto e parte de um envelope com um endereço. Guardei isso. Não sei por quê. Provavelmente por pensar que talvez um dia pudesse ter que provar alguma coisa.”

“Onde estão?”

“Aqui. No escritório. Eu precisava de um lugar seguro, e aqui temos um cofre.”

“Podemos ver?”

Ela se levantou lentamente e enxugou os olhos. Nós a seguimos por um corredor até um pequeno escritório. Ela abriu um armário, onde guardava o cofre; ouvimos um clique suave e em seguida vimos a foto e o envelope em sua mão.

“Sei que não deve ter muita importância, mas é o que tenho.”

Ela colocou a foto e o envelope sobre a mesa. Nós quase batemos a cabeça ao nos debruçarmos sobre a foto. À direita, o jovem Noah Philben, por volta dos catorze anos. Estava rindo do que o outro rapaz da foto dizia, olhando para o céu. O rapaz tinha virado a cabeça quando a foto foi tirada, por isso sua imagem estava embaçada.

"O que vocês acham?", perguntei a elas.

"Pode ser", disse Christine. "Mas não dá pra ter certeza."

"Sim, o cabelo é muito mais claro, mas pode ser por causa da idade." Tracy se inclinou mais um pouco. "Não dá pra ver o nariz direito."

Olhamos para o envelope. Estava endereçado a Tom Philben, em uma caixa postal de River Bend. Podia ser um pseudônimo. Precisávamos descobrir quem era o dono da caixa postal. Aquela era a jurisdição de Jim.

"Podemos ficar com isto? Só por um tempo. Depois devolvemos. É muito importante, sra. Watson."

Ela hesitou, mas acabou concordando. Nós nos despedimos e agradecemos por tudo. Antes de sair, olhei pela última vez para aquela mulher infeliz, finalmente livre do seu segredo, sentada sozinha em seu escritório, parecendo tão pequena e desamparada contra a parede com painéis de madeira, sob o crucifixo.

Entramos no carro e ficamos ali sentadas por alguns minutos. Em silêncio.

"Ela está mentindo", Tracy falou finalmente.

"O quê? Sobre o quê?", Christine perguntou.

"Tracy está certa", eu disse. "Ela está mentindo. Ela se prostituiu e não sabia de quem era o bebê."

"Por que está dizendo isso? O que ela contou já não é ruim o bastante?" Christine parecia realmente chocada.

"Sim, mas deve haver um motivo para ela ter ficado calada a respeito de Noah Philben durante todos estes anos; apesar de imaginar que aquelas garotas das vans não estavam apenas orando nas matas. Por que iria guardar estas coisas em um cofre? Ela sabia. E não fez nada. E carregou toda essa culpa com ela. Por um motivo apenas: ele sabia que ela se prostituiu e que fez um aborto. E deve ter alguma prova com a qual a ameaçou todos estes anos."

Tracy concordou com a cabeça. “É isso mesmo. Mas vamos sair daqui. Isso não tem mais importância.”

“Sim, tem”, eu disse em voz baixa. “E se ela tivesse dito alguma coisa anos atrás que pudesse ter evitado o que aconteceu conosco? E se ela tivesse revelado a ligação criminosa entre Noah e Jack quinze anos atrás? Algo que colocasse Jack na cadeia antes de ele ter tido a chance de nos sequestrar? E então?”

“Qual é, Sarah, isso não é justo. Não é justo colocar a culpa nela. Jack fez aquelas coisas com a gente. Ele é o responsável. Ele é o culpado. Não ela.” Christine se encostou no banco, olhando para o teto do carro, pensando. “Se quiser seguir por esse caminho, vai chegar na mãe de Jack. E a outra que o adotou? Ela provavelmente deve ter percebido que o filho não regulava bem. Devia ser daqueles garotos que colocam fogo em animais ou algo do gênero. Mas ela também não é responsável por isto.”

“É diferente. Helen Watson sabia, pelo menos, que alguém estava sofrendo nas mãos de Noah. Talvez não soubesse de nós, mas via aquelas garotas passando pela cidade o tempo todo. Conviveu com isso. Talvez fosse a única que soubesse o que estava acontecendo. A única pessoa além dos criminosos e seus clientes. E não fez nada. Não teve coragem.”

Tracy ligou o carro e saímos do estacionamento. “Vamos dormir um pouco. Depois vamos descobrir de quem é a caixa postal.”

32

Passamos o resto do dia dormindo no novo hotel, alheias ao frenesi midiático em torno da história de Noah Philben.

Acordei no final da tarde me sentindo angustiada. Examinei o quarto, mas não vi nada estranho — o ar-condicionado funcionando silenciosamente, minhas roupas dobradas e arrumadas no armário.

A caminho do banheiro, vi um envelope embaixo da porta. Imaginei que fosse um bilhete da recepção, apesar de achar estranho que não tivessem usado papel com o logotipo do hotel, como o bloco deixado na mesa de cabeceira. Ao me inclinar para pegar o envelope, reparei na letra. Minhas pernas ficaram bambas. Eu não o abri. Não conseguiria ver aquilo sozinha. Corri até o quarto de Tracy e bati várias vezes para acordá-la. Finalmente ela abriu a porta.

"Você também recebeu?"

"O quê?", ela perguntou, ainda sonolenta.

"Uma carta. De Jack. Aqui no hotel." Minha voz estava falhando. Eu estava muito nervosa, sentindo a antiga sensação de pânico voltando. "Ele sabe que estamos aqui. Como pode saber? Os homens de Noah Philben devem ter nos seguido, e agora estão agindo como mensageiros de Jack."

Apontei para o chão do quarto de Tracy, perto da porta. Ali estava. Outra carta. O rosto de Tracy ficou mais pálido do que nunca.

"Vamos dar o fora daqui. Pegue suas coisas. Vou chamar Christine."

Corri até meu quarto e joguei todas as minhas coisas na mala. Disse ao segurança que havíamos decidido voltar para Nova York e tínhamos que correr para pegar o avião. Ele pareceu confuso e telefonou para alguém. Quem quer que estivesse do outro lado da

linha certamente precisava dele para alguma outra coisa, porque conseguimos o sinal verde.

Encontrei Tracy e Christine no saguão do hotel. Apesar de estarmos abaladas, conseguimos fechar a conta e correr para o carro. Tracy assumiu o volante e saiu do estacionamento cantando os pneus.

No banco de trás, Christine começou a revelar os primeiros sinais de nervosismo. "Vocês acham que ainda estão nos seguindo? Para onde vamos? Outro hotel? Meu Deus, por que fui me meter nisto de novo?" Ela passou a mão pelo interior da porta do carro e eu a imaginei saltando para chamar um táxi que a levasse de volta a Park Avenue.

"Christine", Tracy começou a falar, com uma voz controlada, uniforme, "fique quieta a menos que tenha algo útil a dizer. Não podemos entrar em pânico agora. Leia as cartas para mim." Tracy estava pensando, e apavorada.

Abri minha carta antes, segurando nas bordas para evitar ao máximo o contato com o papel. "A família se reuniu finalmente. Estou tão satisfeito. Venham para casa e encontrarão as respostas."

Atirei a carta no banco de trás e abri a de Christine.

"Garotas, vamos tirar uma foto em família. Um *tableau vivant*. Ainda tenho tantas coisas para mostrar."

"Está certo, agora a minha." Tracy estava dirigindo como uma louca.

"Para onde estamos indo?", perguntei.

"Ver Adele."

Senti um nó na garganta. "Você não acha...?" Mal consegui concluir o pensamento ao me dar conta de que ela era a única pessoa que sabia onde estávamos hospedadas, além da polícia e do FBI.

"Que ela entregou essas cartas por Jack?" Tracy terminou a frase por mim. "Não sei. De qualquer maneira, tenho a sensação de que ela sabe mais do que deveria, como a Helen; e está na hora de fazermos com que nos conte tudo."

Concordei e abri lentamente a carta de Tracy, resistindo à tentação de atirar todas as cartas pela janela.

"Você estudou tanto estes anos todos, Tracy. Tantos livros.

Escrevi um só para você. Em nosso quarto especial."

Entreguei a última carta para Christine, impressionada com o fato de ela não se importar em tocá-las enquanto colocava as cartas em ordem.

"Como é que ele mandou essas cartas da cadeia sem que passassem por Jim?", Tracy questionou. "Pensei que a prisão monitorasse tudo o que acontece naquele lugar. Todas as outras cartas chegaram por intermédio de Jim. Temos que ligar para ele."

Concordei e peguei o celular.

Jim atendeu, como se tivesse acabado de acordar.

"Você pegou Noah? Ele está preso?", perguntei primeiro.

"Não. O lugar estava vazio. Não havia uma alma sequer. Eles certamente se prepararam, tinham um plano de fuga. Mas deixaram para trás os computadores e temos uma equipe trabalhando para colher os dados. Eles contam com gente capacitada, pois os dispositivos de segurança são bastante sofisticados."

"Você encontrou outras garotas?"

"Não, mas dá pra dizer que havia alguém vivendo ali em péssimas condições. Escute, Sarah, a situação é muito perigosa. Encontramos... encontramos coisas chocantes naquele lugar. Vocês precisam entender a gravidade do que está acontecendo. Precisam ficar no hotel até que as coisas se estabilizem."

"O que foi que vocês encontraram?"

Jim ficou em silêncio. Mas desta vez ele provavelmente estava tentando nos assustar o suficiente para ficarmos quietas no lugar.

"Na parte de cima, parecia uma igreja: com bancos, quadros de aviso, cartazes. Mas embaixo... Sarah, aquele lugar está montado sobre um labirinto de salas subterrâneas. Era ali que funcionava a verdadeira operação da quadrilha. É um buraco infernal. Correntes nas paredes, equipamentos de tortura por toda parte, manchas de sangue no chão, baldes para excrementos humanos jogados pelos cantos. E havia câmeras por todo o lado. Eles filmavam tudo."

"Filmavam? Meu Deus!", eu disse com repulsa.

"Sim," Jim continuou. "Examinamos algumas das imagens deixadas para trás e parece que uma parte desse material foi enviada recentemente para um site pornográfico chamado

‘escravas verdadeiras’. Para ter acesso é preciso compartilhar arquivos da mesma procedência, estamos falando de gente barra-pesada. É aí que Noah encontra seus clientes.”

Fechei os olhos, como se isso pudesse impedir que aquelas palavras ficassem martelando na minha cabeça.

“Jim, escute”, eu comecei a falar, a voz trêmula. “Jack nos mandou cartas. Foram entregues no hotel, colocadas por baixo da porta dos nossos quartos.”

“Como? Isso não é possível.”

“Ah, é sim. Estão aqui. Christine está com elas agora.”

“O que está escrito nessas cartas?”

“O de sempre. Não fazem muito sentido, mas esse não é o problema. O problema é que ele sabia onde estávamos. Isso significa que a pessoa que estava nos seguindo a mando de Noah também se reporta a Jack Derber. Jim, esses dois estão ligados de alguma maneira. Escute, será que alguém da sua equipe pode descobrir quem usa ou já usou a caixa postal 182 em River Bend? Noah Philben enviava cartas para esse endereço, alguns anos atrás.”

“Cento e oitenta e dois? Já anotei, mas escute, deixe que eu resolvo isso. É meu trabalho. Vocês três já sofreram o bastante.” Ele parou, provavelmente avaliando o significado de suas palavras.

Nesse momento, o carro sacudiu violentamente, pois Tracy foi obrigada a fazer uma manobra brusca para evitar uma colisão com um veículo que vinha no sentido oposto. Ela enfiou a mão na buzina, xingando.

“Sarah, onde é que vocês estão?” Jim parecia contrariado. “Vocês não estão no hotel?”

Eu disse “merda” e cobri o celular com a mão. Não queria dizer a ele o que estávamos fazendo. Precisávamos encontrar nós mesmas as respostas. Tínhamos chegado tão longe, não queríamos ser relegadas ao papel de vítimas passivas a essa altura, esperando sentadas enquanto designavam algum agente para juntar as peças do quebra-cabeça. Mas se nos recusássemos a ficar no hotel, Jim poderia ordenar que ficássemos sob custódia, para nos proteger.

Mudei de assunto.

“Jim, o que você sabe a respeito da infância de Jack?”

“Sarah...”

"Jim... só quero saber..."

"Sarah, conversamos sobre isso depois, mas a verdade é que não sabemos muita coisa."

"Por favor, Jim. Diga alguma coisa."

Jim suspirou, como costumava fazer antes de ceder.

"Ele perambulou por vários orfanatos até ser adotado pelos Derber aos catorze anos. Antes disso, infelizmente, os registros do Serviço de Proteção à Criança não têm muita coisa. O arquivo se perdeu. A assistente social que cuidou do caso morreu em um acidente de carro há cerca de quinze anos. Ninguém mais conhece seu passado."

"Bem, talvez estejamos conseguindo juntar algumas partes. Vamos conversar amanhã."

"Sarah, volte para o hotel. *Agora*. Vamos dobrar a segurança. Deixe as cartas com o policial Grunnell. Vamos descobrir o que está acontecendo. É provável que eu fique a noite inteira fora, investigando uma pista sobre o paradeiro de Noah. Mas volto pela manhã, para ver como vocês estão."

Desliguei o celular e contei a elas o que Jim havia descoberto nas instalações da igreja de Noah. Depois ficamos em silêncio por algum tempo, tentando entender o que significava tudo aquilo.

Finalmente consegui olhar para elas. Christine estava parada, mas seu rosto estava vermelho, seus olhos se mexendo de um lado para outro. Ela, que parecia tão segura horas antes, a mãe elegante do Upper East Side, nossa salvadora, agora estava começando a me lembrar a Christine que eu havia conhecido tantos anos atrás.

Será que essa Christine esteve aí, esse tempo todo, nos espiando? Talvez essa fosse a verdadeira Christine e o resto não passasse de uma máscara imposta por sua força repressiva.

Olhei para Tracy para ver se conseguia chamar sua atenção para Christine sem ser muito óbvia, mas ela estava concentrada na direção, com um olho no GPS, avançando a toda a velocidade para o campus. Tracy segurava o volante com tanta força que as juntas de suas mãos estavam brancas.

Nenhuma de nós queria admitir, mas nós sabíamos. Jack estava nos mandando um recado com aquelas cartas. Estava nos dizendo que ainda se considerava no comando, que ainda podia nos

alcançar onde quer que estivéssemos. Mas também estava dizendo que havia deixado uma pista. Naquela casa. Uma pista que poderia ser valiosa. Mas a que preço? Eu sabia que nós três havíamos entendido, embora nenhuma de nós conseguisse dizer isso em voz alta.

Queríamos tentar alguma coisa antes.

Finalmente chegamos ao campus, com Tracy batendo com força em todas as lombadas. Ela cantou os pneus ao parar bruscamente em uma vaga próxima ao prédio da psicologia. As luzes do estacionamento estavam começando a ser acesas, dando ao céu um brilho estranho. Olhei para o telefone de emergência do outro lado, enquanto Tracy saía do carro. Se pelo menos esse telefone pudesse nos ajudar agora, eu pensei.

Enquanto caminhávamos em direção ao prédio, pude ver uma luz acesa na sala de Adele.

No corredor, passamos pelo segurança, que nos olhou apenas de relance, como da outra vez em que estive ali. Quando chegamos perto da porta, ouvimos uma música suave, hipnótica, na sala de Adele. Ficamos paradas por alguns segundos, pensando se devíamos bater ou entrar de uma vez. Dei um passo à frente e bati de leve à porta. Nenhuma resposta. Tracy revirou os olhos e passou na minha frente, batendo à porta com força. Nada.

Christine apontou para a maçaneta e Tracy concordou com a cabeça, abrindo a porta de uma vez. Ficamos as três de queixo caído.

Ali dentro, quase invisível sob a luz fraca, ao lado da mesa de aço, de onde haviam sido tirados todos os livros, estava o professor David Stiller, ajoelhado no chão diante de Adele, arqueado, em uma postura de total submissão. Tinha uma venda sobre os olhos e seus braços estavam amarrados, nas costas. Adele, de calça jeans colada no corpo, uma camisa preta justa e botas pretas de couro até a altura do joelho, estava em cima de David, com uma das mãos em volta dele. Quando nos viu, deu um pulo, com a mão esquerda ainda fora de vista.

Então nos reconheceu, e um sorriso surgiu em seu rosto.

“Já falo com vocês.” Pelo tom da voz, parecia que estava simplesmente ocupada falando ao telefone.

Com a mão direita, ela fez sinal para que fechássemos a porta. Voltamos para o corredor, atônitas. Quando nos recuperamos, começamos a sussurrar no corredor mal iluminado.

"Mais trabalho de campo", Tracy disse secamente. "Ela deve ter uma bolsa."

Controlei o riso e nos afastamos da porta.

"Pensei que David Stiller odiasse Adele, mas isso devia fazer parte do joguinho deles", eu sussurrei.

Nesse momento, a música parou abruptamente e Adele apareceu no corredor, como uma profissional séria. David Stiller surgiu atrás dela e, evitando olhar para nós, foi para sua sala. Adele nem o olhou.

Como sempre, estava calma e fria, o rosto parecendo uma máscara. Educadamente, fez sinal para que sentássemos. Sentei na cadeira que ficava diante de sua mesa. Christine e Tracy se apertaram em um pequeno sofá no canto da sala.

Adele cruzou as mãos sobre a mesa e se inclinou para a frente.

"Pensei que fôssemos nos encontrar mais tarde. Está tudo bem?"

"Adele, queria que você conhecesse Christine."

Adele olhou para ela admirada.

"Sim, *essa* Christine", eu disse. "Então, aqui estamos. O grupo completo."

Estudei seu rosto cuidadosamente, tentando confirmar se era tudo encenação. Se ela tivesse entregado aquelas cartas, sabia perfeitamente bem quem era Christine e onde tinha estado nos últimos dois dias.

"Muito bem", ela disse, balançando a cabeça com espanto, "tenho que dizer que estou muito feliz por ver vocês aqui, sãs e salvas, depois de tudo o que passaram." Ela fez uma pausa. "Mas o que foi que aconteceu? A imprensa não tem informado muita coisa."

"Não sabemos muito mais do que você."

Ela me encarou. Devia saber que eu não estava dizendo toda a verdade. Mudou o rumo da conversa.

"Sei. Bem, de qualquer forma, talvez vocês três concordem em participar do nosso estudo de vitimologia, principalmente agora que estão juntas novamente."

Eu sabia que devia desviar daquele assunto antes que ela entrasse

em detalhes. Tinha a sensação de que a palavra vitimologia não seria muito bem aceita por Tracy.

"Parece que você e David Stiller têm... uma relação muito diferente daquela que imaginávamos."

"Ah, isso", ela falou, sem emoção na voz. "Estávamos apenas reconstruindo uma cena para uma apresentação em uma conferência."

Eu não acreditei naquilo nem por um segundo, mas decidi mudar de assunto.

"Adele, você sabe se Jack Derber tem alguma ligação com Noah Philben?"

O rosto dela permaneceu inalterado. "Apenas o que disseram no noticiário: que a mulher dele é membro da igreja de Noah."

"Estou me referindo a algo anterior a isso. De muitos anos atrás. Você conhece Jack há muito tempo. Ele já conhecia Noah antes de ir para a prisão?"

Adele olhou para a frente e piscou, duas vezes, como se apenas seus olhos pudessem nos dizer alguma coisa, em código. Os cílios, cobertos por uma espessa camada de rímel, vibraram. Ela arrumou alguns papéis que estavam sobre a mesa e pensei que aquela engrenagem azeitada poderia desandar por um instante, mas ela se recompôs e olhou novamente para nós, indecifrável como sempre.

"Como eu poderia saber? Eu e Jack não éramos *amigos*. Trabalhávamos juntos em projetos de pesquisa. Eu não sabia com quem ele se relacionava fora da universidade, com exceção das pessoas que conheci n'A Catacumba."

Dizendo isso, ela se recostou na cadeira e cruzou as mãos sobre o colo. Esperei para ver se iria desviar o olhar, ou se mexer na cadeira, revelando algum desconforto. Mas não. Ficou parada calmamente.

Mesmo que ela tivesse enviado aquelas cartas, eu sabia que jamais conseguiríamos fazer com que admitisse. Adele não iria desmoronar como Helen Watson. Talvez porque tivesse mais a esconder.

Tentei imaginar o que poderia estar passando por sua cabeça. Aquela mulher era a encarnação da disciplina, mas tinha que haver alguma coisa que pudesse tirá-la do eixo. Eu não podia acreditar

que ela fosse feita apenas de força, controle e ambição. Eu precisava fazer alguma coisa. Algo grande.

Só havia uma forma de pressioná-la. Um lugar em que eu sabia que ela não conseguiria manter toda aquela pose. Precisava fazer com que ela saísse de sua essência. Tinha que fazer com que olhasse para o passado que parecia querer ignorar.

Eu sabia que isso também faria pressão sobre nós. Voltar àquele lugar. Mas de alguma forma sabíamos que seria inevitável. O lugar que estava nos chamando, pronto para nos contar o que precisávamos saber. Para mim, nada poderia ser mais aterrorizante. Nada. Mas disse a mim mesma que precisava ser forte. Estava seguindo o conselho de Tracy. Tínhamos que ir fundo. Com ou sem Adele, tínhamos que voltar lá. Tínhamos que nos testar. Testar Jack Derber.

"O.k., estamos indo." Eu me levantei. Tracy e Christine me olharam com olhar de interrogação, mas também ficaram em pé, prontas para ver o que eu ia fazer.

"Vamos até a casa dele", eu disse com firmeza. Firmeza muito maior do que a que estava sentindo. Tracy e Christine pareciam chocadas.

Até Adele empalideceu. "Por que vocês fariam isso? Não podem entrar lá. A polícia não trancou tudo?" Sua surpresa parecia verdadeira e comecei a duvidar que ela estivesse envolvida.

"Vamos ter que invadir, então. Ele nos mandou cartas, Adele. Elas foram entregues hoje em nosso hotel." Observei seu rosto, tentando encontrar algum sinal de culpa. Se ela sabia de alguma coisa, estava escondendo muito bem. "E essas cartas sugerem que existem informações escondidas na casa. Papéis. Fotos. Talvez até uma parte do *material de pesquisa* de Jack."

Ao ouvir isso, Adele se levantou bruscamente e pegou a bolsa. Ela tinha topado.

Enquanto caminhávamos pelo corredor, Christine se aproximou de mim e sussurrou, furiosa: "O que foi que deu em você? Não volto para aquele lugar sem o Jim, de jeito nenhum."

"Jim jamais permitiria que voltássemos lá. Não temos escolha", eu respondi, lamentando mais do que ninguém que tivesse de ser assim. Mas era agora ou nunca. Eu sentia. "Jack está nos dizendo

que tem alguma coisa naquela casa, e acredito nele, mesmo que faça parte do seu joguinho doentio. Pela última vez, acho que precisamos ouvir o que ele tem a dizer."

33

Voltamos para o carro em silêncio. Tracy sentou ao volante, como sempre. Mas dessa vez não fiquei incomodada, porque tinha a estranha sensação de que agora eu estava no comando.

Olhando pela janela do banco do passageiro enquanto saíamos da cidade propriamente dita, eu me perguntava por que havia insistido para irmos até a casa. Eu não tivera tempo de me preparar mentalmente, e me lembrei de que havia jurado a mim mesma que jamais voltaria a esse estado, muito menos para aquele lugar horrível. Olhei para Tracy. Ela acenou com a cabeça enquanto dirigia.

"Você tem razão, Sarah. Temos que fazer isto."

Encontrei o endereço na internet e passei para o GPS. Era impressionante como era fácil encontrá-lo agora, considerando que tanta gente havia procurado por tanto tempo naquela época. Ali estava ela, no Google Maps. Eu me virei para trás. As mãos de Christine estavam tremendo novamente, enquanto esfregava as coxas pra cima e pra baixo.

Senti a respiração acelerar e reconheci com irritação a tontura que estava começando a embaralhar os pensamentos em minha cabeça. Mas se tinha uma coisa que eu não iria permitir era que Adele me visse desmoronar. Dessa vez não me preocupei com nenhuma técnica sofisticada para redução do estresse. *Maldição*, eu pensei, *você não vai ter um ataque de pânico agora. Você não pode*.

Prendi a respiração e contei até vinte, fechando bem os olhos. Isso era por Jennifer. Eu tinha trazido a foto dela e a peguei para olhar seu rosto. Depois a enfiei no bolso como se fosse um talismã contra o mal daquele lugar.

Senti a cabeça desanuviar e minha respiração voltar ao normal. E então comecei a sentir de novo aquela estranha sensação de alegria. Talvez encontrássemos alguma coisa. Evidências. Explicações.

Respostas. Alguma coisa que pudéssemos usar para manter Jack na prisão, algo que nos levasse até o corpo de Jennifer, ou talvez, apenas talvez, algo que explicasse por que isso havia acontecido conosco. Eu não saberia dizer o que era mais importante para mim àquela altura.

Quando finalmente consegui fugir, pensei que nunca mais seria infeliz. Que não havia espaço para infelicidade desde que estivesse livre. Por que, então, eu não conseguia ser feliz?

Ou a verdade é que ninguém consegue se refazer de nada? Existe realmente tanta dor e sofrimento agora, neste minuto, em milhões de corações, em corpos que carregam o peso da existência, tentando sorrir em meio às lágrimas em busca de momentos fugazes, transitórios, aqui e ali — quando conseguem esquecer o que aconteceu com elas, talvez até por várias horas de cada vez? Talvez viver seja isso.

Mas eu não podia pensar nisso agora. Tinha que me concentrar. Por mais duvidosa que parecesse a possibilidade de encontrarmos algo que o FBI não tinha visto, me ocorreu que eles estavam procurando algo completamente diferente. Não estavam tentando desvendar todo o passado de Jack Derber. Procuravam garotas escondidas em fendas. A prova concreta de corpos.

E, de qualquer forma, naquela época as redes de prostituição não estavam no topo da lista de prioridades do FBI. A internet ainda não reunia os pervertidos do mundo em ações de horror coordenadas. Era a época dos assassinos seriais. Esses eram os casos cercados de glamour. Era nessa categoria que queriam enquadrar Jack — um agressor louco, solitário.

Nenhuma de nós abriu a boca durante o trajeto de quarenta e cinco minutos. O único som que se ouviu no carro foi a voz computadorizada do GPS. *Recalculando* tornou-se uma espécie de refrão, e eu sentia que era isso o que nós também estávamos fazendo. Tentando nos adaptar a essa nova realidade. Estávamos nos aproximando do lugar em que acreditávamos que iríamos morrer. O lugar em que sentimos vontade de nos matar umas às outras. Não sabíamos como seria, mas a sensação não era boa.

Encontramos a entrada de terra, que reconheci pelas fotos dos jornais. Tracy parou o carro na estrada, a seta piscando. Uma chuva

leve começou a cair e sem dizer uma palavra ela ligou o limpador do para-brisa. Ficamos ali sentadas em silêncio. O GPS nos informou que nosso destino estava à direita.

"Estamos preparadas?", Tracy perguntou finalmente.

"Não, ainda não", disse Christine, no banco de trás. "Mas vamos lá. Vamos em frente."

Olhei para trás. As mãos de Christine tinham parado de se mexer e havia uma nova determinação em seu rosto. Acenei para Tracy e ela virou o carro na estradinha, que serpenteava por um terreno montanhoso densamente arborizado. Olhei para as árvores e me lembrei dos dias que passei nessa mata, após a minha fuga, perambulando nua, quase morrendo de desidratação. Um animal na floresta, desorientada e sozinha. Mais sozinha do que jamais estivera em toda a minha vida. Também estava chovendo naquela época, e eu me lembrava de ter aberto a boca para sentir o gosto da chuva.

À medida que nos aproximávamos, percebi aqui e ali, espalhados pelo chão ou pendurados nas árvores, pedaços da fita amarela usada pela polícia, irreconhecíveis, a menos que você soubesse olhar. Finalmente viramos na última curva e a casa surgiu à nossa frente. Uma grande casa de madeira pintada de verde-escuro, misturando-se com a floresta, e um grande celeiro pintado de vermelho-escuro à direita. Aquele celeiro, eu pensei. *Aquele celeiro*. Senti um arrepio quando paramos o carro.

Tracy olhou para mim, mas não consegui perceber o que ela estava pensando. Se queria apenas ver se eu estava bem ou se estava perdida em lembranças dolorosas. Não dava para ter certeza.

Olhei para Adele, que tinha uma expressão de espanto no rosto. Eu não sabia se ela já estivera aqui — se esse lugar também já fora um refúgio secreto para ela —, mas pelo menos parecia devidamente assombrada com o que havia ocorrido nesse lugar.

Voltei a olhar para Christine. Estava calma e solene. As mãos paradas.

Saímos do carro quase simultaneamente, com as portas batendo em uníssono. Ficamos paradas, olhando para a casa com temor silencioso. Era opressiva. Para mim, era como se fosse viva, estranha e ameaçadora. Parecia estar olhando para nós, um pedaço

de Jack que havia ficado para trás.

Finalmente, respirei fundo e comecei a andar, tomando o cuidado de não olhar para o celeiro. Quase caí na gargalhada ao pensar na ironia que era *invadir* a casa da qual passei tantos anos tentando escapar. Mas ali estávamos nós. E estávamos apavoradas.

Cheguei perto o bastante para olhar pela janela ao lado da porta. Lá dentro, tudo parecia bem limpo e organizado. Fiquei imaginando quem teria sido o felizardo encarregado de arrumar a casa após a invasão da polícia.

Tracy foi direto para a porta e já ia abri-la quando eu perguntei: "Não é melhor tomarmos cuidado com as impressões digitais?"

"Bom, nenhuma de nós está usando luvas, está?" Ainda assim, ela puxou a ponta da camiseta para segurar na maçaneta da porta, que não estava trancada.

"Aqui estamos. Nossa primeira experiência como criminosas — um grande sucesso."

"É estranho", disse a voz de Adele atrás de mim. "Realmente assustador."

A porta continuava aberta à nossa frente. Olhamos umas para as outras. Quem daria o primeiro passo?

Eu sabia a resposta. Eu havia insistido para virmos, era justo que fosse a primeira a atravessar a soleira da porta.

Respirei profundamente, tremendo um pouco, e entrei na casa. Depois me virei para elas. "Estão vendo? Não dói nada."

Ninguém achou graça.

Dei outro passo e fui seguida por Tracy.

"Bom, aqui estamos, na terra do nunca-nunca", ela sussurrou, olhando para a cozinha impecável. Parecia tão comum. Ninguém poderia detectar o resquício maligno que seu toque certamente deixou para trás.

Adele nos seguiu, cautelosamente, os olhos bem abertos.

Christine continuou na porta, imobilizada pelo medo. Percebi que sua mão esquerda estava começando a tremer. Então, segurando o braço esquerdo com a mão direita, ela passou pela porta, inspirando profundamente.

"Muito bem", foi tudo o que ela disse.

Encostei uma mesinha na porta para mantê-la aberta; ainda não

estava preparada para ficar fechada naquele lugar. Depois segui pelo corredor, lutando o tempo todo para não hiperventilar. Meu pulso estava acelerado e a conhecida tontura começou a me rondar. Mas eu sabia que, para o bem de todas, precisava manter o controle.

Parei diante da porta dupla da biblioteca. Se havia alguma coisa importante escondida nessa casa, estaria ali, mas eu não tinha certeza de que estava preparada para enfrentá-la.

Enfiei a mão no bolso, procurando a foto de Jennifer. Eu a agarrei com força e senti que se dobrou em meu punho. Sabia que estava estragando a foto, mas precisava tirar uma espécie de força física daquela imagem, trazer Jennifer para perto de mim. Abri a porta devagar, para visualizar a sala aos poucos.

A primeira coisa que vi foi o rack de tortura, ainda no canto.

A voz de Tracy penetrou em meu ouvido. "Argh, por que não tiraram esse negócio daqui?"

"A sala agora parece menor", Christine falou baixinho.

"Isto faz muito sentido", Adele começou a falar. "Esta sala não tem o mesmo poder..."

"Cala a boca", disseram Tracy e Christine ao mesmo tempo.

Adele ficou em silêncio. Olhamos para as estantes, que iam até o alto do pé-direito duplo. Os livros ainda estavam ali. Milhares deles.

Fui até a pesada mesa de carvalho, com seu tampo de fechar e o bloco de anotações. Era um móvel caro, evidentemente. A família adotiva de Jack não tinha problemas financeiros, e nem Jack.

Sobre o bloco de anotações havia um envelope. Fechado. As outras se aproximaram para ver o que eu havia encontrado. Tracy e Christine evitaram encostar no rack ao chegar perto de mim.

"Vamos abrir?", eu perguntei.

"Por que não?", disse Adele. "Já invadimos a casa."

"Não precisamos invadir", Christine lembrou. "A porta estava aberta e considerando que ele não queria que fôssemos embora, acho que temos privilégios de hóspedes."

Rasguei o selo do envelope, tirei o papel que estava lá dentro e abri devagar. Ali, com a letra limpa de Jack, estava escrito: *Bem-vindas.*

Deixei cair o papel como se fosse me queimar.

Nesse exato momento ouvimos uma porta bater, do outro lado do corredor. A porta por onde havíamos entrado. A porta que eu havia deixado aberta.

Demos um pulo e nos aproximamos silenciosamente da parede da biblioteca. Tracy estava na frente, perto da porta. Prestamos atenção, mas só conseguimos ouvir nossa própria respiração.

Tracy deu uma espiada para fora. Ninguém poderia ter entrado na casa sem passar pela porta da biblioteca. Ela fez sinal para que a seguíssemos.

Não havia ninguém. Se alguém *tivesse* estado ali, teria voltado para fora batendo a porta. Mas por quê?

Tracy foi andando na frente e pegou na maçaneta da porta, desta vez sem se preocupar com as impressões digitais. E então entendemos. A porta estava trancada por fora.

"Que merda é essa?", ela gritou, batendo na porta.

"Não pode ser. Não podemos estar trancadas nesta casa. NÃO PODE SER", Christine falou, tremendo.

"Vamos manter a calma", eu disse. "A casa tem milhões de janelas e eu estou com meu celular." No entanto, quando peguei o aparelho não havia uma única barrinha no canto direito. "Mas estamos sem sinal."

"As montanhas", disse Adele. "Faz sentido. Merda."

Corri de um quarto para outro, olhando pelas janelas. Não havia ninguém à vista. Mas a casa era cercada pela densa mata. Havia milhares de lugares para alguém se esconder se quisesse nos vigiar. Ou se estivesse pensando em algo pior.

Adele foi até a cozinha e tentou abrir as janelas. Estavam trancadas. Ela começou a abrir armários e gavetas e encontrou uma vassoura com um cabo pesado de madeira. Em um acesso de fúria, começou a bater nas janelas da cozinha até quebrar os vidros. Protegemos os olhos e nos afastamos, enquanto Adele continuou a bater. Ela era surpreendentemente forte.

Tracy, que estava olhando para Adele, se abaixou e protegeu o rosto com as mãos; depois se aproximou de mim e sussurrou: "Talvez eu estivesse errada em relação a Adele".

Dei de ombros e fomos para o corredor para evitar os cacos de

vidro. “Ou talvez ela saiba o quanto este lugar é perigoso.”

Adele finalmente parou, ofegante, o rosto vermelho, o cabelo desgrenhado. Ela ainda estava segurando a vassoura, pronta para atacar, quando entramos na cozinha de novo, cautelosamente, para verificar o estrago. O balcão, a pia e o piso estavam cobertos de cacos de vidro. Eu me aproximei para examinar o batente de uma das janelas e reparei que havia alguma coisa entre as tábuas de madeira. Barras de ferro. As janelas estavam protegidas por uma grade de ferro. A madeira pintada ao redor tinha uma função meramente decorativa.

Aquele lugar tinha sido preparado.

Sem dizer uma palavra, nós nos separamos, cada uma procurou uma porta diferente, empurrando e batendo inutilmente. Estavam todas trancadas. Ouvi gritos de frustração em cada canto da casa, qualquer tentativa de fuga era inútil.

Christine foi a primeira a desistir. Sentou em um canto da biblioteca, encolhida, e começou a chorar, murmurando palavras de desculpas para suas filhas.

Mas eu não conseguia parar. Esmurrei todas as superfícies que encontrei por cerca de duas horas. Por fim, desanimada, parei no balcão da cozinha, olhando para a janela com os vidros quebrados em cima da pia, voltada para o celeiro.

“Precisamos pensar se quisermos nos salvar”, sussurrei para mim mesma, apelando para o pouco de força interior que me restava.

Quando me virei para sair da cozinha, vi Adele caminhando na direção da porta que dava para a escada que levava à nossa antiga prisão. Eu não podia suportar a ideia de alguém indo até lá.

“Não se dê ao trabalho. Isso vai dar no porão, e posso lhe garantir que não há saída por lá.”

Ela estremeceu e se afastou horrorizada da pesada porta de metal. Alguns minutos depois eu a ouvi batendo na porta de trás, provavelmente com o corpo todo, grunhindo cada vez que acertava a madeira sólida.

Cada uma de nós foi desistindo a seu tempo e voltando, uma por uma, para a biblioteca. Eu me sentei no sofá que ficava no meio da sala, diante da lareira. Tracy se jogou do meu lado, com a cabeça entre as mãos.

“Ele conseguiu. Nos trouxe de volta.”

Balancei a cabeça, incrédula.

“Como ele poderia saber que voltaríamos aqui sozinhas?”

“Ele arriscou. Eu acho. Afinal, não tinha nada a perder. Além disso, se estava imaginando que seríamos idiotas e arrogantes, estava certo.”

“Mas não vai demorar muito para que Jim perceba que desaparecemos”, eu disse.

“Jack também sabe disso”, Tracy respondeu. “É óbvio que ele colocou alguém para nos seguir de perto. Isso significa que, seja o que for que ele está planejando, acontecerá logo.”

Olhei ao redor, imaginando de onde poderia vir o ataque. Eu me senti impotente, em pânico.

“Precisamos de algum tipo de... arma”, Tracy falou, parecendo tão exausta quanto eu. Concordei com a cabeça e saímos procurando, cada uma em busca de algo que pudesse ser usado para lutar. Christine voltou ostentando o cabo de vassoura que Adele tinha usado para quebrar os vidros. Tracy e eu, evidentemente as mais práticas, pegamos facas na cozinha e Adele encontrou uma frigideira pesada.

Quando nos reunimos novamente na biblioteca, tranquei as pesadas portas de madeira. Sem conversar, nos espalhamos, assumindo cada uma um posto na sala. Tracy ficou em um canto, eu fiquei em outro. Adele se agachou perto de uma janela, espiando a mata.

Christine se recompôs e foi se arrastando até a outra janela, o mais longe possível do rack. Ajoelhada, ela agarrou a cortina, chorando. Deixou o cabo da vassoura ao seu lado, mas eu não tinha certeza de que ela poderia ser útil em uma situação de crise desta vez. A velha Christine estava de volta.

“O que foi esse barulho?”, Adele disse de repente.

“O quê?”, Tracy perguntou, levantando a cabeça para ouvir.

“Esse barulho. Ouvi alguma coisa. Acho que veio do porão.”

“Eu não vou descer lá”, declarei, decidida.

Tracy balançou a cabeça. “Não ouvi nada.”

Talvez estivéssemos num estado de negação.

Depois de meia hora, como nada aconteceu, Adele parecia ter

relaxado um pouco. “Então é isso?”, ela disse. “Ficamos aqui sentadas e esperamos que alguém nos encontre? Torcendo para que os mocinhos cheguem primeiro?”

“Acho que é mais ou menos isso”, Tracy falou contrariada.

“Bem, eu, pelo menos, pretendo fazer o que viemos fazer aqui. Vou procurar alguma coisa.”

Tracy olhou para Adele. “De que adianta? Você parece que não entende o que está acontecendo aqui.”

Fiquei sentada no meu canto, estudando as duas. Já estávamos começando a ficar irritadas umas com as outras. Prontas para agir, prontas para viver a qualquer preço. Afastei esse pensamento, dizendo a mim mesma que estava apenas projetando nelas o meu medo crescente de voltar àquela vida animalesca.

Era aquele lugar. Estar de volta àquela casa. Eu me sentia como um animal enjaulado e mais uma vez senti que faria qualquer coisa para escapar. Qualquer coisa. Como antes. Reconheci isso num instante, a sensação de que toda a minha integridade, toda a minha racionalidade desapareceriam instantaneamente se a situação chegasse a isso. Eu me perguntei se as outras também se sentiam assim. Ou se no fundo eu era apenas uma pessoa baixa, incapaz de sentir empatia pelos outros, como Tracy pensava. Será que ela estivera certa o tempo todo? E quem eu sacrificaria dessa vez, para sair dali?

34

Quando finalmente consegui afastar aqueles pensamentos sombrios, percebi que Adele estava revistando a escrivaninha de Jack.

"Ainda acho", ela estava dizendo, os olhos concentrados nas coisas que estavam na primeira gaveta, "que podemos encontrar alguma coisa por aqui... talvez uma chave, qualquer coisa."

Ela estava começando a ficar apavorada, com dificuldade para manter o extraordinário autocontrole. Seus movimentos agora eram frenéticos, empurrando objetos para chegar ao fundo da gaveta.

"O que é que você está procurando de verdade, Adele?", Tracy perguntou subindo o tom da voz. Estaria também entrando em pânico? "Anotações de pesquisas? Você acha que poderá encontrar alguma coisa pra sua carreira? Sabe de uma coisa, Adele, caso ainda não tenha percebido, não dá pra ter uma carreira se estiver morta em uma casa nas montanhas. Mas... talvez eu esteja errada. Imagino que você poderia digitar alguma coisa para ser publicada postumamente." Ela pensou mais um pouco. "Na verdade, esse talvez seja o caminho mais rápido para a fama e a fortuna. Um livro escrito enquanto estava presa na casa de um psicopata."

Ela se virou para mim. "Sarah, por que você não escreve um livro também? Para contar como nos salvou uma vez acidentalmente, mas por bem ou por mal conseguiu nos trazer de volta ao lugar onde começamos?"

Adele parou de mexer na gaveta e levantou a cabeça.

"Espera um pouco, Tracy. Pelo que sei, se não fosse por Sarah você ainda seria prisioneira de Jack. E ele ainda estaria ocupando esta escrivaninha neste momento, e não eu." Dizendo isso, ela se levantou, afastando-se da escrivaninha.

Olhei para Adele e por um instante pensei ter visto um brilho de

emoção por trás daqueles olhos. E me perguntei se ela estaria realmente tentando me ajudar.

"Caso você não tenha percebido, Adele, ainda estou aqui, graças a ela também. De volta, pelo menos. Então talvez o intervalo de dez anos não faça tanta diferença. Parece que tenho grandes chances de morrer nesta casa, afinal."

Eu podia sentir meu rosto perder a cor. Cheguei a pensar que Tracy seria capaz de me perdoar. Que essa nossa busca iria curar velhas feridas. Era óbvio que havia me enganado. E agora o estresse daquela situação parecia estar trazendo seus verdadeiros sentimentos à tona.

Sabia que Tracy pensava que eu não havia mandado ajuda depois de ter escapado. Na época, ela disse à imprensa que tinha certeza de que se não fosse pelo interrogatório da polícia, eu teria deixado que ficassem lá para sempre. Como eu havia ficado na parte de cima da casa por algum tempo, pelas suas contas elas só foram salvas seis dias depois de eu ter deixado o porão. Seis dias em que Jack poderia facilmente ter matado as duas para não deixar rastro.

Ela estava errada. Eu *tinha* mandado ajuda.

Teria sido fácil explicar o que aconteceu. Mas eu não conseguia falar sobre como consegui sair e nunca tentei me defender dessas acusações. Jamais havia falado a respeito disso com alguém antes, nem com minha mãe, nem com Jim, nem com a dra. Simmons. Eles não sabiam o que tinha acontecido, e sempre que tentavam me fazer falar, eu ficava num estado quase catatônico.

Comecei a sentir o pânico aumentar dentro de mim, mas sabia que só iria me prejudicar na avaliação de Tracy se deixasse transparecer. *A pobre vítima de transtorno pós-traumático*. Tracy havia enfrentado o passado corajosamente, havia processado e até usado esses acontecimentos com um objetivo: promover uma pauta — exatamente como pedia o mundo moderno. Ela não tinha pena ou tempo para aqueles que não conseguiam encontrar um objetivo naquilo, como ela havia feito.

Se eu quisesse explicar, seria agora ou nunca. Talvez nem tivesse tempo. Os homens de Noah e Jack deviam estar lá fora agora. Mas se havia uma coisa que eu queria que Tracy entendesse era isso.

Fui até a escrivaninha de Jack. Eu o vi sentado ali tantas vezes,

fazendo suas anotações, exausta de tanto sentir dor. De uma forma perversa, essa escrivaninha era um símbolo de paz para mim. Eu sabia que quando ele começava a escrever, eu teria alguns momentos de trégua, e não haveria mais tortura naquele dia.

Puxei a grande cadeira de carvalho com rodinhas e sentei, como uma criança sentando na cadeira de um adulto. Mas, por mais estranho que pudesse parecer, achei que sentada ali eu talvez encontrasse forças para falar.

Olhei para Tracy, que continuava sem olhar para mim; para Adele, que olhava para mim atentamente, sem deixar transparecer o que havia por trás daquele olhar; para Christine, que tinha parado de soluçar e estava encolhida perto da janela, o olhar vazio. Tinha encontrado um lenço em algum lugar e estava enxugando os olhos.

Por fim, peguei uma caneta na escrivaninha, uma Waterman, e comecei a tirar e colocar de volta a tampa, sempre no mesmo ritmo. Fiquei esperando, sabia que Tracy não iria aguentar. Iria olhar para mim. Tinha que olhar.

E então ela olhou. Virou o rosto lentamente na minha direção, espiando por baixo da franja pintada de preto. Só então comecei a explicar, com a voz hesitante, o que havia acontecido naquele dia. Minha garganta estava seca, mas fui em frente.

Naqueles últimos meses no porão, fiz o que pude para que Jack acreditasse que eu estava concordando com seu modo de pensar. Eu o manipulei, como sabia que ele estava me manipulando. E sabia que um dia ele iria me testar, só não sabia como. Fazia semanas que ele estava me tratando de maneira diferente, sem a tortura costumeira, apenas a ameaça iminente sempre no ar. Ele fingia que gostava de mim. Que quase... quase me amava.

Eu sabia que se acreditasse que eu estava sob seu feitiço, ele me daria mais corda. Poderia me pedir para fazer coisas. Poderia até me levar para fora da casa.

Até o dia em que ele finalmente abriu a porta. A mesma porta que nos mantinha prisioneiras dentro da casa naquele momento.

Fiquei parada, diante da porta aberta. Certo, eu estava nua e machucada; não comia havia dias, por isso estava muito fraca. Mas ali, bem ali, na minha frente... estava uma porta aberta.

Olhei para a frente. Jack estava bem atrás de mim, podia sentir sua respiração em minha nuca. Vi o celeiro, o quintal da frente, o carro dele. Fui andando devagar, me aproximando aos poucos da porta, esperando ficar a uma distância razoável para que ele não pudesse me puxar de volta. Eu estava em transe.

Ele havia me dito que eu poderia vê-la, e cumpriu sua promessa. Lá no chão, junto da porta do celeiro, embrulhada em uma lona azul imunda, havia uma forma sem vida. Eu só conseguia ver um pedaço de carne inchada na ponta, preta e azul. Um pé humano.

Fazia meses que eu implorava, implorava para ver o corpo dela. Precisava me despedir, e pensei que essa era uma coisa que ele faria por mim. E lá estava ela. Quando a vi, quando vi aquele pedaço de carne espreitando debaixo da lona, o corpo que ele havia desenterrado para que eu visse, percebi que não queria mais vê-la. Percebi, imediatamente, o que a realidade de seu corpo morto significaria para mim. A finalidade. Eu já tinha visto o suficiente.

Ao mesmo tempo, eu não conseguia pensar claramente se precisava de mais tempo para convencê-lo da minha lealdade. Se não estivesse com tanta fome, com tanta dor, se não estivesse com medo do corpo que vi na porta do celeiro, talvez meu corpo não tivesse reagido tão automaticamente ao gostinho repentino da liberdade e à sensação maravilhosa do ar fresco em minha pele. Alguma coisa acendeu dentro de mim naquele instante, a parte mais profunda que só queria fugir. Minhas pernas encontraram força e meu coração encontrou alguma corrente para levantá-lo. De repente, comecei a correr. Ele deve ter pensado que eu estaria apavorada demais para fazer algo tão ousado tão rapidamente, porque demorou uma fração de segundo para começar a me perseguir.

Eu sabia que se ele me pegasse, todo o trabalho dos meses anteriores estaria perdido. Ele jamais confiaria em mim novamente. Eu jamais teria outra chance.

Corri o máximo que pude, sentindo falta de ar quase imediatamente. Meus músculos não se mexiam normalmente havia uns três anos. Eu estava fraca. Minhas pernas mal podiam me carregar, quanto mais me libertar. O medo me fez continuar. Mas ele estava preparado para uma tentativa dessas e disparou atrás de

mim. Rapidamente.

Nesse ponto o mundo começou a girar em câmera lenta. Era como se eu estivesse atravessando um pântano, sentindo a respiração difícil. Podia ouvir passos atrás de mim, cada galho quebrado, seus pés fazendo buracos na terra. Ele era forte. Eu podia sentir.

Meus pulmões queriam desistir. Eu não conseguia mais respirar. Meus braços e mãos estavam dormentes. Também não conseguia sentir as pernas, mas sabia que deviam estar se mexendo porque ele ainda não tinha me alcançado. Fiz a curva da estradinha, descendo a colina. Não conseguia ver o final, mas sentia que estava bem à frente. De certa forma eu me sentia em uma armadilha, pensei que o show acabaria logo; mas sabia que tinha a vontade de viver ao meu lado. Ele tinha apenas o mal.

Consegui avançar mais cem metros, o quê, naquelas circunstâncias, era quase um milagre. Eu tinha praticamente levantado voo. Mas não tinha mais forças para manter o ritmo, e ele era movido pela raiva, o seu corpo se fortalecia com ela.

Poucos segundos depois, senti que ele agarrou meu braço. Jamais esquecerei esse momento. Lembrei das dores e tormentos que havia enfrentado durante aqueles três anos. E sabia que meu castigo seria muito pior.

Ouvi o som que veio de dentro de mim, mais animalesco do que humano. Acabou, e eu iria sofrer até a eternidade. Naquele momento eu não tinha como refletir sobre a oportunidade que havia desperdiçado. Não tinha tempo para preencher com o arrependimento de toda uma vida; mas depois, nas muitas horas que se seguiram, eu sentiria uma dor profunda, sabendo que havia chegado tão perto e tinha jogado tudo fora em um ato impulsivo, que não tinha volta.

Ele me agarrou e me jogou em seu ombro. Fiquei totalmente largada, derrotada. Na minha cabeça, minha vida tinha acabado. Tudo o que eu queria era ter força mental para me desligar inteiramente do mundo. Queria ignorar a dor que ele iria me fazer sofrer.

Eu tinha desenvolvido essa capacidade. Tinha aprendido a afastar minha mente, a não pensar na dor ou no alívio da dor, a sentir

tudo e nada como um longo continuum. Nenhum momento era diferente do outro, nenhuma sensação. *Desligue*, eu disse a mim mesma.

Ele me arrastou para o celeiro e por um instante a mera desorientação causada pelo novo espaço me deixou em pânico. Então me desliguei. Nenhum sentimento. Nenhum envolvimento. Entrei naquele espaço interior em que minha mente ficava solta para vagar. Meu corpo se transformava em um objeto inanimado, flutuando em seu próprio espaço.

Tentei não me importar. Tentei me entregar para a morte, ou algo pior. A tortura maior do que aquela que eu já havia sofrido naquele porão. Enfurecido, ele me agarrou por um braço e pelo cabelo e me jogou em uma caixa de madeira no fundo do celeiro. Uma caixa menor do que aquela no porão, horizontal, parecida com um caixão. Atirou meu corpo enfraquecido ali e se afastou.

Instintivamente, agarrei nas bordas e tentei sair. Ao sentar, levei um soco que me jogou de volta na caixa. Cobri o rosto para me proteger e segundos depois senti uma coisa pútrida, comprida, jogada em cima de mim. O corpo sem vida de Jennifer, frio e pesado, caiu por cima de mim como um cobertor. Então ele colocou uma tampa em cima da caixa; eu ouvi enquanto ele pregava a tampa, gritando algo que eu não conseguia entender.

Por um momento, senti um grande alívio. Pelo menos estava separada dele por alguns centímetros, com a tampa fechada. As mãos dele não poderiam me tocar. Demorei alguns minutos para me dar conta de que estava trancada em um caixão com o corpo de Jennifer, que me precedera na morte, mas aparentemente não por muito tempo. De repente, tudo ficou em silêncio. Jack devia ter voltado para a casa.

Tentei comprimir meu corpo em um canto da caixa, como se pudesse me afastar do corpo de Jennifer. Comecei a ver e ouvir coisas. Parecia que ela tinha se mexido. Que seus dedos estavam tentando me fazer um carinho. Pensei ter ouvido sua voz, me pedindo para não deixá-la. Eu a ouvi tão claramente que comecei a chorar. Mas logo comecei a enxugar as lágrimas e a limpar o nariz com minhas mãos. Desesperada, comecei a pensar no que poderia me matar primeiro: a desidratação ou a falta de ar. Então percebi

que não estava sentindo falta de ar. Estava respirando bem. Devia haver alguma abertura naquela caixa.

Eu me afastei do meu canto, tomando cuidado para não enroscar meu cabelo no de Jennifer. Percebi que a caixa tinha sido feita diretamente na lateral do celeiro. Então olhei mais de perto e vi que alguma coisa estava acontecendo ali. Durante anos, de alguma forma antecipando minha presença, centenas de minúsculas criaturas tinham trabalhado para salvar minha vida.

O canto da parede, o canto do fundo do celeiro, estava úmido e corroído. Cupins, besouros, formigas-cortadeiras — alguma coisa havia enfraquecido a tábua. Forcei um pouco e vi que estava solta. Eu poderia tentar abri-la, mas dessa vez, eu pensei, dessa vez não seria tão impetuosa. Esperaria até amanhecer, já que ele teria que sair para dar sua aula normalmente. Fiquei deitada no escuro, sentindo o cheiro do corpo se decompondo, a umidade da terra, rezando para aqueles insetos, aqueles insetos milagrosos, agradecendo a eles por viver, por gostarem do sabor da madeira. Em meu delírio, senti vontade de enchê-los de beijos. Mas esperei.

No dia seguinte, ouvi o barulho de passos vindo até o celeiro. Fiquei imóvel, torcendo para que ele pensasse que eu já tinha morrido de puro medo. Ele se aproximou e bateu no topo da caixa. Decidi que não queria que examinasse a caixa, por isso me mexi um pouco, só para mostrar que estava ali. Ele bateu na caixa de novo e depois foi embora. Ouvi o motor do carro ligando e depois descendo a colina — ele cumpria sua rotina religiosamente. Eu sabia que ele ficaria fora por quatro dias, e que eu não conseguiria sobreviver todo esse tempo sem água. Minha garganta estava muito seca. A delicada umidade da terra embaixo de mim era tentadora.

Passei horas cutucando as fendas da madeira, tentando empurrá-la com todas as forças que me restavam, até finalmente conseguir quebrar a ponta de uma tábua. Consegui ver um campo atrás do celeiro e, mais além, a mata. Foi a coisa mais linda que eu já tive diante dos meus olhos, aquela vista, que estava me chamando para a liberdade.

Empurrei a tábua com força, usando os punhos, minha cabeça; no meio da frustração fiz um corte acima do olho. No desespero, senti o gosto do sangue, esperando matar um pouco da sede.

A tábua estava bem presa e comecei a pensar que todos os meus esforços haviam sido em vão. Pensei que talvez fosse melhor desistir, me encolher ao lado de Jennifer e ir ao encontro dela em alguma outra vida. Mas então eu me lembrei de que se fizesse isso meus pais jamais saberiam o que tinha acontecido, ninguém jamais saberia o que Jennifer havia sofrido e Jack Derber jamais pagaria pelo que fez. Esse último pensamento me guiou.

Acabei conseguindo soltar a tábua o bastante para passar com os ombros, mas não era suficiente. Eu precisava dar um jeito de me virar para conseguir empurrar com as pernas. A caixa não tinha muito espaço, por isso fui praticamente obrigada a abraçar o corpo de Jennifer, que eu havia empurrado para o canto.

O mau cheiro era insuportável, mas era mais difícil lidar com a rigidez do corpo e aquela pele fria. Eu estava chorando, mas não tinha lágrimas. Meu corpo estava completamente seco.

Finalmente, virada para o outro lado, puxei as pernas e, reunindo todas as forças que ainda restavam em minha figura patética, empurrei os pés, batendo na tábua várias vezes, com os joelhos sacudindo o cadáver ao meu lado, como se estivéssemos dançando num ritmo macabro.

Isso durou o que me pareceu uma eternidade e então a tábua se soltou completamente. Senti a respiração acelerar. Cerrei os punhos e fechei os olhos, me contorcendo para passar pela abertura. A tábua era grande, mas só dava para passar por baixo. Agradeci a Jack por ter me mantido magra e deslizei ao encontro do ar livre.

Recoloquei a tábua no lugar para ganhar o máximo de tempo possível. Eu sabia que ele tinha câmeras de vigilância na mata e podia ter montado tudo aquilo para se divertir mais um pouco. Eu sabia que ainda não estava livre.

Corri para a mata. Se fosse pela estrada, o caminho seria mais direto, mas corria o risco de encontrar Jack, caso ele decidisse voltar inesperadamente.

Parei por um instante diante da casa. Pensei em salvar as outras, mas era muito arriscado. A casa era uma armadilha e eu tinha certeza de que ele mantinha todas as portas trancadas. Seria melhor mandar ajuda assim que conseguisse voltar à civilização.

Eu sabia que ele só sentiria minha falta dali a quatro dias.

Por isso corri. Estava nua e meus pés já haviam perdido qualquer camada protetora que podiam ter tido algum dia. Eu sentia cada pedra e cada graveto e não demorou para começar a sangrar. Desci a colina correndo sem me importar. Estava me sentindo nas nuvens.

Quando cheguei ao pé da colina, encontrei um riacho e pude finalmente tomar um pouco de água. Foi então que soube que sobreviveria. Pela primeira vez depois de tantos anos, fiquei feliz. Era como se eu tivesse a força de mil mulheres e corri como um animal em campo aberto. De repente, vi ao longe uma casa velha, arruinada. Ainda estava com medo, mas imaginei que deveria haver alguém ali que pudesse me ajudar.

Quando cheguei perto, descobri que a casa estava vazia e trancada. No celeiro ao lado encontrei um casaco velho e um par de botas pesadas. Eram muito grandes para mim, mas isso não tinha importância. Desorientada pelo espaço aberto, segui pela estrada, determinada a me afastar o quanto pudesse da casa de Jack.

Finalmente um carro parou; um jovem casal com duas crianças no banco de trás. Pedi informações para chegar à delegacia mais próxima. Percebi que ficaram com um pouco de medo; uma mulher suja, com roupas de palhaço que mal conseguia se comunicar. Mas ofereceram ajuda e me disseram para entrar no carro. Comecei a chorar e disse que não podia, estava assustada demais para entrar no carro de estranhos. Eles perguntaram o que havia acontecido e tudo o que consegui dizer em meio aos soluços foi que tinha ficado presa em um porão por muito, muito tempo.

Eles pareceram horrorizados; me disseram para ficar onde estava que mandariam a polícia. Acho que eu os assustei, mas não conseguia mais andar. Fiz que sim com a cabeça, me encolhi dentro do casaco enorme e sentei na beira da estrada para esperar.

Devo ter desmaiado, pois quando acordei estava sendo colocada por dois policiais no banco de trás de um carro de polícia.

A policial foi sentada atrás comigo; me olhava com pena, ouvindo pacientemente as palavras e frases desconexas que despejei tentando contar nossa história. Eu sabia que não havia coerência no que eu dizia, mas ela foi paciente e conseguiu juntar

os pedaços. Falei de Tracy e de Christine e eles fizeram contato com a central imediatamente. Mal podia me mexer na cama, recebendo soro na veia, mas vi quando elas foram trazidas para o hospital, horas depois. Devo ter desmaiado novamente, mas não sem antes perceber que finalmente estava tudo acabado. Acabado.

35

Tracy continuou olhando para os joelhos, como tinha ficado durante toda a história. Christine tinha parado de chorar e agora estava sentada, ereta, ouvindo atentamente. Adele, por sua vez, fizera anotações e ainda estava escrevendo febrilmente quando parei de falar.

Havia um silêncio espesso ao meu redor. Esperei. Tracy entenderia por que não voltei para soltá-las antes de sair correndo? Acreditaria que mandei ajuda assim que pude? Esperei mais um minuto em silêncio, ouvindo apenas o ruído que Adele fazia enquanto escrevia.

Então Tracy me olhou nos olhos e disse, suavemente. “Adele, largue essa maldita caneta.”

Adele parou de escrever e levantou a cabeça. Respirei fundo.

Não era muito, mas não tinha importância.

“Desculpe”, Adele respondeu, colocando a caneta de lado.

“Que diferença faz agora?”, eu disse baixinho. “Agora que vamos morrer aqui. De uma forma ou de outra.”

“Não”, Tracy falou, os olhos se inflamando de repente. “Vamos sair daqui. Só precisamos saber mais. Adele precisa abrir o jogo.”

Tracy se levantou e virou-se para Adele.

“Você já esteve aqui antes, não esteve? Seja o que for que está escondendo de nós, precisa contar agora. Você talvez nem tenha percebido que possui a chave para nos tirar daqui. Ou talvez tenha. Precisamos saber de tudo. Quem deixou aquelas cartas? Quem nos trancou aqui? Quem preparou a casa para nós? Quem deixou o bilhete de boas-vindas? Jack teve ajuda de alguém. Afinal, ele está preso.”

Nisso, ouvimos um barulho, nitidamente desta vez, vindo de baixo. Uma pancada surda. Nós nos endireitamos, alertas, ouvindo. E então ouvimos de novo. A pancada surda. No porão. Agora não

podíamos ignorar.

"O que foi isso?" Christine foi a primeira a falar.

Ficamos todas em pé ao mesmo tempo e fomos na direção da porta que dava para as entranhas da casa, Adele vindo mais atrás, com um olhar de puro terror.

Ficamos paradas no corredor, diante da porta que dava para o porão. A porta tinha trancas com segredo, mas estava ligeiramente aberta. Como se alguém quisesse que descêssemos. Até o porão. Ouvimos o barulho novamente.

Tracy respirou fundo, empurrou a porta e desceu um degrau. Christine, por sua vez, deu um passo atrás.

"Não posso ir lá embaixo. Sério, não posso." Ela voltou até a porta da biblioteca.

"Você pode vir até *aqui* mas não pode ir até lá? Não faz sentido." Tracy parecia frustrada.

"Deixe Christine em paz, Tracy. Eu também me sinto assim. Ela pode ficar vigiando aqui em cima enquanto descobrimos que som é esse", eu disse, fazendo sinal para que continuasse.

Descemos devagar, com todo o cuidado. Meus nervos à flor da pele com os rangidos familiares demais a meus pesadelos. Comecei a contar os degraus automaticamente, sem perceber que estava fazendo isso em voz alta. Parei imediatamente quando Tracy se virou e olhou para mim.

Mas nesse momento, quando nossos olhos se encontraram, a lembrança de todos os anos que passamos ali juntas voltou de repente, envolta por uma névoa escura. Todas as dores, todo o sofrimento e todo o arrependimento perpassaram meu corpo como uma lembrança sensorial da nossa vida passada. E ali estava Tracy, minha rival, minha inimiga, meu algoz, e no entanto a única pessoa que sabia exatamente o que eu estava sentindo naquele momento. Por uma fração de segundo, foi como se fôssemos soldados exaustos, lutando lado a lado pela mesma causa perdida.

E ambas reconhecemos a eletricidade passando entre nós. Um afundamento no estômago, um terror crescente na garganta, a sombra do mal em nossos corações, algo que só nós poderíamos entender. Essa energia, essa corrente, esse lugar. Desviamos os olhos ao mesmo tempo, incapazes de suportar.

Senti um aperto no peito ao olhar novamente para aquele porão. O cheiro de umidade era exatamente o mesmo. As correntes podiam ter desaparecido, mas as argolas continuavam presas nas paredes. Ameaçadoras como sempre. A caixa continuava no canto, fechada. Não havia ninguém ali.

Ao ver a caixa, senti o estômago embrulhar. Sim, aquilo tudo havia acontecido mesmo. Sim, eu realmente havia perdido Jennifer. Aconteceu. A madeira e os pregos e a agonia. Inimaginável. Mas inegável.

Então ouvimos o barulho de novo e desta vez tínhamos certeza de que estava vindo de dentro da caixa. Automaticamente, meu cérebro começou a lutar para encontrar um padrão nas batidas, como eu havia feito com Jennifer muitos anos antes.

Ouvindo o barulho, Adele se virou e começou a voltar pela escada. Mas Tracy a agarrou pelo braço.

"Ah, não, Adele. Você está nisto com a gente."

Nesse momento ouvimos algo no topo da escada. Christine estava ali parada, segurando o cabo da vassoura. Seu rosto estava tenso, os olhos fixos na caixa.

"Contem comigo também", foi tudo o que disse. Ela parecia estar segurando a respiração enquanto descia a escada. Apontei para a caixa e fomos nos aproximando aos poucos, um passo de cada vez.

A tampa da caixa estava presa com uma corda, amarrada com um nó complicado. Tracy foi a única com coragem suficiente para chegar bem perto. Continuamos alguns passos atrás, segurando nossas armas improvisadas. Tentando ouvir o barulho, mas sem coragem de encostar na caixa, que para nós era como se fosse um animal vivo, perigoso e solitário, aqui embaixo, no inferno do nosso passado.

Tracy reuniu toda a sua coragem e tentou abrir o nó, os dentes cerrados, as sobrancelhas franzidas. Era um emaranhado bizantino, volta em cima de volta, mas finalmente soltou e com um movimento rápido Tracy abriu a tampa.

Dentro da caixa estava um homem, amarrado com o restante da corda. Eu me inclinei para ver mais de perto. Apesar da careta e do rosto vermelho de medo, eu sabia quem era.

"Ray? RAY?", perguntei, chocada.

Ele assentiu com a cabeça, mas não podia falar. Sua boca estava amarrada com um pedaço de pano. Parecia aterrorizado, mas quando seus olhos se adaptaram à luz e viu que éramos nós, seu medo se transformou em alívio. Tracy fez menção de desamarrá-lo, mas Adele segurou sua mão.

"E se for uma armadilha? E se ele estiver mancomunado com Jack e assim que o soltarmos ele virar o jogo pra cima de nós?" Até mesmo a voz de Adele estava um tom acima do normal.

"Vamos deixar que ele explique", disse Tracy, tirando o pano.

"Água", ele murmurou.

Acenei com a cabeça e Christine voltou até a cozinha para pegar um copo de água. Ela segurou o copo enquanto ele bebia sofregamente; depois pediu mais. Depois de mais dois copos de água, ele conseguiu falar.

"Obrigado. Pode me desamarrar?"

"Precisamos conversar primeiro. Quem fez isso com você?", Adele perguntou.

Ele olhou para nós com cara de choro, como se a simples ideia de contar o que havia acontecido lhe causasse um enorme sofrimento.

Contudo, quase sussurrando, ele disse: "Sylvia. Foi Sylvia quem fez isto comigo."

"*O quê*?", perguntamos em uníssono.

"É verdade... Eu estava saindo do trabalho e no caminho de casa vi o carro de Sylvia. Senti uma alegria enorme, pois estava realmente preocupado. Queria ter certeza de que ela estava bem. Eu a segui até o correio. Ela despachou uma carta e voltou para o carro. Talvez fosse errado seguir alguém desse jeito, principalmente uma mulher jovem, mas eu só queria ver se ela estava bem.

"Continuei atrás dela e então percebi que estávamos saindo da cidade. Eu não sei, talvez estivesse tão absorvido pelo meu próprio crime... Eu só — eu tinha que saber para onde ela estava indo. Eu a segui até aqui. Telefonei para Val e deixei uma mensagem avisando que me atrasaria. Eu devia ter contado o que estava fazendo, mas sabia que ela iria pensar que eu estava bancando o idiota, e acho... acho que foi isso o que aconteceu."

Ele parou e pediu mais água.

"Eu a segui até aqui e deixei o carro na estrada, escondido na mata para que ninguém pudesse ver. Subi a pé e vi quando ela entrou na casa. Dei a volta, espiando pelas janelas. Ela colocou um papel na escrivaninha e verificou as portas. Acabei criando coragem e entrei.

"Estava apavorado. Eu sabia que esta era a casa de Jack Derber, mas queria ver se podia ajudar Sylvia... e acho, falando honestamente, que queria descobrir o que estava acontecendo. Por isso entrei na biblioteca e confessei que a estava seguindo. Disse que estava muito feliz por tê-la encontrado, que eu estava preocupado.

"Mas seu olhar... estava tão vazio. Ela balançou a cabeça e disse que eu não devia ter feito aquilo, que sentia muito. Ela se aproximou de mim e me apontou uma arma. Disse que sentia muito de novo e me obrigou a descer até este porão, e me amarrou e..." Ele começou a soluçar. "Não acredito. Ela me deixou aqui. Para que eu morresse aqui. Numa caixa. Sylvia."

36

Voltamos à biblioteca e ficamos sentados em silêncio pelo que me pareceu uma eternidade. Não ousávamos olhar nos olhos uns dos outros enquanto tentávamos digerir a verdade. Sylvia não era a vítima que imaginávamos. Ela era nosso algoz. Tinha estado ali — sozinha — para montar o cenário do nosso fim.

Ray era o que estava em piores condições, ainda às voltas com a descoberta de quem éramos realmente e por que estávamos ali. Mas enquanto contávamos nossa história para ele mais uma vez, ficou ainda mais claro para todas nós que não poderíamos fazer nada além de esperar pelos desdobramentos do plano de Jack.

Os sussurros de Christine quebraram o silêncio e logo subiram de tom, transformando-se em murmúrios ininteligíveis. Eu conhecia esses sons. Eram um flashback da época que ela passou no porão; os resmungos, as divagações familiares que eu havia aprendido a ignorar. A casa estava tomando conta de cada uma de nós à sua maneira, penetrando em nossos corpos, fazendo-nos retroceder ao nosso eu daquela época.

Eu estava com medo do que isso significava para mim.

Então, sem qualquer aviso, Christine parou de choramingar e ficou em pé. Foi até o centro da sala enquanto a observávamos cautelosamente.

Ela parecia perturbada, cruzando as mãos à sua frente, sobre o estômago. Mas sua voz soou inesperadamente calma quando ela começou a falar.

"Sylvia não é a única pessoa má por aqui. Sou tão culpada quanto ela." Christine então fez uma pausa para se recompor. Esperei, segurando a respiração, imaginando o que ela diria em seguida.

"Eu estava com medo de contar quando estávamos no porão. Senti muita vergonha. Pensei que vocês não entenderiam... mas agora, agora tenho que pôr pra fora. Antes que seja tarde demais."

“Isto”, ela abriu os braços para apontar o espaço ao redor, mas sabíamos que estava se referindo a algo maior, “isto é culpa minha. Tudo o que aconteceu aqui, aconteceu por minha causa.”

Ela ficou em silêncio, reunindo forças para continuar. Era evidente que estava sofrendo demais ao falar.

“Quando eu era estudante, aluna dele, não era apenas assistente de pesquisa. Eu... eu tive um caso com Jack. Pensei que estava apaixonada por ele. E que ele estava apaixonado por mim.”

Ficamos olhando para Christine, atônitas. Eu não conseguia imaginar alguém ficando com Jack por vontade própria.

Ela conteve as lágrimas, determinada a falar.

“Ele me convenceu a vir até aqui e eu fui uma idiota. Fui o começo de tudo”, ela disse com amargura, “o maldito precedente. E imagino que pelo fato de não ter lutado o bastante, ou não ter sido mais esperta, ou não ter fugido, ele se sentiu seguro para trazer vocês pra cá.”

Christine caminhou até o lugar que Tracy e eu conhecíamos tão bem. Onde ele costumava ficar, ao lado do rack onde nos colocava. Ficou ali parada, os olhos fixos no chão enquanto se esforçava para não desmoronar.

Olhou para Tracy, depois para mim e continuou. “Mas é pior do que isso. Jamais consegui contar a alguém, nem mesmo para a polícia. Mas antes de vocês ele trouxe outras duas garotas. Eu...”, ela mal conseguiu dizer as palavras, “eu ajudei Jack com o sequestro.”

“O quê? O que você quer dizer?” Tracy gritou, como se tivesse levado um tapa na cara. Eu não conseguia me mexer. Fiquei parada, só olhando.

“Ele me levou junto com ele. Pensei que fosse a única maneira de fugir, por isso disse que me comportaria. Na verdade, eu não pretendia ajudar. Estávamos no carro dele, dando carona para uma garota da minha idade. Ainda posso vê-la. O cabelo preso em um rabo de cavalo. Tinha uma mochila azul-marinho e estava sempre olhando para o relógio, como se estivesse atrasada para pegar o ônibus. Parecia tão inocente. Jamais esquecerei: ela me olhou nos olhos, para saber. Saber se era seguro. Senti vontade de gritar, avisar que não era. Mas fiquei quieta por causa do medo.”

Ninguém se mexeu. Ninguém respirou.

"E depois fizemos de novo. Na segunda vez não consegui olhar a garota nos olhos até que já era tarde demais." Christine teve que parar para respirar.

"Nenhuma delas durou muito tempo lá embaixo. Foram para a caixa imediatamente e depois de alguns dias subiram para nunca mais voltar. Não me atrevia a perguntar o que havia acontecido.

"E hoje, todas as noites vejo o rosto dessas garotas nos meus sonhos. Cada vez que fecho os olhos. E as vejo olhando para mim através dos olhos das minhas filhas. É por isso que vim imediatamente quando você telefonou. Quando me disse que poderia haver outras garotas. Pensei... pensei que talvez conseguíssemos encontrar aquelas duas." Ela se virou para mim com um olhar acusador. "Mas agora sei que não vamos. Porque vamos *morrer aqui*."

Tracy ficou em pé ao lado de Christine, que caiu de joelhos e começou a chorar. Eu estava me preparando para o pior quando ela se sentou abruptamente e depois se inclinou para olhar alguma coisa no chão.

"Espere um pouco. O que é... o que é isto?", ela disse, limpando o rosto e empurrando alguma coisa no chão. Naquele mesmo lugar. O lugar de Jack. "Mas que *diabos*?"

Christine passou os dedos pela tábua e encontrou uma espécie de alavanca. Empurrou mas nada aconteceu. Nós nos aproximamos.

É claro, eu pensei. Mais um de seus joguinhos doentios. Alguma coisa colocada ali para que encontrássemos. Para sabermos as respostas, antes de morrermos.

"Espera, me deixa tentar", Tracy falou, empurrando com mais força.

A tábua saiu do lugar e vimos um buraco no chão. Tracy esticou o braço e tirou uma caixa de madeira. Dentro, havia uma caixa de papelão, em cima de vários cadernos. Nós nos juntamos em volta dela, para ver melhor.

"Fotos", Adele falou, excitada, até ver do que se tratava. Não eram o que estávamos esperando encontrar. Nem mesmo Adele.

Tracy começou a ver as fotos, enquanto olhávamos por cima de seu ombro. Imagem após imagem, vimos corpos de mulheres

jovens, de várias formas e tamanhos, em poses naturais e estranhas, com e sem roupa. Fotos coloridas, em preto e branco, em tons sépia. Mas o que mais mexeu conosco foi a expressão dos rostos. Algumas estavam rindo, outras pareciam com medo, outras com dor. Outras eram rostos de cadáveres, em estágios variados de decomposição.

Adele cobriu a boca com as mãos, os olhos arregalados. Pensei que fosse vomitar.

Tracy arrumou as fotos metodicamente, colocou-as de volta na caixa e a tampou.

"Acho que não precisamos ficar olhando isto aqui", ela disse com uma calma quase sobrenatural.

Depois virou-se para Christine. "Isto talvez sirva de consolo pra você. Algumas dessas fotos parecem ter mais de vinte anos. É óbvio que você não ajudou a começar tudo isso." Mas Christine estava tão chocada quanto todos nós.

O que significava aquilo? Procurei a foto de Jennifer em meu bolso e fiquei imaginando se haveria uma foto dela naquela caixa.

"Vamos ver os cadernos", eu disse, me esforçando para controlar a voz apesar da vontade de gritar.

Tracy entregou um caderno para cada pessoa. Virei as páginas devagar, tomando cuidado para tocar as folhas apenas com as pontas dos dedos, como se pudesse haver algum veneno escondido nelas.

"Mas o que é isto?", eu disse, finalmente. As páginas estavam cobertas de anotações com a letra de Jack Derber. Li em voz alta: "Sujeito H-29 suporta a dor até a contagem de 6."

Todos nos viramos para Adele. Ela era a única que poderia dizer o que significava aquilo. Adele parecia chocada. Tirou o caderno das minhas mãos, mas, ao contrário de mim, acariciou as páginas como um amor há muito tempo perdido.

"São as anotações... dele", ela sussurrou. "Estou procurando por elas há dez anos."

"Você poderia explicar melhor?", Tracy cobrou.

De repente, Adele pareceu confusa, como se tivesse percebido o que aquilo significava para nós. O que significaria para qualquer ser humano. Ela tentou explicar.

"Não é o que vocês estão pensando. Jack... Jack disse que tinha tido acesso a documentos altamente sigilosos do governo. Pesquisas da CIA com soldados e civis a partir da década de 1950 envolvendo... certas técnicas coercitivas. Do tipo 'lavagem cerebral', 'controle da mente'."

"Mas por que está tudo anotado com a letra dele?" Tracy não parecia convencida.

"O contato dele não permitia que tirasse cópia de nada, por isso ele anotou tudo à mão. Ele queria publicar um estudo, a verdade definitiva sobre o controle da mente. Era nisso que eu estava trabalhando com ele, mas não tive permissão para ver suas anotações."

"Adele, odeio ter que lhe dizer isso, mas não acho que esse trabalho tenha se baseado em registros secretos da CIA", Tracy falou, apontando para a caixa com as fotos. "Isso parece pesquisa original, e não acho que ele pretendia publicar qualquer coisa, considerando que é a prova de seus crimes."

Adele balançou a cabeça. Parecia confusa, assustada. "Não sei o que..."

Christine a interrompeu. "Lavagem cerebral? Adele, não esqueça que eu também estudava no departamento de psicologia. Ouvi falar dessas experiências da CIA com técnicas de persuasão chinesas e coreanas. Caíram no descrédito. A CIA desistiu. Lavagem cerebral não funciona."

"Jack discordava. Para ele, a CIA só tinha encerrado os estudos porque foram descobertos. Os métodos usados eram antiéticos. Mas Jack dizia que os documentos provavam que a CIA tinha sido bem-sucedida. E que sua descoberta provocaria mudanças nesse campo."

"Sei. E você imaginou que como coautora certamente seria convidada a lecionar em Harvard", Tracy comentou.

Adele empalideceu, mas ficou em silêncio.

Eu me lembrei dos livros que Adele estava lendo na biblioteca e tudo começou a fazer sentido. Mas então me ocorreu outro pensamento, ainda mais horrível.

"Adele, qual é a ligação dessa pesquisa com sua pequena sociedade secreta? Você e Jack estavam juntos nisso, não estavam?

Isso tem alguma coisa a ver com a tortura dessas garotas? Diga a verdade, Adele. Essas garotas faziam parte do projeto?"

Adele negou com a cabeça, o rosto dela estava pálido como as páginas do caderno que ela segurava.

"Não, não, eu não sabia de nada disso." Ela apontou para as fotos. "Isso é outra coisa. Tem a ver com a loucura de Jack. Mas ele tinha outro lado. Era um estudioso sério."

"Então qual *era* o objetivo da sociedade secreta, Adele? Sabemos que você fazia parte. Scott Weber nos contou." Não era bem verdade, mas decidi arriscar.

"Você falou com Scott?" Seu tom de voz mudou completamente, e seus olhos brilharam de raiva. Ela parecia um animal preso em uma armadilha. Estava acostumada a ter o controle das coisas, a guardar seus segredos. E agora ali estava ela, encurralada.

"A 'sociedade secreta' não tem nada a ver com isto", ela disse desviando o olhar. "Era apenas um... projeto da faculdade."

"Explique."

Adele devia estar sofrendo. Não era comum ela receber ordens. Em sua cabeça, era ela quem fazia perguntas. Olhou para cada um de nós, talvez tentando avaliar sua situação, imaginando quem tinha o poder naquela sala. Ficamos sentados, em silêncio, esperando enquanto ela lutava interiormente, pesando suas palavras. Finalmente, talvez percebendo que não tinha escolha, começou a falar.

"David e eu começamos a namorar no primeiro semestre. Ele me falou do sadomasoquismo quando nos conhecemos. No início meu interesse era puramente intelectual, um tema de estudo. Mas então... vamos dizer que me senti atraída por aquele mundo. Começamos a experimentar e a coisa foi crescendo."

Ela fez uma pausa e respirou profundamente. Parecia estar se resignando aos poucos.

"Então Jack nos pegou na biblioteca de ciências sociais quando estávamos fazendo... uma brincadeira. Não preciso dizer que Jack ficou bastante curioso. No início ficamos horrorizados com o fato de termos sido descobertos por nosso professor. Mas depois no sentimos lisonjeados com seu interesse. Jack era uma figura impressionante e eu tinha começado a trabalhar com ele como

assistente de pesquisa. Por isso ficamos realmente empolgados por ter algo a oferecer a ele.

"Em pouco tempo estávamos frequentando A Catacumba juntos. E então, acho que quando Jack começou a confiar mais em nós, ele nos convidou... para seu grupo de estudos. Acho que esse termo é melhor. Ele havia montado um pequeno grupo exclusivo para analisar essa subcultura de uma forma que uma universidade subsidiada pelo estado poderia não aprovar. Mais mão na massa, pode-se dizer assim."

"Tinha algo a ver com o grupo de Bataille, não tinha?", eu perguntei.

Adele pareceu surpresa.

"Sim, *Acephale*, mas como você..."

"A marca. É o mesmo símbolo." Tracy respondeu.

"Sei." Adele parecia atônita, mas se recompôs e continuou. "Bem, sim, Jack estava obcecado com a literatura da transgressão: Bataille, Sade, Mirbeau. Ele achava que nos ajudaria a entender a origem psicológica das perversões, fetiches, impulsos sádicos — tudo isso." Adele despejava as palavras como se estivesse fazendo proselitismo. "Mas ele acreditava que o comportamento transgressivo não poderia ser estudado com a mera observação. Não era como a depressão, ou a esquizofrenia ou como os distúrbios do sono. Tínhamos que vivenciá-lo."

Adele limpou a garganta.

"Por isso, falávamos de sacrifício humano, mutilação, servidão e todos os tipos de atos degradantes. Mas era um jogo. Não era real. Era como aquilo que fizemos no clube." Ela parou e olhou para a caixa de fotos. Seus olhos se encheram de lágrimas.

"Pelo menos pensei que fosse", ela continuou. "Não sei. Talvez Jack estivesse nos preparando para algo mais, mas não chegamos a esse ponto e então ele foi preso. Eu juro."

Ficamos todos observando com os olhos arregalados. Sem coragem de nos mexer com medo de que ela parasse de contar sua história.

Aproveitei esse intervalo para olhar ao redor, as portas e janelas, atenta. Não ouvi nada. Jack estava nos fazendo esperar. Segurei o cabo da faca que estava em meu colo, apertando e soltando o cabo

com a mão.

"Jack nos apresentou um velho amigo — Joe Myers, era assim que ele o chamava. Era completamente diferente de nós. Mais duro, cruel e violento. Ele às vezes me fazia pensar no que eu estava me metendo. Mas a essa altura já estava completamente envolvida. E Jack continuava a ter controle absoluto de tudo. Eu acreditava que podia confiar nele.

"Mas nessa época eu não sabia qual era o verdadeiro nome de Joe Myers. Só soube ontem, quando ele apareceu nas manchetes como um dos bandidos mais procurados pela polícia." Ela viu o choque estampado em nossos rostos. "Sim. Noah Philben.

"No dia em que Jack foi preso, a notícia se espalhou rapidamente pelo campus. Mas no início o FBI se concentrou na casa e antes que viessem até sua sala, levei tudo o que podia para continuar com o projeto. Eu sabia que ele tinha um material importante escondido na casa, mas não tinha como colocar as mãos nisso.

"Joe Myers, quer dizer, Noah Philben, também queria as coisas de Jack, mas não sei por quê. Eu tinha medo de que ele já tivesse pegado alguma coisa e pensei em falar com ele, mas ele sumiu. E não consegui encontrá-lo nunca mais depois que Jack foi preso porque não sabia seu nome verdadeiro. Juro que só descobri ontem, quando mostraram a foto dele no noticiário."

Ela se virou para mim. "Quando vi aquele rosto e soube que Sylvia pertencia à igreja dele, imaginei que sua busca acabaria levando a ele. E eu estava certa."

"E você queria saber o que havíamos descoberto, não é, Adele? Por isso telefonou, por isso queria ir até o hotel para conversar", Tracy interrompeu.

"Mas Scott Weber disse que a sociedade secreta continuou a se encontrar mesmo após a prisão de Jack", eu disse para provocar Adele.

"Mais ou menos. Nós nos encontrávamos, mas éramos só eu e David e mais duas pessoas que conhecíamos d'A Catacumba. Nós nos reagrupamos, tentando nos certificar de que não havia nada que pudesse nos ligar a Jack, que tudo o que fazíamos continuaria sendo ignorado pela polícia.

"E sim, continuei o namoro com David... só saí com Scott para

mantê-lo distante da pesquisa de Jack. Eu não queria que ele encontrasse as anotações antes de mim. Ele é um ótimo repórter, por isso eu precisava mantê-lo afastado. Sei que não é uma atitude muito ética, mas vocês precisam entender — esse trabalho se tornou minha vida."

"É mesmo?", Tracy murmurou.

Eu me virei para Adele. "Você não... você nunca ficou abalada ou horrorizada, nunca teve nojo ou sentiu *algo* parecido quando descobriu a verdade a respeito do seu professor e... *amigo*?"

Ela pareceu envergonhada. "Bem, fiquei. É claro. Mas disse a mim mesma que precisava ser forte, porque essa era... uma grande oportunidade para mim."

"Você é uma criatura asquerosa, Adele", Tracy comentou, virando o rosto enojada.

Adele nos deu as costas e voltou para seu lugar perto da janela. Eu não sabia dizer se ela estava arrependida de ter nos contado sua história ou não. Nós a deixamos sozinha.

Enquanto nos recuperávamos do relato de Adele, Ray começou a remexer nas fotos. De repente, deu um pulo e se virou para mim. Parecia assustado. "Como é que ele chamava os 'sujeitos'? Nos cadernos?"

"Deixe-me ver", eu disse, abrindo um dos cadernos, "aqui está um Sujeito L-39, e um M-50..."

"Já chega. Dê uma olhada." Ele me entregou uma foto, mostrando a parte de trás. Pude ver as palavras "Sujeito M-19" rabiscadas no canto inferior esquerdo. Peguei as fotos da mão de Ray e percebi que estavam todas marcadas atrás, cada uma com sua identificação: Sujeito P-9, L-25, Z-03.

E então encontrei a L-39, sobre a qual tinha lido a descrição no caderno. Era uma loira, usando uma camisola rasgada, os olhos fechados, uma mancha roxa no lado esquerdo do rosto, uma corrente em torno do pescoço. Seus dentes estavam expostos, com os lábios pingando sangue ao redor.

Tracy estava certa desde o início. Aquelas garotas *eram* o objeto de estudo de Jack.

37

Tracy se levantou abruptamente e arrancou as fotos das minhas mãos. Atravessou a sala em duas passadas e quase esfregou as fotos no rosto de Adele.

"Você sabe o que significa isto?", ela gritou. "Quer que eu soletre? Não havia nenhum documento da CIA, Adele. Isto não tinha nada a ver com qualquer trabalho acadêmico. Jack estava fazendo suas próprias experiências sobre controle da mente. Usando tortura. Nestas garotas." Ela parou. "E em *nós*."

Tracy atirou as fotos no chão, diante de Adele. Ninguém disse uma palavra — ficamos apenas ouvindo o som das fotos escorregando pelo chão. Depois Tracy recuou e falou com a voz mais calma, olhando duramente para Adele. "Parece que Jack queria transformar você em um tipo de protegida bem diferente do que você imaginava."

Adele olhou para as fotos espalhadas a seus pés. Abaixou-se e pegou uma, observando o que estava escrito atrás. Ali estava, o trabalho de sua vida, baseado nas experiências de um maníaco com garotas sequestradas. Pior, esse maníaco poderia estar lentamente integrando-a às suas maquinações. Preparando-a para ser uma delas, envolvendo-a em algum estudo horroroso, uma obra magna de tortura e degradação.

"Eu acho... acho que preciso ficar sozinha por alguns minutos." Então Adele se virou lentamente e saiu da sala como se fosse um zumbi.

"Será que devíamos ter deixado que ela saísse?", Tracy falou quando percebemos que Adele estava demorando.

"Sim, ela está em estado de choque. Sabe que foi enganada. Achava que era a grande manipuladora, mas estava sendo manipulada. É outra vítima de Jack. Diferente, mas ainda assim uma vítima. Acho que precisa ficar um pouco sozinha."

Tracy olhou para os cadernos. “Bem, eu também gostaria de ficar sozinha. Ou fazer mais dez anos de terapia. Ou tomar uma gigantesca dose de vodca.”

Ela se inclinou sobre as fotos espalhadas pelo chão, pegando uma aqui e ali, passando o dedo pelas imagens. “Então... nós também fazíamos parte destas... experiências?”, Tracy perguntou, a voz quase inaudível.

Sentei perto dela, pegando uma foto, de uma morena de cabelo cacheado graças a uma permanente barata. Sujeito S-5. Devia ser da década de 1980.

Christine tinha voltado a sentar perto da janela. Ray estava andando de um lado para outro, esfregando as mãos. Estávamos todos profundamente abalados.

“Estas são as garotas da lista de Jim? Será que alguma delas ainda está viva? Será que estão com Noah Philben agora?”, eu perguntei.

Tracy balançou a cabeça. “Eu me pergunto se Noah também é um ‘estudioso sério’.”

“Acho que não”, respondi sem pensar, empilhando as fotos. “Tenho a impressão de que Jack gostava da tortura e Noah gostava de ganhar dinheiro. Descobriram um jeito de juntar as duas coisas. E agora que não está mais na ativa, Jack certamente está adorando ouvir todas as histórias envolvendo esse mundo doentio que ele criou. E que provavelmente ainda controla.

“Ou que Sylvia está controlando”, eu disse, pensando na nossa situação. “Afinal, foi ela quem montou esta armadilha para nós. Pode ter se transformado em uma espécie de representante dele.”

“Como você, Sarah?”, Tracy disse calmamente.

Virei a cabeça para encará-la. “O que você quer dizer?”

“Estou dizendo que você nos traiu. Você praticamente ocupou o mesmo lugar da Sylvia. Mas, graças a Deus...”

“Eu não sou como Sylvia. Como se atreve a dizer isso?”

Tracy chegou ainda mais perto de mim, e eu me encolhi. “Sarah, será que você sofreu uma lavagem cerebral e esqueceu? Você não se lembra dos últimos meses no porão? Quando você... quando *você passou para o outro lado*?”

Eu balancei a cabeça. “Não, eu não fiz isso.”

“Sério? Não mesmo? Então como você explica o fato de ter ido

para o andar de cima? Como explica o fato de estar lá quando ele nos colocava no rack? Ajudando, passando os instrumentos para ele, *sorrindo*? Acho que as técnicas dele funcionaram com você." Tracy estava gritando a essa altura.

Senti os pensamentos acelerarem, fragmentos de lembranças, cenas desconexas voltando à minha mente. Balancei a cabeça, tentando apagar as imagens trazidas pelas palavras de Tracy. Fechei os olhos e mordi os lábios para impedir as lágrimas que se formaram em meus olhos. Eu não queria me descontrolar. Queria ser forte.

Eu me recompus e endireitei as costas. O primeiro rosto que vi foi o de Ray. Em seu rosto estava estampado o choque e o horror diante do que Tracy estava dizendo.

"Eu não me lembro disso. Isso não aconteceu", eu disse finalmente, cansada pelo esforço de lutar com minhas lembranças.

Christine tinha se levantado e foi se aproximando de mim lentamente. "Isso aconteceu, Sarah. *Aconteceu*."

"E isso nem é o pior", Tracy continuou. "Eu até poderia te perdoar por isso. Quase não comíamos, nossas cabeças estavam ferradas. Mas eu achava que tínhamos criado um código. Uma espécie de compromisso. E você violou tudo isso, causou danos muito mais profundos do que qualquer coisa que Jack pudesse fazer conosco."

Balancei a cabeça, repetindo: "Não, não fiz nada disso".

"Você *fez*, Sarah."

A sala ficou em silêncio absoluto por um instante. Então Tracy falou suavemente, enunciando cada sílaba claramente, deliberadamente: "Você falou do meu irmão para ele. Contou sobre o suicídio de Ben".

Então aconteceu algo inacreditável. *Tracy* começou a chorar. Lágrimas de verdade. Olhei para ela em estado de choque. Eu nunca tinha visto aquilo. Durante todos aqueles anos no porão ela tinha sido tão forte, nunca chorou na nossa frente e agora, não por causa de Jack, mas por *minha* causa...

"*Por quê?*", ela insistiu. "Ele não precisava saber. Eu entendia que você quisesse ganhar alguma coisa ajudando com os instrumentos. Sei que você estava querendo conquistar a confiança dele para

depois tentar fugir. Isso eu entendo...

"Mas falar de Ben. Sabendo que ele usaria isso contra mim? Consigo aguentar muita coisa. Posso ficar presa, amordaçada, apanhar e levar choques, não importa. Mas não aguentava quando ele falava o nome de Ben. Com isso, ele conseguiu me manipular, me fazer acreditar que fui a culpada pela morte dele."

Ela parou de falar de repente, enxugando as lágrimas com a manga. Depois me encarou.

"Tenho que lhe contar outro segredo, Sarah. Sei que você acha que foi a única que sofreu aqui. Mas depois, quando saímos, os primeiros anos também foram difíceis para mim. Muito piores do que podiam ser. Graças a você, eu não conseguia parar de pensar nas coisas que Jack havia dito."

Ela ficou em silêncio por um instante, fechou os olhos e continuou. "Foi tão difícil que tentei ir ao encontro de Ben naquele lago. Duas vezes. E é evidente que estaria muito melhor agora se tivesse ficado lá."

Ficamos em silêncio, olhando para o chão. Eu não podia acreditar. Tracy parecia tão forte. A mais forte de nós. Mas aquela experiência quase a destruiu.

Ou talvez tivesse sido *eu* quem quase a destruiu.

Elas tinham razão. Eu não precisava ter contado seu segredo para Jack. Por que teria contado? Minhas lembranças daquela época eram tão confusas, tão dolorosas e no entanto tão nebulosas. Talvez tivesse havido um momento em que minha mente virou do avesso e eu tivesse pensado que estar com Jack, ajudando Jack, fosse de alguma forma o verdadeiro objetivo de toda a minha vida. Eu tinha acreditado, mesmo que por um momento fugaz, em sua visão distorcida do mundo. Uma pequena parte de mim tinha aceitado ficar com ele pelo resto da minha vida, facilitando seus propósitos sádicos, satisfazendo suas necessidades perversas. Eu precisava acreditar para executar meu plano. Acreditar só um pouco para convencê-lo. Mas teria ido longe demais? Teria me transformado em um caso de sucesso em seu estudo doentio?

Só consegui balbuciar um pedido de desculpas. "Sinto muito... desculpe... eu..."

Mas nesse instante ouvimos um barulho na frente da casa.

38

Nós nos viramos para a porta da biblioteca, que Adele havia deixado escancarada. Ouvimos passos. A silhueta de uma mulher surgiu nas sombras, como um fantasma, deslizando pelo piso e entrando na sala. Então percebi que estava segurando uma arma. E se aproximando.

"Sylvia!!!", Ray gritou.

Eu não podia acreditar no que estava vendo. Pensei que fosse uma vertigem. Era como se o mundo estivesse desabando em cima de mim. Milhares de mundos. Minha cabeça não conseguia juntar as peças do quebra-cabeça. Por mais que eu tentasse, não conseguia resolver a equação.

"Essa não é Sylvia", eu disse, finalmente, sentindo todo o sangue do corpo subir à cabeça. "É... Jennifer!"

"Ai, meu Deus!" Ouvi Christine dizer no fundo da sala.

Tracy parecia atônita. "Mas que merda é essa?"

"Mas essa é Sylvia", Ray insistiu, quase suplicando. "É *ela*."

A mulher com a arma chegou mais perto.

"Todos juntos, sentados no chão. Mãos para o alto."

Fiquei confusa, desorientada, dividida. Mesmo assim, a sensação mais forte foi de alegria, uma sensação de plenitude que não sentia desde antes do nosso sequestro. *Era* Jennifer. Jennifer. Era realmente ela. Estávamos juntas novamente, depois de um acaso infeliz, um desvio de treze anos do que deveria ter sido nossa vida juntas. Senti vontade de correr até ela, abraçá-la, sussurrar no seu ouvido como costumávamos fazer. Ela estava salva. Estávamos salvas. Estávamos vivas.

Comecei a sussurrar seu nome. Pensei que, assim que percebesse que era eu, ela abaixaria a arma. Então poderíamos ir para casa e apagar os últimos treze anos. Poderíamos fazer uma outra Lista do Nunca, e a seguiríamos ao pé da letra, e ficaríamos seguras, juntas,

para sempre. É claro que ela não havia nos prendido novamente. É claro que havíamos confundido tudo, devia haver outra explicação.

Mas ela não vacilou nem por um segundo. Fizemos o que ela mandou.

Então, com o canto do olho, eu vi a porta da frente aberta. Apesar do choque, minha cabeça, tão programada para a autopreservação, começou a fazer os cálculos imediatamente. Como eu poderia passar por ela e sair pela porta? Então percebi que, mais uma vez, só conseguia pensar em me salvar, deixando as outras entregues ao seu destino. Eu as salvaria se pudesse, mas depois, depois que tivesse garantido minha própria segurança.

A compreensão do que eu estava fazendo me obrigou a enfrentar uma coisa em relação a mim mesma. Tracy e Christine estavam certas. O que Jack Derber havia feito comigo? Naquele instante, uma parte de mim estava preparada para desistir. Agora, poderia acontecer qualquer coisa, e de certa forma eu não me importava.

Mas não, eu pensei, afastando o desespero. Eu queria viver. Queria ser forte. E precisava entender.

"Jennifer, eu pensei — pensei que você estivesse morta... o corpo... comigo na caixa..."

"Sim, eu sei o que você pensou. Havia outros corpos, Sarah. Aquele não era o meu."

"Outros corpos? Onde você estava, então?" Mal consegui processar as implicações do que ela havia dito. Eu pensava que *eu* era a vira-casaca. Agora percebia que Jennifer tinha ido muito além. "Você sabia... você sabia que eu tinha sido deixada naquela caixa?"

Jennifer piscou rapidamente, e depois desviou o olhar. Tracy se mexeu, e Jennifer apontou a arma para ela.

"Não se mexa, Tracy, ou mato você primeiro."

"*Primeiro*?", Christine choramingou, bem atrás de mim.

"Shhh... shh..." Tentei acalmá-la, sem tirar os olhos de Jennifer, tomando cuidado para não me virar.

Reparei na expressão confusa de Ray, mas não havia como explicar a ele que havia uma Sylvia Dunham, que ele jamais conheceria. Que Tracy e eu havíamos conhecido os pais da verdadeira Sylvia Dunham, e que tínhamos visto suas fotos. Que

ela também devia ter sido sequestrada, muito tempo atrás. Que Jennifer estava usando o nome dela para agir sob o comando de Jack. Que eles precisavam dos documentos do casamento para que ela entrasse na prisão. Podia ter acontecido qualquer coisa com a verdadeira Sylvia, e provavelmente aconteceu.

Então eu vi que Adele estava voltando para a sala, atrás de Jennifer. Queria fazer um sinal, mas não sabia como. Ela era nossa única esperança. Percebi que tinha chorado, que estava perdida em seus pensamentos, olhando para o chão do corredor.

Torci para que ninguém revelasse sua presença.

Christine segurou a respiração e com o canto do olho vi quando Tracy encostou o joelho em sua perna. Todos nós percebemos que nosso destino estava nas mãos de Adele. Aqueles segundos foram dolorosos. Os passos de Adele, um, dois, três; Jennifer na frente dela, olhando para nós com um estranho ar de vitória em sua expressão.

Levante os olhos, Adele. Levante os olhos. Eu sabia que estávamos todos pensando a mesma coisa. Nenhum de nós respirava.

Então, Adele levantou os olhos. *Não grite.*

Depois disso, tudo pareceu se movimentar em câmera lenta. Adele não gritou. Em vez disso, abaixou-se lentamente e pegou a frigideira que havia deixado no chão. Hesitou por uma fração de segundo apenas.

Mas pude ver em seus olhos que, apesar de todos aqueles anos como dominatrix, Adele não estava preparada para causar dor de verdade, ou mesmo a morte de alguém. E eu também não queria isso. Fiquei até com medo por Jennifer naquele momento. Não queria que Jennifer morresse, apesar de tudo. Não depois de tê-la encontrado após tantos anos. Nem mesmo depois de ter certeza de que ela pretendia me matar. Nem assim.

Adele pegou a frigideira e acertou a mão de Jennifer. A arma disparou ao voar pela sala e Adele perdeu o equilíbrio, caindo no chão em um ângulo estranho.

Olhei em volta rapidamente. O tiro havia acertado o pé de Ray e ele estava gemendo, seu sangue se espalhando pelo piso de madeira. Christine estava paralisada pelo medo.

Tracy e eu pulamos na direção de Jennifer. Eu cheguei primeiro.

Ela tinha se virado para correr na direção da porta aberta, para fechá-la novamente e nos deixar trancadas ali, dessa vez para sempre.

Eu vi que Tracy não chegaria a tempo, que eu teria de fazer aquilo. Agarrar não um corpo qualquer, mas o corpo que eu havia desejado tanto e no entanto temia em minha lembrança de quando estava na caixa. Esse pensamento virou meu estômago, senti um arrepio, mas lutei.

Corri o mais depressa que podia e a agarrei, segurando-a com os braços. Um abraço apertado, envolvendo todo o seu corpo. Ela se virou para me olhar de frente e me empurrar. Senti sua respiração em meu rosto. Fazia muitos anos que ninguém chegava tão perto de mim. Ela se debateu, tentando se soltar, mas dessa vez fui forte. Dessa vez eu salvaria todas nós.

Tracy chegou logo e me ajudou a segurar os braços de Jennifer. Adele tinha se levantado e voltou trazendo a corda que estava no porão. Juntas, amarramos Jennifer. Com medo de ficar na casa por mais um segundo que fosse, nós a arrastamos para fora e ficamos em volta dela, olhando-a com incredulidade.

39

Ninguém disse nada. Apesar de não sabermos todos os detalhes, sabíamos o suficiente para entender o que havia acontecido. Depois ficaríamos sabendo de tudo o que Jennifer sofrera, os anos de tortura e manipulação que havia passado na casa de Jack e depois, na seita de Noah Philben. O modo como passara de mão em mão para satisfazer necessidades sádicas e como fora usada depois como mensageira quando Jack estava na prisão. As coisas que precisou fazer para sobreviver. A dor que havia sofrido e, pior, que fora obrigada a infligir.

Tracy desceu a colina tentando desesperadamente encontrar sinal para o celular e finalmente conseguiu falar com Jim. Ele chegou com luzes acesas, sirenes piscando, revivendo a cena ocorrida dez anos antes, quando viera salvar Tracy e Christine.

Eu sabia que levariam Jennifer para um hospital e depois, provavelmente, para alguma instituição psiquiátrica. Quando ela já havia sido dominada pela polícia, eu me aproximei.

Era realmente ela. Mais velha; no rosto, os sinais de uma vida marcada pela tragédia — rugas prematuras, pele sem cor —, mas ainda era ela. Depois de tantos anos pensando que aquele corpo frio no celeiro era o da minha preciosa Jennifer, era quase assustador vê-la se mexendo, viva e real. Era como se aquele cadáver dos meus pesadelos de repente tivesse adquirido vida. Eu me perguntei quem poderia ter estado comigo na caixa, mas afastei esse pensamento. O importante agora era que Jennifer estava ali comigo.

Ela estava amarrada a uma maca, o que parecia desnecessário, já que não estava se mexendo. Seus olhos estavam parados, fixos em algum ponto na distância.

Estaria pensando em Jack Derber?

Eu não queria perguntar, mas queria saber como... como ela

havia chegado a isso?

"Jennifer." Eu mal conseguia falar. "Jennifer, o que aconteceu com você?"

Ela demorou a olhar para mim. Eu queria encontrar traços da Jennifer que eu conhecia em seus olhos quando ela os virou para mim, sem mexer a cabeça.

"Eu não sinto mais medo", ela disse finalmente. "Nada mais me assusta."

Foi tudo o que disse. O horror penetrou em mim como uma faca. Ela não era mais a mesma pessoa.

Tentei me consolar com a ideia de que, quem quer que fosse, a partir de agora estaria salva. Estaria segura onde quer que a colocassem. Nada iria machucá-la novamente.

Fiquei imaginando se conseguiriam fazer com que voltasse a ser a garota que frequentava meu quarto no sótão da casa de meus pais. Então fiz um pacto comigo mesma, que estaria sempre ao lado dela. Tentaria salvá-la de verdade desta vez, se houvesse a mais remota possibilidade de isso acontecer.

Ela já tinha sido levada quando Jim se aproximou de mim, em um canto do quintal da casa de Jack, distante do celeiro. Os paramédicos estavam fazendo um curativo no pé de Ray; Christine estava falando com um policial e Tracy com outro. Adele estava sentada, sozinha, vendo a polícia isolar o local com a fita preta e amarela.

Jim sentou do meu lado, arrancando um pouquinho de grama e deixando-a entre os dedos, e manteve uma pequena distância.

"Foi uma situação bem difícil lá dentro. Você está bem?"

"Bem? Não, acho que não."

"Entendo." Ele me olhou atentamente. "Sarah... lembra daquela caixa postal? Um dos nossos rapazes mostrou a foto de Jack Derber para a agente postal que trabalhava em River Bend naquela época."

"E?"

"Ela disse que o nome dele era Tommy Philben. Foi o nome que ele usou para preencher o formulário."

"Então eles estavam juntos desde o início, não é mesmo? Noah e Jack."

"Parece que sim." Voltamos a ficar em silêncio.

“Sarah, falei com a dra. Simmons. Ela quer ajudar.”

“Não, obrigada.” Eu me virei para ele. “Desta vez não tem essa história de ‘superar’ nada. Percebi uma coisa lá dentro.”

“O quê?”

“Percebi que, independentemente de tudo o que disse a mim mesma, de certa forma eu só estava pensando em mim. Fui fraca, egoísta. E por isso quase me transformei em alguém como Jennifer. Agora que sei disso, preciso mudar algumas coisas.”

“Mudar o quê?”

“As outras cinquenta e quatro.”

“O quê?’

“Preciso da lista.”

“Sarah, não posso entregar essa lista a você.”

“Jim.”

Eu não olhei para ele. Apenas esperei.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Depois, sem dizer palavra, ele foi até o carro.

Quando voltou, trazia na mão um envelope pardo. Suspirou, deu de ombros e me entregou o envelope.

“Não fui eu quem lhe deu isto.”

Peguei a folha de papel e vi os nomes. Por um instante, as letras pareciam apenas um borrão diante dos meus olhos. Respirei profundamente.

“Você tem uma caneta?”

Ele me entregou a caneta e eu anotei um nome no final da lista: SYLVIA DUNHAM.

Devolvi a caneta e o envelope e guardei a folha de papel dobrada no meu bolso.

Fiquei imaginando onde Sylvia Dunham poderia estar. Aquela garota da foto, a garota que estava perdida em algum lugar, sem nome. Mas eu iria encontrá-la. Iria ajudá-la e ajudar seus pais a entenderem que ela não havia escolhido o mal deliberadamente. Queria pelo menos ajudar a minimizar a dor, se não pudesse fazer mais nada.

E senti dentro de mim aquela sensação de ter um objetivo na vida. Preenchendo o vazio, um grande buraco. Engolindo minha própria tristeza e deixando no lugar essa necessidade. A

necessidade de consertar as coisas. De salvar todas elas.

Olhei para Jim. Ele estava sorrindo. Eu me perguntei se a mudança que estava ocorrendo dentro de mim seria visível.

Estendi a mão para ele. Surpreso, ele também estendeu a sua e nos cumprimentamos. Sua mão era quente e a pele, macia. Seu aperto de mão era seguro e confortável. Olhei em seus olhos. Nunca tinha percebido que eram verdes. Então, nós dois sorrimos.

Agradecimentos

Quero agradecer à minha brilhante agente, Alexandra Machinist, que conduziu habilmente este livro desde o projeto inicial; a Dorothy Vincent, por sua excelente representação internacional; a Tina Bennett, por ter aberto a primeira porta; a Pam Dorman e Beena Kamlani, pela edição hábil e perspicaz, e a toda a equipe da Pamela Dorman Books/Viking pelo trabalho duro e sua dedicação a este livro; ao meu marido, Stephen Metcalf, que me ajudou imensamente, tanto emocional quanto editorialmente, para sua concretização; às minhas filhas, Stella e Kate, que não têm permissão para ler uma palavra deste livro até chegarem à universidade; à minha maravilhosa irmã, Lindsy Farina; à minha melhor amiga e inspiração, Lisa Gifford; aos outros amigos queridos que me deram apoio de inúmeras maneiras: George Cheeks, Emily Kirven, Michael Kirven, Corey Powell, Paige Orloff, David Grann, Jeff Roda, Jennifer Warner, Virginia Lazalde-McPherson, Mike Minden e Marshal Eisen; e por me ajudar a dar sentido a tudo, Melissa Wacks.



PIETER M. VAN HATTEM

KOETHI ZAN nasceu e cresceu no Alabama e mudou para Nova York para cursar pós-graduação na Escola de Direito da Universidade Yale. Ela atuou na área de direito de entretenimento por mais de quinze anos, trabalhando com cinema, televisão e teatro e, mais recentemente, na MTV. Atualmente, mora em Nova York com seu marido e filhos.

Copyright © 2013 by Koethi Zan

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou parcial em qualquer formato.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Never List

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Tulio Kawata

REVISÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-774-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br